COLEÇÃO FAMÍLIA

14

GASTON BERGER

# TRATADO PRÁTICO DE ANÁLISE DO CARÁTER

2.ª EDIÇÃO

TRADUÇAO DE
MARCÍLIO TEIXEIRA MARINHO

CAPA DE
MÍLTON RIBEIRO

1965

Livraria AGIR Editôra

RIO DE JANEIRO

2.ª EDIÇÃO

"Entrei em contato com êste livro há cêrca de 12 anos, ainda aluna de faculdade e professôra. Lembro-me que, como meus colegas de escola, fiquei agradàvelmente surpreendida com a facilidade que êste nôvo método introduzia na classificação dos tipos psicológicos. Durante algum tempo, chegou mesmo a constituir um jôgo para nós o enquadramento caracterológico das pessoas que conhecíamos. Mais tarde, já casada, e com muitos filhos, cada um dêles um tipo psicológico diferente do outro, com reações distintas e surpreendentes mesmo, lembrei-me de Gaston Berger e resolvi recorrer a êle. Reli todo o livro. Classifiquei-me novamente. Ou melhor, classificamo-nos meu marido e eu. E fomos conhecendo melhor nossos filhos, e entendendo certas atitudes que tínhamos achado inexplicáveis. Foi uma experiência notável, e que, com a tradução que a AGIR ora nos proporciona, torna-se acessível a um sem número de pais e educadores.

Combinando três elementos fundamentais da personalidade, **emotividade**, **atividade** e **secundariedade** (entendendo-se por **secundariedade** a repercussão de ação retardada, ou secundária, que têm os fatos sôbre a personalidade, em contraste com o efeito primário ou imediato), o autor classifica as pessoas em 8 tipos: **apaixonado** (emotivo, ativo, secundário), **colérico** (emotivo, ativo, primário), **sentimental** (emotivo, inativo, secundário), **nervoso** (emotivo, inativo, primário), **fleumático** (não emotivo, ativo, secundário), **sangüíneo** (não emotivo, ativo, primário,

(Continua na 2.ª orelha)

(Continuação da 1.ª orelha)

**apático** (não emotivo, inativo, secundário); **amorfo** (não emotivo, inativo, primário). Todos os tipos são fartamente exemplificados com personagens da História: assim, Napoleão, Pascal, Pasteur, Miguel Ângelo foram **apaixonados** (isto é, emotivos, ativos, secundários), Luís XVI foi **apático** (isto é, não emotivo, inativo e secundário), etc. etc.

Além daqueles três elementos fundamentais, existem ainda dois fatôres complementares (**polaridade**, aproximadamente, grau de agressividade e **amplitude do campo de consciência**), e quatro fatôres de tendência (**avidez, interêsses sensoriais, ternura** e **paixão intelectual**), que modificam os oito tipos fundamentais: assim, um "sentimental" reagirá dêste ou daquele modo diante de uma situação, conforme êle seja mais ou menos **ávido**, mais ou menos **terno**, etc. À exposição teórica do sistema, segue-se uma parte inteiramente prática, que se compõe de um questionário todo explicado e ilustrado, e de um modêlo de ficha para a classificação dos tipos.

A leitura do livro só por si é extremamente interessante, pois Gaston Berger, embora não sendo um mero divulgador e sim um pesquisador que gravita nas altas esferas da Psicologia, sintetizou de forma didática e acessível o resultado dos estudos da escola de que faz parte. De tal modo que qualquer pessoa, ainda que não tenha tido contato prévio com livros de psicologia, poderá ler êste tratado, compreendê-lo e aplicá-lo."

IRENE DA SILVA TELLES.

# ÍNDICE

# PREFÁCIO

A presente obra de Gaston Berger inicia uma coleção intitulada **"Caractères"**, * cujos volumes são e serão inspirados pela intenção de ajudar os homens a se conhecerem uns aos outros cada vez melhor, penetrando na originalidade de cada um.

A palavra "caractères" foi escolhida porque cobre os dois setores nos quais êsses livros se hão de repartir. Fazendo abstração, aqui, de todos os empregos dessa palavra que sejam estranhos à antropologia e, dentro da própria antropologia, de suas acepções morais, encontramos para o vocábulo dois sentidos em que os autores costumam usá-lo. No sentido mais estrito, entende-se por "caráter" **o núcleo de disposições essenciais recebidas da hereditariedade, congênitas, que constitui a subestrutura somatopsicológica do indivíduo.** Nesse sentido, ao qual nos aliamos pela preocupação de colaborar nesse terreno complexo e delicado, para o estabelecimento de uma terminologia clara, definida, diferencial e constante, o núcleo chamado **caráter** é aquilo que, no homem, é anterior à sua história, subjacente a essa história, aquilo que é firme, permanente, refratário às mudanças, suscetível, por conseguinte, até onde pelo menos conseguimos saber, de nos fornecer bases estáveis a partir das quais possamos chegar a uma dedução, senão dos atos do homem que esteja sob consideração, pelo menos das condições mais profundas da possibilidade de seus atos, aquelas que determinam as linhas gerais de sua conduta. Reconhecemos em nós essa natureza congênita e é sob

---

* A coleção "Caractères", edição das "Presses Universitaires de France", não é idêntica à coleção "Família", da AGIR.

seu domínio que vivemos conosco mesmos. Se sou emotivo, isto é, mais emotivo que o comum dos homens, poderei lamentar, condenar essa emotividade. Entretanto, de um modo mais útil, poderei procurar evitar seus lamentáveis resultados. Essa pesquisa só tem sentido em razão de persistência da emotividade em minha natureza "caracterial". Relativamente ao conhecimento de si mesmo e de outrem, tal ciência deve ter o nome de **caracterologia**. A caracterologia se situa no grau das constantes individuais.

Eis o primeiro sentido de "caráter". Tomado nessa acepção, o caráter é apenas o esqueleto mental de um homem: **não é todo dêsse homem**. Desde o alvorecer da vida, cada um de nós é assaltado por acontecimentos que nos marcam mais ou menos profundamente; além disso, cada um de nós reage a êsses acontecimentos e, dessas reações, resultam maneiras de sentir, de pensar e de falar, hábitos, tôda a espécie de "feitios" que se tornam partes integrantes do que somos: atente-se apenas para a linguagem e a deformação profissional! Em suma, pouco a pouco, o caráter, como acabamos de defini-lo, **o caráter puro, investe-se numa individualidade**, onde o que é adquirido é acrescentado ao congênito. É a condição do homem variável. Sem dúvida, o que foi adquirido não suprime o congênito, continua, antes, a pressupô-lo. Mas especificando-o e orientando-o, êle o reveste, enriquece-o, enche-o, como faz a carne ao esqueleto.

Conseqüentemente, a explicação da conduta humana consistirá em determinar as disposições congênitas, "caracteriais", no sentido primordial da palavra, que essa conduta deve conter em si, mediante as especificações adquiridas que de fato hajam intervindo para concluir, de determinado caráter, determinada individualidade. O caráter não permite ao homem, por êle marcado, um futuro qualquer: o caráter de Amiel não lhe permitia a

vida de Beaumarchais; o de Stendhal não o destinava para a glória militar. Todo caráter exclui essas ou aquelas possibilidades de desenvolvimento; mas, dentro dêsses limites, êle é polivalente e as circunstâncias da história individual vão causar a eflorescência dêste ou daquele valor. Aos quarenta e cinco anos, o indivíduo ter-se-á tornado isso ou aquilo. Se, nesse momento, se fizer a análise do que o homem se tornou, é ainda o caráter que será encontrado, porém determinado pelas aquisições de sua vida — um todo a que daremos o nome de **individualidade,** se o considerarmos independentemente do uso que faz dêle; de **personalidade,** se queremos, como é preferível, levar em conta a influência exercida pelo próprio homem (enquanto unidade ativa de tudo o que é, enquanto "eu") sôbre seu próprio desenvolvimento. É a essa personalidade que outros autores dão o nome de **caráter,** pelo fato de constituir uma idiossincrasia, a originalidade **característica** de tal homem entre todos os outros. Para evitar confusão com o primeiro sentido de **caráter,** que adotamos, empregaremos, para o inventário das disposições caracteriais e adquiridas do homem total, a expressão comum de "análise da personalidade".

Resumamos numa frase essa distinção indispensável: reservaremos os nomes de "caráter", de caracterologia, exclusivamente ao que há de congênito no homem, para aplicar a expressão "análise de personalidade" ao conhecimento do todo complexo, sincrético, original de um homem, como resultante da determinação de seu caráter por meio de sua história. Se se preferir, o caráter é a primeira camada, a camada fundamental da personalidade, o granito sôbre o qual o resto se edificou. Sôbre essa base a vida depositou outras camadas: dêsse modo, o que resultou da evolução da saúde do indivíduo, do ambiente da sua infância, dos traumatismos e dos êxitos da vida, da educação, da profissão, das próprias decisões do indivíduo e todo o resto, que constituem,

**com** o caráter, **além do que** êle comporta, a personalidade dêsse homem.

Para ilustrar com um exemplo essa distinção, vejamos Foch, que foi por caráter um "apaixonado impetuoso". [1] (A S e sôbre-E): uma poderosa secundariedade põe nêle os resultados de um passado integrado pela ressonância das representações; e a fôrte emotividade, uma grande energia a serviço de uma atividade predominante. Por isso está predisposto ao sentimento religioso e, sobretudo, à atividade militar: como nêle **A** prevalece sôbre **E**, por forte que seja **E**, a energia da emotividade pode converter-se em vida de ação. Êle é, pelo concurso de suas disposições congênitas, o mais apto para a **impaciência prática**, que o fará chegar de chôfre ao lugar ameaçado pelo inimigo, decidir ràpidamente, mas sem parcialidade, por êsse ou aquêle dos dados, concentrar numa ofensiva os meios ràpidamente fornecidos por uma secundariedade rica de conteúdo. Sem a consideração dos traços fundamentais dêsse caráter, nada se pode compreender a respeito de Foch; mas foi sua história de menino e de homem que encaminhou seu sentimento religioso para o catolicismo e fêz com que suas aptidões militares tivessem seu coroamento no comando dos exércitos aliados no fim da primeira guerra mundial.

Dessas observações, segue-se que o conhecimento dos homens deverá escalonar-se desde os trabalhos mais caracterológicos, cuja finalidade consiste em discernir as disposições congênitas, sólidas e permanentes, que formam a estrutura durável do homem, até outros, nos quais a análise da personalidade estuda as superestruturas e os problemas que se lhe impuseram no prolongamento de seu caráter. De uma forma alternada, o saber, mais cioso de profundidade e de generalidade do que de historicidade, mergulha no **sólido**, naquilo que deve per-

---

1 R. Le Senne, *Traité de Caractérologie* (Col. Logos, Presses Universitaires de France), 3.ª ed., pág. 404.

manecer sempre nas manifestações do indivíduo e nas peripécias de sua existência; ou, mais cioso da realidade concreta, alça-se em direção ao **completo**, para ver como as generalidades, em tal ou qual situação, se compuseram de forma a originar determinada manifestação, rara ou curiosa. Segundo sua matéria, as obras desta coleção inclinar-se-ão para a caracterologia, para o homem permanente; ou, ao contrário, tratarão do indivíduo considerado em tôda a riqueza de seu conteúdo de modo a levar a efeito, tanto quanto possível, a análise de sua personalidade.

## II

Após haver enunciado o objetivo desta coleção, convém precisar-lhe a intenção.

Foi inspirada na decepção que nasceu em muitos espíritos, proveniente da enorme dispersão, da falta de vinculação, às vêzes da incoerência dos fatos, métodos e resultados que se justapõem sem se complementarem, na imensa literatura internacional, na qual os autores se propõem o conhecimento do homem concreto. "Salada de textos", dizia o psicólogo francês Delacroix; pode-se generalizar e suavizar a expressão, dizendo: "Poeira de constatações". Cada pesquisador tem seu vocabulário próprio, seu processo de pesquisa, seus resultados; mas como êsses resultados são isolados de todos os outros, o que disso resulta é que cada um dêles fica no ar, por não poder se integrar num corpo sistemático de conhecimentos. Um faz com que as crianças barrem o **t**; mas não sabe nem quais são as condições que determinam o modo de barrar o **t** de determinada criança, nem qual é a significação que se deve dar ao algarismo obtido; outro identifica "fatôres" da vida mental, mas não sabe em que consistem. Determinado teste dá determinado resultado; mas é aplicado em condições experimentais, artificiais: como separar aquilo que, nesse aplicação, resulta do que,

de especial e de momentâneo, a aplicação comporta; e aquilo que o condiciona de forma profunda e durável? O teste da "casa-de-campo" torna patentes, indiscutìvelmente, certos gostos potenciais do individuo ao qual é proposto; mas tais potências são aquelas que seu procedimento comum manifesta quando entram em conflito com exigências mais importantes para a vida? Quem nos diz que a reação ao teste de Rorschach não está condicionada por fatôres que se possam reunir na expressão "interêsse pelo teste de Rorschach" e, tão útil quanto possa ser, por que nos circunscrevermos a êle, como se o médico devesse circunscrever-se a uma só família de sintomas para diagnosticar uma doença? A análise da individualidade da criança pode usar proveitosamente a psicanálise, mas com a condição de que o psicanalista não se entregue ao delirio da imaginação romanesca e se proteja do arbitrário mediante o cuidado em fazer comprovações. Todos os meios matemáticos e estatísticos são muito úteis: é preciso ainda que os têrmos entre os quais se procura estabelecer conexões sejam rigorosamente definidos e que correspondam a dados reais, claros e comprováveis.

É inútil prolongarmos esta série de observações, que poderia ser estendida até abranger todos os meios empregados para o conhecimento do homem. Os autores desta coleção estão, na realidade, de acôrdo sôbre a convicção de que, por diversamente úteis, por inegàvelmente importantes que possam ser nossos métodos de pesquisa sôbre o homem, **não há nenhum que deva ser definitivamente rejeitado**; mas o que é preciso fazer é o confronto de seus resultados, o que é preciso obter é **a convergência de suas conclusões**; e que esta convergência não pode ser procurada senão **na análise direta do caráter e da personalidade** do indivíduo que se procura conhecer. Se as determinações mendelianas podem e devem ser consideradas em si mesmas, cada uma em sua natureza intrínseca que a faz independente das outras,

elas não se atualizam e não produzem efeitos humanos senão na unidade de uma estrutura viva em que elas interferem e interagem umas sôbre as outras. Certamente, não convém tornar essa unidade esclerosada; não é um sistema rigoroso e sem incoerências. Comporta adaptações, até numerosos conflitos. Não é menos verdadeiro que as descobertas mendelianas devem ser consideradas no todo do homem, que é uma unidade de interdependência e de interação entre suas disposições congênitas e adquiridas. É o conhecimento sumário, mas sintético, sincrético, dêsse todo a que a caracterologia visa, é em presença dessa unidade idiossincrática que o caracterólogo se coloca e se mantém, como o médico diante do enfêrmo, mesmo quando tenha reunido os resultados de análises e de testes necessários ao diagnóstico. **A caracterologia, cerne de análise da personalidade, destina-se a centrar o conhecimento do homem.** É isso o que a prática dos pesquisadores mais abalizados constata, mesmo em psicotécnica: êles passam naturalmente da consideração dos dados objetivos, quantitativos e esparsos, a uma familiaridade amiga com aquêle que êles estudam a fim de cercá-lo de intuitiva simpatia com suas disposições mestras ou suas perspectivas diretoras.

Todo homem fornece, para o conhecimento de si próprio por parte de outrem, inúmeras expressões. Alguns são forçados, arrebatados por uma situação imperiosa, experimental: por exemplo, em laboratório, pelos testes. Isso torna essas expressões artificiais. Mas o artificial existe também na natureza, particularmente no seio das sociedades industrializadas. Sob a condição de usar nesses casos a prudência conveniente ao momento da interpretação, não há razão de recusar os conhecimentos que dela se possam tirar. Não se segue que seja mister limitar-se a isso: por que se recusariam aquêles que nos dá, às mancheias, o espetáculo cotidiano da atividade livre da criança e do adulto? Além do seu rosto e do seu corpo, que podem ser ainda objeto de medidas,

mas cuja significação tipológica deve ser controlada de modo a fixar exatamente sua generalidade e fundamentar sua legitimidade, o homem nos entrega sua voz, seu sorriso, seu modo de andar: de cada um dêsses traços poder-se-ia fazer uma especialidade da caracterologia. A grafologia, por exemplo, deverá basear-se no conhecimento dos caracteres, conforme êles se exprimam por êsses ou aquêles traços gráficos. E assim indefinidamente, o indivíduo se manifesta por emoções, pensamentos, ações, cada um dos quais é um testemunho do que êle é. A primeira utilidade dos questionários caracterológicos é atrair a atenção dos observadores sôbre a diversidade dos movimentos pelos quais uma consciência concreta se mostra às outras, mesmo quando a forma de mostrar-se é a mentira ou a dissimulação. Que se comparem as induções obtidas a partir dessas expressões indefinidamente novas e que tais induções convirjam sôbre uma propriedade até então formulada como hipótese — e tal hipótese deverá ser e será considerada como verdade.

Professando que a caracterologia deve proceder por círculos concêntricos, pelos quais o caracterólogo irá de constatações objetivas, quantitativas ou qualitativas, à concepção da unidade tipológica, aliás individual, presumida como a do indivíduo; ou dessa unidade, levada, em maior ou menor grau, até os pormenores, como de uma hipótese, às expressões que devem manifestá-la no espaço e no tempo, — não se professa senão o método científico. Diz-se muitas vêzes que a ciência parte dos fatos, da experiência: é demasiado simples, pois não há fatos senão para o espírito que traz em si as formas necessárias à expressão do dado. Certos psicotécnicos deixam-se impressionar pela superstição do número. Quantos números, medidas, gráficos, expressões pseudomatemáticas têm sido amontoados pela psicologia experimental desde há cinqüenta anos! Que resultou disso como saber definitivo? Na realidade, a ciência não é feita de números; é feita de números relacionados,

isto é, **compreendidos**. Em certo sentido, todos os números são verdadeiros, como todos os documentos; mas o essencial é não se enganar quando interpretá-los. A imensa dificuldade com que se choca o conhecimento dos homens é a dificuldade de determinar o plano ou o setor de condições no qual se insiram tais ou quais dados de uma vida individual. A sondagem Gallup, quando das estimativas prévias sôbre a reeleição do Presidente Truman, indicava exatamente o sentimento das pessoas consultadas; a questão era saber se as condições mentais nas quais elas respondiam, seriam aquelas nas quais votariam e votaria com elas a população da qual eram representantes. Perguntem aos estudantes, como foi feito na América antes da última guerra, se querem a guerra; responderão "não". Na situação definida por uma mobilização geral, todos querem fazê-la. Que concluir disto, senão que, para se compreender um número, é preciso colocá-lo **nas condições de caráter e de situação** em que foi produzido, isto é, fazer ultrapassar a psicologia pela caracterologia? Em qualquer campo do saber, é mister que o espírito do pesquisador caminhe adiante dos fatos por meio das hipóteses, que serão, ou não, confirmadas: são precisamente essas hipóteses que a caracterologia pode fornecer ao conhecimento dos homens. Indução e dedução desempenharão seu papel tradicional.

O exemplo é, agora, fornecido à caracterologia pela medicina. O bom médico investiga minuciosamente os sintomas e tem no espírito os esquemas das doenças e dos doentes: procura as relações entre umas e outros. O único fato que impede de reduzir o diagnóstico caracterológico ao diagnóstico médico são duas razões evidentes. — Antes de tudo, distinguimos, no conjunto dos fenômenos orgânicos, o campo somático e o campo cerebral, a saber — um setor no qual aquilo que é extracerebral (por exemplo, o aparelho digestivo) importa mais do que o que é cerebral; e estoutro setor, constituído por

aquilo que as funções cerebrais lhe acrescentam. É evidente que os médicos, isto é, os sábios, geralmente conhecem melhor o que é somàticamente condicionado do que aquilo que é cerebralmente condicionado. Assim, o diagnóstico médico triunfa nos casos pròpriamente somáticos da psicopatologia da infância, por exemplo no caso da criança retardada. Mas se a criança é normal, quanto mais é ela inteligente ou quanto mais sua personalidade é original, mais também seu procedimento ultrapassa aquilo que o médico possa dizer a seu respeito, porque a biologia não lhe permite reconhecer a natureza e a influência dos fatôres cerebrais que a condicionam. Será preciso, então, proceder a uma análise direta da parte mental e é o diagnóstico caracterológico que deve ser empregado, já que êle começa desde que o médico se pergunta qual vai ser o efeito psicológico de seu diagnóstico médico sôbre o doente e sôbre os que com êle convivem. — Além disso, o valor da medicina está circunscrito pela relação que existe entre o doente, como unidade psicofisiológica, como "eu", e seu corpo. O médico pode levar em consideração tal fato, porque a doença é uma modalidade dessa relação e, ao mesmo tempo que aumenta a importância do corpo para o doente, diminui a importância do resto do mundo para êle. Mas o conhecimento do homem normal é obrigado a reintegrar o conhecimento das relações entre o indivíduo e tôda a riqueza de seu meio mental. Quando se pergunta se um homem ama as matemáticas ou o violino, ultrapassa-se a relação entre êle e seu corpo. Desde logo, o diagnóstico a formular ultrapassará, no mesmo grau, os elementos somáticos de sua atividade; e, em conseqüência, o diagnóstico caracterológico que, por homogeneidade natural, se assemelha ao diagnóstico do médico, prolongá-lo-á nas regiões da experiência que ultrapassam o campo da experiência médica.

Eis por que, embora reconhecendo o parentesco entre a psicologia clinica e a caracterologia, não reduziremos a

segunda à primeira. Eis um clinico examinando um cliente. Antes de mais nada, trata-se de um doente, isto é, de um homem numa situação excepcional. O médico reúne tôdas as informações que, sôbre o cliente, lhe podem fornecer as análises, observações e pesquisas. Acontecerá sempre que certa crivagem limitará e orientará essas informações. O que se apreenderá dêsses estudos será apenas um homem parcial. A vantagem da caracterologia, que se exerce sôbre **o homem em liberdade**, é ter a possibilidade de atingir todos os aspectos do indivíduo, de apreendê-lo em seu todo. A psicologia concreta, individual, deve ser uma **antropologia integral, completa, total:** não excluímos dessa concepção nem mesmo aquilo que o homem pensa metafìsicamente sôbre o mundo, sôbre sua natureza e sôbre seu valor, sôbre as relações existentes entre si mesmo e o seu princípio, pois a metafísica de um homem influi sôbre seus sentimentos e sua conduta, pode até influir sôbre a manifestação de uma doença: ela é um elemento componente de sua plena personalidade.

## III

Ao espírito convencido da necessidade de se colocar a caracterologia no centro das pesquisas sôbre a diversidade indefinida dos homens, impõe-se imediatamente a pergunta: "Que caracterologia?" Essa divisão da antropologia não é, efetivamente, menos subdividida, pela dispersão dos trabalhos e dos resultados, que qualquer outra. Até agora houve tantas caracterologias quantos caracterólogos. Tôdas têm seus méritos, tôdas suas insuficiências. E é exatamente porque tôdas, ou, pelo menos, muitas têm méritos, que o mais aconselhável é, evidentemente, partir daquela em que se concentram os mais importantes resultados. Os autores desta coleção concordaram em que, no passado, essa condição foi mais cabalmente satisfeita pelas análises da Escola de Gronin-

gue e que, por conseguinte, o mais aconselhável seria considerá-la como **ponto-de-partida**. Essa preferência não significa que um outro método de análise dos homens não possa servir; ela admite apenas que é preciso partir da divisão mais simples possível, esperando que o progresso da pesquisa leve a precisá-la e a enriquecê-la. Sob êsse ponto-de-vista a classificação de Heymans e de Wiersma possui dois importantes méritos: as duas primeiras propriedades — emotividade e atividade — que ela coloca como fundamentos do caráter, foram reconhecidas por quase a totalidade dos caracterólogos; a terceira, a ressonância, foi freqüentemente pressentida independentemente dos dois psicólogos neerlandeses — por exemplo por Fouillée e Paulhan — antes de ser indicada por Gross; e ela se acha implicada na oposição kretschmeriana do ciclotímico e do esquizotímico, assim como, na morfologia de Corman, pelo do "dilatado" e do "retráctil". São, pois, bases sólidas; e são reforçadas pelas respostas a certas perguntas do inquérito feito pelos autores. Muitas questões, por certo, como salienta Berger no presente livro, não conduzem a propriedades derivadas das propriedades fundamentais. Mas isso não afeta o valor da classificação, se essas propriedades derivadas dependem de outras condições que as três propriedades fundamentais às quais os dois autores se circunscreveram. O que é preciso, portanto, é reconhecer outras propriedades fundamentais e suas correlações. Continuar-se-á, assim, a obra dos psicólogos holandeses. Mas será sempre incontestável que êles terão dado à pesquisa a melhor situação inicial. Eis por que, tendo, durante vinte anos, na pesquisa de mim mesmo e dos outros, reconhecido o valor da classificação de Heymans e Wiersma, quis, no **Tratado de Caracterologia**, colocá-la no centro da caracterologia, acrescentando-lhe o resultado da verificação das indicações quantitativas que ela forneceu com respeito à experiência psicológica que a história e a

vida cotidiana colocam à disposição de todo observador metódico e prudente.

Os autores desta coleção não apenas concordam em que a caracterologia deva ser posta no centro do conhecimento do homem; mas estão concordes também quanto à preferência que se deva dar à caracterologia de Groningue como ponto-de-partida. Não será, evidentemente, para deter-se nela e tornar-se imóvel; mas para acrescentar-lhe algo que signifique progresso. A presente obra é um exemplo disso. Berger propõe acrescentar, às três propriedades de Groningue, a amplitude do campo-de-consciência e aquilo que êle chama de "polaridade", isto é, a oposição entre o tipo "Marte" e o "Vênus", ao mesmo tempo que, pela consideração da avidez e da ternura, começa o reconhecimento metódico das diferenças tendenciais dos indivíduos.

Dêsses acréscimos seguirão concordâncias que se integrarão na caracterologia objetiva, e discordâncias que trarão discussões. Mas pode-se pensar em seguida que essas discordâncias poderão ser, mais de uma vez, resolvidas por concordâncias. Consideremos, por exemplo, os resultados estatísticos que poderão ser fornecidos por diversos inquéritos que utilizam os questionários de Heymans e Wiersma. De antemão é provável que tanto hão de coincidir, quanto de divergir. As coincidências deverão ser levadas para o ativo da caracterologia: comprovarão sua objetividade sôbre tal ou qual ponto. Mas as divergências também o poderão, tôda vez que elas tiverem sido levadas em consideração. Se se fotografar um homem de dez ângulos diferentes, as fotografias que forem tomadas, embora diferentes, são tôdas verdadeiras. Concebe-se, pois, a possibilidade que há, se se reduzirem as fotografias, também em grupos de dez, à mesma mensuração de cada uma, de poder-se determinar os coeficientes em função dos quais se tornaria possível converter-se um grupo em outro. Da mesma forma, tôda estatística é uma relação entre o objeto do qual trata e cer-

tas condições que, pela natureza e a situação do técnico estatístico, ocasionam uma refração dos dados que se apresentam à sua observação. Quando se identificarem tais condições, as divergências entre as observações serão reduzidas e, daquilo que era uma contradição, far-se-á uma construção. Assim deve ser com relação ao conhecimento dos homens. Nosso desejo mais profundo é que das pesquisas que esta coleção reunir saiam, ora provas de concordância, ora coordenações das divergências.

## IV

A essas razões científicas soma-se uma razão humana, que não é menos grave.

A experiência histórica do nosso tempo atesta cada vez mais a cumplicidade da psicologia e da sociologia na ação de emprêsas, seja de Estados, seja de particulares, para manipular os homens como se manipulam a natureza material ou os animais. Psicotécnicos invocam sua própria "competência" para impor vereditos a crianças e adultos, cujas conseqüências influirão em seus pacientes. Ora, tais vereditos correm o risco, muitas vêzes, de serem tirânicos por seu próprio objeto, pois consistem em decidir do destino de alguém, não em função do que possa haver nêle de profundo ou superior, mas sòmente em função de uma aptidão parcial, abstrata ou abstratamente considerada, como acontece quando da destinação de um instrumento. Se se pensa na infinita complexidade do indivíduo, culto ou não, adulto ou criança, se se vinculam, a essa complexidade, a incerteza e as indecisões de conhecimento atual dos homens, chega-se a tremer diante da decisão categórica — tanto mais grave quanto menos é acompanhada de cultura e sensibilidade — pela qual a precipitação pode corromper a aplicação do conhecimento.

Para evitar qualquer cumplicidade nessa temerária ação, os autores desta coleção tomam a liberdade de lembrar, antes de tudo, que a caracterologia não se propõe

subordinar o homem a qualquer aptidão orgânica ou psicológica que possua, mas tem por único objetivo não apenas o todo do homem, mas o todo original de cada homem, compreendendo nisso as perspectivas que sua liberdade possa acrescentar. A própria estatística não é senão um meio da idiologia, isto é, do estudo do caráter e da personalidade de "determinada" pessoa.

Acrescentam que a caracterologia deve fazer tudo o que seja possível para associar a suas pesquisas e aplicações, não apenas alguns profissionais, alguns especialistas, mas todos os homens. Realmente, o conhecimento do homem não é sòmente caracterológico, é intercaracterológico. O psicólogo não é mais como o físico diante de um objeto sem consciência, incapaz de sofrer, desprovido de inteligência e de vontade. Precisamente, se o conhecimento de outrem por parte do sábio terminasse por fazer tratar o outro como um objeto físico, levaria a materializá-lo. Qual pode ser, pois, o ideal do conhecimento do homem, senão que o objeto, que é, neste caso, uma outra pessoa, seja associado ao esfôrço de compreendê-lo, cujo interêsse em se conhecer é por êle mesmo reconhecido, a saber — que a caracterologia, ajudando o conhecimento mútuo dos homens, mesmo entre o psicólogo e seu interlocutor, favorece a mútua simpatia? O fim da antropologia não é o domínio do senhor sôbre seu escravo; é a amizade esclarecida de duas almas, cujas naturezas são diferentes, com a finalidade de se completarem uma à outra. O leitor encontrará, seguindo tal intenção, expressões muito claras na obra de Berger, que segue essas páginas, e na de Le Gall, escrita para os pais e os educadores, que aparece ao mesmo tempo que aquela, como o 2.º volume da coleção. Um e outro se esforçaram por colocar a caracterologia ao alcance de todos os leitores para que todos encontrem em suas obras, com o interêsse que comporta o estudo inesgotável dos homens, o benefício que pode resultar de sua aplicação ao mesmo tempo cautelosa e atraente.

R. L.

# Capítulo I

## A CARACTEROLOGIA É O CONHECIMENTO DOS HOMENS

O real é fonte indefinida de conhecimentos. A disciplina que o tem por objeto pode ser considerada realmente científica quando apresenta simultâneamente as duas seguintes características: 1.º) existência de um núcleo de conhecimentos estáveis, comunicáveis a outrem e suscetíveis de serem verificados; 2.º) possibilidade de enriquecer indefinidamente tais conhecimentos de base mediante o contato com a experiência, seja fixando-os com crescente rigor, seja descobrindo imprevistas propriedades e novas relações.

Sob êste duplo ponto-de-vista, a caracterologia merece realmente ser considerada como ciência. Coloca-nos em presença de um imenso território que deve ser explorado, do qual os psicólogos, os romancistas, os homens de ação, os dramaturgos e os moralistas perceberam alguns aspectos, mas cuja exploração metódica é recente. Nem tôdas as descobertas foram feitas. Por outro lado, longe de aparecer como uma aplicação de psicologia geral ou simplesmente como uma de suas partes, a caracterologia apresenta-se como disciplina original. Propõe forma nova de reconstruir tôda a psicologia, a partir da realidade concreta dos indivíduos, e não mais a partir de algumas grandes funções que se supõem idênticas ou, pelo menos, análogas em todos os homens.

Não sobrará muita coisa da psicologia tradicional, se lhe retirarmos tudo o que fôr da jurisdição da psicologia, da lógica, da moral, da estética, e se separarmos tudo aquilo que, dissimulado, nela existe de tímida metafísica. Mas, para que se obtenha uma ciência do homem concreto, não basta que se acrescente ao resíduo pròpriamente psicológico um estudo da personalidade e das diferenças individuais. A análise deve ser funcional, e não desagregadora. Nunca se deve perder de vista que o homem é uma totalidade, um conjunto em que cada elemento reage sôbre todos os outros. Não se deve esquecer também que cada homem é um ser absolutamente original: **é um e único**. Se não **partirmos** do concreto, isto é, dêste homem que está diante de nós, com seu nome e a sua fisionomia, suas atitudes, sua função social, seus hábitos, êste modo especial que tem de baixar os olhos ou de sorrir, esta firmeza na voz que faz nascer a confiança ou êste fraco apêrto de mão, que nos inquieta, se não conservarmos constantemente presente no espírito o sentimento de sua unidade e de sua originalidade, nunca poderemos encontrar o homem acidentalmente, no fim de estudos abstratos.

Mas se resta aqui um mundo a descobrir, se o método da caracterologia pode e deve ser repensado, se as estruturas essenciais devem ser fixadas, se é necessário procurar constantemente novos pontos-de-vista para obter, em relação ao homem, perspectivas que valorizarão ao máximo o sentido e a alçada de seus pensamentos e de seus atos, podemos reconhecer, entretanto, que certos resultados já chegaram a ser sòlidamente estabelecidos. Os fatôres e os tipos reconhecidos por Heymans e Wiersma, e que René Le Senne retomou para elaborá-los e completá-los, têm a solidez dos conhecimentos nascidos de uma experiência, que a prática pôs à prova. Podemos nos basear nêles para prosseguir na pesquisa ou passar às aplicações.

Não se trata aqui nem de uma "doutrina", nem de um "sistema", que seriam apenas mais engenhosos ou mais sedutores do que outros. Não se trata de decidir, após horas ou semanas de reflexão, se é preferível classificar os homens segundo a forma do rosto, a rápidez das reações ou o grupo sangüíneo a que pertencem. Não se parte da suposição de que se descobriu a causa profunda dos comportamentos. Parte-se simplesmente, modestamente, da variedade dos indivíduos, para tentar ver como o seu comportamento, suas representações e seus sentimentos se relacionam uns aos outros. A própria idéia de que há uma ordem na sua multiplicidade é uma hipótese que se deve provar.

Ora, o êxito confirma a legitimidade do empreendimento. As relações constantes que a conciência comum sempre afirmou, mas que a linguagem corrente não sabia exprimir sem ambigüidade, afirmam a sua realidade, quando passam a ser objeto de pesquisas metódicas. Os desejos, os podêres e as fraquezas, as maneiras gerais de sentir, de agir e de pensar, não são, nos sêres, uma poeira a qual apenas a existência do organismo, o fato bruto de estar "aqui", "agora", comprometido em tal situação específica, conservasse unida. Tôdas essas disposições estão grupadas em **estruturas**, que se devem reconhecer e descrever antes de procurar-lhes as causas.

Os elementos mais importantes dessas estruturas já foram isolados; remetemos, uma vez por tôdas, ao **Tratado de Caracterologia** de René Le Senne,[1] obra fundamental, onde se encontrará o desenvolvimento de certo número de pontos que nos contentamos em retomar, resumindo-os.

---

1 Designá-lo-emos pelo algarismo romano I. Os algarismos romanos em negrito, que se encontrarão, mais adiante, no texto ou nas notas, remetem à bibliografia colocada no fim do volume, págs. 289 e seguintes.

No entanto, nosso livro forma um todo que pode bastar para um primeiro estudo, já que contém, nos capítulos III e IV, a descrição dos fatôres e dos tipos reconhecidos e estudados dos Heymans, Wiersma e Le Senne.

A essa descrição acrescentamos o estudo de dois fatôres complementares (cap. V) e de quatro fatôres de tendência (cap. VI), alguns dos quais não haviam sido identificados até agora — o que nos parece útil e, mesmo, indispensável, quando se quer fazer a análise de um indivíduo em profundidade.

Insistimos sobretudo na exposição de um método prático de análise. Tentamos indicar-lhe o sentido e a alçada (cap. VII); comentamos e ilustramos com exemplos cada uma das questões que propusemos (cap. VIII); terminamos com alguns conselhos sôbre o modo de conduzir a análise (cap. IX). São indicações muito simples, mas cujo desconhecimento parece-nos estar na origem da maior parte das dificuldades encontradas na prática. Se devemos julgar pelas minuciosas consultas que temos recebido, são essas referências concretas e essa exatidão operatória as mais vivamente desejadas por aquêles a quem interessa a caracterologia e que desejariam servir-se dela.

Os anexos fornecem, enfim, alguns esclarecimentos sôbre os métodos de pesquisa de que nos temos servido e sôbre os resultados obtidos.

Cada um deverá, aliás, adaptar o instrumento que lhe é oferecido à sua situação particular, aos assuntos que se propõe estudar — e a seu próprio caráter. Em nossa análise o psicólogo deve intervir efetivamente. Não é máquina, que registre passivamente os resultados. Pensamos que, quando se faz psicologia concreta, a verdadeira objetividade não se obtém suprimindo os observadores, mas ensinando-lhes a observar suas próprias reações. Não pretendemos criar uma psicologia sem psicólogos.

Exponhamos, para terminar, quais os usos que pode ter o método que propomos.

1. É evidente que, fundamentado na introspecção, é diretamente utilizável para o conhecimento próprio. Não é mister insistir no interêsse que cada um pode ter em conhecer-se bem. Mas gostaríamos de insistir sôbre a impossibilidade de compreender qualquer aspecto do comportamento dos outros, se não se está suficientemente familiarizado com a análise interior e se não se aprendeu a "sentir", por experiência direta, como os fatôres agem uns em relação aos outros e como essa interação explica estruturas complexas.

Indicando quais as qualidades que lhe paracem necessárias para que se façam retratos psicológicos, um escritor que os faz excelentes, Emil Ludwig, fixa a relação que deve existir entre o interior e o exterior:

"A fim de estarmos bem equipados para tal função, devemos sempre encarar a rapsódia que forma nossa própria existência como se ela nos fôsse exterior. Devemos sentir em nossas experiências — por uniformes que possam parecer a um exame superficial — alguma coisa que as torne paralelas ou equivalentes às vidas marcadas por grandes convulsões. Se quisermos reproduzir os traços dos homens, é preciso ver-nos a nós mesmos refletidos na humanidade. Sòmente quando nossa própria vida nos aparece como simbólica é que somos capazes de perceber o simbolismo que há por trás da vida alheia." (II, pág. 9.)

2. O estudo do questionário e, em especial, dos exemplos que fornecemos para ilustrá-lo deve permitir a tomada de consciência de uma verdade que parece banal e que, entretanto, surpreende sempre aquêles que identificam a sua manifestação na vida corrente; é que há, entre os indivíduos, diferenças irredutíveis, às vêzes tão profundas que os mesmos atos, ou os mesmos acontecimentos, têm, para dois homens, significação oposta. Nosso primeiro movimento é o de emprestar aos outros nossa própria natureza e de crer que, mediante algumas ex-

plicações, concordarão ràpidamente com a nossa opinião. O fracasso é geralmente atribuido à má vontade do companheiro, ou a falta de boa vontade: o homem que deve ser convencido torna-se então um pecador a converter. As vêzes, entretanto, vai-se mais longe e descobre-se que o outro é verdadeiramente "outro"; isto é, acompanhado, em geral, de profundo mal-estar; deixamos de ter um inimigo, mas encontramo-nos diante de um ser incompreensível, de uma espécie de monstro... Aldous Huxley exprime com justeza tal sentimento de surprêsa inquieta:

> "Há poucas coisas mais perturbadoras do que descobrir, por ocasião de uma observação qualquer feita de passagem, que você está falando a uma pessoa cujo espírito é radicalmente oposto ao seu. Entre uma poltrona ao lado da lareira e outra, abre-se repentinamente um abismo devorador: é preciso ter espírito forte para poder contemplá-lo sem vertigem." (III, pág. 57.)

Pensamos que o estudo dos mal-entendidos e a teoria das discussões podem receber da caracterologia uma nova luz. A própria noção filosófica da evidência deve ser retomada do ponto-de-vista da psicologia concreta, não para reduzir a verdade aos sentimentos de certeza, mas para fazê-la aparecer em sua objetividade intencional, por meio da intersubjetividade, compreendida em seu devido significado.

3. Bem usado, o nosso questionário permite compreender profundamente a personalidade individual. Pode até revelar certos aspectos que a pessoa desejaria dissimular, ou que inconscientemente rejeita. Diga-se, entretanto, que não procuramos, absolutamente, um meio de desmascarar aquêles que se escondem, nem de penetrar, contra a sua vontade, na intimidade de suas consciências. Se se objetar que determinado questionário é pouco útil na escolha de pessoal ou na seleção de candidatos, não discutiremos. Não significa que o questio-

nário não possa, mesmo em tais casos, fornecer informações utilizáveis: na realidade, êle revela mais do que se crê e os esforços que faz a pessoa para falsear os resultados são muito reveladores. Mas não nos propusemos a essa despistagem. A psicologia que gostaríamos de difundir entende que deve ajudar os indivíduos, e não submetê-los a uma pressão social exacerbada. Tem por princípio o serviço prestado aos outros e o respeito absoluto àquele de quem recebe confidências. Não analisamos senão aquêles que consentem e trabalhamos com êles — não contra êles.

4. Longe de se opor aos outros métodos de investigação da personalidade, a análise caracterológica permite, ao contrário, aumentar-lhes a eficácia. Trabalhando com morfologistas, grafólogos, especialistas do teste de Rorschach, temos podido não apenas verificar, mas ainda ouvir dêles próprios até que ponto tinham precisão de uma terminologia exata, e mesmo de um conveniente método de análise caracterológica. René Le Senne demonstrou bem todos os diferentes fatos para os quais pode servir de rótulo a palavra "mentira". Há, semelhantemente, não apenas **uma** timidez, mas **vários tipos** de timidez, de honestidade, de coragem. Não se poderiam identificar-lhes os sinais exteriores antes de achar a que correspondem essas estruturas e de quais e quantos fatôres diferentes podem elas ser as resultantes.

Procurando medir as correlações entre o estudo grafológico e a observação exterior dos clientes por parte de seus familiares, os psicólogos Hull e Montgomery obtiveram apenas índices quase inexpressivos. Mas nenhum dos traços que figuram no quadro que Paul Maucorps reproduz em sua **Psicologia Militar** (V, pág. 27) corresponde a um fator simples, nem mesmo a algo perfeitamente definido: ambição, orgulho, timidez, energia, perseverança, reserva, discrição — são palavras da linguagem corrente, com significado flutuante. Êste é perseverante por inércia, aquêle por sentimento do dever, um

terceiro por temor às possíveis sanções... Em um inquérito sôbre a vaidade, trabalho solicitado a 34 estudantes de psicologia que haviam feito as mesmas leituras preliminares, identificamos nada menos de três significados diferentes dados à palavra "vaidade". Eram, realmente, tão afastados um do outro que o mesmo personagem, tomado por um como tipo de vaidoso, servia a outro como exemplo contrário. De que modo, então, se pode estar certo de que os grafólogos e sobretudo os "mestres, pais e condiscípulos", consultados durante o inquérito, tiveram em vista a mesma realidade psicológica ao exporem suas apreciações?

Devemos desconfiar da falsa precisão e evitar a utilização de processos matemáticos delicados e complexos a dados confusos. Seria como se se fornecesse uma medida de comprimento em décimo de milímetro, num cálculo cujos elementos eram conhecidos com uma aproximação da ordem do centímetro.

Dentre as diversas técnicas caracterológicas, as comparações são preciosas e a colaboração indispensável. O que uma consegue desvendar escapa muitas vêzes à outra, e vice-versa. Mas essa cooperação supõe uma prévia análise do caráter, que não se exerça sôbre os sinais, mas sôbre os fatôres, e que torne possível a pesquisa ulterior dos sinais e o contrôle de seu valor.

Julgamos que os testes chamados "objetivos" da personalidade farão progressos consideráveis no dia em que forem aferidos, fazendo passar, diante dos aparelhos, indivíduos cujo caráter já se conheça pelo questionário, após ter, por precaução, colocado de lado todos os casos duvidosos. É o único meio de saber o que o teste revela ou mede. Neste assunto, como na medicina, o laboratório deve seguir a clínica. É sòmente num segundo momento que êle poderá retificar, se fôr o caso, o diagnóstico do clínico. Vários grupos de pesquisadores trabalham atualmente neste assunto e os resultados par-

ciais já obtidos parecem confirmar o valor de tal procedimento.

5. Sob a forma que lhe demos, o questionário se destina ao estudo direto de indivíduos vivos. Seria necessário adaptá-lo para poder ser fàcilmente utilizável em relação às personagens históricas. Mas o essencial consiste na intelecção dos fatôres e suas inter-relações e é possível, em muitos casos, apreciar com suficiente exatidão certas reações e chegar a confeccionar a ficha do caráter de um homem célebre sôbre o qual se possuam bons documentos e a quem não se pode mais fazer perguntas diretas.

A caracterologia pode, assim, trazer contribuição muito importante à compreensão da história. Acontece o mesmo quanto à literatura e o teatro, seja quando se queira relacionar uma obra a seu autor, seja quando se trate de apreciar a lógica de um enrêdo ou a autenticidade de um personagem.

6. Há um outro serviço — completamente diferente — que o método de análise pode prestar. É demasiado importante para que o passemos em silêncio, se bem que êste livro pretenda ser, antes de tudo, um manual prático. Aquêles a quem a caracterologia interessa, mas a quem a filosofia inquieta, poderão simplesmente não levar em consideração êste parágrafo.

A caracterologia é totalmente semelhante às ciências de que fala Platão na **República** e que têm dupla função: de um lado, permitem aplicações úteis; de outro, possuem a faculdade eminente de incitar à reflexão e de ensinar a alma a se afastar do sensível e a apreender o real por meio da inteligência.

De forma análoga, permitindo-nos compreender e prever a conduta humana, a caracterologia tem valor filosófico. Mostra-nos, com crescente evidência, que as estruturas psicológicas são complexas, porém **naturais**. Dever-se-á, pois, ir além da psicologia, se se pensa que

o homem "tem" uma natureza e não que êle "é" uma natureza. Uma das finalidades da meditação filosófica será ensinar-nos a discernir, no íntimo da natureza do homem e, antes de tudo, em nossa própria natureza, uma essência e um princípio que ultrapassam a natureza.

Essa pesquisa — é a metafísica. Ela exige que a natureza, antes de tudo, tenha sido reconhecida como tal, sem o que nos arriscaremos a atribuir virtudes excepcionais e a outorgar um privilégio injustificado a meros aspectos do objeto, erigidos em realidades absolutas. Uma metafísica que pára no meio do caminho está muito mais longe da verdade e é muito mais perigosa do que um positivismo estreito mas pendente, porque ela eleva ao absoluto formas relativas e valôres particulares.

Precioso para a prática, o conhecimento concreto do homem, que é a caracterologia, é, assim, com a sociologia, a melhor introdução à metafísica. Juntas, libertar-nos-ão da "precipitação" devida ao nosso temperamento e da "prevenção", que vem da sociedade. Quem quer passar para o lado de lá deve, antes de tudo, conhecer a natureza do lado de cá. É o único meio de se defender das miragens. A metafísica não suprime a crítica: supõe-na. Como escreve Paul Valéry,

"basta a nossa atenção para pôr nossos mais íntimos movimentos no plano dos acontecimentos e dos objetos exteriores: desde o momento em que são observáveis, vão juntar-se a tôdas as coisas observadas." (VI, pág. 201.)

Mas essa atenção que, por direito, é simplicíssima, é, de fato, sempre obstaculada. A caracterologia nos leva progressivamente a combater a ilusão que nos faz identificar-nos a tal ou tal parte do objeto, e que nos faz tomar o que temos pelo que somos. Temos um caráter, mas somos uma liberdade. Compreendê-lo-emos tanto melhor quanto melhor soubermos reconhecer as razões que determinam os nossos atos e tivermos reinstalado a

psicologia na natureza. Seremos, dêsse modo, tanto melhores metafísicos quanto mais rigorosos psicólogos formos, não porque a psicologia nos permita atingir a alma transcendente e imortal, mas porque, quando se aprende a identificar as fôrças ocultas e constantes dos atos humanos, fica-se cada vez menos tentado de procurar a alma no mundo e de considerar as sombras da caverna como princípios eternos.

## Capítulo II

# AS DIFERENTES CAMADAS DA PERSONALIDADE

### § 1. O PERSONAGEM SOCIAL

O caráter não é o conjunto da personalidade: é apenas o núcleo. Antes de descrevê-lo, convém, pois, situá-lo.

Quando vemos alguém pela primeira vez e perguntamos "com quem" travamos relações, o que vemos, antes de tudo, é menos a pessoa do que o personagem. Êste, marcado pelo uniforme do soldado ou pelo boné do condutor, manifesta-se também, às vêzes, de forma aparentemente mais discreta, por certas particularidades das roupas ou do penteado, pêlo jôgo das decorações ou das insígnias. Tais pormenores não são sem importância, pois traduzem a anuência da pessoa. O uniforme é impôsto ao soldado e ao carteiro. Ao contrário, aquêle que ostenta uma insígnia manifesta, por êsse meio, que assume conscientemente sua função social.

Os sinais pelos quais se revela o personagem não são sempre tão aparentes. Podem ser difíceis de interpretar ou podem, mesmo, faltar totalmente. Mas, com ou sem rótulo, a marca impressa pela sociedade sôbre o indivíduo é de suma importância. Traduz-se por certo número de disposições geradas pelo meio e solidificadas pelo hábito: de um lado, modos de agir, de andar, de olhar, de falar; de outro, sistemas de idéias bastante arraigadas,

de crenças, de opiniões; em suma, comportamento e mentalidade, atitudes e convicções. Cada um recebeu de sua família, da escola, dos colegas, certo número de certezas sôbre as quais raramente discute e a partir das quais raciocina, constituindo a tabela de referência segundo a qual medirá os acontecimentos e as idéias. A essas opiniões correspondem sistemas de reações afetivas ou verbais, acumuladas em nós pela vida em grupo, que, ao apresentar-se a ocasião, se desencadeiam com o automatismo de um reflexo. Não há grande diferença entre a maneira como a perna se distende, quando se percute o tendão da rótula, e a reação de entusiasmo ou de indignação que provoca, num meio sensível a tais assuntos, uma afirmação sôbre o dirigismo ou sôbre a vida comunitária.

Após saber, por exemplo, ao fim de alguns minutos de conversa, que meu interlocutor é um engenheiro católico, preocupado com a ação social e pai de quatro filhos, estarei, concomitantemente, apto a determinar não apenas alguns dos seus campos de interêsse, mas, também, certas posições que poderá tomar. Sei — por alto — como se organizaram suas certezas e onde se manifestarão as resistências. Entretanto, muita coisa ainda me escapa. Há engenheiros dóceis e pacientes, outros violentos e autoritários. Alguns amam as artes, outros as desprezam. Êstes são interesseiros e egoístas, aquêles são generosos e prestativos. Por trás do personagem está o homem. Para atingi-lo é mister penetrar sob a camada que a sociedade depositou à superfície. É mister retirar o personagem, como se se tratasse de uma máscara.

Não é fácil, pois a máscara constantemente usada adere ao rosto. Na realidade nunca é inteiramente possível, pois entre o personagem e o caráter há constante interação, e não simples justaposição. É o caráter que facilita o jôgo de certas influências ou que anula o de outras. A mesma educação, recebida no mesmo internato

religioso, faz de certo jovem um religioso sincero e de seu colega um anticlerical violento. É que aquêle reagiu por intuição, êste por oposição. Sem dúvida, a profissão marca o homem, mas antes de tudo o caráter contribui para a escolha da profissão; ou, se esta foi inteiramente imposta, ajuda a suportá-la. Fazer-se constantemente a mesma coisa acaba-se por amá-la... ou por torná-la absolutamente insuportável. O hábito é um modo de adaptação que não mais permite sentir os incômodos iniciais. Há um outro, exatamente inverso, que se poderia chamar a anafilaxia psicológica; êle exaspera nossa sensibilidade e nos dá fôrças para desencadear uma crise libertadora.

O fato é que, em todos os casos, a vida num determinado meio superpõe às nossas disposições congênitas uma "segunda natureza", da qual se torna às vêzes tão difícil libertarmo-nos quanto da primeira. É conhecida a "deformação profissional"; ela é tanto mais profunda quanto mais o caráter esteja dirigido na mesma direção para a qual a profissão impele o homem. Há, de modo semelhante, uma deformação — ou, se se preferir, uma formação — pela família, a religião, o sindicato, o partido político. Assim se determina um domínio importante da psicologia social, que se situa na confluência dos caracteres e das atuações.

Muitos problemas são aqui propostos — e muito complexos. Somos sempre tentados a resolvê-los de maneira simplista e a crer, por exemplo, que é preciso obter uma adaptação, tão perfeita quanto possível, do caráter à função. Mas quando a concordância entre aquilo que se é levado naturalmente a fazer e aquilo que se deve efetivamente fazer é muito íntima, a consciência se oblitera e o indivíduo se mecaniza. Todos nós conhecemos dêsses indivíduos, nascidos para serem professôres ou comerciantes e que realmente o são. São agora quase indiferentes a tudo o que não entra no campo estreito de sua atividade favorita. Deixaram morrer tôda a riqueza,

tôda a variedade de possibilidades humanas. A máscara, nestes casos, adere ao rosto e o imobiliza. O gênio pode, às vêzes, justificar as especializações extremadas. A mediocridade torna-as ridículas e insuportáveis.

Quando o homem, porém, é muito alheio à sua função, não tem êxito e encontra nela ocasião de sofrimentos indefinidamente renovados. Pensamos em tôdas as vidas estragadas que temos conhecido, nesses jovens sensíveis e tímidos que se obstinavam em trabalhar no ramo das representações comerciais, nessas pessoas trepidantemente ativas às quais o escritório parecia uma prisão. Haviam-lhes dito "que êles estariam feitos"... Possuíam, aliás, uns e outros, as aptidões imprescindíveis às suas profissões, mas não sentiam prazer algum em exercê-las. Saber persuadir é uma coisa. Visitar de nôvo o cliente que nos recebeu mal da primeira vez, conservar o sorriso, não guardar mágoa após repetidas grosserias — é coisa inteiramente diferente. Saber escriturar com rapidez um balanço exato não basta para fazer alguém gostar do trabalho sedentário, nem para fazer aceitar as implicâncias de um chefe esmiuçador. Nestes casos, a máscara que se passou a usar não se adapta mais ao rosto, e o fere... E nunca se previnem suficientemente os jovens sôbre a diferença — caracterològicamente essencial — que existe entre o gênero de vida que se leva na escola e o que se passará a levar na carreira para a qual a escola prepara. Os estudos apaixonam, porque satisfazem uma viva paixão intelectual à qual trazem indefinidamente nôvo alimento. Mas como a sua profissão haverá de decepcioná-los, pela repetição monótona das mesmas tarefas!

Parece que o ideal, no que diz respeito a essas relações entre profissão e caráter, consiste em um compromisso social suficientemente adaptável para ser suportado, suficientemente lasso para que alguma coisa fora do mecanismo profissional ainda nos possa interessar.

Estas observações são, aliás, apresentadas apenas incidentalmente e a título de exemplo. Acrescentemos sòmente o fato de que nenhuma psicologia concreta poderia negligenciar essas camadas sociais da personalidade. A variedade de suas estruturas não é infinita e pode-se chegar a descrever tipos relativamente puros. É mister fazer a psicologia do funcionário, do oficial, do político militante, do chefe de emprêsa, do representante comercial, etc. É mister, sobretudo, perceber como tais formações sociais se combinam com os elementos individuais, sôbre os quais vamos agora discorrer.

## § 2. O Caráter

### A) *Tipos de reação.*

O que a sociedade dá são idéias feitas, comportamentos determinados, isto é, gestos: em suma, a matéria. O que diz respeito ao caráter é a forma. A família ou a escola fazem do jovem um católico ou um comunista. O caráter fá-lo terno ou brutal, místico ou materialista.

Não temos necessidade de considerar o caráter, *a priori*, como uma estrutura inata e invariável, embora muitos fatos o sugiram. Basta, para que possa ser objeto de estudo, que tenha suficiente coerência e fixidez. Êle é, como diz Lalande no **Vocabulário de Filosofia**, "o conjunto dos modos habituais de sentir e de reagir que distinguem um indivíduo de outro" (VII, t. I, pág. 95). A palavra "habituais" não significa que os modos são devidos ao hábito, mas que têm relativa fixidez. Entendendo-se assim, não se pode negar que todos têm um caráter, até os inconstantes, cuja inconstância de humor é precisamente a regra.

É certo que o caráter — como o corpo — se modifica com a idade. É tão legítimo determinar o caráter quanto medir o corpo. Mais ainda: assim como se pode estabelecer a lei do crescimento e do declínio, pode-se tentar

formular a lei segundo a qual o caráter evolui em função da idade. Esquematizando ao extremo, poder-se-ia dizer que o bebê é um amorfo; a criança, um sangüíneo; o adolescente, um sentimental ou um nervoso; o adulto, um colérico, um apaixonado ou fleumático; o velho, um apático. Isto quer dizer que, em certos momentos da vida, o indivíduo é solicitado em direção a certas estruturas, não pelo acaso ou pelas circunstâncias, mas pela própria lei de seu desenvolvimento. O caráter que apresenta em tal ou qual momento é, pois, a resultante de seu caráter congênito (que exerce a função mais importante) e das influências devidas à idade.

Poder-se-ia pensar — e realmente já foi algumas vêzes tentado — que a maneira familiar que cada homem tem de viver e de sentir é algo de global e de indecomponível. Dever-se-ia então renunciar totalmente à análise e procurar apenas identificar o movimento cheio de maleabilidade e de matizes, próprio a cada ser. Não mais se pretenderia "explicar", mas apenas "compreender". Não discutiremos aqui tal opinião, que tem, aliás, origens caracterológicas. Contentar-nos-emos em notar que a experiência mostrou que a análise era possível e eficaz. Entre as qualidades indefinidamente variáveis que nos oferece a vida psicológica, há ilações constantes. Sem dúvida, as razões que levam Maine de Biran a redigir seu **Diário Intimo** são apenas análogas àquelas que levaram Amiel a escrever o seu. Encontra-se, porém, em ambos, a mesma relação entre a necessidade de fazer confidências e a dificuldade de abrir o coração. Um e outro são tímidos, irresolutos, resignados de antemão com aquilo que, no entanto, poderiam evitar. São suscetíveis, influenciáveis, arrastados sempre a fazer o que reprovam, mas impotentes para realizar aquilo que mais desejam. Êsses traços, e outros ainda, podem ser integrados numa estrutura que os explica, coordenando-os. Compreende-se com facilidade que um fator fundamental como a emotividade, isto é, a disposição natural de ser forte-

mente afetado por acontecimentos pouco importantes, esteja na base de sua extrema vulnerabilidade e que, combinada à fraca atividade dos dois filósofos, gera nêles uma dolorosa passividade e a mesma dificuldade de passar da decisão à execução.

Essa dependência dos traços, com relação a pequeno número de fatôres, foi muito bem fixada nos trabalhos de Heymans e de Wiersma.[1] Fizeram-nos compreender, mediante o estudo de 110 exemplos históricos, como o jôgo combinado de três fatôres fundamentais — a emotividade, a atividade e a secundariedade — podia explicar grande número de disposições diferentes. Depois, por meio de inquéritos que atingiam grande número de pessoas,[2] submeteram a tese a uma verdadeira verificação estatística.

Os psicólogos holandeses pressentiram que fatôres complementares poderiam ser necessários para penetrar mais profundamente na complexidade do real. Foi assim que chamaram a atenção para a "amplitude do campo-de-consciência", da qual Le Senne estudou algumas das implicações essenciais. Achamos que convém acrescentar-lhe um 5.º fator, cuja existência nossas próprias pesquisas fizeram entrever e que denominamos Polaridade. Sôbre isso falaremos com pormenores no capítulo V.

### B) *Vida das tendências.*

Mas o jôgo dos cinco fatôres acima expostos, por si sós, deixa-nos ainda muito longe do concreto. É possível, porém, sem cair em complicações exageradas, avançar um pouco mais e completar o esquema que êles permitem traçar.

---

1 Encontrar-se-á uma bibliografia em R. Le Senne, I, págs. 53-54.

2 No inquérito sôbre a hereditariedade psicológica, Heymans enviou, em 1905, questionários a 3.000 médicos da Holanda. Reuniu assim a descrição de 2.523 casos individuais, concernentes a 458 famílias.

A emotividade não é independente da fôrça das tendências: seremos tanto mais fortemente prêsas da emoção quanto mais nos apegarmos aos sêres e aos objetos, isto é, sentiremos desejos mais poderosos. Isto, porém, não basta para que se faça da emoção uma função direta do desejo. O emotivo é aquêle que se perturba por ninharias.[1] Inversamente, muitos não-emotivos, frigidíssimos, têm desejos violentos. É necessário, portanto, estudar, em sua essência, a energia tendencial e, como ela tem sempre uma orientação, é mister não deixar de considerar as direções para as quais leva o indivíduo.

Dêsse modo, somos levados a considerar quatro fatôres de tendência: a avidez, os interêsses sensoriais, a ternura e a paixão intelectual. Quase sempre menos importantes que os outros cinco, exercem, no entanto, no delineamento de um caráter, o papel que exercem as sombras no desenho. Mas há, às vêzes, efeitos que só o jôgo das sombras é capaz de explicar convenientemente. Acontece o mesmo quanto ao caráter: há os que são mais bem definidos por meio de sua tendência dominante do que pelo tipo de reação geral.

### C) *Notas individuais.*

O número de fatôres nada tem de absoluto. Os que foram indicados são apenas aquêles que permitem descobrir, por meio de suas combinações, a maior parte dos traços. Existem, porém, notas mais raras e geralmente menos importantes; suscetíveis, entretanto, de exercer, em alguns casos, ponderável influência. Tais elementos, que só o acurado exame individual pode revelar, terão evidentemente tanto maior interêsse quanto mais excepcional fôr o indivíduo.

---

1 Maurice de Guérin escreveu: "O que me leva, em certos momentos, ao desespêro, é a intensidade de meus sofrimentos por coisas insignificantes." (VIII, pág. 124.)

## § 3. As Aptidões

O caráter dá ao gênio seu aspecto, não sua fôrça. O gênio não é apenas o homem dotado de excepcional sensibilidade ou de vivíssimo desejo de compreender. É aquêle que pode exprimir o que sente ou demonstrar o que pensa. Foi o caráter que fêz de Hugo um poeta épico cheio de confiança no progresso, de Vigny, um pessimista arrogante, de Baudelaire, o algoz de si próprio. Mas foram suas aptidões que lhes valorizaram o caráter e lhes permitiram criar preciosas obras poéticas.

O mesmo acontece na vida comum. Nesta, aliás, referimo-nos mais às aptidões que ao caráter. É que as aptidões são mais fáceis de identificar e, até, de medir. São, também, ligadas mais diretamente a uma noção de extrema importância social — a do **rendimento**. A sociedade se interessa por aquilo que lhe diz respeito. O caráter, ao contrário, quase não diz respeito senão à felicidade do indivíduo. Se a sociedade se preocupa com o caráter, é sòmente porque tem influência indireta sôbre o rendimento, obstando a certas aptidões, favorecendo outras.

Assim como não se poderia estudar o personagem social isolando-o totalmente do caráter, assim também não se pode mais ignorar as estreitas e complexas relações que existem entre o caráter e as aptidões. A natureza da inteligência é transformada pela amplitude do campo-de-consciência ou pela intensidade da função secundária. Seria mister estudar, também, como e em que medida a emotividade põe em ação os recursos que, sem ela, permaneceriam latentes. A paixão intelectual, por seu turno, por causa da aplicação que exige e da atenção que acentua, facilita o ato intelectual a tal ponto que êste às vêzes parece ser, como o julgava Descartes, uma simples visão que nossos atos deveriam sòmente preparar e tornar possível.

Muitas vêzes, entretanto, é tal o divórcio entre os gostos e as aptidões, entre o que se desejaria fazer e o que se pode fazer, que convém reservar às aptidões um lugar original no conjunto da personalidade, embora não seja útil colocar entre as aptidões físicas e psicológicas a separação que talvez se desejasse.

## § 4. A História Pessoal

Para ultimar a revisão de todos os elementos que fazem com que um homem seja "tal" homem, resta reservar um lugar aos acontecimentos. Esta mulher pode ser uma sentimental, mas é também — e às vêzes é-o antes de tudo — a mulher que viu morrer entre os braços o marido que idolatrava. Tornou-se um ser em função dêsse luto e não se poderia compreendê-la sem levar tal fato em consideração. Sem dúvida é ao caráter que se deve a persistência tenaz dessa recordação dolorosa e sua impotência para dominá-la. Foi, entretanto, êsse fato, e não outro, que fêz passar a ato suas virtualidades. Cada um de nós tem, pois, uma história que nos fêz o que somos. As determinações essenciais podem ser mais ou menos comuns, mas permanecem sempre gerais, mesmo quando se descobre alguma que só apareça em um único indivíduo. São fatos, ligados ao tempo e ao espaço, que não valem senão para um único indivíduo: sòmente êle estava lá, em tal momento, enredado em tais dificuldades.

Para sermos precisos, devemos dizer que temos duas histórias: uma reconhecível, consciente, explícita, acessível por meio da recordação, transmissível nas confidências; outra profunda e secreta, que, antes, recusamos conhecer, do que realmente esquecemos, mas que, sem que o saibamos, influi não menos poderosamente sôbre nossos sentimentos e ações. Nem a resposta que se dá ao psicólogo, nem a confissão que se faz ao amigo, podem erguer o véu que oculta essa história recalcada. Nesse

assunto é mister os especializados processos de pesquisa da psicanálise ou as técnicas que dêles derivam.

Raramente é necessário, e às vêzes é perigoso, tirar da treva êsse drama, cujos traços principais se fixaram durante a primeira infância. Não é prudente tentar, sem razões sérias, racionalizar as tendências que nossa censura recusa reconhecer como suas. Mediante essa recusa nossa personalidade garante para si um certo equilíbrio. Não se deve rompê-lo senão quando se verifica claramente que está sendo nocivo ao indivíduo ou ao grupo. Tal intervenção, análoga à do cirurgião, deve ser reservada a um especialista experiente, pois ela suscita sempre enormes problemas e faz correr riscos certos. O mais difícil não é encontrar a origem dos complexos, mas dar ao paciente, após a operação, uma vida mais calma, mais feliz, mais fecunda. Ora, não se revolve sem perigo o lôdo que existe na profundeza das almas.

Em muitos casos, aliás, a simples análise psicológica permite aconselhar ùtilmente o paciente e oferecer-lhe o apoio de que necessita. Ela poderá reconhecer também a gravidade de um caso e convidar o cliente a recorrer ao psicanalista, quando tal procedimento parecer realmente necessário.

* * *

Essas diferentes camadas, que distinguimos apenas para melhor compreendermos como se unem a fim de formarem a personalidade, compõem a **natureza** do homem. Não nos explicam, entretanto, a sua **essência**. Por trás dessa natureza, há a liberdade que se une a ela e com ela se combina, segundo uma forma que está longe de ser simples.

A opinião mais difundida é a de que há **uma** natureza humana, idêntica em todos os homens, **quanto** aos traços principais, por trás da qual as liberdades individuais se exerceriam à vontade, manejando os senti-

mentos e as idéias como o pelotiqueiro faz dançarem as marionetes. Cada ato torna-se então uma escolha e adquire um valor moral, e a diversidade dos comportamentos é encarada como a revelação da diversidade das perfeições.

A caracterologia — e mais geralmente a análise concreta da personalidade — tornam-nos sensíveis à multiplicidade da influência e à diversidade das naturezas. Ensinam-nos a procurar nessas naturezas individuais as razões do comportamento dos outros e de nós mesmos. Mas não nos induzem a confundir-nos com a nossa natureza — o que nunca se faz por meio do conhecimento, mas sòmente por ignorância ou por abandono. Obrigam-nos a procurar a nossa liberdade em outra parte que não no mundo das fôrças. Não decidem coisa alguma quanto a êsse problema, em cujo exame não devemos entrar aqui, mas nos afastam de algumas soluções fáceis e cômodas.

## Capítulo III

# OS TRÊS FATÔRES FUNDAMENTAIS

Não nos propomos fazer aqui o estudo pormenorizado dos três fatôres básicos. Tal trabalho foi feito por René Le Senne. Poder-se-á, aliás, apreender fàcilmente o sentido de cada um dêles, estudando os exemplos concretos que descrevemos no capítulo VIII. Limitar-nos-emos aqui a algumas considerações gerais.

### § 1. Emotividade

Emocionar-se é perturbar-se. Todo homem se emociona, em determinadas circunstâncias, mas cada um à sua maneira. As emoções diferem, primeiramente, pelos objetos que as provocam: êste ouve, com indiferença, uma sinfonia que emociona o vizinho; aquêle expõe-se com calma a perigos reais, mas perde tôdas as faculdades se, num salão, deve dirigir a uma senhora algumas palavras amáveis. É a disparidade de interêsses que está em jôgo; remetemos o leitor ao capítulo VI, onde tratamos da caracterologia das tendências. Entretanto, diversas por seu objeto, as emoções diferem também por sua intensidade própria e pela facilidade, maior ou menor, com que se desencadeiam. Chamamos emotivo àquele que se perturba quando a maior parte dos homens não se comove ou àquele que, em determinadas circunstâncias, se comove mais violentamente do que a média. O não-emotivo é, pelo contrário, aquêle que é difícil de

emocionar-se e cujas emoções são pouco violentas. A melhor maneira de apreciar tal emotividade é colocar o indivíduo, real ou imaginàriamente, em circunstâncias comuns em que seus interêsses dominantes não estejam fortemente em jôgo. É óbvio que todo mundo se emociona em determinadas circunstâncias excepcionais, ou quando vê em perigo aquilo que mais estima. O emotivo, porém, vibra por ninharias e emociona-se por motivos pelos quais êle é o primeiro a reconhecer que não vale a pena.

É possível, senão medir a emotividade, pelo menos "assinalar-lhe" a intensidade comparando um indivíduo com um grande número de outros, que permitam estabelecer uma média. Seria, entretanto, falso crer que a emotividade é noção inteiramente exterior e, em suma, convencional, criada sòmente pela comparação social. As noções de "grande" e de "pequeno" só existem em relação a alguma coisa, mas o fato de ser emotivo, ou ser frio, prescinde de tôda e qualquer comparação; é assim como ter cólicas estomacais ou uma pedra no sapato. Isto é tão verdadeiro que o emotivo sente sua emoção, mesmo quando crê que os outros são como êle e que sua sensibilidade é perfeitamente normal. Às vêzes êle percebe que ela é demasiado viva, mas é porque sofre com isso e não porque pense que se desvia do normal. Stendhal escreve:

"Acho-me extremamente sensível. Êste é meu traço marcante. Esta sensibilidade tem excessos que, narrados, seriam ininteligíveis a qualquer pessoa que não Félix, e, mesmo com êle, é preciso falar muito tempo." (**Journal, in IX**, pág. 249.)

As diferenças de emotividade causam até entre os homens a incompreensão e o escândalo. O emotivo, que maldiz sua sensibilidade quando está sofrendo, vê nela, entretanto, senão um bem, pelo menos um valor precioso. O não-emotivo parece-lhe ora um hipócrita que dissimula os sentimentos, ora um ser anormal, que não é verdadei-

ramente humano. Despreza aquêles que ignoram seus atos de cortesia e custa-lhe muito compreendê-los. A razão, à qual os não-emotivos dão grande valor, não é para êle senão uma faculdade de segunda ordem.

Sem dúvida, o "coração", de que Pascal celebra as "razões" particulares, é mais do que o simples sentimento psicológico. Conserva, entretanto, muitos caracteres da simples afetividade e é com esta, exatamente, que sonha Vauvenargues, quando escreve que

"A razão não conhece os interêsses do coração." (X, máxima 124.)

Ou quando emite a célebre frase:

"As grandes idéias provêm do coração." (X, máxima 126.) (Le Senne, I, pág. 77.)

Os românticos de tôdas as épocas lançaram à razão as invectivas mais veementes. Nem sempre a desprezam, nem a condenam de modo absoluto. Todavia, vêem nela apenas uma forma imperfeita e derivada, que perde tôda significação e todo valor quando divorciada do sentimento que lhe serve de base. Essa atitude tem várias origens. Se o romântico, entretanto, é sempre, em maior ou menor grau, segundo a fórmula feliz de Albert Béguin, aquêle que se distingue pela "confiança que deposita no caos" (XI, pág. 14), é também o que enfrenta os riscos e recusa as garantias da lei que todos aceitam.

Desafiando tôda prudência, reivindica para si o heroísmo e a santidade, arriscando-se a nada encontrar senão a própria perdição. (Ibid.)

Também aquêle que nega o ímpeto e o entusiasmo lhe parece infiel à vocação humana: falta-lhe o essencial.

"As paixões, diz ainda Vauvenargues, chamaram os homens à razão." (X, máxima 154.)

Por sua vez, o não-emotivo considera sempre com surprêsa e reprovação aquêles a quem a paixão arrebata ou o sentimento transtorna. Parecem-lhe meio loucos. Pelo menos são doentes, que merecem cuidados, ou pessoas dadas ao vício de beber:

"O entusiasmo, escreve Voltaire, é exatamente como o vinho." (XII, t. VII, pág. 507.)

Assim, cada um tem seu conceito pessoal sôbre o tipo normal do homem, reconstrói os outros à sua imagem e não admite na humanidade verdadeira os que não correspondem ao seu modêlo.

## § 2. Atividade

Em caracterologia, a palavra "atividade" não se refere ao comportamento de quem age muito, mas à disposição de quem age fàcilmente. O ativo age por iniciativa pessoal parecendo o impulso provir dêle próprio, sendo as coisas meras ocasiões.

O inativo, "pelo contrário, age contra a vontade, à fôrça, com dificuldade, muitas vêzes resmungando ou se queixando." (Le Senne, I, pág. 77.)

Basta que seja muito emotivo, isto é, muito sensível para que possa o inativo "fazer" muitas coisas, enganando por vêzes os que não o conhecem intimamente. "Parecerá" ativo, quando é apenas atraído ou impelido. Cessado o impulso ou a atração externa, e entregue a si mesmo, tornar-se-á prêsa de indefinida indecisão. Basta que se apresente um obstáculo imprevisto para que a ação iniciada lhe pareça impossível. Sente resistência em tôda parte, porque nada faz sem esfôrço. Por isso, não admira que o sentimental Maine de Biran, erigindo em ato primitivo o que era apenas um traço de seu ca-

ráter, tenha construído sôbre o esfôrço todo o seu sistema filosófico.

Não julgaremos depressa demais e não chamemos "ativo" o rapaz que, febricitante, prepara a representação de uma peça, acompanhando de perto os ensaios, pintando os cenários, fazendo as vestimentas, desenhando os programas. Ei-lo, depois do espetáculo, cessado o entusiasmo, arrastando o seu tédio através da casa, incapaz de tomar a si o encargo de escrever uma carta de duas páginas que precisa mandar urgentemente. O emotivo não consegue fazer as coisas que o aborrecem ou que lhe são, simplesmente, indiferentes.

Pode-se, pelo contrário, ser ativo e ter-se apenas uma atividade **notória**, bastante medíocre. Um ativo pode dormir tranqüilamente, enquanto, a seu lado, um inativo, mais sensível ou mais escrupuloso, agita-se e consome-se. Não é a atividade que impede dormir, é a emotividade. Mas, se precisa ficar acordado para realizar o que decidiu, o ativo o fará com muito menor dificuldade que os outros.

Há, sem dúvida, condições orgânicas que determinam a atividade e também a emotividade. Nosso problema não é, aqui, o de pesquisar-lhe a natureza. Observemos, entretanto (pois a experiência no-lo demonstra), que um dos traços característicos do ativo é a facilidade com que se refaz, depois de exaustivo trabalho. Dias de férias, algumas horas de sono seguido, bastam para que se lhe refaçam as fôrças normais. Tudo se passa como se a ação consumisse nêle pouca energia, ocasionasse poucas dessas alterações que a consciência traduz pelo sentimento de fadiga e de abatimento.

Observem agora o inativo depois de uma ação intensa, executada sob o estímulo da emoção. Fica arrasado e precisa de muito tempo para "recuperar-se". A emotividade parece ter mobilizado tôdas as suas reservas de energia, que se recobram lentamente. O homem co-

mum esgota-se ao querer viver segundo o ritmo dos grandes ativos. O emotivo inativo pode assemelhar-se a êles durante curto período, mas a grande chama que lança não passa de fogo de palha. Alfred de Vigny compõe **Chatterton** —

"...no silêncio de um trabalho de dezessete noites que os ruídos de cada dia a custo interrompiam." (**XIII**, pág. 811.)

Mas recai depois em sua vida habitual, cheia de impulsos impotentes, de tédios, de amarguras e de quimeras vãs. Durante anos, pelo contrário, Victor Hugo virá sentar-se regularmente à sua mesa de trabalho, continuando a escrever sem cansaço como um funcionário o faz com as notas tomadas de véspera. É capaz de levar simultâneamente várias vidas, das quais uma só bastaria para extenuar um homem comum: é ao mesmo tempo poeta, dramaturgo, diretor teatral, político, polemista... Será que realiza êsse trabalho à custa de uma disciplina rigorosa e suprimindo de sua existência o que torna embaraçosa a vida dos outros homens? Absolutamente: sua vida sentimental apresenta o mesmo acúmulo e a mesma exuberância que a sua vida profissional: tem espôsa, filhos muito queridos, uma amante a quem visita todos os dias e com quem se corresponde amiudadas vêzes, e inúmeras aventuras passageiras...

Lembremo-nos ainda da resistência extraordinária de Napoleão I, mantendo, anos a fio, extraordinária e ininterrupta atividade e passando aos saltos de um trabalho para outro...

## § 3. Secundariedade

Êste 3º fator não fala, de pronto, à imaginação e exige alguns comentários.

O psicólogo alemão Otto Gross chamou a atenção, em 1902, sôbre a idéia de **Repercussão** (**XIV**). Tôdas as impressões que temos, ou, mais geralmente, tôdas as

nossas representações, exercem sôbre nós, enquanto estão efetivamente presentes, uma ação imediata que podemos chamar de "função primária". Mas depois de desaparecerem do campo da consciência clara, continuam a "repercutir" em nós e a influenciar nossa maneira de agir e de pensar. Essa ação prolongada é a sua "função secundária". Por extensão, dar-se-á o nome de "primários" aos indivíduos nos quais as impressões atuam, sobretudo, mediante sua função primária; de "secundários", àqueles em quem as impressões têm forte repercussão e exercem, por conseguinte, uma "função secundária" importante.

As teorias fisiológicas em que Gross se baseava para explicar o mecanismo da repercussão podem ser inexatas. Não nos interessa examiná-las. Mas os tipos humanos que são os "primários" e os "secundários" são bem verdadeiros e essas duas noções abrangem tôda uma série de características importantes e inter-relacionadas.

Compreende-se imediatamente, pela definição de secundariedade, que a vida do primário está sob a dependência direta dos acontecimentos do tempo presente. Não significa isso que êle seja desmemoriado. Uma coisa é a aptidão para fixar mais ou menos fàcilmente as impressões e para reproduzi-las com maior ou menor fidelidade; outra, a disposição de caráter que consideramos aqui. Todavia, no primário, é a excitação presente que solicita a memória e lhe pede as informações úteis, as que poderão melhor permitir a ação conveniente. No secundário, o passado não serve só para ajudar o presente. Predetermina-o, orienta-o, esboça-o antecipadamente; nega-lhe certos aspectos e prolonga-o no futuro. O primário submete-se ao que acontece; o secundário, ao que aconteceu. A atividade do primário tem sempre algo de descontínuo; a do secundário é coerente. A personalidade do primeiro é mutável, múltipla; a do segundo, profundamente integral. Um vive para a fantasia; outro, para o sistema.

Há, por outro lado, estreita relação entre o presente e o mundo exterior. Estar atento aos "fatos" é estar voltado para o exterior. O passado é, pelo contrário, inteiramente interior. Por causa disso o primário será capaz de adaptações rápidas, tera reações novas, mas superficiais. O secundário empenha-se profundamente em tudo o que faz. É mais forte, mas também mais pesado e mais lento. Substitui a espontaneidade pela reflexão. É o homem que reflete. Adapta-se mal a coisas e fatos novos e dêles desconfia, mas evita as surprêsas com sua previdência.

## Capítulo IV

# OS OITO TIPOS E SUA ATITUDE DIANTE DOS CONFLITOS

Com os fatôres caracterológicos sucede o mesmo que com os corpos simples na química. Se atraem a atenção por si mesmos, interessam sobretudo pelas combinações a que dão origem. E, para dizer a verdade, só os conhecemos de fato por essas combinações e pelas reações que entre êles se verificam.

Já fizemos notar que a emotividade, a atividade ou a importância da função secundária (digamos, numa só palavra, a secundariedade) não estão, em conjunto, presentes ou ausentes. Variam do mais ao menos, segundo uma imperceptível gradação. É, todavia, interessante, no início de um estudo, traçar tipos bem definidos, considerando, em cada fator, antes os graus extremos do que as formas intermediárias. Contrapondo assim os não-emotivos aos emotivos, os inativos aos ativos e os primários aos secundários, e combinando estas diferentes disposições, conseguimos oito tipos, cujas ilações são mostradas na Tabela I. Para facilitar-lhes a representação concreta, fizemos seguir o nome de cada tipo de alguns exemplos tirados da História, e sôbre os quais é fácil obter dados biográficos.

Nessa tabela, E quer dizer emotivo; nE, não-emotivo; A, ativo; nA, não-ativo; P, primário; e S, secundário. Os nomes que seguem as fórmulas são os que Heymans tinha adotado, no desejo de aproveitar o que havia de valioso na doutrina tradicional dos temperamentos.

Êles foram ratificados por René Le Senne, e, por nossa vez, reproduzimo-los, persuadidos de que não há in-

terêsse em modificar, sem razões sérias, um vocabulário caracterológico já consagrado pelo uso. Entretanto, alguns dêles poderiam dar motivo a confusão, como "sangüíneo", que sugere determinada compleição, muitas vêzes ausente nos nE-A-P e, pelo contrário, comumente encontrada nos E-A-P. Outros, como "amorfo", por exemplo, têm uma incômoda conotação pejorativa. De fato, muitas pessoas sôbre as quais se diz que são acomodadas e têm "bom gênio", são amorfas... Outros têrmos, enfim, como "nervoso", empregam-se na linguagem comum com significações muito variáveis. Lembre-se, pois, o leitor de que tomaremos aqui êsses nomes num sentido muito específico e perfeitamente definido: cada um dêles corresponde exatamente a uma fórmula; cada um dêles é apenas a maneira mais simples e menos pedante de se traduzirem essas fórmulas.

Para nos iniciarmos, de forma concreta, na caracterologia, um dos melhores métodos consiste em estudar, em seus pormenores, a vida e os atos (e a obra literária ou a obra artística serão apenas atos, como quaisquer outros) de determinado personagem histórico, procurando compreender o jôgo combinado dos fatôres nas principais circunstâncias de sua existência.

Poderemos ser ajudados pelo estudo da Tabela II, que mostra algumas das principais disposições geradas pela combinação dos fatôres dois a dois. Evidentemente, serão apenas indicações esquemáticas. Iniciar-se na caracterologia é aprender a usar um método de análise e de síntese, e não aceitar classificações já feitas, que poderíamos utilizar mecânicamente, arrumando os homens como arrumaríamos, em diferentes gavetas, bolas de corês diferentes. A realidade humana é menos simples...

Combinando 3 fatôres, obtém-se o esquema das disposições principais que correspondem aos 8 tipos da Tabela I. São precisamente as que podem ser encontradas

TABELA I

*Os tipos*

| | | | Fórmula | Nomes | Exemplos |
|---|---|---|---|---|---|
| Emotivos | Ativos | Sec. | E-A-S | Apaixonados | Napoleão, Pascal, Racine, Corneille, Flaubert, Miguel Ângelo, Pasteur. |
| | | Prim. | E-A-P | Coléricos | V. Hugo, Mirabeau, G. Sand, Gambetta, Péguy. |
| | Não-ativos | Sec. | E-nA-S | Sentimentais | Vigny, Amiel, Biran, Rousseau, Kierkegaard, Robespierre. |
| | | Prim. | E-nA-P | Nervosos | Baudelaire, Musset, Poe, Verlaine, Heine, Chopin, Stendhal. |
| Não-emotivos | Ativos | Sec. | nE-A-S | Fleumáticos | Kant, Washington, Joffre, Franklin, Turgot, Bergson. |
| | | Prim. | nE-A-P | Sangüíneos | Montesquieu, Talleyrand, Mazarin, A. France. |
| | Não-ativos | Sec. | nE-nA-S | Apáticos | Luís XVI. |
| | | Prim. | nE-nA-P | Amorfos | La Fontaine. |

# TABELA II

*Combinações binárias dos fatôres*

| | ATIVOS | NÃO-ATIVOS | SECUNDÁRIOS | PRIMÁRIOS |
|---|---|---|---|---|
| E | Grande atividade externa<br>atividade febricitante<br>sociabilidade<br>capacidade de trabalho | Emotividade "pendente". Mêdo da ação<br>Impressão do esmagamento pelas coisas<br>Falta de naturalidade<br><br>Sublimação dos desejos. Sente "tédio" e o receia | Reserva<br><br>Exigência<br><br>Organização hierárquica da vida afetiva<br>Fica muito tempo sob o poder das impressões<br>Apêgo ao passado | Imaginação<br>Espontaneidade<br>Responsabilidade<br><br>Desordem<br>Revolta<br>Inconstância<br>Ciclotimia<br><br>Mobilidade dos sentimentos<br>Necessidade de emoções |
| nE | Atividade fria<br>Objetividade<br>Perseverança<br>Coragem<br><br>Desconfiança em relação aos motivos | Pouquíssima atividade<br>Indiferença<br><br>Falta de iniciativa | Regularidade<br>Fidelidade<br><br>Impassibilidade<br>Senso de justiça<br>Respeito aos princípios<br>Economia<br>Igualdade de humor | Facilidade de adaptação<br>Amoldável<br>Pouco sensível ao perigo |
| A | | | Capacidade de organização<br>Sentido social<br>Trabalho regular<br>Perseverança | Naturalidade<br>Segurança<br>Disponibilidade<br>Presença de espírito<br>Decisões rápidas<br>Alegria |
| nA | | | Melancolia<br>Concentração em si mesmo<br>Resistência passiva<br>Falta de facilidade<br>Indecisão<br>Gôsto pela solidão<br>Sedentariedade | Não sabe resistir<br>Escravo do momento<br>Negligência<br>Desperdício |

nos indivíduos, quando estudados diretamente. Apresentamo-los na Tabela III.

## TABELA III

*Principais traços característicos de cada um dos 8 tipos*

**Apaixonados** (E.A.S.) — Ambiciosos que realizam. Extrema tensão de tôda a personalidade. Atividade concentrada num fim único. Dominadores, naturalmente aptos para o comando. Sabem dominar e utilizar sua violência. Solícitos, respeitáveis, gostando do convívio social. Palestram geralmente bem. Tomam a sério a família, a pátria, a religião. Têm profundo sentimento da grandeza e sabem dominar as necessidades orgânicas; vão às vêzes até o ascetismo. Valor dominante: a obra a realizar.

**Coléricos** (E.A.P.) — Generosos, cordiais, cheios de vitalidade e de exuberância. Otimistas, geralmente de bom humor, têm muitas vêzes falta de gôsto e de medidas. Sua atividade é intensa e febricitante, porém múltipla. Interessam-se pela política; amam o povo, crêem no progresso e são, de bom grado, revolucionários. Dotados geralmente de aptidões oratórias e cheios de impetuosidade, são condutores de homens. Valor dominante: a ação.

**Sentimentais** (E.nA.S.) — Ambiciosos que permanecem na fase das aspirações. Taciturnos, introvertidos, esquizotímicos. Geralmente melancólicos e descontentes consigo mesmos. Tímidos, vulneráveis, escrupulosos, alimentam a vida interior pela ruminação do passado. Têm dificuldade de entrar em relações com os outros e caem fàcilmente na misantropia. Inábeis, resignam-se de antemão ao que poderiam, entretanto, evitar. Individualistas, amam profundamente a natureza. Valor dominante: a intimidade.

**Nervosos** (E.nA.P.) — De humor variável, querem chocar os outros e atrair sôbre si a atenção alheia. Indiferentes à objetividade, precisam embelezar a realidade e para isso vão da mentira à ficção poética. Têm pronunciado pendor pelo bizarro, pelo horrível, pelo macabro e, de modo geral, pelo "negativo". Trabalham irregularmente e sòmente no que lhes agrada. Precisam de excitantes para se arrancarem à inativi-

dade e ao tédio. Inconstantes nas afeições, logo seduzidos. logo consolados. Valor dominante: o divertimento.

**Fleumáticos** (nE.A.S.) — Homens de hábitos, têm respeito pelos princípios, pontuais, objetivos, merecedores de confiança, ponderados. De humor igual, geralmente impassíveis, são também pacientes, tenazes, desprovidos de tôda afetação. Seu civismo é profundo, sua religião tem caráter sobretudo moral. Em geral, possuem senso de humor muito aguçado. Gostam dos sistemas abstratos. Valor dominante: a lei.

**Sangüíneos** (nE.A.P.) — Extrovertidos, sabem fazer observações exatas e revelam notável espírito prático. Gostam da sociedade, e aí se mostram polidos, espirituosos, irônicos, cépticos. Sabem lidar com os homens e são hábeis diplomatas. Liberais e tolerantes em política, manifestam pouco respeito pelos grandes métodos e dão mais valor à experiência. Demonstram iniciativa e grande maleabilidade de espírito. Oportunistas. Valor dominante: o êxito social.

**Apáticos** (nE.nA.S.) — Fechados, secretos, concentrados nêles mesmos, mas sem vida interior vibrante. Tristes e taciturnos, raramente rìem. Escravizados aos próprios hábitos, mostram-se conservadores. Obstinados em suas inimizades, têm dificuldade em se reconciliarem. Calados por natureza, amam a solidão. Se bem que indiferentes à vida social, são, entretanto, geralmente honestos, verazes, dignos. Valor dominante: a tranqüilidade.

**Amorfos** (nE.nA.P.) — Disponíveis, conciliadores, tolerantes por indiferença, mostram muitas vêzes uma obstinação passiva muito persistente. No conjunto, são aquêles de quem se diz que têm "bom gênio". Negligentes, inclinados à preguiça, são inimigos da pontualidade. São indiferentes ao passado mais ainda que ao futuro. Têm quase sempre aptidão para a música (execução) e para o teatro. Valor dominante: o prazer.

---

Parece-nos importante adestrar-nos em passar dos fatôres fundamentais para suas combinações binárias e, em seguida, para os grupos ternários. Adquire-se dêsse

modo o sentimento exato da síntese e aprende-se a aplicar, na vida concreta de um ser real, os esquemas inteligíveis; êstes não são mais palavras ou rótulos, e sim princípios eficazes cujo dinamismo aprendemos e dos quais vemos decorrerem as emoções e os atos. Como observa Le Senne:

"Estabelece-se a realidade empírica de um caráter pela descrição estatística ou biográfica; mas deve-se compreendê-lo por construção, como se compreende a formação de uma esfera pela rotação de uma semicircunferência em tôrno de seu diâmetro." (I, pág. 147.)

A vida psicológica, então, não mais se apresenta como formada de qualidades inertes, mais ou menos gerais e hierarquizadas, como o são as noções na árvore de Porfírio. Nela descobrimos um sistema de fôrças que ora se juntam, ora se combatem, ora se neutralizam.

Tentemos, por exemplo, compreender a vida dum apaixonado. Êle alia as propriedades dos emotivos secundários (e principalmente a apreensão de um futuro que sua secundariedade lhe faz prever e que sua emotividade pinta de várias côres) às dos emotivos ativos, impacientes por verem realizar-se o que desejam. Essa combinação não lhe assegura a posse de uma qualidade nova, simplesmente adquirida, e que seria apenas menos geral do que aquelas das quais provém; ela o abandona a tendências contraditórias. O tempo que passa o consome; o entusiasmo excita-o, o desejo atormenta-o: quer agir sem demora... Mas sua secundariedade desenrola em sua imaginação tôdas as conseqüências das ações que poderia empreender. E êle diminui o ímpeto, obriga-se a esperar, contém a impaciência, espreitando, agitado, o momento favorável...

Sem deixar de fazer do apaixonado um "tipo", a caracterologia se liberta, assim, de tudo o que essa palavra evoca de fixo, de paralisado, de estático. Por trás da forma específica de equilíbrio, própria do E.A.S., percebemos as fôrças que não cessam de agir para mantê-lo,

recriando-o perpètuamente. As decisões refletidas do apaixonado ligam-se, assim, por transições insensíveis, de um lado à impulsividade do colérico (E.A.P.); do outro, à indecisão indefinida do sentimental (E.nA.S.).

Considerada sob êste ângulo, a vida psicológica reproduz os caracteres de qualquer vida: é um **conflito**, para o qual o paciente traz a sua solução particular e provisória, que os acontecimentos submeterão, mais ou menos ràpidamente, a discussão. O caráter se apresenta, então, como a forma específica de enfrentar os conflitos, de resolvê-los e, antes de tudo, de equacioná-los, de lhes dar um sentido.

Empregamos o têrmo "conflito" por falta de outro mais geral, porém não é totalmente adequado. Traduz de antemão uma tomada de posição pessoal: sentir a vida como uma conseqüência de lutas e dar-lhe o sentido particular que nosso caráter lhe confere. Mas os têrmos pelos quais se gostaria de substituir a palavra "conflito", longe de serem expressões neutrais e perfeitamente objetivas, traduziriam apenas disposições diferentes. Conservemos, pois, — com as reservas indicadas — a noção de "conflito" e tentemos fazê-la traduzir simplesmente o fato de que a vida não é, para ninguém, um desenrolar sem incidentes, no qual tôdas as nossas aspirações seriam harmoniosamente satisfeitas. Há combates, esforços, incertezas, angústias, dificuldades. Êsses desnivelamentos, sem romper a continuidade do curso da consciência, escandem-no, entretanto, consoante um ritmo que varia com as pessoas e que interessa conhecer.

O próprio fato da duração da vida prova que certo equilíbrio foi conseguido e que nenhum fracasso é absoluto. Tampouco nenhum equilíbrio é definitivamente estável, e termina necessàriamente em novos conflitos. A maneira pela qual se combinam os esforços voltados para o exterior e as compensações interiores determina o estilo de vida, que está sob a dependência do caráter.

## § 1. Extinção do conflito nos Não-Emotivos Inativos

A contradição que há no fundamento de todo conflito é sentida pela consciência como uma emoção. O conflito mostrar-se-á, pois, atenuado e como que extinto nos não-emotivos, enquanto que, ao contrário, sua intensidade se exasperará nos emotivos.

Os não-emotivos inativos não têm, por assim dizer, reação pessoal. Seguem os hábitos ou obedecem às circunstâncias... É natural que sejam os menos afetados. Os **apáticos** comportar-se-ão, relativamente às fôrças externas que se exercem sôbre êles, como se estas fôssem uma mó muito pesada, cuja trajetória é difícil modificar. Seu pêso — isto é, a resistência de seus hábitos — garante-lhes a independência e uma autonomia proporcional em relação ao meio. Sua forma de adaptar-se é ignorar, deixar agir, "fingir-se de morto". Sua fôrça é a da inércia.

O **amorfo** também se abandona, mas sua primariedade o torna móvel e êle cede a todos os impulsos. "Je suis chose légère et vole à tout sujet", disse, referindo-se a si memo, o amorfo La Fontaine (**XV**, t. II, pág. 643). Nada o afeta profundamente; uma decepção de amor é logo eclipsada por nova aventura, mesmo quando é inferior à precedente:

"Não sejamos tão exigentes,
os mais acomodatícios são os mais hábeis."
(**Le Héron**, **XV**, t. I, pág. 162.)

Deixou-nos em **O Carvalho e o Caniço** — sua fábula preferida — uma espécie de apologia do amorfo, onde a plasticidade se revela como sendo a verdadeira fôrça: dá-se a impressão de ceder, deixa-se passar a tempestade e se continua a ser como antes. Ninguém foi mais independente do que La Fontaine, a despeito de sua aparente docilidade e submissão.

## § 2. O Sangüíneo e o Jôgo

Os não-emotivos ativos não poderiam satisfazer-se com essa adaptação passiva. O **sangüíneo**, por sua primariedade, conserva indubitàvelmente algo da irreflexão do amorfo e, sendo também, como êste, difícil de perturbar-se, não sentirá o conflito pesar a ponto de esmagá-lo. Por outro lado, sua atividade lhe dá ensejo de dominar a situação: o conflito torna-se então a oportunidade para um jôgo que permite à atividade manifestar-se. O sangüíneo comprazer-se-á em vencer as resistências que se apresentem. É o prazer dos esportes ou do amor para os sangüíneos que têm grandes necessidades orgânicas — amor despojado de tôda paixão trágica e que sabe conservar-se superficial. Conhece-se, a êsse respeito, a máxima de Chamfort:

> "O amor, como existe na sociedade, é apenas a permuta de duas fantasias e o contato de duas epidermes." (XVI, pág. 68.)

Os sangüíneos fortemente possuídos pela paixão intelectual sentirão prazer nos jogos de artifício do espírito. A sociedade é apenas o terreno sôbre o qual se desenrola o jôgo. É ser ingênuo considerar com excessiva gravidade as leis e as aplicações dêsse jôgo. Basta conhecê-las e saber empregá-las inteligentemente. Só atrapalham os inábeis que nelas se embaraçam, os tolos que as desconhecem ou os imbecis que as consideram como absolutas. O que entusiasma ou escandaliza os emotivos torna-se para o sangüíneo um pretexto para reflexões irônicas e ditos espirituosos. Fará por isso epigramas sôbre a religião ou sôbre a moral.

Os sentimentais bem que percebem quanta diferença existe no "espírito". Amiel dirá de Voltaire:

> "O sofrimento universal o faz sentir-se bem disposto"; e ainda: "Muita malícia e espírito. Pouco sentimento, nenhuma ingenuidade." (XVII, t. II, pág. 309.)

O sangüíneo desprovido de paixão intelectual não chegará ao espirito. Contentar-se-á com o dito espirituoso ou a história jocosa. Ou, ainda, preocupar-se-á com a técnica de seu jôgo e colecionará, para o próprio uso ou o dos outros, as receitas que permitem ganhar no jôgo de cartas, na caça ou na política.

## § 3. O Fleumático e os Problemas

Pela secundariedade, os fleumáticos fazem entrar a seriedade na vida. A zombaria é substituída pela gravidade e o conflito toma o aspecto de um problema que é considerado objetivamente e cuja solução precisa ser descoberta. Nos inquéritos de Heymans, são os fleumáticos que ocupam o primeiro lugar quanto à exatidão da observação objetiva. De fato, raramente se perturbam, e só quando os acontecimentos são excepcionais, principalmente quando estão em jôgo os princípios sôbre os quais baseiam sua vida e sua ação.

Diante do drama religioso, o fleumático Bergson não se apaixona. Examina os fatos e reflete. Enquanto determinado interlocutor apaixonado se arrebatava um dia em sua presença, inflamado pelo desejo de converter tão nobre alma, Bergson, calmo, escrevia, anotando em fichas as peculiaridades da experiência mística que lhe era exposta.

Enquanto o emotivo fala de angústia, de mistério, do profundo sofrimento, o fleumático conserva o sangue-frio e procura tirar daí os elementos de uma solução. Acredita, além disso — como o faz espontâneamente todo ser humano — que os outros são feitos à sua imagem, e lhes elogiará os méritos com calma e reflexão. Hume escreverá o seguinte, que não deixa de ter ingenuidade:

"Nada é mais evidente do que saber que o desespêro exerce sôbre nós o mesmo efeito que o prazer, e que, mal tomamos consciência da impossibilidade de satisfazer um

desejo, já êsse desejo se desvanece. Quando verificamos havermos chegado aos limites extremos da razão humana, descansamos satisfeitos." (XVIII, Introdução.)

Belo tema de meditação para o caracterólogo: o que satisfaz a Hume é precisamente o que alimenta a inquietação de Pascal. Assim, o que parece a Hume "o mais evidente" retoma o seu caráter relativo e é apenas uma função do temperamento. As evidências que nos parecem mais deslumbradoras são muitas vêzes condicionadas por nossa natureza singular. Isso faz o homem retornar à modéstia e o filósofo à prudência...

## § 4. O Nervoso e a Evasão no Sonho

Quanto mais aumenta a emotividade, mais o conflito é vivamente sentido. Aquêles nos quais a impressão é mais forte são, inevitàvelmente, os nervosos, cuja emotividade não é controlada pela secundariedade e cujos desejos não são realizáveis devido a sua inatividade.

Esmagados pelo mundo exterior, mal adaptados à vida social, os nervosos tendem a evadir-se quando o meio se torna muito difícil de suportar. Aos 9 anos, Verlaine foi internado num colégio. No momento de subir para o dormitório, aproveita o instante de confusão criada pela partida dos externos. Sai da fila, transpõe o portão aberto e se põe a correr em meio à bruma. Cabelo ao vento, respirando com dificuldade, chega à Rua Saint-Louis, encontra a família à mesa e se precipita, chorando, nos braços da mãe... (XIX, págs. 14, 15.)

Os exemplos de escapadas ou de evasões análogas abundam nas biografias ou nas observações de nervosos. Mas a fuga nem sempre é possível e não pode repetir-se indefinidamente. O nervoso, que é vivo de imaginação, a substitui então por uma fuga simbólica. Esta não o transportará para outro lugar, mas para uma região onde ninguém poderá persegui-lo nem alcançá-lo: o

país dos sonhos. Êsse movimento de concentração comporta êle próprio dois momentos: um garante a proteção necessária; o outro dá ensejo à compensação procurada. O primeiro é a fabricação de uma **máscara**; o segundo, a organização de um **refúgio**.

**Máscara** — o orgulho altivo de Baudelaire; máscara — a impassibilidade desdenhosa atrás da qual Benjamin Constant por vêzes se refugiava; máscaras — os pseudônimos de Stendhal. E o pobre Verlaine é mais secreto do que se crê... Máscaras, ainda, a ironia com que se encouraçam tantos corações sensíveis, e o desejo de mistificação encontrado tão freqüentemente entre os nervosos.

> "Dêem-me uma máscara!", exclama Henri Heine. "Quero disfarçar-me de velhaco, a fim de que os patifes que se pavoneiam sob máscaras de respeito não me tomem por um dêles." (**Sonnets à la fresque**, XX, t. I, pág. 67.)

Mas, atrás da máscara sorridente, como no-lo recorda o poema que se chama precisamente **A Máscara**, em **Flores do Mal**, está

> "...crispada atrozmente,
> oculta por trás da face que mente,
> a verdadeira cabeça, a face sincera,
> inteiramente diversa."
>
> (XXI, t. I, pág. 36.)

O orgulho da beleza ou da superioridade intelectual não suprime a dor de viver. A compensação indispensável não se efetuaria se não alcançássemos o refúgio, que só o sonho pode oferecer. O sonho trará a Heine as satisfações que a vida lhe nega. Verlaine imagina um estado superior que êle denomina "a ausência" (palavra que exprime eloqüentemente a finalidade da evasão); esta lhe permite unir idealmente os prazeres da carne e a pureza de um amor perfeito, que, na realidade, se

opõem violentamente. O estado poético faz com que Edgar Poe encontre não só uma realidade de substituição, mas uma realidade que êle tem em conta de superior:

"Comprazi-me, escreve êle, quando o sol brilhava num céu de verão, em sonhos de luz radiante e de beleza." (XXII, pág. 322.)

É que a luz do sonho vale, pois, mais que a do sol verdadeiro, e que o sonho tem mais valor que a vida comum. Por isso Poe exclamará, transportado:

"Oh! Por que minha vida não é um sonho perene!" (Id.)

"Solitário no meio dos homens", como diz com muita propriedade Benjamin Constant, o nervoso sofre, entretanto, com o isolamento a que está condenado" (XXIII, pág. 81). Por isso procura a companhia ideal no mundo da imaginação e tão alto conceito dela terá que lhe será possível tornar a achar, graças a êsse artifício, um mínimo de estima de si próprio, sem o que a vida é difícil de ser suportada. "Meu mundo é melhor que o da vida comum"; êste é o tema geral das glorificações do poeta, tantas vêzes repetidas, nas quais tenta mostrar que sua própria grandeza é o que o expõe à zombaria das multidões incompreensivas:

"Exilado no solo, em meio a zombarias,
asas de gigante impedem-no de andar."
(Baudelaire, L'Albatros, XXI, t. I, pág. 22.)

Procuramos nossos exemplos nos poetas. Nem todos os nervosos possuem aptidões criadoras que fazem da arte um refúgio privilegiado. Nos menos dotados, o orgulho do perito ou do especialista pode substituir o do criador: tais são, em tôdas as épocas, os diletantes e as pessoas de apurado gôsto. Há, enfim, fabulações medíocres que são encontradas nos homens mais comuns e que

representam o mesmo papel compensador, para não falarmos das compensações patológicas do tipo mitomaníaco.

Finalmente há o auxílio dos excitantes, álcoois ou entorpecentes. Permitem ao nervoso, ora encontrar o acréscimo de energia de que necessita em momentos de crise, para ser capaz de passar a ação; ora (o que ocorre quase sempre) para achar refúgio de um "paraíso artificial". Como êles próprios já o notaram, e como Poe o explicou tão bem, os nervosos não bebem para gozar a volúpia de beber, mas para ter acesso à embriaguez.

## § 5. O Sentimental Salvo pela Análise

O sentimental assemelha-se ao nervoso pelo agrupamento E-nA., mas a passagem da primariedade para a secundariedade substitui a graça pela profundeza e o jôgo móvel das imagens pela reflexão sôbre as idéias. O nervoso quer emoções vivas e mutáveis. Tem sêde dêsse algo "nôvo" que as **Flôres do Mal** pedem obstinadamente. O sentimental deseja também emoções, mas as quer profundas e duradouras. A secundariedade, que o faz prever as conseqüências remotas das ações atuais, torna-o prudente; inquieta-se com o futuro e quer garantir a sua segurança. Quando irrompe o conflito, seu fracasso é mais freqüente ainda que o do nervoso, o qual, tomado pela impressão do momento, encontra, às vêzes, fôrças para lançar-se à ação. O sentimental hesita tanto que deixa passar a ocasião; e no fundo do seu coração algo se rejubila com isso, porque a ação, com todos os riscos que encerra, atemoriza-o. Amiel confessa-o:

> "Gosto que o acaso ou a impossibilidade me dispensem de agir. O "tarde demais" está de acôrdo com minha apatia e só aparentemente é que receio ver partirem sem mim o navio, o trem, a oportunidade e a alegria." (**XVII**, t. I, págs. 301-2.)

Desenganado pelo mundo, o sentimental não se evade num universo de fantasia: concentra-se em si mesmo, numa solidão que procura manter, se bem lhe seja penosa. A vida interior, que é dêle e só dêle, dá-lhe ensejo de triunfar à sua maneira do conflito que o faz sofrer. O instrumento de libertação, que ela lhe oferece, é o método reflexivo e a análise psicológica. Esta lhe é de muitas maneiras preciosa.

1.º Pedir-lhe-á primeiro que ponha em evidência as condições de seu fracasso e que lhe forneça os elementos de um método, graças ao qual se tornará capaz de fazer, por artifício, o que outros fazem naturalmente. É o que se chama geralmente "mudar de gênio" e que, na realidade, é apenas a utilização inteligente do temperamento que se tem para modificar o comportamento que se deplora. O sentimental, que se observa a si próprio constantemente, é, de todos os homens, o que conhece mais exatamente as suas fraquezas. Tem consciência, como Amiel ou Alain Fournier, de sua "incapacidade de realização", mas espera poder, graças à sua secundariedade, tirar o melhor rendimento possível de sua fraca atividade. É o sentimental quem compra de bom grado os livros onde se pretende ensinar "a tornar-se enérgico" e onde são oferecidos os meios de "curar a timidez em 15 lições". É êle quem se esforça mais sèriamente no sentido de pôr em prática os conselhos que lhe dão e de fazer os exercícios que lhe recomendam. Aliás, se êle fracassa sempre ao querer tornar-se insensível, pelo menos conseguirá parecê-lo. Em geral, é difícil distinguir dos fleumáticos certos sentimentais muito secundários. Mas quantas tempestades poderá descobrir, sob a superfície das águas paradas, o psicólogo arguto que não se contenta com as aparências!

2.º A análise reflexiva tem também valor subjetivo: ajuda a suportar o sofrimento, dissociando-o em elementos inofensivos:

"A dor não é una", observa Alfred de Vigny em seu Diário, a 27 de dezembro de 1937, "compõe-se de grande número de idéias que nos assaltam e que nos são trazidas pelo sentimento ou pela memória. E' preciso separá-las, ir direto a cada uma delas, dominá-la em luta corpo a corpo, estreitá-la até que se acostume conosco, sufocá-la dêsse modo, ou, pelo menos, entorpecê-la e torná-la inofensiva como uma serpente doméstica." (Citado in XXIV, t. II, pág. 23.)

3.º Além disso, a análise subjetiva dá ao sentimental uma satisfação positiva muito intensa. Êle é incapaz de gostar de alguma coisa espontâneamente. Só se sente feliz meditando na intimidade, secretamente. Longe dos olhares trocistas dos homens superficiais, desenvolve indefinidamente as suas análises e seu espírito encontra nisso imensa alegria. Confia-as à discrição dêsses diários íntimos que a pessoa escreve para si, livremente, mas a respeito dos quais sonha, mais ou menos inconscientemente, que um dia poderiam cair sob os olhos de um leitor perfeito, o irmão ideal que seria capaz de compreender...

4.º Eis uma das funções essenciais da reflexão: oferece um meio de compensar o fracasso justificando a inação pela pureza do ideal ou o rigor da exigência:

"Há uma correspondência, escreve Kierkegaard, entre a significação de minha vida e minha dor." (XXV, pág. 22.)

Essa dor, em lugar de exprimir uma fraqueza, é, pois, indício de verdadeira nobreza. E Amiel explica:

"Só o infinito me interessa. Em relação ao que está abaixo só tenho indulgência, indiferença e piedade. Com o meu horror à ação empenhei-me sempre em procurar as razões para abster-me, renunciar, desistir... Só me entrego conscientemente ao ideal que não deixa no coração nem tristeza, nem inquietação, nem cuidados, nem desejos, porque abranda tôdas as inspirações. Ora, nada nem pessoa alguma pode ser o ideal. Meu instinto encontrou e encontra dêsse modo o meio de se desapegar, de não se comprazer, de se livrar de todo motivo imperioso, de tôda influência decisiva, de todo pendor irresistível." (XVII, t. I, pág. 136.)

Mesmo quando chega a êsse ponto, a lucidez é para o sentimental uma garantia de sua evidente superioridade. Os ativos que êle vê triunfar e que, às vêzes, inveja, realizam de fato uma obra, "vencem"; mas a que preço? Observa todos os comprometimentos a que devem sujeitar-se, tôdas as imperfeições que aceitam. Porque a ação simplifica obrigatòriamente; negligencia as sutilezas, esquematiza, enfraquece, banaliza... É um consôlo para um emotivo inativo pensar que "os mais belos poemas são os que nunca foram escritos". A emoção original, com efeito, não corre o risco de ver-se traída pela inevitável impotência da expressão. Em relação aos ativos, o sentimental tem a atitude que Pascal — êsse apaixonado vibrante e atormentado — atribuía ao homem diante do mundo: o universo ameaça por todos os lados o homem e muitas vêzes o esmaga, mas "a vantagem que o universo têm sôbre êle o universo não conhece". Do mesmo modo o sentimental julga os ativos e o faz sem complacência; melhor ainda, ultrapassa-os, compreendendo-os.

O respeito exterior que apresenta muitas vêzes o sentimental, em relação aos que têm mais eficiência do que êle, não deve iludir a ninguém. Mesmo quando associado a uma afeição sincera, êsse respeito não deixa contudo de encobrir a mais severa das críticas. O professor, tão vaidoso de sua ciência, que pontifica diante do estudante cheio de atenções, sentir-se-ia menos seguro de si, se pudesse saber com que impiedosa lucidez seu ouvinte avalia a distância que medeia entre o que seria preciso fazer e o que o mestre realmente estava fazendo.

A melancolia, já preciosa porque satisfaz sem riscos externos a necessidade de emoções que todo emotivo carrega no coração, adquire nôvo valor porque é como o sinal de uma pureza intransigente. E é muitas vêzes difícil distinguir, na renúncia, a parte que se deve à coragem e a que tem origem na fraqueza.

## § 6. A Exuberância do Colérico

O colérico, sendo emotivo, sente fortemente os conflitos. Mas êstes, longe de abatê-lo, dão-lhe ocasião de experimentar a sua fôrça e de manifestar o seu poder. Nenhuma secundariedade paralisante vem arrefecê-lo, mostrando-lhe possíveis conseqüências. É, por isso, otimista e ama a vida apaixonadamente: George Sand escreve, em 1831, a seu amigo Duvernet:

> "Como é doce viver! Como é bom! Apesar das tristezas, dos maridos, das dívidas, dos parentes, das intrigas, apesar dos sofrimentos pungentes e dos fastidiosos aborrecimentos! Viver é inebriante! Amar, ser amado! E' a felicidade! E' o céu!" (XXVI, t. I, pág. 335.)

Os conflitos tomam freqüentemente a forma de alternativa: é preciso decidir entre isto ou aquilo. Diante dessa opção, o sentimental furta-se pela indecisão; o nervoso, pela evasão. O colérico enfrenta-a, porém muitas vêzes não escolhe. Procura (sobretudo quando sua avidez é forte) conservar os dois partidos. Sente-se com suficiente capacidade para tentar consegui-lo. Levar vida coerente é coisa que pouco o preocupa, basta que ela seja exuberante. Raramente se apresentará, para êle, a hipótese de decidir entre o mundo e Deus, entre o trabalho e o prazer. Êle vê Deus no mundo, poderá ter fé ardente e ação mundana acentuada, lançar-se-á de corpo e alma no trabalho e no prazer. Aliás, o trabalho ser-lhe-á prazer, porque por meio dêle expressará a sua capacidade; e a finalidade da ação lhe importa menos do que a própria ação.

Sua vida sentimental apresenta caracteres análogos. Sua infidelidade não é esquecidiça, à maneira do nervoso, é conservadora: êle não sacrifica um amor por outro, acrescenta o segundo ao primeiro e dá-se a ambos ao mesmo tempo. Mete-se em novas aventuras sem abandonar as antigas.

O obstáculo não é, para êle, uma resistência que se vença aos poucos, que se tenta contornar ou diante da qual se capitula: é a barreira que é preciso saltar, o testemunho do valor pessoal:

"As lutas são sempre boas", escreve Victor Hugo, "**malo periculosam libertatem.**" (**XXVIII**, Prefácio.)

A solução consiste em deixar a emotividade fortalecer, com seu poder, uma atividade universal, que nada freia nem canaliza. O sentimental vive na ruminação do passado:

"Por que sempre falais de vós apenas no passado?", pergunta-se a Amiel. "Parece que estais morto." "Com efeito", responde êle, "não tenho nem presente, nem futuro." (**XVII**, t. I, pág. 123.)

O colérico olha para o futuro:

"Que teu exame de consciência, escreve Peguy, seja uma limpeza definitiva. E não, pelo contrário, uma continuidade morosa de marcas e de nódoas. O dia de ontem foi vivido, meu rapaz, pensa no de amanhã... A hora que soa, soou, o dia que passa, passou... Só o amanhã permanece, e o depois de amanhã..." (**Mystère des Saints Innocents**, in **XXVII**, págs. 328-9.)

Aproximamos aqui, de propósito, amôres profanos e impulsos religiosos. É para lembrar que uma fórmula de caráter não dá nem a virtude, nem a salvação, e que há santos e pecadores de todos os tipos. Mas, heróicos ou dissolutos, os indivíduos de uma mesma fórmula têm o mesmo estilo de vida, uma maneira análoga de enfrentar as dificuldades e de resolvê-las.

## § 7. Os Apaixonados e o Sacrifício

Passando dos coléricos aos apaixonados, vemos a secundariedade obrigar o indivíduo a regrar a sua ativi-

dade e a organizar sistemàticamente o seu comportamento. O colérico sacrifica a coerência à dominação ou, mais exatamente, ao sentimento de dominação:

"A lógica?", escrevia Saint-Exupéry: "Que ela se arranje, para dar conta da vida." (XXIX, pág. 191.)

O apaixonado não aceita essa desordem. A paixão é a colocação em ordem da vida afetiva, submetida a uma tendência dominante. O apaixonado "escolhe" um escopo único, e a êle subordina todos os seus atos. É, para Napoleão, o domínio universal; para Miguel Ângelo, a perfeita expressão plástica; para Descartes, a verdade absoluta; para Flaubert, a perfeição do estilo; para Pascal, a pureza espiritual. Mas, como se trata de emotivos, veremos os apaixonados se entusiasmarem por seu trabalho, por mais abstrato ou técnico que possa parecer a outros. Descartes compara a procura da verdade a uma série de batalhas a enfrentar; e Pasteur, em suas pesquisas sôbre o ácido tartárico, mostra, em relação ao elemento que procura, o ardor do amante pela mulher que ama:

"Irei a Trieste. Irei até o fim do mundo. E' preciso que eu descubra a fonte do ácido racêmico, embora tenha que pesquisar os sais tartáricos até sua origem." (XXX, pág. 70.)

A necessidade de um sistema, de uma subordinação hierárquica torna impossível, para um apaixonado, enfrentar tudo ao mesmo tempo, como o faz o colérico. Por mais poderosas que sejam, as fôrças do homem não são ilimitadas: o coeficiente dado a um trabalho é desviado de outro. Para ir tão longe quanto possível, numa direção principal, é preciso desistir de levar avante certos fins secundários. A vida deixa de ser uma jornada descuidosa, o drama substitui a epopéia.

Há dois meios de realizar o equilíbrio sistemático das fôrças: o primeiro é a integração; o segundo, o sacrifício.

A) **A integração** consiste em fazer com que sirvam à realização da obra capital as tendências que, entregues a si próprias, poderiam desviar-se dessa finalidade.

O filósofo Augusto Comte encontra Clotilde de Vaux em 1844. Tinha êle nesse tempo 46 anos. Declara o seu amor à jovem senhora na primavera de 1845. Até então, segundo suas próprias expressões, "dedicara a vida" à "elaboração austera e metódica" de seu sistema.. Tudo o que experimentara, haviam sido "impulsos regulares de amor universal e de contemplação desinteressada". Sabia o que era a humanidade, não sabia o que era o amor. Clotilde trazia-lhe essa revelação.

Seu sistema de idéias já está concluído. Não pode nem alterá-lo — o que seria mostrar-se infiel à evidência de sua razão — nem abandoná-lo — porque é sua própria vida. Deve, pois, integrar o sentimento ao sistema e ampliar êste como religião. Amar a humanidade como êle próprio ama Clotilde — eis o que haverá doravante sob a regência de um único mandamento. Todavia, a integração nunca pode ser pura. A invenção de uma síntese nunca é tão perfeita que evite todo sacrifício. Comte desêjava carnalmente Clotilde. Ceder a essa tentação seria tornar o amor impossível de ser integrado. Precisava, portanto, esquecer seus próprios desejos, submetê-los à perfeição de ser amado e realizar o amor-abnegação em lugar do amor-posse.

A realidade é, aliás, um pouco mais complexa. Clotilde faleceu a 5 de abril de 1846. Durante o ano que êle passou perto dela, Augusto Comte não cessou de reclamar o que êle chama de "penhor irrevogável" e Clotilde não deixou de reconhecer-se "impotente para o que ultrapassa os limites da afeição". O filósofo, por conseguinte, sacrificou menos uma satisfação que êle podia alcançar do que uma felicidade que não podia obter. Pode-se pensar, entretanto, que êle se teria mostrado mais insistente se a própria elevação dos seus sentimentos não o tivesse

contido. Há aqui um conjunto complicado de ações recíprocas cujo andamento geral se pode perceber: o fracasso tornou o sacrifício possível, mas a exigência inicial tornara primeiro o fracasso inevitável. Certos homens, que fazem do amor uma idéia muito elevada, procuram inconscientemente mulheres que, se bem lhes retribuam o afeto, a êles, entretanto, não podem ceder. Como, por outro lado, êles nada fazem para despoetizar a situação, êsse amor permanece freqüentemente platônico. Pode-se, sem dúvida, chamar a isso fracasso, já que pedem o que efetivamente se lhes recusa; mas ver-se-ia, neste caso, com maior razão, um grande triunfo, uma vez que assim mantêm a pureza que constitui, a seus olhos, a importância do amor, assim como o clima de exaltação de que necessita a sua emotividade e que a banalidade de uma satisfação carnal poderia fazer desaparecer.

Mas, qualquer que seja a parte exercida pelas tendências na preparação do fracasso, êste leva os apaixonados à construção de sua obra, enquanto que o nervoso se consola cantando a sua mágoa e o sentimental analisando as circunstâncias de sua capitulação.

B) **O sacrifício**, mais ainda que a integração, põe em evidência o primado absoluto da obra a ser feita ou do valor a servir. O apaixonado não age por impulso: reflete, mas sua deliberação desabrocha em atos: o drama tem um epílogo. Nos casos de obstáculos exteriores a vencer ou de decisões a tomar, trata-se sempre, na realidade, de um conflito íntimo e de uma opção pessoal e de tendências secundárias a desviar ou a conter. O que é preciso vencer, no primeiro caso, é apenas a indolência, o cansaço, o abandono.

A deliberação do apaixonado é dramática, porque se trata de um emotivo que sofre com aquilo que despreza e paga o êxito do que faz à custa da própria felicidade. Também o é porque êle se empenha a fundo no que faz e porque não é possível separar a paixão da própria vida.

Não se trata, nesse caso, de hesitações verdadeiras, que uma vontade indiferente fôsse obrigada a fazer cessar bruscamente por uma decisão gratuita. O que nos oferece aqui a experiência são tendências antagônicas que se combatem mùtuamente num homem cujo caráter não poderia aceitar nem sua coexistência anárquica, nem sua interrupção indefinida. O herói de Corneille, que nos vem à mente ao pensar nisso, é tão apaixonado como o de Racine. Sua consciência moral, não há dúvida, aprova a conduta que êle escolhe, mas não é contudo aquêle ser dócil, guiado apenas pela razão, que por vêzes já foi descrito. É apenas conduzido por outras paixões. O teatro de Corneille não nos apresenta o triunfo da razão sôbre os sentimentos, mas o da avidez, sôbre a ternura. Além disso, a maior parte dos seus heróis tem o tipo de comportamento que descreveremos no próximo capítulo, sob o nome de "Polaridade Marte."

Embora optem diferentemente e se sintam — às vêzes — culpados, os personagens racinianos não deixam, contudo, de renunciar a condutas a que davam valor: Orestes subordina ao seu amor por Hermíone os seus deveres de embaixador, que longe estão de lhe serem indiferentes; e, se Fedra sacrifica a própria honra pela paixão culposa por Hipólito, pelo menos sente o valor daquilo que abandona:

> "...Amo. Não penses que, no momento em que te amo, inocente a meus olhos, eu me aprove a mim mesma, e que o veneno do louco amor que me tira a razão tenha apaziguado minha covarde complacência."
> (Ato II, Cena V, XXI, pág. 597.)

O que procuramos apenas salientar aqui é que, justo ou injusto, terno ou impiedoso, o nôvo equilíbrio ao qual chega o apaixonado é sempre custosamente adquirido. O

agrupamento de fatôres caracterológicos que dá ao homem a capacidade mais eficaz é também o que o predestina às lutas mais emocionantes. Compreende-se assim que o têrmo 'herói" possa designar, ao mesmo tempo, os homens de ação que realizam as obras mais eminentes e os protagonistas do teatro trágico.

## Capítulo V

# OS FATÔRES COMPLEMENTARES

A combinação dos três fatôres principais de que falamos nos permite repartir os indivíduos em 8 grupos, cujos traços essenciais resumimos na Tabela III. Os inquéritos estatísticos de Heymans e Wiersma e os trabalhos de René Le Senne são uma sólida garantia do valor dessa distribuição. Quem quer que faça, aliás, algumas análise de caracteres, ràpidamente o verifica. Certas aproximações não deixam, entretanto, de surpreender. O conciliador Maine de Biran é sentimental como o áspero Kierkegaard. Stendhal, que aconselha redigir "à maneira do Código Civil", é um nervoso, como o terno Loti ou o grandiloqüente Chateaubriand. E o grupo dos apaixonados compreende homens de vidas inteiramente opostas, como Marat e Pasteur, Pascal e Mussolini, Tolstoi e Hegel...

É evidente que uma primeira diferenciação pode ser feita pela intensidade com que atua cada fator, em cada caso particular. Voltaremos ao assunto no capítulo VII, quando falarmos dos "perfis". Todavia, compreende-se logo que uma distinção mais precisa, isto é, uma individualização mais perfeita, exige que se considerem outros fatôres além dos 3 referidos até agora. Não é apenas porque é algo menos emotivo e algo mais secundário que, no grupo comum dos sentimentais, o impiedoso Robespierre se distingue do terno Amiel. Desconfia-se logo

que êles devem opor-se num ponto nôvo — e importante. Tudo se torna claro quando se leva em conta a ambição de um e a ternura do outro.

As pesquisas de Le Senne confirmaram o valor dos resultados obtidos por Heymans e Wiersma. Nosso próprio exame de grande número de casos chega às mesmas conclusões: a emotividade, a atividade e a secundariedade são os três fatôres fundamentais, os que determinam a estrutura básica do caráter. São, em relação a êle, o que é o esqueleto para o corpo humano: os músculos podem acrescentar-lhe algo, mas dêle dependem. Uma carnação delicada faz com que às vêzes o esqueçamos. É, entretanto, sôbre seu arcabouço rígido e duro que ela estabelece a graça de suas formas.

Mas não significa esquecer a importância primordial dos fatôres fundamentais o fato de reconhecer-se que nem sempre são êles os que fornecem os traços mais característicos do indivíduo. Um ou dois dentre êles têm, geralmente, intensidade média. Às vêzes isso ocorre em relação a todos os três, o que torna o indivíduo inclassificável.[1] Seria êrro, então, pensar que se trata de um tipo banal ou indeterminado. O caráter de um equilibrado é tão exatamente definido e não menos interessante que o do ultra-apaixonado ou do nervoso hipersensível. Acontece que êsse homem, no que se refere a êsses 3 fatôres, terá reações médias e que a pesquisa dos fatôres secundários é nesse caso — aliás, muito freqüente — de particular interêsse. O equilibrado, que representaremos pela fórmula "555",[2] é tão reconhecível como o seria numa multidão um homem sôbre quem só se sabe que tem 1,67 m de altura, pesa 66 quilos e tem cabelos castanhos. Acrescente-se, porém, a êsses indícios,

---

1 No inquérito estatístico de Heymans relativo a 2.563 pessoas, 656 delas não puderam entrar em nenhuma das 8 classes previstas pelo sistema.

2 Ver adiante, capítulo 7.

que tem olhos azuis, nariz aquilino e barba espêssa — e eis o nosso personagem delineado. É isso que notaremos em primeiro lugar, se o encontrarmos. Acontece o mesmo com o caráter. Há pessoas sôbre as quais podemos dizer imediatamente que são do tipo "Marte" ou do tipo "Vênus", ou que a ternura é o princípio em tôrno do qual se organiza tôda sua vida psicológica. Sem dúvida, isso é, "em si mesmo", menos importante do que ser apaixonado ou sentimental, mas "para êles" é o que mais interessa.

A interpretação crítica dos algarismos fornecidos pelas estatísticas de Heymans demonstra também que é impossivel atribuir sòmente aos fatôres por êle considerados a determinação de todos os comportamentos observados. Consideremos os resultados obtidos no inquérito biográfico, a propósito da vaidade (XXXII). Reproduzimo-los para os 6 grupos caracterológicos mais significativos:

| | Apaixonados | Sentimentais | Coléricos | Nervosos | Fleumáticos | Sangüíneos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Vaidosos | 24% | 29% | 50% | 55% | 29% | 50% |
| Sem vaidade | 33% | 29% | 50% | 5% | 57% | 10% |

Deixemos de lado as críticas que se poderiam formular à maneira como o inquérito foi conduzido e ao fato de que se negligenciaram as situações intermediárias (que ora não existem: coléricos 50 e 50; ora deixam fora da análise um número importante de pacientes nervosos 55 e 5 — 40 casos, portanto, não computados). Contentemo-nos em interpretar os algarismos obtidos.

Êles demonstram nìtidamente que o caráter dos nervosos os torna particularmente sensíveis à vaidade, já que atingem ao mesmo tempo o algarismo mais elevado para a pergunta direta: 55%; e o índice mais baixo para a pergunta inversa: 5%. Por outro lado, o caráter fleumático, inverso do nervoso, obteve o mais baixo índice para a vaidade: 29%; e o mais elevado para a ausência de vaidade: 57%. A correlação é, portanto, manifesta. Mas também é evidente que a causa determinante não foi atingida, pois restaria estabelecer por que 45% dos nervosos são pouco ou nada vaidosos e por que 29% dos fleumáticos ainda o são.

Os resultados que acabamos de reproduzir provêm do estudo de 105 biografias de personagens célebres. Os que foram dados pelo inquérito estatístico que tinha por objeto 2.159 questionários (reproduzidos por R. Le Senne in I, pág. 145) confirmam, acentuando-os, aquêles de que nos servimos: 54% dos nervosos são vaidosos (índice máximo), 9,3% apenas dos fleumáticos o são (índice mínimo), quando a média geral é de 27,4. A correlação é clara, mas não é inteiramente explicativa. Evidencia uma influência incontestável, porém parcial. Se desejamos verdadeiramente compreender os homens, devemos analisar mais de perto os fatos concretos e fazer intervirem fatôres complementares.

## § 1. Amplitude do Campo-de-consciência

O fator de que vamos falar corresponde essencialmente ao fato de que indivíduos diferentes têm na mente, num mesmo momento, um número maior ou menor de representações diferentes. Em qualquer pessoa, sem dúvida, a emoção ou a vontade podem concentrar a atenção sôbre pequeno número de imagens, de idéias ou de sensações, repelindo ou, mesmo, eliminando outras, que se situam na zona difusa da subconsciência. Mas êsse mecanismo geral funciona em indivíduos que têm, cada um,

seu específico modo-de-ser. Há pessoas que estão contìnuamente tensas, como que "assestadas" a um alvo inidentificado, ainda que não tenham em vista qualquer interêsse excepcional. Outras, mesmo quando um acontecimento importante as concentra, têm sempre um amplo halo em tôrno do que lhes ocupa o centro do pensamento. Se fôsse preciso exprimir com uma palavra, insuficiente porém sugestiva, o que procuramos descrever, diríamos que a oposição entre "amplos" e "estreitos" é a que existe entre o **sonho** e a **precisão** — significando isso não a exigência de precisão nem o prazer de sonhar, mas a maneira natural pela qual as idéias se apresentam espontâneamente à consciência.

Por sua natureza, a extensão do campo-de-consciência está em relação com a vida intelectual. Por conseguinte, não nos surpreendamos ao vermos êsse fator influir sôbre o estilo do pensamento ou da criação artística em grau maior do que sôbre o andamento habitual da vida prática, ou, pelo menos, ao verificarmos que êle exerce sôbre esta uma ação indireta.

Uma distinção freqüentemente empregada apresenta-se, sem dúvida, à mente do leitor: a que existe entre os espíritos analíticos e os espíritos sintéticos. Não deixa de relacionar-se com o que nos ocupa, mas coloca mal o problema, pois os têrmos que apresenta como contrários são bem menos antitéticos do que se pretende. A síntese não se opõe à análise, admite-a. É uma atividade construtora que implica tanto na realidade dos elementos postos em ação como na realidade de sua separação — sem o que a síntese não teria nenhuma razão de intervir. Analíticos e sintéticos têm, uns e outros, campos-de-consciência estreitos. Mas os primeiros, bastante primários e, geralmente, pouco emotivos, contentam-se com o trabalho de decomposição; enquanto que os segundos, para satisfazerem a sua secundariedade e o pendor pelo concreto ligado à emotividade, procuram reunir em sistemas mais ou menos amplos os elementos anteriormente iso-

lados. Em compensação, analíticos e sintéticos, que aceitam divisão em partes, opõem-se juntos aos **intuitivos** que lhes denunciam o êrro fundamental. Para êsses, a análise mata a realidade tão completamente que tôda síntese posterior se torna impossível.

É natural que procuremos nos filósofos os exemplos mais claros dessa disposição intelectual. Descartes é um "estreito" típico. Sua segunda regra do **Discurso Sôbre o Método** nos recomenda a análise, não por prazer, mas porque nosso conhecimento é feito de maneira tal que só podemos apreender elementos muito pouco extensos e, sob certo aspecto, punctuais, das "naturezas simples". A terceira regra justapõe a síntese à análise. Todo o conjunto constitui um "método" cuja função é suprir a intuição imediata de conjuntos de que somos desprovidos, utilizando a permanência dos elementos e a repetição das situações fundamentais.

Bergson repele simultâneamente a análise e o método. A novidade e à originalidade irredutíveis (por conseguinte inanalisáveis) de cada situação concreta deve corresponder um esfôrço nôvo de compreensão global por simpatia.

O que o espírito cartesiano pensa é simplesmente o espaço com suas definições precisas e suas repetições indefinidamente possíveis. O que pensa o espírito bergsoniano — é o tempo. Não o tempo descontínuo que nossos músculos escandem nos ritmos e onde a repetição exerce primordial papel, mas o tempo melódico, onde as durações se fundem umas nas outras e são refratárias a qualquer separação categórica.

Transpondo essa oposição para o terreno da sensibilidade, diremos que os "estreitos" são mais freqüentemente **plásticos**, enquanto que os "amplos" são **melódicos**. Aquêles são secos, precisos, um tanto rígidos; êstes, difluentes, presos aos matizes, às passagens, ao movimento.

Comparemos, por exemplo, dois poetas do século XIX que são, tanto um quanto o outro, nervosos: o "estreito" Baudelaire e o "amplo" Verlaine. Notar-se-á imediatamente a plástica do primeiro, seu ódio à vida, ao movimento, "que desloca as linhas", ao impreciso, ao vago — e, pelo contrário, o espírito melódico de Verlaine, de quem certos versos, sobejamente conhecidos, são como a profissão-de-fé do "amplo":

> "A Música antes de tudo!
> Prefere o ímpar,
> mais vago e mais solúvel no ar,
> sem nada que lhe pese e o imobilize.
>
> E' mister que escolhas as palavras
> Com algum descuido.
> Nada mais precioso que a melodia cinzenta
> Em que o Indeciso se une ao Preciso.
>
> São belos olhos por trás de véus,
> é a luz intensa e trêmula do sol a pino,
> é, num môrno céu outonal,
> O azul mesclado de pálidas estrêlas!
>
> Queremos ainda e sempre a Nuança;
> não a Côr, nada mais que a Nuança!
> Oh! Só a Nuança pode ligar
> o sonho ao sonho, a flauta à trompa!"

(**Art Poétique, XXXIII**, t. I, págs. 313-4.)

Trata-se evidentemente de aspectos caracterológicos, pois tornar-se-á a encontrar em suas vidas, não obstante a aparência geral dos grandes nervosos, o que corresponde a suas oposições poéticas. Ante um Baudelaire afetado, no rigor da moda, "dandy", apresenta-se um Verlaine boêmio e desleixado no vestir.

O estudo dos estilos permite fazer, nessa linha de investigação, muitas observações interessantes. Exige, todavia, vasta pesquisa e a habilidade que só a aliança das disposições naturais e de uma longa prática pode dar.

Não só os diversos fatôres caracterológicos combinam sua ação para agirem sôbre o estilo, que é "o próprio homem", mas também as influências sociais se fazem aqui sentir fortemente: copiamos, sem dúvida, os autores com os quais sentimos afinidades naturais, mas também os de sucesso, os que estão na moda e que pontificam no momento. Conhecemos bergsonianos "estreitos" que quiseram imitar o estilo do mestre, em oposição a seu próprio caráter. Sua obra traduz então a interferência de duas tendências contraditórias. Disso resulta, geralmente, o aparecimento dos "métodos" — outro traço que denota estreiteza, mesmo quando o método visa a imitar a flexibilidade.

As artes plásticas permitem comparações do mesmo gênero. A precisão de Ingres, ao exigir que até a fumaça — que parece pura indecisão — fôsse esboçada por uma linha nítida, opomos a falta de nitidez de Carrière. Às árvores de Poussin, que são colunas, comparamos as de Watteau, que parecem fantasmas. Ao rigor de Mantegna, que realça ou isola os objetos ou personagens, contrapomos um Rembrandt, que submerge os sêres nos jogos da luz e da sombra.

Examinemos de que maneira o mesmo assunto — **O Nascimento de Vênus** — é tratado por Botticelli e por Fantin-Latour. Esqueçamos, naturalmente, o que provém da diferença dos lugares e dos tempos e não nos deixemos impressionar pelo abismo que separa o talento do gênio. Atentemos apenas à maneira pela qual os dois pintores percebem as formas e as traduzem.

A graça e o sonho não estão ausentes do mundo de Botticelli: mas sua graça é a do contôrno preciso e o devaneio de seus personagens distraídos traduz-se pela exatidão rigorosa do desenho. Os olhos, tristes e ternos ao mesmo tempo, fixam "alhures", mas seu mistério e seu encanto não provêm nunca da falta de nitidez da execução. Vênus pousa os pés na concha de onde deve sair, mas nenhum pêso parece aí mantê-la, nenhum im-

pulso se manifesta para fazê-la dali projetar-se. Encontra-se simplesmente "lá", e está como que surprêsa de sua situação. A concha, por sua vez, antes destaca-se sôbre um fundo de vagas, do que realmente pousa sôbre elas. Tudo é justaposto.

O quadro de Fantin-Latour é totalmente diferente. Os personagens são muito mais reais. As mulheres não são contornos cheios de côr local, mas criaturas de carne, bem vivas, cujo sangue flui sob a pele rósea. Mas seus contornos são indecisos. Vênus sai das ondas com tôda a nitidez. Estabelecem-se mil transições imperceptíveis entre seu corpo, a espuma e o ar. A palavra "transição" ainda é precisa demais em face da independência relativa que o pintor parece reconhecer nos têrmos que pretende unir. O que nos apresenta o quadro é, antes, uma realidade única e contínua, sensual e voluptuosa, sem estar ainda inteiramente individualizada.

No "estreito" (Van Gogh, Picasso) o objeto é um contôrno que êle procura encher de determinada côr. No "amplo" (Renoir) é uma "textura" original que se liga às texturas circundantes por um jôgo sutil de transições. E, ainda uma vez, isso é apenas a indicação rápida de análises que devem ser feitas e não a tradução dogmática de análises definitivamente realizadas. A caracterologia é método de investigação, e não compêndio de receitas para serem executadas automàticamente.

Não é sòmente no estudo de um estilo ou na compreensão de um quadro que a amplitude do campo-de-consciência manifesta a sua importância. Encontra-se a sua influência indireta nas circunstâncias da vida cotidiana. O "estreito", por exemplo, demonstra, na discussão, uma teimosia de tipo particular, que não é devida ao apêgo a opiniões antigas, como a originada pela secundariedade, mas que provém do fato de estar totalmente voltado para uma única e mesma idéia. Torna-se então inteirâmente impermeável aos argumentos e, dominado por sua própria evidência, luta com violência que os ou-

tros traços de seu caráter não fariam supor fôsse possível. Fizemos o estudo de uma nervosa de campo estreito, cuja estreiteza era reforçada por forte emotividade e que, apesar de grande capacidade de afeição, de ambição fraca e de polaridade "Vênus" acentuada, podia demonstrar às vêzes extraordinária severidade. A despeito de evidente inteligência, tinha também extrema dificuldade em compreender explicações simples, quando estas exigiam atitude mental diferente da que adotara.

A amplitude e a estreiteza representam também papel importante nas relações intersubjetivas. Os homens se chocam tanto pela forma de seu espírito como pelo conteúdo de suas opiniões. A correção de composições ou provas depende assim, muitas vêzes, menos do fato de que a conclusão possa, como se diz, "desagradar" ao que corrige, do que da analogia ou da oposição que possam existir entre o caráter do candidato e o do examinador, e notadamente de suas amplitudes diferentes. Aquele que aprecia a descrição ágil e una, a análise (que chamará então, com menosprêzo, de "fragmentadora") parece muitas vêzes falta mais grave do que uma conclusão vaga ou mal justificada. Ao contrário, o "estreito" acusa de "literatura" ou, se é mais severo, de tagarelice ou "conversa-fiada", essas mesmas intuições globais com as quais se encantava o primeiro. O quadro sinótico, precioso para o "estreito" muito secundário, ao qual facilita a intelecção das relações, é freqüentemente abominado pelo "amplo", que vê nêle um artifício condenável e que não o tolera senão para as disciplinas às quais é indiferente — e que, no fundo, despreza.

## § 2. Polaridade

O fator a que chamamos "Polaridade" foi-nos sugerido pelo estudo direto de indivíduos vivos. A aplicação que dêles fizemos na interpretação de biografias históricas confirmou-nos sua importância. A estatística nos garante sua realidade.

Nó seu livro sôbre **A Psicologia das Mulheres**,[1] Heymans chega a conclusão bastante negativa. Seu estudo estatístico não fêz aparecer nenhum fator original ligado ao sexo: dever-se-ia sòmente dizer que, no conjunto, as mulheres são mais emotivas e ligeiramente mais ativas do que os homens. O inquérito foi levado a efeito com muito cuidado, mas suas conclusões são demasiado surpreendentes para poderem ser aceitas sem exame. As noções de "masculinidade" e de "feminilidade" precisam ainda, sem dúvida, ser fixadas. Correspondem, entretanto, a uma experiência comum e constante. Será possível admitir que o homem emotivo e suficientemente ativo possua o caráter próprio da mulher média?

Os resultados de Heymans adquirem sua verdadeira significação quando nos lembramos que os dois comportamentos que se opõem como masculino e feminino não são, talvez, **médias** das disposições evidenciadas por um e outro sexo, mas **tipos** ideais, que se podem encontrar em ambos. Nossa experiência parece confirmar o valor dessa hipótese, tendo conseguido identificar um tipo "Marte" e um tipo "Vênus". Empregaremos êsses têrmos simbólicos para deixar bem claro que não são automàticamente vinculados ao sexo.

O estudo estatístico mostra em primeiro lugar que, entre as características que reunimos sob cada uma dessas denominações, há correlações incontestáveis. Estabelece também que há "Marte" e "Vênus" **em ambos os sexos**. Num grupo de 110 homens, por exemplo, que pertençam aos 8 tipos fundamentais de Heymans, encontramos 54 "Marte", 47 "Vênus" e 9 situados exatamente no limite dos dois tipos.

Num grupo de 84 mulheres, havia 35 "Marte", 40 "Vênus" e 9 intermediárias. Há muitos homens "Vênus" e mulheres "Marte", sem que aquêles sejam por isso efeminados; nem estas, viragos.

---

1 Traduzido para o francês por René Le Senne, Paris, Alcan, 1925.

Uma primeira idéia da polaridade nos é sugerida pela biologia. Na conjunção dos sexos, o homem é essencialmente um agressor; a mulher passa — aliás, indevidamente — por um ser que nada faz senão suportar a lei que se lhe impõe. Isto não é exato. A união dos sexos é uma lei e um fim para a mulher, como para o homem: aquêle que acredita impor-se é quase sempre o que foi escolhido e, sem que o perceba, manejado. Aquêle que acredita dominar é dominado. Nem sempre a união é o fruto da vitória do macho. O vencedor é o companheiro que melhor haja realizado sua intenção profunda. De um modo mais lato: não há vencedor nem vencido, mas vitória comum. Se os homens falam de suas "conquistas", é porque saboreiam nessa ostentação a satisfação de seu amor-próprio, do qual as mulheres têm conhecimento, mas que trabalham por fomentar, já que dêle tiram proveito.

O que distingue, neste caso, não é o resultado do combate, mas as funções opostas — e complementares — que nêle exercem os participantes. Fulano se impõe e sente ingênua alegria em mostrar que se impõe. Sicrana nem sempre foge para escapar e nem sempre cede por fraqueza. Sua derrota aparente é freqüentes vêzes sua vitória real e sua fuga é apenas artifício, isto é, um meio original de impor sua vontade. "Tomar para si" não mais caracteriza o comportamento masculino, assim como o dom de si e a abnegação não são o apanágio da mulher. Um e outro desejam determinado resultado. O que interessa é a **maneira** como cada um procede para obtê-lo. Se verificarmos que a atitude que julgamos viril (talvez por tradição) existe em ambos os sexos, assim como existe em ambos a atitude dita "feminina"; se notarmos também que o comportamento sexual se difunde pelo comportamento geral e que a agressividade ou a sedução são disposições que se encontram em tôdas as relações intersubjetivas, poderemos chegar a dois tipos antagô-

nicos denominados "**Marte**", ou a coerção, e "**Vênus**", ou a sedução.

O tipo "Marte" procura a luta, a competição, os tumultos. Se se preocupa com questões intelectuais, será polemista encarniçado, sempre à procura de algum adversário, procurando em tôdas as ocasiões não os pontos com os quais poderia concordar, mas aquêles que lhe permitirão exclamar: "Estou contra!" Não faz concessões — o que equivaleria a deixar escapar a possibilidade de um combate — e o adversário que lhe é mais antipático não é o que o enfrenta, mas o que se furta à discussão e recusa empunhar armas. Sente prazer em atacar seus melhores amigos e fazer dêles adversários, o que é sempre possível, pois existirá certamente algum ponto em que diferirão dêle. Êstes são os polemistas natos, como Léon Daudet e Julien Benda.

Um "Marte" não odeia seus adversários mas faz dêles amigos, como os mosqueteiros de Dumas ou os cavaleiros da lendária Idade Média. Quando Nietzsche, jovem estudante, chega à Universidade, deve, conforme a tradição, travar um duelo. E é o colega pelo qual sente mais simpatia que êle vai provocar. Ética nietzschiana é, ainda, a de Montherlant, que relaciona o amor com a luta, e vê na união dos sexos um combate comparável ao do toureiro e do touro: amar não é ceder nem dar-se, mas lutar contra.

Procurando em tôda parte o combate, o "Marte" sempre o suscita à sua volta. Enquanto o venusiano é um conciliador nato, pronto a captar, nos atos ou nas palavras, aquilo que pode ser ocasião de aproximação e de acôrdo (como Leibniz, decidido a reaproximar as igrejas, fingindo adotar os pontos-de-vista daqueles que êle quer convencer), o marciano acentua as oposições. O êxito que não tenha sido conquistado por veemente luta deixa-o indiferente. O venusiano Leonardo da Vinci, pelo contrário,

"...nada espera da cólera, domina o mundo pela paciência e a doçura; doa-se a êle para conquistá-lo." (XXXIV, pág. 125.)

Se o "Marte" é filósofo, pensará por antíteses irredutíveis, que não tratará de conciliar por artifícios denominados, com maior ou menor propriedade, de "sínteses", mas que forçarão à escolha. "A vida tem, ou não, sentido?", pergunta Maurice Blondel nas primeiras linhas de uma obra (XXXV) que pretende demonstrar que temos uma opção a fazer e à qual não podemos furtar-nos. "Ou... ou", diz Kierkegaard, outro "Marte".

No plano das idéias, os "Marte" estimam-se e respeitam-se entre si, como o fazem na vida prática — mas de armas na mão. Chestov e Husserl, o irracionalista total e o filósofo da razão absoluta, deram-se mùtuamente provas de muita estima e amizade. É que um era o vivo testemunho da importância e da realidade do outro: "Não há senão duas atitudes possíveis em filosofia, dizia Chestov, a de Husserl e a minha". E nutria maior simpatia por êsse leal adversário do que por aquêles que procuravam posições intermediárias. Léon Brunschvig e Maurice Blondel, que se apreciavam mùtuamente, uniam-se num desprêzo comum pelo sincretismo de Leibniz.

Os "Marte", geralmente, são nobres. Amam a grandeza d'alma. Os "Vênus" — como Goethe — são amorosos e nem sempre conseguem evitar a baixeza. O "Marte" procura aquêle ou aquela que encarne o seu ideal. Ama o que admira. O amor cavalheiresco — como o amor corneliano que dêle deriva — convém à sua natureza orgulhosa. O Vênus" aceita passivamente o seu amor e, para conseguir seus fins, acontece-lhe empregar meios pouco dignos. Racine não é mais verdadeiro do que Corneille. Apenas tem uma polaridade diferente — e procura alhures os seus modelos.

Se observamos os 'Marte" de moderada paixão intelectual que a vida nos põe diante dos olhos, encontra-

mos nêles, transposto para o plano dos combates políticos, das concorrências nos negócios ou mesmo dos pugilatos, aquêle gôsto pela luta de que faláramos, gôsto êsse acompanhado de ausência de ódio, isto é, associado à simpatia pelo adversário, sob a condição de que êste seja leal.

M.R.T..., 44 anos, nunca se sente tão feliz como quando tem em curso vários processos e alguns pleitos judiciais. E', no entanto, o menos interessado dos homens, mas ama a luta pela luta. Muitas vêzes a questão poderia ser resolvida com facilidade, mas êle prefere as soluções violentas, que deixam sempre escapar as possibilidades de conciliação. Se bem que ocupe importante posição, tomou parte três vêzes, em quatro meses, nos tumultos de rua e feriu-se num dêsses conflitos. Não alimenta ódio por aquêles com quem rivaliza e faz dêles seus amigos após o caso passado, contanto que hajam sido leais. E' sempre a mentalidade de "mosqueteiro": amamos aquêles a quem respeitamos e a melhor maneira de saber se são dignos de respeito é combatê-los.

O "Vênus", ao contrário, detesta a luta, mesmo quando possui meios de levá-la a têrmo e a coragem ou a indiferença necessárias para suportar os golpes. Assim, detesta aquêle que o obriga a combater, e, se é preciso afinal que se lance à luta, mostrar-se-á um adversário impiedoso.

Eis o venusiano R.G..., que expõe suas idéias e seu programa diante de uma assembléia de comerciantes e de funcionários. Alguém lhe apresenta objeções. Êle as aceita com um sorriso: "Sinto-me feliz, responde êle, com a ocasião que o Sr. X... me dá de expor melhor meu pensamento. No fundo, o Sr. X... e eu estamos de acôrdo porque..., etc." Mas o objetante insiste. O orador venusiano redobra de amabilidade e, desviando a discussão do ponto preciso em que o outro situa a divergência, estende-se pormenorizadamente sôbre tudo aquilo em que poderia haver possibilidades de entendimento. Trabalho vão! O objetante, sem se irritar, mas também sem ceder diante dos sinais de gentileza que se lhe fazem, reitera que está em completa oposição ao que o orador acaba de dizer. R.G... não pode mais furtar-se. Torna-se, então, mais severo do

que conviria, utiliza todos os argumentos que pode achar, até os mais pessoais e os menos indicados, para derrubar, confundir, ridicularizar o homem ao qual, havia pouco, estava pronto a fazer tantas concessões. Sente-se que o ódio o dominou, e o presidente deve determinar um intervalo para evitar incidentes lastimáveis.

O ódio, neste caso, provém do fato de que somos obrigados a fazer a coisa mais desagradável do mundo: batermo-nos. Pela mesma razão, um "Vênus" pode fàcilmente chegar a odiar — ao menos durante algum tempo — a mulher que êle quer abandonar e que não aceita a separação, mas procura, por meio de discussões, persuadi-lo do seu êrro — o que é totalmente inútil. Observa-se isso em **Adolfo**, de Benjamin Constant. Observa-se tal fato, na vida, a todo instante: basta olhar à volta de si.

Já dissemos que o tipo "Marte" é encontrado nos dois sexos. Exemplifiquemo-lo mediante a descrição resumida de um caso:

Senhorita N.D..., 40 anos. Sangüínea para colérica muito primária. Fórmula 482. Polaridade "Marte" acentuada: 8. Avidez quase nula, ternura forte. Nenhum coquetismo: veste-se com simplicidade, às vêzes negligentemente. Usa de preferência costumes, em cujos bolsos adora afundar as mãos. Tem horror às bijuterias (o que nos parece um sinal externo, bastante fiel, de polaridade). Fuma muito, bebe com prazer, mas nunca se embriagou, nem mesmo se sentiu tonta. Procura a companhia dos homens, com os quais age como excelente amiga. Gosta de discutir idéias. Tem horror a tôda hipocrisia e, se é preciso escolher, prefere a brutalidade à complacência. Absoluta necessidade de independência. Não pode suportar nenhuma coerção e reage violentamente a tôdas aquelas que as circunstâncias parecem tornar as mais naturais. Gosta de fazer longos percursos em esqui e circuitos solitários em automóvel; gostaria de andar de motocicleta, o que satisfaria simultâneamente ao seu gôsto pelos exercícios violentos e à sua necessidade de não depender de ninguém. Não hesita em enfrentar grandes riscos, embora não desconheça o perigo nem seja a êle indiferente. Não procura agradar

e despreza o sucesso, mas atribui grande valor à estima de algumas raras pessoas. Vida sexual inteiramente normal.[1] Teve um grande amor ao qual permaneceu afetivamente fiel, mas teve certo número de aventuras nas quais só os sentidos se ocuparam.[2]

E êste exemplo não é uma exceção; tanto assim que temos 3 outras observações às quais conviriam quase todos os traços descritos acima, se bem que uma seja sentimental, e outra, uma apaixonada.

Desejam colocar em face desta mulher "Marte" um tipo de mulher "Vênus"? Em lugar de reproduzir outra de nossas observações, de interêsse sempre relativo para o leitor, que não poderia comparar a descrição ao original, estudemos a personagem Celimena, em **O Misantropo**.[3] Ela é a cocote-tipo, pressionada pela necessidade de ter sempre à sua volta uma côrte de admiradores e adoradores, aos quais nada concede, mas parece tudo prome-

---

1 Isto é importante. As mulheres "Marte" e os homens "Vênus" não têm particular propensão à homossexualidade. "A mulher *que não quer ser vassalo do homem,* observa *com propriedade* Simone de Beauvoir, está longe de fugir dêle: tenta, antes, fazer dêle o instrumento de seu próprio prazer." (XXXVI, pág. 1.001.)

2 O fato de ter tido realmente tais aventuras provém da conjunção de uma emotividade bastante fraca, de uma atividade forte e uma acentuada primariedade. Uma sentimental mais submissa aos princípios e mais atenta às conseqüências, uma ávida, que atribui valor muito elevado ao dom de sua pessoa, teriam neutralizado o poder de sedução do prazer. Mas os sentimentos devidos à polaridade "Marte" conservar-se-iam os mesmos, notadamente a fidelidade profunda ao ser escolhido, que é um ser admirado, e a dissociação que ocorre entre as complacências superficiais e a dedicação intima.

3 Acontecer-nos-á por vêzes relacionar traços ou tipos a personagens dos romances ou do teatro. Não é um êrro de método, mas sòmente utilização de exemplos dos quais o leitor possa ter fáceis referências. Em nossos cálculos estatísticos e na elaboração dos questionários, nunca lançamos mão de personagens imaginários nem mesmo de personagens históricos, mas sòmente de pessoas que se podiam submeter à interrogação direta.

ter. Cada um acredita ter recebido, de sua parte, um sinal de simpatia especial.

Encontra-se num filósofo do tipo "Vênus", como Henri Bergson, mas sem a secura de coração de Celimena, essa necessidade não apenas de agradar, mas tambem de fazer crer a cada um que é êle o preferido entre todos: o próprio Bergson criou uma teoria a respeito, em um discurso sôbre a polidez:

"O perfeito homem do mundo sabe falar a cada um do que lhe interessa: entra nas perspectivas dos outros, embora sem adotá-las sempre; compreende tudo, sem que, por isso, desculpe tudo. Gostamos dêle quase que antes de conhecê-lo; havíamos dirigido a palavra a um estranho, espantamo-nos e nos deliciamos de tratar agora com um amigo. O que nos agrada nêle é a maleabilidade com que sabe descer ou subir até nós, é sobretudo a arte que possui de nos fazer acreditar, quando nos fala, que tem por nós secretas preferências e que não acontece o mesmo com todos; porque é próprio dêsse homem tão educado amar a todos seus amigos igualmente e mais a cada um." (XXXVII, pág. 43, nota.)

A peça de Molière tira uma parte de seus efeitos do fato de que os caracteres dos dois protagonistas, Alceste e Celimena, são violentamente opostos. Não sòmente se opõem como um sentimental e uma nervosa, mas estão vinculados como complementares, de fato como um "Marte" e uma "Vênus". A polaridade inversa une sòlidamente o casal, quaisquer que sejam os incidentes que possam nascer das circunstâncias ou dos outros elementos do caráter. Efetivamente, Celimena ama Alceste, a despeito e talvez por causa de seu humor brusco, e Alceste, por seu turno, malgrado sua lucidez, malgrado o tormento particular que provém de sua forte avidez,[1] não pode renunciar a Celimena.

---

1 Que aparece claramente no seu ciúme, mas também na sensibilidade que demonstra com relação a seu processo, a despeito da recusa em lançar mão de ardis. Pensemos também no seu orgulho: "Quero que me considerem..."

Talvez nenhum fator tenha maior importância, nas relações intersubjetivas, do que a polaridade, sobretudo nas relações entre homens e mulheres. E nada seduz mais na análise caracterológica, do que procurar compreender as razões psicológicas das situações e dos desfechos nos exemplos que a história nos fornece. Homem "Marte" e mulher "Vênus": Napoleão e Josefina. Homem "Vênus" e mulher "Marte": Musset e George Sand, Goethe e Charlotte von Stein, ou ainda Madame de Staël e Benjamin Constant.

Por outro lado, dois "Vênus" juntos são freqüentemente exemplos de traições recíprocas, consumadas ou apenas esboçadas. Dois "Marte" dão o "amor-disputa", quando a discussão não é um acidente do amor, mas a sua razão profunda. Contràriamente ao que se poderia crer, essas uniões "de combate" são muito estáveis, e as discussões não são ocasiões de separação, mas reforçam a estima e o respeito que se tem por um lutador de boa qualidade. Êsse ardor combativo, reforçado pela avidez própria e muitos personagens cornelianos, é totalmente manifesto no célebre casal do teatro clássico, formado por Rodrigo e Ximena. É porque são tão orgulhosos, tão intransigentes, tão inflexíveis, tanto um quanto outro, que se estimam e se amam. Em tais almas, o golpe que se recebe do parceiro, longe de fazer com que seja odiado, consegue simplesmente fazê-lo mais admirado e, por conseguinte, mais digno de ser amado. Poder-se-á pensar, entretanto, que, quando os dois, enfim, se tiverem unido, sua vida em comum não será livre de incidentes... Não obstante, ela deve ser sólida, pois tanto um quanto outro têm alma nobre, e há sòmente uma coisa que o "Marte" não perdoa: a baixeza...

Temos tido ocasião de observar de perto e durante muito tempo um casal formado por dois "Marte" que se amavam profundamente, mas que, nem por isso, deixavam de se dilacerar a dentadas. Nunca, mesmo no auge de suas discussões, conseguimos perceber, nos seus olha-

res furibundos, aquêle ódio que se percebe nos olhos dos venusianos, quando obrigamos a combater. Pelo contrário, a admiração estava patente em todos os seus procedimentos, e poder-se-ia traduzir pelas palavras de Ximena: "Olha, eu não te odeio, não" — o que significa que ela combateu por honra e sem jamais detestar aquêle a quem ela procura ferir.

Estas indicações, demasiado rápidas, possìvelmente bastem para que se sinta o interêsse do fator que procuramos pôr em evidência. Mas uma pergunta se apresenta, talvez, ao espírito do leitor: não se poderia eliminar a noção de polaridade e procurar explicar os traços característicos, que se reúnem sob essa denominação, pelo jôgo dos 3 fatôres fundamentais de Heymans? A independência, o gôsto pela autoridade, o sentimento da nobreza, a combatividade — não proviriam claramente da combinação particular que resulta do tipo apaixonado (E.A.S.)?

A estatística responde, neste caso, de modo negativo. Se há "Marte" e "Vênus" em ambos os sexos, há-os também em cada um dos 8 tipos fundamentais. Evidentemente, quando não se trabalha a não ser com 3 fatôres, pode-se ser tentado a relacionar a polaridade "Marte" com o tipo apaixonado. Assim, far-se-á de Nietzsche um apaixonado, pois é necessário fazer notar a agressividade que está no centro de seu comportamento e que parece ajustar-se mal às características gerais dos sentimentais. Mas lancemos nossas vistas às correlações específicas da polaridade, e Nietzsche aparecer-nos-á imediatamente como um sentimental "Marte". E, logo, seu drama tornar-se-á inteligível. Vê-lo-emos solicitado entre o desejo de mandar e a impotência para afirmar-se.

O que deseja um "Marte", realmente, é subjugar os outros sob a sua lei, mais do que mandá-los fazer isto ou aquilo. A mãe pergunta ao filho: "Queres os ovos quentes ou fritos?" Ela acha, portanto, que ambas as maneiras de servir os ovos são igualmente compatíveis com a saúde de seu filho. "Quero quentes", responde a criança.

"Bem, serão fritos", replica a mãe — que, aliás, ama ternamente seu filho. **Pierre Costals**, de H. de Montherlant, é um nervoso cuja luta angustiada entre a avidez e a ternura torna-o cruel; mas êle é "Marte" e compraz-se em contrariar: "Naquele tempo, ainda rapazinho, quando o mestre de equitação ordenava: "A direita!" — imediatamente nosso gêniozinho forçava as rédeas para a esquerda." (**XXXVIII**, pág. 197.)

O desejo de impor sua vontade pode coincidir com a inteligência que permita encontrar os meios e o caráter apaixonado que lhe assegure a realização. É, por exemplo, o caso de Napoleão, que tinha autoridade e gostava de fazê-la sentir aos outros.

Há apaixonados "Vênus" a quem todo mundo obedece sem que pareçam jamais ordenar qualquer coisa; e sentimentais "Marte" que sempre mandam e nunca são obedecidos. Quando a mulher é uma sentimental "Marte" e o marido um apaixonado ou um fleumático "Vênus" (temos várias observações acuradas a êsse respeito), ela é quem, afinal de contas, segue as diretivas do marido, embora tenha o ar de quem dirige tudo. A mãe resmunga e ordena. Mas é o pai quem é obedecido e quem imprime a tôda a família a direção que lhe apraz.

# Capítulo VI

## OS FATÔRES DE TENDÊNCIA

Submetendo-se a questionários um número apreciável de pacientes, percebe-se logo que a orientação das tendências é, dentro dos limites necessários, largamente independente da estrutura do caráter tal como é ela determinada pelos três fatôres básicos de Heymans.

Aliás, uma das mais importantes aquisições da caracterologia é o fato de ter passado a considerar a oposição entre egocentrismo e alocentrismo — oposição esta proposta por René Le Senne (I, págs. 118 e seguintes). Os modos-de-ser que êle designa por êsses têrmos não têm, para êle, nenhum caráter moral; trata-se ùnicamente de disposições naturais que, em um caso, tendem a colocar o Eu no centro de tôdas as preocupações do indivíduo; em outro, tornam-no dependente dos outros e subordinam seus atos aos sentimentos alheios.

Logo que se aplicam essas novas noções, elas se mostram de notável fecundidade e adquirimos logo a convicção de que tais aspectos não poderiam ser deixados de lado sem que a fisionomia psicológica do indivíduo se veja privada de importantes traços.

No decurso dos últimos anos dirigimos nossas pesquisas particularmente para essas disposições e fomos levados às seguintes conclusões:

1 — A relação egocentrismo-alocentrismo é muito diferente de um fator como a emotividade. Com relação a

esta última, tudo se passa como se uma **mesma** potência variasse, em graus contínuos, desde um nível baixíssimo, que seria a não-emotividade, até a uma intensidade elevada, correspondente à emotividade. Os graus intermediários seriam o índice de emotividade média. Não se pode, portanto, dizer que determinada pessoa é, ao mesmo tempo, emotiva e não-emotiva. Tal afirmação não tem, pròpriamente, sentido algum. Naqueles raríssimos casos em que estaríamos tentados a empregá-lo, poderemos perceber, se aprofundarmos um pouco mais a análise, que a hesitação se deve simplesmente a que existem muitas maneiras de se ser emotivo, ou de não o ser.

A situação é inteiramente outra quanto à relação egocentrismo-alocentrismo. Neste caso não existem, de maneira alguma, graus de uma mesma tendência, mas **direções** diferentes nas quais o indivíduo se sente arrastado por sua própria natureza. Pode-se conceber uma pessoa que não seja nem egocêntrica, nem alocêntrica, ou que seja ao mesmo tempo uma coisa e outra, se fôr solicitada nos dois sentidos. E encontram-se, realmente, na experiência, ambos os casos. Assimilá-los ou reuni-los sob uma mesma cotação média, necessàriamente neutra, traduz mal a realidade psicológica. [1] Parece, portanto, útil, quando se quiser fazer um exame aprofundado, não nos contentarmos em opor, na mesma linha, os egocêntricos e os alocêntricos, o que bastaria uma descrição rápida, mas considerarmos dois fatôres diferentes, cada um com sua intensidade própria.

2 — A idéia de "fatôres de orientação" sugere imediatamente a hipótese de que não haja mais de duas possibilidades, mesmo se se reúnem, em um mesmo grupo, várias solicitações análogas. Procurando efetuar êsse grupamento, fomos levados a considerar 4 direções principais

---

1 Uma nota média, digamos 5, de ego-alocentrismo poderia corresponder a 3 casos inteiramente diversos: Ego 9, Alo 9, Ego 5, Alo 5, Ego 1, Alo 1.

para as tendências do homem — ou, para usar um têrmo emprestado do vocabulário psicanalítico, para suas "pulsões". Acrescentamos assim, às duas direções de que acabamos de falar, a dos "Interêsses sensoriais" e a da "Paixão intelectual".

3 — Se se substituir, numa análise minuciosa, o fator único egocentrismo-alocentrismo por 4 fatôres de orientação, será de tôda utilidade quebrar a simetria demasiado forçada, sugerida pelos dois primeiros têrmos. Chamaremos, então, **Avidez** a um fator de orientação bastante vizinho do egocentrismo, e **Ternura** ao que corresponde ao alocentrismo. [1]

A estatística das fichas individuais de caráter confirma a independência dêsses 4 fatôres. A conversa com os pacientes mostra sua importância para a compreensão profunda dos casos. Seu valor encontra-se atestado também por sua concordância com o que sugere o estudo da evolução das tendências em função da idade.

É evidente que o sentido exato de cada fator se encontra determinado pelas próprias perguntas que se destinam a colocá-lo em evidência. Poderíamos, pois, remeter simplesmente o leitor ao capítulo VIII, onde fornecemos um comentário minucioso do questionário. Mas não nos parece conveniente retomar, por nossa conta, a conhecida frase de Binet: "A inteligência é aquilo que

---

1 Deixamos voluntàriamente de lado, neste livro, tôda exposição histórica ou enciclopédica das teorias e dos métodos e não procuraremos comparar nossos tipos e nossos fatôres aos que têm sido propostos pelos diversos autores. Encontrar-se-á uma tabela comparativa muito interessante, sôbre êsses autores, em *A Ciência do Caráter*, de W. Boven.

Gostaríamos, no entanto, de assinalar, como uma concordância à qual damos valor, que nossos fatôres *Avidez* e *Ternura* correspondem sensìvelmente a *Avidez* e *Bondade*, de que falam Achille-Delmas e Boll em seu penetrante livro *A Personalidade Humana*. Têm também fortes analogias com a *Cupidez* e a *Bondade* que Fernand Janson descreve esplêndidamente no seu estudo *A Vida do Caráter*, de W. Boven.

demonstram os meus testes"; e, parafraseando-a, dizer: "A avidez é o fator evidenciado pelas perguntas do 6.º grupo". Um exame psicológico não vale, realmente, se, a partir de certas observações, não permite fazer previsões sôbre comportamentos não-observados. É mister, pois, que o sentido de um fator seja muito mais amplo que o das operações que serviram para reconhecê-lo. Um teste de atenção não é significativo se não nos ensina mais do que o número de i ou de o barrados em três minutos. É necessário que êle possa relacionar-se à vida dos indivíduos fora do laboratório. Isto quer dizer que implica em tôda uma teoria da atenção. Parece-nos, portanto, necessário, sublinhando a importância dos exemplos citados no capítulo VIII, indicar prèviamente certos traços dêsses 4 fatôres que não aparecem no questionário. Tais indicações permitirão ao mesmo tempo conduzir melhor o inquérito (porque se compreenderá bem aquilo que se deve pôr em evidência) e interpretar os resultados obtidos, pondo a nu as realidades das quais êles são sinais.

## § 1. A Avidez

Um psicanalista brasileiro, Sr. Autregésilo, empregou, para designar a forma mais primitiva do psiquismo, o têrmo expressivo de **Fames**. Em seu princípio, o que chamamos "avidez" é essa "fome",[1] essa necessidade de fazer entrar em si mesmo o mundo exterior e de transformá-lo em sua própria substância. É um impulso surdo e profundo, aquêle do qual, talvez, todos os outros derivam. No entanto, se é interessante seguir suas transformações em função do nascimento do ser, depois em função de seu envelhecimento, não o é menos mostrar as variações profundas de sua intensidade nos diferentes indivíduos.

---

1 Os moralistas usam freqüentemente a noção de *apetite*.

Desejo de integrar em si mesmo e, inicialmente, de tragar; depois, logo a seguir, de conservar, de reter. Repete-se freqüentemente que todo bebê nada mais é do que um tubo digestivo. Também suas relações com o mundo exterior se exprimem, originàriamente, mediante seu comportamento alimentar. Sua avidez poderá consistir em engolir precipitadamente os alimentos ou em retê-los. No adulto, o objeto direto de nosso estudo, essas duas formas são fáceis de encontrar. A primeira é a avidez dos ativos; a segunda, a avidez dos secundários. Isto significa que, já que elas fazem intervir dois fatôres diferentes, poderão encontrar-se ora unidas, ora dissociadas. Napoleão, por exemplo, é um ávido apaixonado, simultâneamente desejoso de adquirir e de conservar. A avidez de um colérico como Goethe é a de um homem consciente de seu poder e que sente que tem mais a ganhar em se lançar adiante do que em permanecer em seu lugar. Tem confiança em suas possibilidades, e sua instabilidade natural transforma em empreendimentos e em aventuras a necessidade que sente de assimilar tudo o que o cerca. Ao contrário, a avidez do sentimental dá a avareza clássica, feita de temor de perder e de inquietação quanto ao futuro, como também de apêgo às riquezas

"Aquêles que não amam o dinheiro senão para despendê-lo, escreve Vauvenargues, não são verdadeiramente avaros. A avareza significa extrema desconfiança dos acontecimentos, que procura garantir-se contra as instabilidades da sorte por uma excessiva previdência e manifesta êsse instinto ávido, que nos força a aumentar, afirmar e fortalecer nosso ser." (XXXIX, pág. 97.)

Cada uma dessas duas espécies de avidez julga-se naturalmente dotada de razão, ignora a outra e se sente levada a julgar com severidade. Verifica-se isso, por exemplo, no plano da psicologia dos povos, nos julgamentos que fazem freqüentemente uns sôbre os outros os americanos e os franceses. Entre os primeiros, os ávidos

são geralmente ativos; entre êstes últimos, são, as mais das vêzes, sentimentais; julgam-se reciprocamente interesseiros; uns o parecem porque fazem incessantes esforços para ganhar sempre mais dinheiro; os outros, porque põem tudo em jôgo para conservar o que têm, mesmo se fôr preciso tornarem-se indiferentes à miséria alheia. Uns calculam em dólares suas aquisições ou seus atos, o que lhes permite valorar exatamente suas atividades. Os outros acham deselegante que se fale de dinheiro, condenando assim de antemão aquêles que viessem a pedir-lhes. Aquêles são duros na luta, êstes na posse. É que os primeiros vêem no dinheiro o símbolo do êxito, o sinal de que sua ação passada era prenhe de valor, e também o meio de agir para o futuro com eficácia ainda maior. Os últimos acham nêle proteção, garantia, segurança. Uns vêem nêle sua fôrça, outros procuram nêle um abrigo para sua fraqueza...

Falando da avidez de um ativo, citáramos mais acima o nome de Goethe. É a ocasião de fazer notar um importante traço comum aos 4 fatôres de tendência: cada um dêstes corresponde a um impulso fundamental que permanece realmente o mesmo em todos os indivíduos em que se encarna, mas que, entretanto, se reveste aqui e ali de facêtas diferentes. Estas formas de expressão variam conforme a tendência se combine com tais ou tais outros fatôres, conforme também a inteligência e as aptidões do indivíduo, conforme, enfim, o emprêgo que faz dêles a liberdade do "Eu". A avidez de um sensual de fraca curiosidade e de medíocre fôrça intelectual resultará no glutão, no homem-de-negócios que não vive senão para o dinheiro, o colecionador de recordes ou de aventuras galantes. (Notemos, de passagem, que êsses traços estão freqüentemente reunidos no mesmo indivíduo.)

Mas há também um desejo de saber, que nada tem a ver com a paixão intelectual de que falaremos mais adiante, e que é sòmente uma sublimação da avidez. É uma espécie de bulimia intelectual que provoca uma

fome desordenada de conhecimentos. Trata-se meter o maior número possível de coisas na memória ou em seu fichário.

"Um homem que digere mal, e que é voraz, escreve Vauvenargues, é talvez uma imagem bem fiel do espírito da maior parte dos sábios." (X, máxima 216.)

Não se deve crer, aliás, que a semelhança entre o apetite e o desejo de aprender não se aplique senão aos casos mais simples, àqueles em que os conhecimentos são acumulados sem discernimento. A assimilação não nos faz sair da avidez; ela cumpre o fim próprio da avidez. Um conhecimento "assimilado" resulta da avidez quando é procurado para o acréscimo do ser, que se pretende, ou dos meios de ação, que êle fornece. Tôda concepção instrumental da inteligência depende, assim, do primado mais ou menos conscientemente atribuído à avidez.

A curiosidade do ávido volta-se essencialmente para os fatos. Quando se volta para as leis, estas não são senão receitas, isto é, meios de acrescentar o poder de que se dispõe. Fazer "seus" os conhecimentos que ainda não se possuíam, "assimilá-los", é locupletar-se de um alimento intelectual que, exatamente como o alimento material, nos aumenta as fôrças e alarga nosso campo-de-ação. Fala-se, pois, com muita justiça, da "sêde de saber" de um homem que "devora" os livros, daquele que "se alimenta" de Montaigne ou de Descartes, da conferência que lhe foi preciso "tragar", de conhecimentos "mal digeridos", etc.

A paixão intelectual é totalmente outra coisa. Afasta-se do pormenor ínfimo dos fatos e volta-se para a razão que os explica. Para ela, compreender nunca é "captar", mas contemplar. Voltaremos a êste assunto mais tarde.

A avidez não se diversifica apenas pelos objetos aos quais diz respeito, isto é, pela qualidade dos alimentos. Estende ràpidamente, para além dos limites do pró-

prio corpo, a zona de seu domínio. E depois, comer nada mais é do que uma forma especial de apossar-se, de possuir. A avidez torna-se muito depressa desejo de posse: posse das coisas, posse dos sêres. Posse como fim em si, e não como meio de prazer. É por essa razão que nada se compreende da psicologia do avarento, nem da psicologia de qualquer ávido, quando se acha que exista contradição em seu procedimento e quando se percebe, com ironia, que se privam do prazer para assegurarem a possibilidade do prazer. Teriam assim deixado fugir a prêsa pela sombra, encarando como fim aquilo que não poderia ser senão um meio. Esta é uma explicação inexatíssima. O avarento que morre de fome sôbre sacas de ouro não é tôlo. Teve exatamente o que queria. O ouro não era, para êle, o meio de possuir mulheres ou de regalar-se com iguarias requintadas e caras. Aquêles que amam verdadeiramente êsses prazeres buscam-nos quando têm meios. O que o avarento goza, ao contar ouro, é o seu poder. Ao aumentar o seu tesouro, experimenta a satisfação do automobilista que melhorou de dois minutos o tempo que levava comumente para cobrir determinado percurso. Dizer de um homem que êle "vale" 50.000 dólares corresponde à mesma disposição de espírito. É que o homem tende a confundir-se com aquilo que possui; encontramos ainda aqui a idéia de assimilação, isto é, a passagem daquilo que se **possui** para aquilo que se é: na minha mão, o fruto é meu; ao comê-lo, êle se transforma em mim mesmo. Narra-se que um avarento dizia antes de morrer: "Quisera diluir todos os meus bens num copo d'água e bebê-lo antes de partir". Entre o ser e o tēr, inúmeros intermediários são responsáveis por insensíveis transicões. A vontade de poder não deseja as coisas senão para afirmar o "eu", e as coisas nada são senão a medida de seu próprio ser. O fundo da avidez é a vontade de ser, de ser mais possível, e de perseverar no ser. É a necessidade de afirmar-se como indivíduo distinto dos outros, que possui interioridade própria, que

constitui um centro autônomo em relação ao qual todo o resto do mundo se organiza e se hierarquiza. A posse não é senão um estádio em direção à assimilação completa; permite ter à disposição tudo o que se puder assimilar mais tarde — como a pessoa que compra maior número de livros do que poderá ler imediatamente. Permite também ampliar a zona de eficácia do "eu", tal como o bastão que prolonga o braço: o dinheiro que possuo, o poder que os outros reconhecem em mim, permitem-me ser obedecido melhor do que o seria sem fortuna ou sem título. Se a posse do dinheiro foi — e muitas vêzes ainda é — o próprio sinal da posse, deve-se indubitàvelmente a que o dinheiro foi, durante muito tempo, um meio quase universal para obtenção de prazer. Era, destarte, a medida do poder, e os homens o desejavam para serem fortes como também para provarem os prazeres que êle lhes podia proporcionar. Assim, o "capital" não é elemento acidental na vida dos homens, que estaria circunscrito a certas circunstâncias ou a certas formas sociais. O que é contingente é apenas a forma de que se reveste, em certos momentos, êsse "poder", ao qual está submetida a avidez. Suprimir sua expressão "capitalista" não é suprimir o desejo que suscita, mas sòmente obrigá-lo a procurar outras maneiras de exprimir-se. É mudar de máscara, mas não renunciar à comédia.

A ação me permite aproximar de mim e tornar consumíveis as coisas que quero incorporar. Recìprocamente, ela é o meio de exibir minhas novas fôrças: ajo para crescer e cresço para agir mais. Círculo sem fim, que é menos o da atividade do que o da vontade de poder. Não se trata de sentir prazer na ação pela ação, na qual se sentiria a satisfação que se experimenta por ocasião de um gesto de desprendimento, fora de tôda preocupação utilitaria: tal atitude estética encontra-se nos ativos não-ávidos com fortes interêsses sensoriais. O verdadeiro motor da indefinida corrida a que nos lançamos à

conquista das coisas — é a avidez: ter para ser mais e ser para crescer e ter mais ainda. Neste assunto, não são nem as coisas, nem as alegrias, que são fundamentais, mas a afirmação do "Eu".

Deve-se estudar o jôgo de influências de um fator em relação aos outros. Vejamos, por exemplo, como se esquematiza o jôgo recíproco da avidez e da polaridade ou da avidez e da ternura.

Se é "Marte", o ávido submete os outros por sua brutalidade e a opressão direta. Se é "Vênus", emprega a sedução e, sem parecer pedir coisa alguma, faz, entretanto, com que os outros sirvam aos seus desígnios. Domina-os com a sedução, mas é sempre seu próprio jôgo que êle dirige. Assim é que, com especial cuidado, se aplica a evitar relações que o tornariam dependente de alguém. Tal comportamento é constante, em particular com relação às mulheres: Luís XI, diz-nos Champion, seu historiador, "não amava, ou amava pouco, as mulheres; elas nos dominam e Luís não queria ser dominado". (XL, t. II, pág. 202). A vida de um "Vênus" ávido, como Goethe, é cheia dêsses subterfúgios com base na avidez, muito diversos daqueles à Rousseau, oriundos de sua fraqueza. Encontram-se também muitos exemplos de tal comportamento em Napoleão — o que justificaria que se lhe tenha atribuído a opinião de que "em amor a verdadeira coragem é a fuga". A "verdadeira coragem" manifesta-se aqui em função da ambição: para afirmar-se a si próprio, convém fugir dos liames, livrar-se, não do mundo, mas da ternura que nos submete a outrem.

A vida de Nietzsche é excelente exemplo do conflito entre a ternura e a avidez. Se soube tão bem descrever a vontade de poder, foi porque lhe conhecia, por experiência pessoal, a solicitação imperiosa. Mas o obstáculo com que deparava não residia na resistência das coisas ou dos sêres, mas na ternura de seu próprio coração. Lutando contra a piedade, era contra êle mesmo que lutava.

Opõe-se com violência ao cristianismo, porque essa religião eleva a piedade ao absoluto; ao mesmo tempo, porém, em suas alucinações, identifica-se a Jesus, o crucificado. Zaratustra era simultâneamente o sábio mais severo e o mais terno. Nessa alma ao mesmo tempo exigente, sensível e lúcida,, o drama é insolúvel. Sabe-se que terminou por um arroubo de personalidade: uma última crise lança-o, a êle, que se pretendia impiedoso, ao pescoço de um cavalo que pisoteava o cavaleiro...

Foi um combate do mesmo gênero, mas com solução diferente, que viveu Pascal, êsse outro ávido de coração terno, com o qual Nietzsche sentia às vêzes tanta identidade. Pascal, cuja avidez se exprime talvez melhor no grito lancinante que lança: "É horrível sentir escoar-se tudo o que se possui." (XLI, pág. 429).

Estas rápidas indicações deixarão talvez perceber como a caracterologia é coisa inteiramente diversa de um jôgo que consistisse em distribuir os indivíduos por categorias artificiais. Os fatôres de tendência acentuam o caráter dinâmico da análise, indicando os outros fatôres o modo como se apresentam e se resolvem os conflitos cujas tendências fornecem os elementos.

A avidez oferece matéria a longo estudo. Apresentamos aqui apenas um esbôço. Completemo-lo ao menos com a indicação de duas manifestações importantes da avidez que auxiliarão a compreender-lhe melhor a significação.

"Ser é agir". A fórmula é corrente. A facilidade com a qual a aceitamos demonstra que existe em todos os sêres — sejam êles os mais ternos — um irredutível substrato de avidez original. Mas são os ávidos que adotam a máxima para dar-lhe um sentido absoluto. Encontramo-la nos políticos ambiciosos e, por exemplo, nos lábios de Clemenceau, que se comprazia em dizer: "É preciso agir, a ação é o princípio, a ação é o meio, a ação é o fim". Encontramo-la nos chefes militares como Lyautey. Não é menos significativo vê-la colocada por Goe-

the — êsse grande ávido — no centro de sua filosofia. Quando Fausto, encerrado em seu gabinete com o diabo, que havia tomado a forma de um cão, interroga a si mesmo sôbre o sentido do Verbo (das Wort), na frase da Escritura: "No comêço era o Verbo", rejeita sucessivamente diversas interpretações. Não quer nem mesmo conservar a palavra "Verbo", nem substituí-la por "Espírito (der Sinn),[1] ou por "Fôrça" (die Kraft). Afinal a inspiração o ilumina e êle "escreve consolado: No comêço era a ação (die Tat)". (XLII, pág. 82.)

Tal preocupação de ação prática une o espírito ao fato, ao "dado", àquilo que existe e que se pode possuir, utilizar ou destruir. É ela que distingue o homem político do sociólogo. Êste procura compreender o que se passa, extrair leis dos acontecimentos sociais; medita sôbre as relações e nelas encontra prazer. O homem político não se interessa senão no que é aplicável. Não quer saber o que une A a B, quando A não existe. Seu problema se prende ao que existe e se traduziria bastante bem pelas perguntas seguintes: "Com o que tenho à minha disposição, que posso fazer de melhor? Meu partido conta com tantos membros, dispõe de tais recursos, pode contar com tais e tais apoios. O que se poderá fazer com isso?" A política consiste na percepção do possível.

Daí provém o gôsto dos homens de ação pelos inventários.

"Tenho sempre presentes os meus relatórios, diz Napoleão. Não tenho memória suficiente para reter um verso alexandrino, mas não esqueço uma sílaba dos meus relatórios. Esta noite, vou encontrá-los no meu quarto, não me deitarei sem havê-los lido... Sinto mais prazer nessa leitura do que sente uma jovem na leitura de um romance." (XLIII, pág. 47.)

---

1 O comentários feito por Fausto é eloqüente. Pergunta a si próprio se é o espírito — o sentido — "que *cria* e *conserva* tudo." Marca assim os dois movimentos da avidez que havíamos diferenciado, a aquisição e a conservação, cuja relação Descartes já percebera.

É o mesmo prazer do avarento contando ouro. Num caso como no outro, medem-se, com admiração, as próprias fôrças. O avarento é apenas um ávido temeroso; o aventureiro, um ávido intimorato. Êles ilustram os dois aspectos de um mesmo desejo. "Fôrça e dinheiro, meios de prazer!", exclama o voluptuoso. "Prazeres, sinais de poder!", responde o ambicioso.

O segundo ponto sôbre o qual desejávamos chamar a atenção é o caráter psicológico de nossas análises. A avidez de que nos ocupamos é uma tendência natural mais ou menos forte, e não uma qualidade moral, ou um vício. Pode, ora inspirar o nobre desejo de se aperfeiçoar indefinidamente, ora traduzir-se pelo desejo insignificante de colecionar coisas, ora enfim estar na origem do desejo condenável de submeter os outros ao seu império. Notemos, por exemplo, que a avidez está na base de uma virtude à qual muitos moralistas atribuem particular valor: o respeito pela dignidade pessoal. Uma mulher ávida atribui tal valor a sua pessoa que recusa indefinidamente entregar-se ao homem a quem ama: pensemos nos escrúpulos e nas negaças da Princesa de Clèves e, através dela, de Madame La Fayette. Em sua vida encontrar-se-ão inúmeros outros testemunhos de avidez: extremo cuidado de sua reputação (muito mais preciosa do que a felicidade do ser amado), uma exatíssima atenção às questões de dinheiro, vivíssima sensibilidade por tudo quanto diz respeito às vantagens materiais.

Opor-se-á a tal comportamento — que se poderia chamar de essencialmente burguês — o comportamento da maior parte das heroinas de Jean Anouilh, que são, as mais das vêzes, amorfas não-ávidas e ternas: mulheres fáceis, que se entregavam ou, mais exatamente, que se deixavam possuir porque isso não tinha, a seus olhos, importância alguma; revoltam-se também contra os va-

lôres burgueses, simbolizados freqüentemente por aquêle que é mais visível e poderia parecer o mais anódino: a respeitabilidade.

Longe de nós a pretensão de julgar aqui o mérito da questão. Contentemo-nos em reconhecer a origem psicológica de certos julgamentos de valor, que pensam traduzir apreciações morais e não fazem senão expressar naturezas individuais. Êste que condena o "laisser-aller" é apenas um ávido, aqueloutro que denuncia o egoísmo inerente à posse não faz senão ceder à atração do prazer... Mas, talvez, já seja tempo de fazer intervir diretamente êsse nôvo elemento.

## § 2. Os Interêsses Sensoriais

Qualquer que seja a importância que se atribua à consciência, é difícil contestar que, num ser vivo a quem se examina exteriormente, a sensação aparece, conforme a expressão de Henri Piéron, como um "guia de vida" (XLIV). Se a assimilação é o fenômeno fundamental da vida, é mister ainda que se faça uma discriminação, em proveito do organismo, entre os elementos assimiláveis e os que não o são, ou mesmo os que são tóxicos. A sensação é um meio de operar com sutileza essa necessária triagem. Há, no conjunto, acôrdo entre o prazer causado pelas sensações e as necessidades reais do organismo. É necessário, aliás, que assim seja, sem o que os sêres correriam todos à perdição e não teriam, mesmo, podido jamais se desenvolver.

Entre os animais superiores, porém, e sobretudo no homem, o prazer pode se dissociar da utilidade biológica. Era sinal, torna-se fim. O homem pode dissociar o prazer de comer da necessidade de nutrir-se e fazer disso o fim de algumas de suas atividades: os antigos romanos tinham-lhe fixado a técnica. O instinto — ou, se se quiser, o reflexo — que, no bebê, provoca a sucção, é a condição necessária de sua alimentação. Mas, após ter sugado para nutrir-se, chupa o polegar por causa da satis-

fação sensorial que daí lhe advém. Na realidade, em ambos os casos, as coisas são um pouco menos simples. A sucção do polegar traz consigo, simultâneamente, uma sensação agradável e a satisfação simbólica de uma avidez que persiste. O próprio beijo, mais tarde, associará ainda, e em proporções diferentes segundo os casos, o prazer dos sentidos ao da posse. Nêle se encontram os vestígios da avidez inicial. Exatamente como a carícia imita, no abraço, o gesto espontâneo de trazer para si e de tomar, o beijo permanece sempre a sublimação da sucção ávida do bebê ou das mordidas no jovem carnívoro. A linguagem, testemunho fiel, faz-nos lembrar, em suas metáforas, que o beijo têm origem alimentar: diz-se "comer de carícias", "devorar de beijos", e as brincadeiras das mães com seus filhos reproduzem, nos risos que nascem do simulacro, o ato de devorar aquêle que se ama...

Ainda aqui, porém, a caracterologia nota diferenças consideráveis entre os indivíduos, quanto à sua faculdade, maior ou menor, de desprendimento com referência à utilidade biológica. Há homens aos quais a sensação quase nunca faz mais do que fornecer um conhecimento. Neste caso, a côr vermelha dêste fruto é apenas índice de sua maturidade e de seu valor nutritivo, e êste ruído de água que murmura e com o qual o poeta se encantaria, não é, para tal homem, senão o sinal de uma possibilidade que tem de dessedentar-se ou de tomar banho.

Para outros, ao contrário, a sensação possui enorme autonomia. Aristóteles nota muito bem que se obtém um primeiro grau de dissociação no conhecimento sensível:

"Todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer; o prazer causado pelas sensações é a prova disso, pois, mesmo fora de sua utilidade, elas nos agradam por elas mesmas." (XLV, t. I, pág. 1.)

Gide sublinha a transferência de interêsse:

"A sensualidade... consiste simplesmente em considerar como fim, e não como meio, o objeto presente no momento presente." (XLVII, pág. 91.)

Se a sensualidade é mais do que um meio eficaz ao serviço da vida, se ela se separa da avidez, distingue-se também do conhecimento abstrato. Sentir é totalmente diverso de conhecer:

"Não me basta ler que as areias das praias são fôfas; quero que meus pés descalços o sintam. Todo conhecimento que não fôr precedido por uma sensação me é inútil." (XLVII, pág. 91.)

Tornar-se-á a encontrar tal opinião no comentário das perguntas que se referem aos interêsses sensoriais. Notemos sòmente agora que a dissociação entre a avidez e a sensualidade ocorre desde a primeira infância. Ei-la, por exemplo, assinalada por um poeta de poderosos interêsses sensoriais — Baudelaire —, em carta ao seu editor Poulet-Malassis:

"O que é que a criança ama tão apaixonadamente em sua mãe, em sua babá, em sua irmã mais velha? Será apenas o ser que a alimenta, que a penteia, lava e embala? E' também a carícia e a voluptuosidade sensual. Para a criança, tais carícias se exprimem sempre que ela tome conhecimento da mulher, — por tôdas as graças da mulher. A criança ama, portanto, sua mãe, sua irmã, sua babá, por causa do roçar agradável do cetim e das peles, do perfume do colo e dos cabelos, por causa do tilintar das jóias, do jôgo de fitas, etc., por todo êsse **mundus muliebris**, começando pela combinação e exprimindo-se até no mobiliário, em que a mulher deixa a marca de seu sexo." (XLVII, pág. 230.)

Importa muito entender-se bem a independência dêsse fator. Perder-se na sensação é subtrair-se a tôda utilidade biológica, a da nutrição que é esquecida, como a

da geração que não está ainda presente. O fato de que, na maior parte dos prazeres dos homens, a alegria de tomar e de ser forte, de ser o mais forte, acompanha quase sempre o prazer dos sentidos, não deve impedir-nos de notar a distinção dos fatôres que se combinam, aqui e ali, em proporções variáveis. A vida das sensações é uma primeira dissociação, no que diz respeito à avidez inicial. Gozar rouba fôrças e tempo à ação. Gozar é perder-se numa contemplação que, por ser, nesse estádio, exclusivamente sensorial, não é menos um ultrapassar do instinto fundamental de possuir e de atrair para si. Se a avidez encontra sua exaltação no triunfo e no jôgo — que é em parte uma expansão exuberante de fôrça — a sensação, quando é verdadeiramente senhora e quando invade tudo, é um arrebatamento. É uma saída de si mesmo, um "ex-stase". Oferece-nos um mundo que se basta. Um daqueles que melhor lhe celebraram os atrativos, André Gide, é perfeito ao captar no estado puro o jôgo das côres, das formas, dos movimentos. Limita-os a êles próprios, isolando-os não sòmente de tôda utilidade direta, mas ainda de tôda inserção num contexto tomado de empréstimo à memória e que faria dêles os elementos de um mais amplo panorama:

"E' do perfeito esquecimento de ontem que eu crio a novidade de cada hora." (XLVIII, pág. 173.)

Encontramo-nos além de tôda idéia de posse, de aquisição, de apropriação:

"Que de maiores delícias haveriam de dar-te esta manhã deliciosa, esta bruma e esta luz, êste frescor de brisa, essa pulsação de teu ser, se soubesses deixar-te possuir inteiramente!" (XLIX, pág. 77.)

Essa doação de si próprio às impressões supõe a renúncia à avidez, supõe uma imprevidência consentida, um abandono de todo preconceito, isto é, de tudo o que talvez introduzíssemos no conhecimento, que proviesse de nossas idéias:

"Não prepares tuas alegrias, ou fica sabendo que, no lugar para elas preparado, surpreender-te-á uma alegria diferente." (XLIX, pág. 41.)

O abandono ao momento presente não é, aqui, sinal de extremo primarismo, já que a consciência subsiste à precariedade da existência: aquêle que convida Natanael a gozar a delicia do minuto que se oferece, não cessa de ter, permanentemente presente, o pensamento da morte, como um "fundo muito escuro" sôbre o qual o instante se destaca com "admirável brilho". E é a avidez — o desejo de arrebatar tudo de si tanto quanto a secundariedade — o gôsto do método e do sistema — que opõe Kierkegaard a Gide, quando o primeiro diz:

"Não conheci o imediatismo; portanto, sob um ponto-de-vista estritamente humano, não vivi. Comecei logo pela reflexão. Não a adquiri com a idade, sou reflexo do comêço ao fim." (L, págs. 67-68.)

É, pois, de pleno direito que o têrmo **estética** designa ao mesmo tempo aquilo que provém da sensação pura e aquilo que diz respeito às belas-artes. A pesquisa psicológica permite constatar o vínculo entre os dois setores. Nenhuma vida estética existe para quem as idéias e os sentimentos significam mais do que sua expressão sensível. Mas também nenhuma vida estética pode haver para quem não se liberta suficientemente do desejo de apropriação e da vontade do poder. Os frutos que o pintor representa serão tanto mais belos quanto mais insubstituíveis pelos frutos reais. A ilusão de óptica é um engôdo no qual o nosso desejo de posse se compraz. Ao contrário, a sensação pura, longe de ser o elemento de que são feitos os nossos conhecimentos elementares, é o que desperta a reflexão do filósofo ou a atenção apaixonada do artista: situa-se além da percepção utilitária.

Sem dúvida, não basta possuir interêsses sensoriais fortes para ser artista. É mister também bastante ativi-

dade para produzir uma obra e não se contentar em sonhar com ela; é preciso, enfim, bastante aptidão para transmitir com êxito o que se sente. Mas não há nem possibilidade de criação plástica, nem sensibilidade para as artes nos indivíduos cujos interêsses sensoriais são muito fracos, como atesta, por exemplo, o caso de Lamartine, terno, mas pouco artista. E nossa experiência demonstrou que, em tôda a parte em que poderosos interêsses sensoriais se uniam a uma suficiente paixão intelectual, a pessoa tinha preocupações estéticas incontestáveis, ainda que as aparências pudessem ser muito diversas.

Quando a paixão intelectual se torna predominante, o desejo de compreender sobrepõe-se ao de sentir e, se as aptidões o permitem, o indivíduo se orienta para a crítica, de preferência à criação. O espírito, neste caso, deixa logo de comover-se à simples contemplação e transforma o espetáculo em problema: apega-se às razões da criação e aos processos que usou. Se o homem, que possui tais disposições, escreve algumas páginas sôbre uma estátua ou um quadro, será mais para explicá-los do que para exprimir sua emoção. Tal é, por exemplo, o procedimento de Paul Valéry. Nêle êsse modo-de-ser vai tão longe que, em seus próprios versos, o mecanismo da criação — cujo estudo chama de "Poética" — tem para êle maior interêsse de que a própria obra que produziu; isso êle mostra muito bem ao dizer que não se considera nem poeta, nem filósofo. Já quiseram ver em tal afirmativa um coquetismo, ou um paradoxo. Acreditamos, pelo contrário, que êle expressava sinceramente o que sentia: seu interêsse orientava-se muito menos para os versos escritos ou para os sistemas criados do que para a compreensão de sua gênese.

A sensação e as alegrias que ela faz nascer ocupam, assim, posição intermédia entre o apêgo a si próprio e o apêgo aos outros ou às idéias. Isto não significa que possam ser estudadas totalmente isoladas. Nunca se en-

contrará o homem em quem um fator atuaria sòzinho, com exclusão de todos os outros. A própria arte é coisa totalmente diversa de um setor reservado apenas aos interêsses sensoriais e já se verificou cem vêzes que ela se esgota ràpidamente quando quer ser, com demasiado empenho, uma "arte pura".

Associados a uma ternura forte, os poderosos interêsses sensoriais resultarão no amor normal (não falamos do amor mais freqüente), aquêle no qual o coração e os sentidos se unem harmoniosamente. Associados a uma avidez forte e a uma inteligência pouco exigente, resultarão na gula e na luxúria vulgar. Quando tal combinação ocorre, a avidez se considera frustrada e cria um complexo de inferioridade — que um temperamento "Marte" torna agressivo: tomba-se na crueldade e no sadismo.

Ao contrário, quando os interêsses sensoriais são exclusivos ou fortemente predominantes, exprimem-se geralmente pelo narcisismo. O coração parece hesitar entre o amor a si próprio, que não basta mais, e o amor a outrem, para o qual o indivíduo não se sente inclinado; e se fixa ao próprio objeto, porém considerado em sua forma externa e como ocasião de prazer, em lugar de ser captado em sua verdadeira interioridade e em seu valor pessoal. Na atitude sensorial, a vida parece abandonar as profundezas do ser e expandir-se à superfície, pelo órgão através do qual se entra em contato com o mundo exterior: pela pele, que é o local das sensações. E é ao narcisismo — não à avidez — que se deve atribuir certo desejo de perfeccionismo incessante, que é menos enriquecimento do que adôrno — situação que encontramos também em Gide:

> "Dir-to-ei, Natanael? Eu me eduquei interminàvelmente. E continuo..." (XLIX).

Narcisismo é ainda o desejo de fazer de sua vida uma "obra-de-arte", que valha por si mesma, uma finalidade sem fim...

O estudo de desenvolvimento psicológico atribui igualmente à sensorialidade esta situação intermediária que o exame psicológico direto dos adultos descobre. René Hubert demonstrou (LI) como os valôres "vitais" do bebê se tornam "sensório-sensuais" na primeira infância, antes que se estabeleçam, em tôda sua importância, as relações com outras pessoas. Ciclo análogo se repete pouco mais tarde, quando, na pré-adolescência, o jovem ou a jovem atravessam um período de narcisismo, depois de amizades apaixonadas, antes de verem o interêsse polarizar-se em tôrno de um companheiro do sexo oposto.

É evidente que os interêsses sensoriais podem fàcilmente se diferenciar conforme os sentidos aos quais mais intensamente dizem respeito. Mas isto não tem importância. O parentesco entre os diferentes prazeres dos sentimentos é grande. Esta não é, para nós, uma idéia **a priori** que poderíamos ter tido antes de começar nosso inquérito; foi o que nos ensinou a observação — e não sem nos haver surpreendido. É freqüente determinada sensualidade deslocar-se de seu objeto; e as sublimações, nesse terreno, são fáceis de observar. Indiquemos agora, simplesmente, o desenvolvimento da glutonaria nos sensuais que querem permanecer castos ou naqueles cuja potência sexual diminui. É na especificação da sensualidade que as circunstâncias e os hábitos são preponderantes, não na sensibilidade geral ao prazer que é mais profunda.

## § 3. A Ternura

"Já notei várias vêzes, escreve Alfred de Vigny em seu **Diário**, que temos em nós o caráter de uma das fases da vida. Nós o conservamos sempre. Um homem como Voltaire parece ter sido sempre velho; outro, como Alcibíades, parecerá sempre criança. E' também por isso que determinado escritor entusiasma os homens daquela mesma idade na qual êle parece haver-se detido." (IX, pág. 282.)

Esta idéia foi muitas vêzes retomada pelos psicólogos. Ferrière, principalmente, tirou dela uma interessante classificação para os fatôres de tendência, mais sensíveis às influências da idade do que os três fatôres fundamentais de Heymans. Isto, aliás, nada retira à solidez das estruturas dos caracteres. A facilidade, maior ou menor, com que determinada tendência se atualiza é, ela própria, um elemento caracterial. Não é porque, em determinada pessoa, o tipo do homem em geral teria sido, em certo momento, prejudicado em sua evolução normal por algum acontecimento exterior, que essa pessoa tenha se tornado muito emotiva; é sòmente porque ela é muito emotiva que ela parece continuar adolescente.

Acontece que aquêle que atribui grande valor às sensações puras, e fica como que flutuando entre o amor de si próprio e o amor dos outros, parece ter conservado algo das incertezas e das ambivalências que marcam a primeira infância ou o princípio da adolescência. Tem-se a impressão de que lhe faltou certo desabrochar. Muitos sêres, em algum momento de sua vida, conhecem as emoções de Narciso. Alguns permanecerão Narcisos durante tôda a existência: é precisamente nisto que reside o seu caráter.

Inversamente, aquêle cuja ternura é forte, manifesta-a desde a primeira infância. Para êle, o estádio narcisista não terá existido. A idéia do ser a amar, o desejo de união sentimental, parece coexistir com o prazer sensual e até, às vêzes, relegá-la fàcilmente a segundo plano:

> "Tôda idéia de prazer sensorial, escreve Rousseau nas Confissões, unia-se em mim â idéia de amor; era isto que me perdia." (LII, pág. 92.)

Os prazeres solitários, então, não são mais do que atos incompletos, não podem subsistir senão pelas miragens de uma imaginação ardente. Se a ternura sobrepuja, ainda que pouco, a sensibilidade, o prazer deixa de

ser fim para tornar-se meio. O beijo não terminou sua evolução ao passar da sucção ou da mordida à voluptuosidade sensual. Pode também ir além dêsse último estádio e mostrar sua finalidade em ser apenas o sinal de determinado sentimento. Será então puro símbolo, cuja materialidade não tem muita importância e que poderia fàcilmente ser substituído por algum outro gesto. Um olhar com o qual se faz a confissão, à qual os lábios se recusam, tem muito maior valor, para o homem terno, do que a posse carnal de uma mulher da qual fôsse mero companheiro de prazer. Rousseau tem os sentidos em chamas, mas o coração mais terno ainda. Destarte aufere mais felicidade de algumas aventuras incompletas do que outros possam auferir em amôres aparentemente mais realizados.

1. A primeira grande correlação de conjunto a assinalar é a que une a ternura à **sexualidade**. O homem terno procura as mulheres, até um Marcel Proust, que não lhes pede a satisfação de seus desejos, até um Lamartine, que as cerca de respeito, ou um Amiel, que faz delas amigas puramente ideais. Que se veja na ternura uma sexualidade sublimada, ou na sensualidade uma sexualidade entravada — pouco importa: são interpretações técnicas, e nós queremos sòmente descrever bem os fatos, respeitando-lhes as ilações.

Em um dos questionários que usamos sucessivamente e que nos levaram, através de uma série de sucessivas retificações, até àquele que se acha neste livro, figurava uma pergunta direta, que determinamos afinal por suprimir por ser de difícil apuração, mas que possuía extremo interêsse:

"Trata com particular interêsse as pessoas de sexo oposto ou as trata sensìvelmente da mesma forma que as pessoas de seu próprio sexo?"

O estudo prolongado de certo número de pacientes, observados não apenas em um ou dois exames, mas tam-

bém na vida cotidiana, demonstrou-nos que, se não sofriam inibição, todos os ternos deveriam responder afirmativamente à primeira das duas alternativas.

O homem terno interessa-se pelas mulheres, qualquer que seja sua polaridade e quaisquer que sejam os demais sentimentos que se acrescentem à sua ternura.

"Amo um pouco a tôdas as mulheres", confessa Amiel (XVII, I, pág. 146); e, na mesma página, aproxima, de forma significativa, a ternura e o amor da mulher: "A única coisa que me interessa são as afeições, são as mulheres." (Id.). E alhures, ainda com maior clareza: "A sexualidade terá sido minha Némesis, meu suplício desde a infância." (XVII, I, pág. 143.)

A confidência de um libertino terno como Stendhal identifica-se aqui com a de um casto Amiel:

"O amor, diz êle, sempre foi para mim o grande problema, ou antes, o único." (LIII, pág. 45.)

Ao contrário, um homem sem ternura, como Luís XI, é pouco sensível à atração do sexo:

"O rei Luís não amava, ou amava pouco as mulheres... Durante todo o tempo que Commines conviveu com o rei, não o viu imiscuir-se com mulheres." (XL, II, págs. 202-203.)

O sentimental sem ternura, que foi Robespierre, era casto, mas,

"...sua virtude se tornava áspera e quase odienta. E' uma de suas facêtas singulares; todos concordam; parece ter sentido, para com as mulheres, uma espécie de antipatia instintiva." (LIV, pág. 207.)

Da mesma forma que o amor, a amizade, tal como a concebem as almas ternas, não é nem uma permuta de serviços, nem a simples ocasião de divertimento intelectual, mas união de duas almas, o dom de si próprio a

outrem, a emoção comum de duas sensibilidades — a simpatia. Quando Amiel suspira: "Sem amigos, como viver?", seu grito tem exatamente o mesmo significado que estoutra declaração do Diário: "A ternura é indispensável à minha vida moral." Tal amizade é da mesma natureza que o amor do homem pela mulher. Um episódio de Voltaire servirá de exemplo. Como Frederico II se espantasse de sua própria indiferença e perguntasse ao poeta porque, em sua opinião, amava êle tão pouco os homens, Voltaire lhe respondeu: "É que Vossa Majestade não ama as mulheres."

O amor e a amizade ternos têm, como fundo comum, o esquecimento de si em proveito de outrem. São as alegrias e as dores dos outros que preocupam. Vê-se o mundo "com os olhos dêles." Como diz a antiga e bela expressão francesa, "on prend son coeur par autrui." Escrevendo a Madame Charbonnier, Amiel lhe pede, que discorra menos sôbre idéias gerais e escreva mais sôbre o que lhe diz pessoalmente respeito:

"Duas palavras sôbre cada assunto, e dez, e cem, sôbre o tema que me interessa mais — vossos pensamentos, vossas esperanças ou vossas tristezas. Desejaria tanto participar de tudo isso!" (LV, pág. 172.) E ainda, no ano seguinte: "Crede — peço-vos, e sem ênfase — que é vossa segurança, vossa paz, vossa felicidade o que desejo antes de tudo." (LV, pág. 173.)

Numerosos fatos atestam, a um mero exame exterior, êsse vínculo entre a sexualidade e a ternura, que a observação direta descobre. É notória a secura de coração dos eunucos e de muitos anciãos. É freqüente, no declínio da vida, vermos ocorrer um acesso de gula ou um retôrno à atividade. Freqüentes vêzes a ternura se esgota nessa ocasião. Não faltam exemplos dessa indiferença dos velhos. Surpreendemo-nos com a calma com que recebem a notícia da morte de um amigo, e que se teme anunciar-lhes. Outros, é verdade, conservam até

o fim o coração sensível, mas trata-se precisamente daqueles cuja ternura era acentuadíssima. Pode-se notar nêles, mais ou menos inconfessada, mais ou menos dissimulada por atitudes paternais, uma sensibilidade persistente para com o sexo oposto, traduzida ora pelo prolongamento efetivo de uma vida sexual, apenas moderada: ora, como em Goethe, por idílios platônicos aos quais a razão recusa qualquer eflorescência; ora por essas atenções particulares e essas emoções a custo percebidas que se notam no comportamento — aliás inteiramente respeitoso — de tal ou qual velho professor em relação a suas admiradoras ou a antigas alunas...

2. Não se escapa à sexualidade nem quando consideramos que o tipo mais perfeito dêsse amor-abnegação, a que chamamos "ternura", consiste no amor materno. Pelo contrário, confirma-se com isso o vínculo que o estudo dos fatos nos sugeriu. A maternidade não se opõe à sexualidade: completa-a. Quando falam sôbre sexualidade, certos psicólogos quase sempre dão ênfase exclusiva à união carnal. Isto se explica pelo fato de que são as proibições sociais que incidem sôbre tal união que estão na origem de muitas angustias. Mas os dramas que podem nascer por ocasião da conjunção carnal não devem fazer-nos esquecer de que o casal é apenas um têrmo de passagem. Não é um fim, mas um meio: um meio para o nascimento do filho. Assim, o caráter de ternura parece-nos confirmado em sua natureza de finalização normal da sexualidade, quando notamos que uma de suas correlações é **o amor às crianças**. Quando o interêsse dirigido às mulheres não se desdobra em outro, dirigido às crianças, é porque tem por origem principal o gôzo sexual. Bom exemplo nos fornece La Fontaine, que nada pediu às mulheres senão a volúpia. Amava com inconstância algumas amigas ocasionais pelos prazeres carnais que lhe proporcionavam e, com uma fidelidade que nenhuma emoção perturbava, algumas amigas escolhidas que lhe dispensavam os prazeres da inteli-

gência. Indiferente à própria família, não dá maior atenção aos filhos alheios. Escreve a sua mulher, em 1663:

"Não te posso dizer como é a família dêsse parente, nem quantos filhos tem; não o notei. Meu humor de modo algum estava de molde a prestar atenção a essa arraia-miúda." (XV, t. II, pág. 564.)

Encontrar-se-ão outros exemplos à pág. 234 nos comentários que se referem à Questão 58.

3. Não pretendemos, entretanto, fazer da intensidade da ternura o sinal revelador de uma potência sexual que tem a mesma intensidade. A forte sexualidade de certos sensuais sem ternura (La Fontaine, Voltaire) bastaria para demonstrar a falsidade de tal suposição. Seria interessante conhecer a intensidade da sexualidade de um indivíduo. Infelizmente não possuímos atualmente nenhum meio prático de obter conhecimentos sôbre o assunto. A psicanálise, neste caso, não nos adianta. Ela permite retraçar a aventura singular de cada sensibilidade e identificar as ocasiões precisas que levaram determinada natureza a se atualizar em tal sentido, e não em outro. Mas a violência da angústia não é proporcional à energia sexual do enfêrmo, e a esquisitice dos comportamentos neuróticos não é índice de sexualidade particularmente vigorosa. Dar-se-ia, antes, o contrário.

Tudo o que os inquéritos podem nos ensinar sôbre o assunto (e não é para negligenciar) é que uma ternura forte nunca é acompanhada por indiferença sexual. Se quiséssemos tentar apreciar a energia sexual total, talvez aproximar-nos-íamos da verdade exprimindo-a mediante uma fórmula, em cuja formação entrariam a atividade e cada uma das quatro tendências, e em que a respectiva importância de cada elemento estivesse representada por um coeficiente conveniente. Ter-se-ia então uma fórmula como esta:

$$\text{SEXO} = \frac{2A + Av + 2Is + 4T + Pi}{10}$$

(A, atividade; Av, avidez; Is, interêsses sensoriais; T, ternura; Pi, paixão intelectual).

É óbvio que se trata apenas de uma indicação ou, se se quiser, de uma hipótese da qual caberia à experimentação verificar, primeiramente, a plausibilidade e, depois, tornar mais precisa. Foi-nos sugerida simplesmente pelo fato de que tem sido nos ativos ternos suficientemente sensuais (tipo Victor Hugo) que temos encontrado a sexualidade mais vigorosa.

4. Outra correlação da ternura é a bondade. Tal afirmação, entretanto, não nos faz abandonar a psicologia pela moral. Qualquer que seja a teoria que se siga, não se pode deixar de reconhecer que existe uma bondade natural que nada tem a ver com o mérito e que reproduz em nós as emoções e os sentimentos dos outros. Esta bondade, que Kant teria chamado "patológica", para mostrar que ela nada devia à vontade nem à razão, é muito diversa da benevolência efetiva. Sem ternura, Voltaire se enreda numa emprêsa cheia de dificuldades e de perigos para fazer triunfar o que lhe parece ser justo. A quantas almas ternas, ao contrário, falta a atividade — e talvez a virtude — que seria mister para transformar em atos positivos a sua simpatia espontânea!

A ternura, apenas, não produz automàticamente a moralidade, mas ainda gera, às vêzes, naquele que a possui, um sentimento de revolta que leva à crueldade e à injustiça. Um emotivo não-ativo, sempre consciente de sua fraqueza, sente-se ainda mais vulnerável, se é terno. Suporta mal o fato de se sentir tão estreitamente dependente de tudo o que aconteça aos outros. Quem é terno e fraco acredita quase sempre que a ternura é que faz a sua fraqueza. Que uma suficiente avidez lhe dê o apoio do orgulho, que uma polaridade "Marte" o leve a enfrentar os fatos de preferência a sofrê-los — e haverá forte

tentação de travar, como o fêz Nietzsche, uma luta sem esperança contra a piedade que sente de si mesmo, e cujo correspondente germânico **Mitleid** significa exatamente "compaixão", "simpatia". No primeiro volume dos **Caminhos da Liberdade**, de J. P. Sartre, há um episódio que ilustra bem essa gênese da crueldade a partir da ternura associada ao orgulho. É aquêle episódio — cruel pelo próprio exagêro e pela espécie de aura de anormalidade que paira sôbre todos os personagens — em que o terno e fraco Daniel tenta, aliás sem concretizá-lo, afogar um galo que êle estima, para demonstrar a si próprio que está além da compaixão e que sua liberdade permanece intata. (**LVI**, t. I, págs. 67-69.) Sem chegarem a tais excessos, quantos sentimentais ternos se tornam duros para se protegerem! Quantos nervosos e sangüíneos ternos forjam um escudo com a ironia, essa "ternura às avessas"!

Destarte, se a avidez é forte, a ternura pode transmudar-se em perversidade.

"Queremos fazer, diz La Bruyère, tôda a felicidade, ou, se não fôr possível, tôda a infelicidade do ser que amamos." (**LVII**, pág. 158.)

Isto significa que a maldade não é o contrário da bondade. Quando esta diminui, o que se encontra no pólo oposto não é a crueldade, mas a indiferença. A maldade tem outras origens. Acabamos de assinalar uma delas — a mais freqüente — a que faz nascer do orgulho associado à fraqueza e à agressividade. Mas a verdadeira crueldade, a que se delicia com os sofrimentos alheios, supõe no cruel a ternura (e, conseqüentemente, a sexualidade), isto é, a participação nos sentimentos alheios. Sòmente o observador superficial se espanta, ao identificar ternura e crueldade no mesmo indivíduo. O diminuto interêsse dado aos sentimentos dos outros, que é precisamente o caso do não-terno, permite sem dúvida ao ávido seguir seu caminho sem se ocupar com os sofri-

mentos que causa; êle é, por conseguinte, incompatível com a crueldade, que não vive senão dêsses sentimentos e faz dêles o próprio objeto de sua atividade.

"A crueldade, nota Stendhal, é apenas uma simpatia sofredora." (LVIII, pág. 284, n.º 1.)

5. Será talvez útil dizer, por outra parte, que a ternura não deveria ser vinculada à emotividade, com a qual, às vêzes, corremos o risco de confundi-la. Há emotivos secos, aos quais, se são muito ávidos, um pequeno arranhão no amor-próprio, por exemplo, ou, se tiverem poderosos interêsses sensoriais e certa paixão intelectual, um espetáculo teatral comoverá ou transtornará. Robespierre é um sentimental sem ternura. Bougainville, ao contrário, é um não-emotivo terno. A ternura é freqüentemente inidentificável nos não-emotivos, sobretudo se são secundários. Nem por isso ela influi menos sôbre seus atos e sua vida interior. Temos uma observação de um fleumático muito frio cujo comportamento, às vêzes algo excêntrico, se tornava perfeitamente compreensível logo que se descobria sua enorme ternura oculta. Atribuía grande valor aos sentimentos alheios; e era, incontestàvelmente, a preocupação do que poderiam sentir que inspirava a maioria de seus atos — não sòmente o desejo abstrato de ser justo e benevolente. Mas usava sua cortesia quase sempre fora de propósito. Tornando-se pouco sensível por sua falta de emotividade, acabrunhado ao pêso de sua forte secundariedade e molestado pelas idéias preconcebidas que êle lhe impunha, cometia constantes disparates a respeito dos verdadeiros sentimentos daqueles a quem amava. A falta de concordância entre o gôsto das almas e aptidão em compreendê-las era acompanhada, aliás, por igual dificuldade em exprimir aos outros os próprios sentimentos. Suas excelentes intenções passavam muitas vêzes despercebidas. Acreditavam-no insensível e egoísta quando era apenas pouco hábil em se fazer conhecer tal como era.

Quando não são levados em conta os fatôres complementares e principalmente aquêles que correspondem às tendências, somos levados ora a reunir indivíduos totalmente diferentes no mesmo grupo, ora a colocar um indivíduo no grupo a que não pertence mas cujos comportamentos, sob certos aspectos, se assemelham aos seus. Assim é que, na classificação de Heymans, Voltaire figura entre os sangüíneos. Isto é recusar-lhe a emotividade, quando o que lhe falta é sòmente ternura; dá muitíssima importância a pequenos detalhes, perturba-se vivamente com o menor incidente e passa a vida em perpétuo estado de eretismo. Sua emotividade é tal que um de seus melhores biógrafos e críticos, Torrey, faz dela o traço dominante de sua personalidade:

"Há, escreve êle, numerosas provas da natureza intensamente emotiva de Voltaire. Uma profundidade pouco comum de sentimentos e um elevado grau de sensibilidade foram a causa e a origem de suas melhores obras em verso e em prosa." (LIX, pág. 38.)

E o capítulo III de seu estudo é intitulado: "Um temperamento emotivo: irritabilidade e sensibilidade."

Consideramo-lo um colérico sêco e julgamos que uma boa forma de apreender ao vivo a influência da ternura será compará-lo a Victor Hugo, que é um colérico terno e mais emotivo do que êle, mas que é, como êle, ávido e sensual. O desacôrdo se manifesta também no concernente à paixão intelectual, moderada em Hugo, intensa em Voltaire.

Para estudar a influência da ternura separadamente dos demais impulsos, o caso típico é o de Lamartine, de grande intensidade. Lamartine é desinteressado, pouco sensual (ainda que sua vida sexual pareça ter sido normal) e, quanto ao exercício puro da inteligência, tem apenas moderadíssima tendência.

Para terminar, construímos pequena tabela para mostrar como os diversos fatôres se combinam para darem algumas das mais conhecidas formas de amor:

E + Is + T = Amor-paixão
T + nIs + nAv = Amor etéreo
T + Av = Amor possessivo e tirânico
E + A + T + Marte (em ambos os parceiros) = Amor-disputa
Is + P + nT = Amor-capricho
nT + Vênus = Coquetismo
nAv + nIs + T + Pi = Amor filosófico
nT + Is + Pi = Marivaudagem (Amor libertino)
T + nE = Amor-gôsto
nE + Marte + nIs = Amor-estima.

## § 4. A Paixão Intelectual

Não será inútil repetir que nenhuma das quatros tendências, que procuramos distinguir, jamais se encontra em estado puro. Sem avidez, embora em grau mínimo, nenhum ser vivo poderia sobreviver; também não o poderia, sem a ternura, primeiramente porque seria, aos olhos dos outros, uma espécie de monstro, e também porque seria incapaz de simpatizar com alguém e, porconseguinte, incapaz de compreender os sentimentos alheios — o que seria para êle um perigoso ponto fraco. É ainda mais evidente que, se nenhum interêsse nos ligasse às sensações, a vida tornar-se-ia impossível. Para exercer sua função de guia, a sensação não deve apenas ser experimentada: deve ser apreciada, provada, isto e, saboreada. Entretanto, um ou outro dêsses apetites às vêzes domina quase que exclusivamente. Ao contrário, quando se trata de paixão intelectual, parece que estamos tão longe dos impulsos biológicos fundamentais que não poderíamos identificá-la como tendência absolutamente dominadora. É, em realidade, como que estranha à vida — à vida dos indivíduos, que a avidez preserva, e à da espécie, cuja propagação as diversas formas de se-

xualidade asseguram. Ela é o desejo de saber e, sobretudo, de compreender, fora de tôda utilidade prática e de tôda preocupação pragmática.

Ora, tal tendência é, mais do que as outras, difícil de isolar. A curiosidade de Leonardo da Vinci, por intensa que haja sido, trai uma avidez fundamental por dois traços principais: visa, acima de tudo, a armazenar conhecimentos; para êle tudo é bom, não quer perder nada. Entretanto, permanece, no fundo, um engenheiro; coleciona receitas e as vende como "serviços". O essencial, a seus olhos, não é que "saiba" tudo, mas que saiba "fazer" tudo — quadros, máquinas de guerra, pontes ou igrejas.

A curiosidade de Montaigne, negligente, atenta aos pormenores, preocupada com mil historietazinhas particulares, não se preocupa em compreender, a todo preço, o que acontece. Montaigne escreve para seu próprio prazer — e para o nosso. Mas se nos ensina o que é a natureza humana, não é porque tivesse procurado desvendar-lhe os segredos:

"Desejaria possuir mais perfeita compreensão das coisas; mas não quero comprá-la tão caro quanto custa. Minha intenção é passar calmamente, e não afanosamente, o que me resta de vida: não há motivo algum pelo qual desejo quebrar a cabeça, nem mesmo pela ciência, por maior valor que possua." (LX, t. I, pág. 428.)

Agora percebemos bem a diferença entre a paixão intelectual, que é **desejo** de compreensão, e a inteligência, que é **capacidade** para compreender. Montaigne não possuía a primeira qualidade em grau suficiente para dominar sua inatividade, mas encanta-nos porque possui a segunda em grau eminente e porque, através de uma história despretensiosamente narrada, atinge o essencial sem esfôrço. Alguns sábios são tolos; Montaigne é um preguiçoso genial.

A curiosidade de Goethe foi universal. Mas ainda neste caso, ela acompanha uma avidez tão forte que es-

pecifica melhor as conquistas às quais o poeta se há de lançar do que consegue livrá-lo de todo desejo de posse. Êle próprio sabe muito bem que tudo desaparece diante de seu apetite de perfeição pessoal:

"Esta ambição de elevar aos céus, tão alta quanto possível, a pirâmide de minha existência, cuja base me foi doada, sobrepuja tudo e me permite apenas alguns instantes de abandono." (LXI, pág. 43.)

E quando fixa as regras da sabedoria, não omite a máxima que aconselha "ficar atento para não deixar passar um só dia sem haver adquirido algum conhecimento". Se se conserva aberto ao mundo, é antes para assimilá-lo e crescer, mais do que para saborear a alegria desinteressada de havê-lo compreendido. André Suarès percebeu-o muito bem:

"Goethe não estuda incessantemente apenas para aprender, ou para saber tudo. Estuda para ser. O conhecimento em si mesmo não é seu verdadeiro objetivo. Seu tudo é a vida." (LXII, pág. 189.)

A paixão intelectual deixa-se perceber melhor em Descartes. As discussões que tem com Hobbes permitem-nos apreender ao vivo a oposição de dois espíritos muito diversos. O filósofo inglês, dócil às sensações, possui sobretudo extrema avidez, que o torna escravo da prática. Se despreza as "idéias puras" e quer sempre transformá-las em imagens, não é simplesmente porque seja incapaz de se libertar do sensível, é sobrtudo porque pensa ùnicamente na ação e nos seus instrumentos. Quer mudar o mundo e, em primeiro lugar, modificar o mundo social para libertá-lo daquele que é, a seus olhos, o mais terrível dos flagelos: a guerra civil.

Descartes, certamente, não é uma pessoa sem avidez. Quer que sua filosofia frutifique em aplicações práticas.

Entretanto, jamais fala como técnico. O que o guia é a ordem das razões, e não a da urgência, à qual, pelo contrário, acha de se subtrair, colocando a contemplação no ápice da escala das perfeições, exatamente como havia colocado a evidência na base de todo saber. Habita nêle o desejo de explicar; para êle, os fatos não são materiais a armazenar, mas problemas a resolver.

Que a paixão intelectual domina em Descartes, é o que atesta a indicação que nos dá daquilo que, na sua opinião, mais gravemente ameaça a descoberta da verdade. Não são nem os atrativos do prazer, nem as seduções da ternura, nem a fôrça do interêsse, que êle teme (Bacon, que vive no mundo, conhece melhor do que êle o perigo dêsses "ídolos"). O grande perigo, aquêle do qual toma consciência nêle próprio, é o da "precipitação", isto é, o desejo de compreender tão ardente que faz nascer em nós, depressa demais, a sensação de certeza e nos desvia da estrada da evidência.

E um estado de espírito análogo que encontramos em Aristóteles. Sem dúvida, conhecemos muito pouco sôbre sua pessoa para nos permitir muitas hipóteses caracterológicas a seu respeito. Pelo menos vemos afirmada nêle, com particular ênfase, a verdade — eis seu valor maior e sua função essencial.

Entre os modernos, sôbre os quais temos documentação mais copiosa, Paul Valéry é, indubitàvelmente, um daqueles em quem identificamos a mais pura paixão intelectual. Mais do que qualquer outro escritor, êle se desinteressa por suas obras:

> "Pretendem que eu represente a poesia francesa! Consideram-me um poeta! Mas pouco me importa a mim a poesia. Não me interessa senão por ricochête." (LXIII, pág. 749.)

O que lhe interessa é a "Poética", isto é, a criação. E na criação, não é a aprovação que o preocupa — o que

seria ainda sinal de avidez — mas o mistério da criação. E boceja quando lhe contam anedotas que teriam deliciado um Proust ou um Montaigne.

"Os fatos me aborrecem. Dizem-me: "Que época interessante!" E eu respondo: "Os fatos são a espuma das coisas. E' o mar que me interessa..." (LXIV, pág. 7.)

O que, por vêzes, impede que se reconheça nêle, em tôda evidência, a preponderância incontestável das exigências intelectuais, é o fato de que estas se unem a uma constante preocupação de forma. Não são as idéias que êle procura, mas aquilo que chama de "sensações abstratas".

Paul Valéry sentia dentro de si a paixão de compreender em grau suficientemente forte para que lhe sobreviesse o desejo não de construir-lhe a teoria abstrata, mas de mostrá-la em ação num ser fictício, cujos atos sòmente ela inspiraria. O personagem imaginário M. Teste, que sua própria pureza torna inumano, foi concebido "entre estranhos excessos de consciência de si mesmo", expressão esclarecedora porque demonstra bem que a paixão intelectual funciona à maneira das outras paixões. Criando Teste, Paul Valéry nos diz "que tendia, ao extremo, para o desejo insensato de compreender". Levava, portanto, ao mais alto grau êsse desprêzo da literatura, que jamais o abandonou e cuja origem se compreende quando êle próprio explica que "o ato de escrever exige sempre certo sacrifício do intelecto".

Teste não vive; contenta-se em pensar. Êle **"matou o títere"**. Vive apenas para as satisfações intelectuais, isentas de todo vínculo pessoal, libertas de tôda sensibilidade: "Amar, odiar — situam-se bem abaixo de tudo isso". Êle, porém, não é nem escritor, nem filósofo — pois quanto mais se escreve, menos se pensa.

Personagem, evidentemente, que não poderia existir, porém precioso para o psicólogo, diante do qual se apresenta como o desenho de uma estrutura abstrata plena

de significação. Podemos também servir-nos dêle como reativo num exame caracterológico muito esclarecedor, que consiste em recolher os julgamentos feitos pelas pessoas estudadas sôbre tipos históricos ou literários de traços marcantes.

# Capítulo VII

## O SENTIDO DA ANÁLISE

A análise à qual submetemos as pessoas que desejamos estudar tende a avaliar a importância dos 9 fatôres que acabamos de descrever. O processo consiste em obter respostas a 9 séries de 10 questões, cada uma das quais pode comportar duas respostas opostas e uma resposta intermediária, às quais fazemos corresponder os algarismos 9, 5 e 1.

Sendo 9 o algarismo máximo, a nota 5 exprime uma disposição igualmente afastada de cada um dos extremos. Reservamos 10 perguntas para cada fator, porque era preciso uma quantidade suficiente delas para atenuar as perturbações acidentais, mas também para fazer aparecerem as diferentes intensidades que um mesmo fator pode ter. Era preciso, no entanto, uma quantidade de perguntas suficientemente limitada para que o exame não fôsse nem demasiado longo, nem fatigante demais. Em condições normais, obtêm-se as respostas às 90 perguntas em cêrca de hora e meia. É a estimativa máxima; o ideal seria o exame que não ultrapassasse uma hora.

O total dos numeros obtidos em cada grupo de 10 perguntas, dividido por 10, dá a medida da intensidade do fator. Notar-se-á que esta pode variar de 10 a 90, com 20 graus intermediários, enquanto que as respostas a cada pergunta devem receber apenas os índices 1, 5 ou 9.

Poder-se-á conceber um método mais complexo, porém mais exato, baseado no fato de que cada pergunta coloca sempre em jôgo vários fatôres. Cada resposta valeria então para todos os fatôres a que se refere, recebendo cada um dêles o número da resposta (9, 5 ou 1), afetado de um coeficiente proporcional ao papel que êsse fator desempenha na determinação da resposta. Cálculos estatísticos permitem determinar tais coeficientes.

Julgamos que tal aritmética interpretativa será de maior utilidade só mais tarde, quando o questionário que propomos tiver sofrido um "polimento" mais prolongado e houver sido aplicado a um número maior de pacientes do que aquêle sôbre o qual trabalhamos. Parece-nos mais científico, no estado atual de nossos conhecimentos, evitar ao caracterólogo cálculos longos e fastidiosos, que apenas lhe dariam uma falsa precisão, e pedir-lhe que aplique tôda sua atenção à compreensão de cada caso.

Isso nos leva a fixar o sentido que é mister atribuir à notação numérica que propomos, o que não deixará de suscitar duas espécies de críticas opostas. Uns acharão que os algarismos não são válidos, porque o psicólogo intervém na sua escolha. Outros julga-los-ão arbitrários, mas por motivos inversos; e opinarão que à personalidade repugna, por essência, tôda expressão quantitativa.

Respondemos aos primeiros que, apesar da parte pessoal que o psicólogo tem na interpretação, dois caracterólogos treinados obtêm, na realidade, resultados concordantes. Acalmemos, outrossim, as justas apreensões dos segundos, assegurando-lhes que não pretendemos "medir" coisa alguma; desejamos sòmente "assinalar". Desde que nos abstenhamos de lhe atribuir valor abstrato, o algarismo aparece como o melhor meio de exprimir as relações com flexibilidade. Ao contrário do que diz comumente, o número é menos "duro" do que a palavra.

Substitui a oposição maciça de emotivos e não-emotivos pela contínua progressão dos graus de emotividade. Seguirá mais de perto a natureza, que nos mostra que há muito mais indivíduos com 5 de emotividade do que com 8 ou 2. e que há pouquíssimos com 9 ou 1 — o que não se coaduna com a divisão bipartida. A notação numérica permite, sobretudo, comparar os fatôres entre si e atribuir a conveniente importância à sua relação, tal como aparece, por exemplo, no perfil.

O perfil é, efetivamente, um elemento original e essencial do estudo caracterológico. Exprime, sôbre determinada individualidade, aquilo que a linguagem expressaria mal. Permite também preencher o hiato que, sem êle, existiria entre os fatôres e os tipos: após havermos descrito, de maneira estática, o emotivo, o não-emotivo e o secundário, descreveríamos o sentimental, que possuiria essas propriedades "novas" e "originais", que alguns se comprazem em reconhecer nas sínteses.

O estudo das relações permite escapar a essa metafísica nebulosa. O que há de nôvo na síntese são as relações dos elementos entre si. E essas relações são precisamente aquilo de que o indivíduo tem consciência, e tão claramente que se poderia dizer que o indivíduo se compreende a si mesmo segundo o perfil que tem, enquanto que compreende os outros segundo a intensidade de cada fator considerado isoladamente.

Um apaixonado atormentado, que tem como fórmula o algarismo 967 (para nos limitarmos aos 3 fatôres de E, A e de S), não sente sua natureza de maneira muito diversa da forma segundo a qual um sentimental da fórmula 745 se sente viver. É, de certa forma, a mesma melodia que êle reproduz, apenas transposta à oitava superior, vivida com maior intensidade. Mas, para aquêle que, de fora, compare o passional e o sentimental, a diferença é considerável: um realiza coisas com as quais o outro se contenta de sonhar. No entanto, o passional que tomamos como exemplo não experimenta nêle próprio

senão a penosa tensão entre sua emotividade vibrante e sua insuficiente atividade: esta relação é que é, para êle, o dado imediato. A sociedade, ao contrário, tende a fazer passar os sentimentos individuais a segundo plano. Compara os indivíduos uns aos outros em relação, por exemplo, a um mesmo perigo ao qual estejam expostos ou em referência a um idêntico trabalho que lhe seja exigido. Poder-se-ia traduzir isso dizendo que os números que exprimem cada fator, tomado isoladamente, fornecem a medida social do indivíduo, enquanto sua relação, isto é, o perfil, traduz sua experiência própria, sua vida psicológica.

As mesmas observações valem para a comparação de fatôres de tendência entre si. Um indivíduo que tem 8 para a avidez, para os interêsses sensoriais, a ternura e a paixão intelectual, sente o coração repartido, como aquêle que tiver 2222 ou 4444. O indivíduo cuja fórmula seja 8434 é dominado pela avidez como também o que tiver 6212. Há, apenas, ainda neste caso, uma transposição de registro, que exalta os conflitos ou os acalma. Mas, neste como naqueloutro caso, o que o indivíduo experimenta, o que sente é a **luta** expressa pelo desenvolvimento entre o perfil e o **lado** que tal perfil apresenta como o mais fácil de apreender.

É mister, pois, manter a irredutibilidade do perfil à denominação. Sob certos aspectos, Montaigne assemelha-se a La Fontaine porque são, um e outro, amorfos e porque tôdas as suas reações são atenuadas pela fraca intensidade que, nêles, possuem os fatôres fundamentais. Entretanto, diferem no perfil, que aproxima Montaigne dos sangüíneos e La Fontaine dos nervosos. A determinação dos perfis, que torna possível a notação numérica, permite identificarmos dois tipos de semelhanças — as que existem entre dois indivíduos do mesmo grupo (os passionais 979 e 797, por exemplo) e os que existem entre indivíduos que pertençam a grupos diversos, mas que possuam perfis idênticos ou análogos (o passional 969 e o sentimental 746).

Talvez seja êste o momento de dizer que a noção de fator não tem, em todos os casos, a mesma significação. Temos tido o cuidado de afirmar que nossa análise tencionava simplesmente transmitir uma experiência clínica e que não tinha a pretensão de atingir a causa que, realmente, **produz** os comportamentos observados. Acontece que aquilo que se possa supor "por detrás" das correlações registradas tem caracteres muito diversos, conforme o fator que se considere.

Como disse muito bem Charles Baudouin (**LXV**, págs. 147 e seguintes) as diferentes sondagens caracterológicas distinguem-se tanto pelo sentido atribuído aos fatôres como pela descoberta dos fatôres no interior de um mesmo campo.

A emotividade e a atividade são fatôres **intensivos.** Falar de uma "forte" emotividade, de uma atividade "poderosa", não são quaisquer metáforas. Não pretendemos resolver, nem mesmo equacionar aqui os problemas suscitados pela existência de grandezas de intensidade. Acontece que, para a consciência imediata, tais grandezas existem, mesmo se são o resultado de interpretação inconsciente do qualitativo puro.

Atribuímos, ao contrário, à palavra "fator" um sentido muito diverso quando o aplicamos à amplitude do campo-de-consciência, à polaridade e à secundariedade. O secundário não é alguém que possua em alto grau uma potência — por exemplo, a de sistematizar — que o primário possuísse em grau menor. É um homem que tem um "modo" diferente de pensar, de agir, de sentir, de recordar-se... Pode-se falar aqui de **fator de estilo,** ou de modo-de-ser.

Os fatôres de tendência exprimem ainda outra coisa. Não designam nenhuma potência interior, nenhum modo-de-ser generalizado de comportamento, mas uma **direção** na qual o indivíduo se sente mais ou menos fortemente solicitado. É a **repartição** da energia psicológica que é aqui sugerida; e, se se quiser procurar um fator

de potência, será mister, para obtê-lo, acrescentar, afetando-os com os coeficientes convenientes, os 4 fatôres de tendência.

Tais fatôres de direção permitem compreender-se o jôgo das compensações, transferências e sublimações que Charles Baudouin descreveu sob o nome de "Mobilização da Energia" (LXVI). Eis aí uma noção fundamental da psicologia concreta, que Cabanis já percebera quando escreveu que

> "...a sensibilidade se comporta à maneira de um fluido cuja quantidade total está calculada e que, tôdas as vêzes que se lança com maior abundância num dos canais, diminui proporcionalmente nos outros." (Citado por Stendhal em seu **Journal**, **IX**, pág. 253.)

# Capítulo VIII

## ILUSTRAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Êste capítulo deverá permitir melhor compreensão do sentido dos fatôres e facilitar a conduta da análise. Cada questão está ilustrada com numerosos exemplos que permitem enquadrá-la na paisagem da vida concreta; ajudarão também o caracterólogo e seu paciente, no decurso de sua pesquisa comum, a tomarem consciência da diversidade dos tipos. Alguns hesitarão, realmente, diante de certas pesquisas que pareçam sem interêsse, ou diante daquelas que achem não possam ser respondidas. Mas esta é uma impressão subjetiva, pois não são as mesmas perguntas que embaraçam indivíduos diferentes. A pergunta que desconcerta determinada pessoa é precisamente aquela em que estoutra reconhece algum traço essencial de seu caráter. Os exemplos que se aduzem aqui patentearão essa variedade de reações e ajudarão os psicólogos a reconhecerem as de seus pacientes.

### § 1. Emotividade

Questão n.º 1 — *Atribui muita importância a pequenas coisas que sabe não serem importantes? Sente-se, às vêzes, perturbado por ninharias?* ............ 9
*Ou é perturbado apenas por fatos graves?* ........ 1

Esta é uma questão das mais importantes. Quase todos os emotivos respondem afirmativamente à primeira

alternativa, que corresponde ao 9. Os emotivos que respondem à segunda alternativa 1 são, no maior número de vêzes, aquêles que não compreendem bem o que se lhe pergunta e que, faltos de reflexão, medem a gravidade de um fato pela violência de sua própria reação. É, entretanto, o paciente — e só êle — quem deve decidir, pois a importância de determinado acontecimento é sempre algo subjetivo. Devemos evitar o êrro daqueles pais que consideram causas fúteis aquilo que faz com que seus filhos chorem ou pulem de alegria. Êles mesmos se afligem com freqüência por motivos que outros julgariam ridículos. Não é a legitimidade de tal ou tal afirmação que está em pauta: somos psicólogos, e não moralistas. Destarte, uma menina pode não ser forçosamente muito emotiva, só porque chora muito tempo por causa de um vaso quebrado, mesmo quando lhe oferecem outro como substituto. Essa ninharia é talvez, para ela, um acontecimento da mais alta importância.

O emotivo adulto sabe, geralmente muito bem, que é emotivo e que lhe acontece freqüentes vêzes emocionar-se por fatos que **êle próprio** julga não serem "nada". Ainda mais: sabe que poderá se emocionar por ninharias e, entretanto, ser capaz de suportar com resignação, isto é, com calma, verdadeiras desgraças.

Encontrar-se-ão em todos os diários íntimos numerosos testemunhos dessa sensibilidade às pequenas coisas. Escreve Rousseau nas **Confissões**:

> "As paixões me fizeram viver e as paixões me mataram. Que paixões? perguntar-se-á. Ninharias, as coisas mais pueris do mundo, mas que me afligiam como se se tratasse do rapto de Helena ou do trono do Universo." (LXVII, pág. 26.)

Maine de Biran soube ver, nesta "sensibilidade aos nadas", um fator de perturbação e de franqueza:

> "Um grande defeito de meu comportamento habitual, escreve êle em seu **Diário**, é o de atribuir sempre demasiada importância às pequenas coisas." E alhures: "Sou

absorvido pelo menor trabalho, sinto-me tenso, esforço-me, preocupo-me por uma carta de negócios, uma simples nota, como se se tratassé dos fatos mais graves. Nada é mais contrário ao êxito." (**LXVIII**, t. II, pág. 135.) E ainda: "Aflijo-me por negócios e visitas, ninharias às quais atribuo excessiva importância." (**LXVIII**, t. II, pág. 85.)

A mesma lucidez existe em Maurice de Guérin, que anota no seu **Diário**:

"O que me faz, nesses momentos, desesperar, é a intensidade de meus sofrimentos por causa de pequenas coisas. Às vêzes emprego, para mover grãos de areia, a energia necessária para erguer um rochedo aos cumes das montanhas." (**LXVIII**, pág. 124.) E assinala, logo após, a desproporção de que falávamos acima: "Suportaria melhor fardos enormes do que esta poeira leve e quase impalpável que se gruda a mim." (**Ib.**)

Não se deverá acreditar que a atividade suprima essa extrema sensibilidade. Napoleão tinha crises de lágrimas e, por vêzes, até vômitos, por causas mínimas. A cena de um cão a chorar junto ao dono, caído no campo de batalha da Itália, comove-o:

"O que é o homem, confessa êle a Las Cases, e qual não é o mistério de suas impressões! Eu já havia ordenado batalhas, sem me comover; havia presenciado, sem lágrimas, a execução de manobras que resultaram na baixa de grande número dos nossos; e naquele instante sentia-me comovido, emocionado pelos uivos de dor de um cão!" (**LXIX**, pág. 489.)

Também êle tem perfeita consciência de sua emotividade:

"Minha natureza é tôda impressionável." (**LXIX**, pág. 490.)

QUESTÃO n.º 11 — *Entusiasma-se ou se indigna fàcilmente?* .................................... 9
*Ou aceita tranqüilamente as coisas como são?* ...... 1

Quer se trate de moral, de política ou de estética, os juízos de valor dos emotivos são acompanhados sempre de viva exaltação. Êles "gritam" seus sentimentos. Ouçamos Stendhal falar-nos de uma representação teatral:

"Chego às sete horas da noite, moído de fadiga; corro ao Scala: minha viagem está paga." Prossegue com descrições ditirâmbicas e termina: "O primeiro aspecto é arrebatador. Sinto-me em transportes ao escrever isto." (LXX. págs. 24-25.)

Um não-emotivo como Anatole France tem, ao contrário, exata consciência de sua calma interior. E quando escreve, fá-lo sem exuberância, com cuidado e gôsto, mas sem calor:

"Minha pena nada tem de lírico. Não salta, mas prossegue seu corriqueiro caminho." (LXXI, pág. 79.)

Dois persônagens do teatro clássico representam muito bem as duas atitudes que a Questão n.º 11 procura distinguir. São, no **Misantropo**, Alceste, o sentimental "Marte", e o conciliante e indiferente Filinto, sangüíneo "Vênus". Os vivos sentimentos de Alceste explodem a cada passo:

"Apodera-se de mim um humor negro, uma depressão profunda, quando vejo viverem os homens como vivem." (LXXII, t. II, pág. 128.)

Filinto, pelo contrário, perfeitamente adaptado à vida social, almeja uma "virtude tratável" e pretende respeitar os "costumes morais". Isso não significa que aprove tudo: no fundo, é da opinião de Alceste:

"Observo, como vós, cem coisas todos os dias, que poderiam ser melhores, se tomassem outro rumo." (Id., pág. 130.)

Nem por isso desiste de modificar o curso dos acontecimentos. Dá ao amigo bons conselhos práticos. Se quer conhecer as leis da natureza humana, é para ser

capaz de tirar disso partido. E se supera ao fazê-lo, mas sem jamais se exaltar, pois seu...

"...espírito, enfim, não se sente mais ofendido ao ver um homem velhaco, injusto, interesseiro, do que ao ver aves-de-rapina famintas de carniça, símios malfeitores e enraivecidos lôbos." (Id., pág. 130.)

Essa filosofia "positiva" irrita ainda mais Alceste, que odeia não sòmente os maus, como também todos aquêles que não sentem...

"...contra êles essa ira vigorosa
que nas almas virtuosas o vício deve suscitar." (Id., pág. 129.)

O sangüíneo La Bruyère, a êsse respeito, toma a posição de Filinto:

"Não nos indignemos contra os homens ao vermos sua dureza, sua ingratidão, injustiça, orgulho, amor-próprio e desprêzo pelos outros; êles são feitos assim mesmo, esta é sua natureza; seria o mesmo que não suportar que a pedra tombe ou que o fogo se eleve." (LVII, pág. 309.)

E Montesquieu — ainda um sangüíneo — combina a frieza à paixão intelectual quando escreve:

"Ùnicamente atento a examinar os homens, meu prazer é presenciar êsse longo cortejo de paixões e vícios..." (LXXIII, t. II, pág. 67.)

Êle pode falar de uma "bela paixão", como o médico falará de um "belo flegmão"... O desejo de compreender, abstraindo do objeto os sêres, as coisas e os próprios sentimentos, subtrai a alma ao domínio da emotividade: a tristeza de ver sofrer cede diante da alegria de compreender as causas do que esteja acontecendo. Mas êsse desapêgo "da curiosidade" é tanto mais fácil quanto mais fraca é a emotividade.

QUESTÃO n.º 21 — *E' suscetível? E' fácil e profundamente ferido por uma crítica um pouco viva, por uma observação deselegante ou irônica?* .................. 9
*Ou suporta a crítica sem se sentir ferido?* ......... 1

Não há pergunta que ponha em jôgo apenas um fator. A resposta à presente questão depende, ao mesmo tempo, da emotividade e da avidez, uma tornando hipersensível, outra criando uma zona de particular suscetibilidade em tôrno de tudo o que concerne à afirmação do "eu" e ao reconhecimento de sua importância por parte dos outros. Em numerosas observações, pacientes muito pouco emotivos, mas muito ávidos, obtiveram 9 nesta pergunta. Ela permite, pois, reformulações preciosas. Por outro lado, o paciente confessa mais fàcilmente sua suscetibilidade quando lhe é apresentada sob a marca da emotividade do que quando se supõe significar excessivo amor-próprio.

Não pensamos que a introspecção dirigida, que o questionário utiliza, seja incapaz de pôr a suscetibilidade em evidência. Quem é suscetível quase sempre o sabe, pois êle é que sente o ferimento. Os circunstantes, entretanto, podem nada perceber, porque o emotivo, que se sabe vulnerável, defende-se de mil formas: mostra-se irônico ou enigmático, ou ainda desarma de antemão a crítica mostrando-se mais impiedoso para consigo mesmo do que o ousaria qualquer outra pessoa...

Mas quando o interrogamos — e isto demonstra precisamente que tocamos um ponto sensível — o suscetível procura geralmente discutir a pergunta de forma a matizar a resposta e, dêsse modo, **justificar** sua suscetibilidade. Explicará, por exemplo, que é sensível apenas às críticas que julga terem fundamento (o que lhe poderia valer a nota 5 ou 1); ou, ao contrário, que só se irrita com as críticas injustas. Outros (os ternos) só são afetados pelas críticas que lhes fazem as pessoas a quem amam, ou pelas brincadeiras atrás das quais perce-

bam malevolência. Outros ainda (êstes são muitas vêzes "Marte") só se sentem magoados com os ferimentos que lhes fazem aquêles a quem admiram. O que importa, porém, para anotar corretamente a resposta, é menos a causa da suscetibilidade do que a vivacidade da emoção que ela faz nascer.

Montaigne, que não é nem emotivo, nem ávido, não se agasta com as zombarias. Zombador de si próprio, aceita a zombaria dos outros. Na permuta de "alfinetadas", diz êle, uso...

"mais liberdade do que espírito, e tenho tido mais sorte do que mérito de invenção; mas sou perfeito no sofrimento; pois suporto a represália, não apenas áspera, mas também indiscreta, sem alterar-me." Se está sendo criticado, não reclama, mas, "baixando alegremente as orelhas", espera com paciência o momento de retomar a vantagem. (LX, t. II, pág. 382.)

QUESTÃO n.º 31 — *Emociona-se fàcilmente com acontecimentos imprevistos? Sobressalta-se quando o chamam bruscamente? Empalidece ou cora fàcilmente?*.. 9
*Ou é difícil emocionar-se?* 1

Ainda aqui, é a pouca importância das causas da emoção que é o sinal da emotividade:

"Desconcerto-me com um nada, confessa Maurice de Guérin, tombo a um sôpro." (VIII, pág. 91.)

A emotividade difere da potência das tendências ou, para empregar a feliz expressão de Charles Baudouin, da energia psicológica. Ela é essencialmente uma comoção, que cada um manifesta a seu modo. O corar e o empalidecer não são aduzidos aqui senão a título de exemplos. Em determinados casos, a emoção psicológica pode ir até ao desmaio, como Alfred de Musset, quando assistiu pela primeira vez a uma dissecação, no curso de anatomia descritiva de Bérard. As tremuras, a gagueira, a incon-

tinência urinária, as lágrimas, etc., são também sinais objetivos de emotividade. Cada um tem os seus, que sua própria constituição determina. A idéia mais geral sob a qual se possam reunir êsses variados fenômenos é a "descoordenação das reações" ou da "falta de adaptação". O homem comovido não faz mais aquilo que deveria fazer nas circunstâncias em que esteja colocado. Mesmo se, numa fase secundária, a emoção aumenta, pelo seu efeito estimulante, a energia e a qualidade da reação, acontece que há sempre, no início, êsse desregramento da ação, que é a emoção.

Entretanto, nenhum dêsses sinais exteriores da emoção vale o testemunho interior. Um de nossos pacientes observou:

> "Minha comoção é sempre interior. Muitos amigos (posso dizer todos) consideravam-me perfeito modêlo de fleumático. Jamais coro. E' o coração que se apressa, mas nada deixo transparecer."

O número dêsses sensíveis, que passam por frios, é elevado. É à conquista dessa aparente impassibilidade que se destinam os métodos que pretendem modificar o caráter. Na realidade, nada se modifica; dissimula-se. Ou ainda montam-se de antemão os mecanismos, que o hábito poderá fazer funcionarem automàticamente e que darão ao emotivo tempo para "se refazer" — o que não é vantagem que se deva negligenciar. Assim M.D.M. ... tem frases prontas que servem para esconder seu embaraço. P.L. ... aprendeu a sorrir tôda vez que é ferido por alguma observação deselegante. M.B. ..., amoroso tímido, precipita seus avanços quando se lhe resiste, e essa verdadeira "fuga para diante" lhe valeu a reputação de ousado e de cavaleiro galante...

Se todos gostam de exagerar o seu **valor**, poucos se enganam, entretanto, a respeito de seu **temperamento**. Quem se comove fàcilmente sabe-o bem — e sabe também que a comoção é, ao mesmo tempo, a fonte de suas

alegrias (o emotivo tem necessidade de emoções) e a origem de sua fraqueza.

Não acreditamos que o hábito diminua verdadeiramente a emoção. Êle suprime apenas a novidade de determinadas situações e torna as pessoas menos sensíveis em relação a elas. Alguém que estiver habituado aos bombardeios, ou à vista de cadáveres, sente outra vez o coração bater fortemente quando, vinda a paz, deva tratar de um caso delicado ou declarar amor a uma mulher.

QUESTÃO 41. — *Entusiasma-se ao falar? Eleva a voz durante a conversa? Sente necessidade de usar têrmos violentos ou palavras muito expressivas?* ........ 9
*Ou fala sem pressa, de maneira calma, pausada?* .. 1

A linguagem de Alceste é cheia de têrmos exagerados, e êsse próprio exagêro é fonte da comicidade. Excita-se pouco a pouco, explicando a Filinto o que o chocou na sua extrema amabilidade para com um indiferente. Finalmente, exclama:

> "Irra! E' indigno, covarde, infame,
> humilhar-se assim até trair sua alma;
> e se, por desgraça, fizesse eu o mesmo,
> iria, arrependido, enforcar-me sem demora."
> (LXXII, t. II, pág. 126.)

O próprio paciente está perfeitamente consciente da vivacidade de sua linguagem, como o prova esta observação de Kierkegaard em seu **Diário**, sob a data de 13 de março de 1839:

> "A infelicidade mora dentro de mim, tôda minha vida é uma interjeição... Minha tristeza é um desespêro que geme; minha alegria, um lirismo exaltado, uma dança." (L, pág. 16.)

Aqui nos encontramos nas próprias origens do lirismo. Para que êle se manifeste num poema, é mister apenas acrescentar o dom da palavra.

A Condessa de Noailles via, na música, uma das fontes de sua inspiração, mas era a música apaixonante:

"Esta nobre música, de grande veemência, durante tôda minha vida me ajudou."

Charles du Bos, que cita êstes versos, nota que:

"a veemência é o próprio tempo da Condessa de Noailles, seu tempo inato e habitual." (**LXXIV**, pág. 104.)

Ela é o resultado da fôrça que sustenta o poeta. Se escrevo, diz Madame de Noailles, é

"a fim de me libertar dêsse invisível sangue espiritual que me sufoca." (**LXXV**, pág. 144.)

QUESTÃO 51. — *Sente-se angustiado diante de novas tarefas ou de uma mudança em perspectiva?* ...... 9
*Ou enfrenta a situação com calma?* .............. 1

Para interpretarmos convenientemente esta Questão, convém lembrarmo-nos de que a novidade cria a emoção e que o emotivo, ao mesmo tempo que teme a emoção, procura-a, porque, quando falta, sente-se ameaçado pelo pior de seus inimigos, o Tédio, que destrói nêle o próprio sentimento de existência. Alain Fournier, fremindo durante a espera de algum acontecimento maravilhoso, observa em si próprio essa ambivalência:

"Havia em mim um misto de prazer e ansiedade... Esperava dêle, sem ousar confessá-lo, alguma ação extraordinária que viesse revolucionar tudo." (**LXXVI**, t. II, pág. 21.)

O desejo de mudar não deve, portanto, impedir de atribuir, neste caso, a nota 9. Basta que a espera se acompanhe de ansiedade para que a nota 9 seja justificada:

"Tenho, escreve Jean Cocteau, um temor supersticioso do ato de caminhar, cujo início tenho sempre mêdo de me fazer mal. Isso me causa preguiça e assemelha-se ao que os psiquiatras chamam "angústia do ato." (**LXXVII**, pág. 21.)

QUESTÃO 61. — *Passa alternadamente da exaltação ao abatimento, da alegria à tristeza, e vice-versa, por ninharias ou, mesmo, sem razão aparente?* ........ 9
*Ou é de humor igual?* ............................ 1

Evidentemente, é entre os emotivos primários que êsses saltos de humor são mais acentuados. Chateaubriand, que é um nervoso, escreve:

"Meu humor era impetuoso; meu caráter, desigual. Alternadamente ruidoso e alegre, silencioso e triste, reunia à minha volta meus jovens companheiros e depois, abandonando-os sùbitamente, ia sentar-me em local solitário para contemplar a nuvem fugitiva ou ouvir o rumor da chuva sôbre as folhagens." (**LXXVIII**, pág. 10.)

George Sand diz, sôbre Alfred de Musset:

"Criou para si uma vida de perpétuos altos e baixos. As repentinas transições do sonho à exaltação, e do abandono absoluto aos ruidosos excessos tornaram-se um estado normal do qual não mais podia prescindir." (**LXXIX**, pág. 92.)

Mas os sentimentais, por menos que mostrem seu temperamento, não são, entretanto, isentos dessas alternâncias. Maine de Biran observa em seu **Diário**:

"Estado habitual e alternado de abatimento e de excitação, de confiança e de desânimo." (**IX**, pág. 101, 6-7 de junho de 1818.)

QUESTÃO 71. — *Seu espírito está sempre assaltado por dúvidas, escrúpulos, a propósito de* atos sem importância? *Conserva freqüentemente no espírito um pensamento totalmente inútil e que o importuna?* .. 9

*Ou só excepcionalmente experimenta êsse penoso estado de preocupação?* ............................ 1

Os escrúpulos a que nos referimos podem ter origem em um sentimento elevado: desejo de ser inteiramente justo para com todos, desejo de fazer realmente "tudo o que puder" para ajudar aos amigos, etc. Mas podem também se referir a pequenos detalhes práticos. Já tem acontecido a quase todo mundo perguntar-se se colocou na pasta tal papel importante, ou se fechou à chave a porta do quarto. É sinal de emotividade ser assaltado por preocupações dêsse gênero.

No curso de uma viagem, G.I... experimenta brusca e intensamente o receio de não achar a passagem. Entretanto, lembra-se perfeitamente bem de havê-la colocado na parte interna da carteira de notas. Tal pensamento, entretanto, não o impediu de atormentar-se e não se acalmou senão quando verificou — duas vêzes — a presença da passagem. Sabia perfeitamente que seu temor era ridículo, mas isso não o impedia de sentir a angústia.

Um tipo diferente de preocupação e de escrúpulo, cuja origem é imputável a uma ternura viva, mas que, por sua intensidade, traduz forte emotividade, é aquêle que Proust descreveu, pintando-nos as angústias de um jovem que, antes de dormir, deve bater três vêzes contra a parede para avisar a sua avó, que dorme no quarto contíguo, que êle vai adormecer. Deve bater logo ou esperar ainda um pouco? Bater forte ou fracamente? A cada uma dessas possibilidades ligam-se conseqüências diferentes e, aliás, de pouca importância — diante das quais o emotivo fica indefinidamente hesitante.

QUESTÃO 81. — *Acontece-lhe às vêzes comover-se tão violentamente que aquilo que desejaria fazer se torne* completamente *impossível? (Mêdo que impede de mover-se, timidez que suprime inteiramente a palavra, etc.)* ................................ 9
*Ou isso só lhe acontece muito raramente?* ......... 5
*Ou jamais lhe aconteceu?* ........................ 1

O tipo mais claro — e o mais conhecido — dessa espécie de inibição é o fracasso sexual, a impotência de origem emotiva, da qual a aventura de Rousseau com Zulietta é exemplo célebre. É bom, ao apresentar esta Questão, respeitar o amor-próprio do paciente e não aludir aos seus problemas íntimos. Tais desventuras são freqüentes aos emotivos e não se tornam patológicas a não ser quando constituem estado permanente. Aquêles aos quais tais fatos aconteceram não deixarão de pensar nêles, a propósito da Questão 81. Mas sentir-se-ão mais à vontade se os exemplos que lhes apresentarmos forem extraídos de outros setores. Poder-se-á assim, para ajudá-los, narrar o caso daquele brilhante professor, que a emoção um dia paralisou a tal ponto que foi incapaz de dizer duas palavras sôbre um assunto que conhecia admiràvelmente. Acrescentar-se-iam fàcilmente numerosos casos de tais inibições nos emotivos que se submetem a exames...

Em **Guerra e Paz**, de Tolstoi, Rostoff, que desejava aproximar-se do soberano para falar-lhe, consegue afinal sua mais cara aspiração. Mas no momento de dizer o que êle arde por declarar, "não se lembra sequer de uma palavra do discurso que havia preparado" e "procura mil pretextos para convencer-se de que era inconveniente e impossível fazê-lo".

QUESTÃO 91. — *Experimenta com freqüência a sensação de ser infeliz?* .............................. 9
*Ou se sente, em geral, contente com sua sorte? Ou, ainda, quando as coisas não correm como quer, pensa mais naquilo que seria necessário mudar do que em seus próprios sentimentos?* ...................... 1

Uma forte emotividade tende a dar a impressão de que a vida, em seu conjunto, a existência em sua essência, são dolorosas. É que, como observava o pintor Carrière,

"a gravidade, pelo menos (se não a tristeza), acompanha a vida dos sêres sensíveis". E alhures: "Habituamo-nos atualmente a pensar que a inquietude é o estado normal dos homens. Quanto mais formos sensíveis à vida, tanto mais aumentam as razões de sofrer... Aquêle que renuncia ao sofrimento — que se retire do banquete da vida." (LXXX, págs. 317-318.)

"O mal de viver, nota Alfred de Vigny, é tão duradouro, tão complexo, tão universal quanto a própria vida." (I, pág. 596.)

"Meu Deus!, exclama Maurice de Guérin, como sofro em viver! Não com os acidentes da vida, para isso um pouco de filosofia basta; mas com a vida em si mesma, em sua substância, pondo de lado todos os fenômenos (VIII. pág. 123.)

Não são circunstâncias "objetivas" que geram a sensação de infelicidade. O emotivo, se tem alguma aptidão para a reflexão, tem plena consciência disso:

"Estou descontente com todo mundo, confessa Maine de Biran, porque também o estou comigo." (IX, pág. 62.)

E êle opõe a seu sentimento de tristeza as felicidades reais que deveria aproveitar:

"Estou na melhor cidade do mundo, rodeado de tôdas as formas de prazer, livre para entregar-me a elas, dono de uma fortuna muito superior à que sempre tive, companhias agradáveis e variadas, espetáculos... e nada me satisfaz. A mim mesmo imponho liames e privações, estou sempre em estado de opressão, e infeliz..." (IX, pág. 63.)

Biran permanecia triste no meio de circunstâncias favoráveis. Montesquieu conservou um humor igual e vivo sentimento de alegria de viver a despeito da idade, das enfermidades e de uma incipiente cegueira.

"Tenho um sentimento permanentemente triste da existência", escreve Biran. Montesquieu dá um testemunho inteiramente diverso:

"Quase nunca tive aborrecimentos e, ainda menos, tédio. Minha máquina é construída com tanta perfeição que

sou impressionado por todos os objetos assaz vivamente para que possam me dar prazer, mas não o suficiente para me causarem dor..."

"...Levanto-me pela manhã com uma secreta alegria; vejo a luz com uma espécie de arrebatamento. Todo o resto do dia fico contente." (LXXXI, págs. 3-4.)

Os emotivos são, geralmente, irritados por essa complacência na felicidade. Têm vontade de inverter a frase de Biran e de dizer a essas pessoas felizes: "Se estais contentes com tôdas as coisas, é sobretudo porque estais satisfeitos convosco mesmos." E dessa forma, os julgamentos de valor que se opõem saem naturalmente de experiências psicológicas diferentes. E os sistemas lançam, uns contra os outros, menos opiniões do que temperamentos. Aquêles que mais falam da existência, e dela têm tão viva sensação, são os sensíveis — e às vêzes os enfermos — que a sentem fugir por entre os dedos, como bem observou Nietzsche. E se odeiam Descartes, é menos em razão de suas idéias do que de sua atitude. O que lhes é insuportável é o homem que tenha escrito linhas pacíficas no tom de Montesquieu, o homem "tranqüilo" em seu gabinete de trabalho ou em seu jardim de Holanda...

## § 2. Atividade

Questão 2. — *Ocupa-se com alguma atividade durante suas horas de lazer? (Estudos paralelos, ação social, trabalhos manuais e, de modo geral, qualquer serviço não-obrigatório)* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou aproveita para ficar à vontade?* . . . . . . . . . . . . . . 5
*Ou fica longo tempo sem nada fazer, a sonhar ou, simplesmente, a distrair-se? (Leitura por prazer, rádio, etc.)* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

O ativo nunca fica muito tempo desocupado. É um perpétuo trabalhador, tal como Voltaire, de quem Madame Denis escreve:

Trabalha quinze horas por dia; é uma paixão, mais violenta do que nunca. Para êle seria o inferno, se não pudesse trabalhar." (**LXXXII**, págs. 63-4.)

Ou como Napoleão, de quem dizia Sir Neil Campbell:

"Jamais vi homem algum, em nenhuma condição da vida, ter tanta atividade pessoal e tanta perseverança na atividade. Parece que êle encontra o prazer no perpétuo movimento." (**XLIII**, pág. 41.)

Ou, ainda, como Goethe:

Goethe "trabalha o dia todo, sem descanso, repousando de um trabalho por meio de outro. Quando jovem, fazia jardinagem para relaxar o espírito; na velhice, revê e põe em ordem suas múltiplas coleções." (**LXXXIII**, pág. 88.)

Um inativo pode agir, sem dúvida, mas apenas quando a isso é obrigado por causas externas, ou arrastado por violento desejo. Logo que êsse impulso deixe de existir, tornará à inércia:

"Vivi na mais completa inatividade durante minhas seis semanas de férias, escreve Maurice de Guérin. A custo, para quebrar a uniformidade do **far niente**, fazia alguma leitura preguiçosa, deitado sob uma árvore, e, ainda assim, mais da metade de minha atenção era roubada pela brisa ou por um pássaro saltitando através das árvores, pelo canto de um melro, de uma cotovia, sei lá!..." (**VIII**, pág. 93.)

Querem ver de que espécie é a prostração dos ativos? George Sand nos fornecerá o exemplo. Quando viu Musset partir de Veneza, seu biógrafo, Wladimir Karenine, nos diz que "as fôrças a abandonaram e deram lugar a uma completa prostração... Trabalhar, em tal estado de esgotamento, nem em sonho..." Mas pensam que ela vai abandonar-se ao repouso, aos sonhos sôbre o passado, ao mero descanso orgânico? Absolutamente não:

"Vestiu sua querida blusa azul, apanhou uma bengala e fêz, com Pagello, uma pequena viagem aos Alpes venezianos, que percorreram em todos os sentidos, até o Tirol. Faziam até sete ou oito léguas por dia..." (**XXVI**, t. II, pág. 84.)

Tal é o repouso dos ativos. Durante sua vida com Pagello, gastando os dias em passeios e gozando da natureza e das artes em companhia do bem-amado, George Sand, à noite, punha-se à mesa de trabalho e nada conseguia desviá-la de sua obra. Ao prazer, ao amor, ao trabalho, ela acrescentava, outrossim, os cuidados da casa e até as artes de decoração:

> "Durante sua vida em comum com Pagello, bordou-lhe um sofá e seis cadeiras; o pintor Lomberto encontrou-a, um dia, sentada no chão e ocupada em pregar o estofamento de uma das cadeiras." (XXVI, t. II, pág. 88.)

Quando lúcido, o inativo sabe perfeitamente que, por temperamento, êle nada faz. "Ajo o menos possível", declara Amiel. Mas o inativo gosta, muitas vêzes, de se desculpar. Se sonha, será tentado a chamar os sonhos de "meditação" ou "reflexão". Se lê por prazer — o que é ainda sonhar — julga entregar-se a um trabalho intelectual. Se ouve música — outra espécie de sonho dirigido — pretende cultivar sua sensibilidade...

Não se devem considerar, como sinais de atividade, senão as ocupações em que o indivíduo intervém enèrgicamente por si próprio: a leitura estudiosa, de lápis na mão; a reflexão que termina num plano de ação ou uma página "redigida". O "diário íntimo" não é sinal de atividade, bem ao contrário. É, assim como a longa carta espontânea que se escreve ao amigo, uma efusão da sensibilidade, de onde, por princípio, todo esfôrço é banido. Benjamin Constant sonha em ter a atividade de Voltaire e sabe muito bem que, quando quer desculpar sua preguiça, êle

> "...recorre às circunstâncias para justificar os defeitos. Quando somos ativos, reconhece êle, o somos em todos os estados; e quando somos desordenados e preguiçosos, como eu o sou, também o somos em todos os estados." (LXXXIV, t. III, pág. 263.)

QUESTÃO 12. — *E'-lhe necessário penoso esfôrço para passar da idéia ao ato, da decisão à execução?* ..... 1
*Ou executa imediatamente e sem dificuldades o que haja decidido?* .................................. 9

No ativo, a decisão tomada não se separa do início da execução: decido falar, falo; erguer-me, ergo-me. A passagem a custo é percebida e, se lhe presto atenção, é para nela encontrar ocasião de prazer. O ativo Berkeley nota:

"O ato da vontade, a volição, não é penosa." (**LXXXV**, pág. 125.) E mais precisamente ainda: "Um prazer tranqüilo parece determinar, preceder a volição, coincidir com ela e constituir-lhe a essência." (**Id.**, pág. 126.)

Ao contrário, no inativo, um momento penoso se intercala entre decidir e agir: o do **esfôrço**. É tão desagradável e tão constantemente presente que um dos inativos que melhor soube analisar-se a si próprio, Maine de Biran, fará disso o "fato primitivo" do senso íntimo e sôbre êle construirá tôda sua filosofia.

"Preparo-me, sem cessar, para agir, escreve em seu **Diário**; sinto tôda a dificuldade e tôda a fadiga da ação sem nada fazer e sem obter resultado algum." (**IX**, pág. 88.)

Meditou longamente sôbre seu caso. Sabe que o que lhe falta é menos o poder de decidir do que o de fazer. Entre sua escolha e seu ato interpõe-se uma espécie de resistência que êle atribui ao organismo e sôbre a qual não consegue triunfar. Amiel teve a mesma experiência:

"Não sou livre, escreve êle, pois não tenho fôrças para executar minha vontade." (**XVII**, t. I, pág. 1.)

Outro inativo, Baudelaire, teve consciência dessa "desproporção entre a vontade e a faculdade", que lhe impede de deixar "os campos imaginários do sonho" pelas "messes positivas da ação" (**LXXXVI**, pág. 43); e Mal-

larmé, em inúmeros poemas, exprime o sofrimento que causa sua impotência para realizar o que decidiu, para libertar-se do "amargo repouso" em que sua indolência ofende sua glória, e do vazio que "o marcara com sua esterilidade".

QUESTÃO 22. — *Desencoraja-se fàcilmente diante das dificuldades ou diante de tarefas que se apresentam demasiado fatigantes?* .......................... 1
*Ou se sente, pelo contrário, estimulado pelas dificuldades e excitado pela idéia do esfôrço a despender?* 9

"A luta me fatiga, confessa com simplicidade Benjamin Constant. Deitemo-nos na barca, no meio da tempestade." (IX, pág. 163.)

Alfred de Vigny usa quase os mesmos têrmos: "O navio ferra tôdas as velas durante o tufão e deixa-se ir ao sabor do vento. Eu faço o mesmo durante os aborrecimentos e os grandes eventos." (IX, pág. 272.)

Também Amiel conhece sua natureza: "O desânimo, escreve êle, foi meu pecado." E atribuindo com muita justeza êsse traço à falta de atividade, acrescenta, linhas mais adiante: "Minha cruz é a ação." (LXXXVII, t. I, pág. 150.)

Nos não-emotivos inativos, o desencorajamento não é tão fortemente sensível. A ação é, simplesmente, abandonada. É o caso de Montaigne:

"Se, durante a leitura, encontro dificuldades, não rôo as unhas; abandono essas dificuldades após uma ou duas tentativas." (LX, t. I, pág. 428.)

O ativo, pelo contrário, redobra a energia no momento em que a dificuldade aumenta. Não se deixa levar pelo destino: quer forçá-lo. E nunca abandona, por lassidão, a obra começada. Ainda mais: se é muito ativo, verá, nas dificuldades, estimulantes e não convites ao desânimo. Lembremos as palavras de Goethe ao chanceler Müller:

"Não saberia o que fazer de uma felicidade eterna, que não me ofereceria verdadeiras tarefas a cumprir, novos obstáculos a vencer." (LXXXIII, pág. 85.)

Para que Mirabeau tentasse realizar um casamento que, a princípio, lhe havia desagradado, bastou haver sido espicaçado por uma palavra de seu pai. Êste deu-lhe a entender que êle não poderia ter êxito, que a dificuldade era extrema e que, além disso, outro pretendente já estava virtualmente apalavrado. Nada mais foi preciso para levá-lo a tentar a aventura... Resolve "desmanchar o casamento já feito". (**LXXXVIII**, pág. 61).

É mister distinguir as diversas causas que podem fazer alguém levar a têrmo a tarefa iniciada:

— Primeiramente, o desejo profundo da coisa: a avidez lança o preguiçoso ao trabalho e o mantém nêle; a ternura faz com que esta jovem inativa termine a confecção do presente que ela quer oferecer.

— Em seguida, a atividade, que permite terminarem-se as tarefas porque a ação custa pouco. É a ela que visa a Questão 22, que trata também do abandono devido à fadiga ou à preguiça.

— Mas acontece, ainda, que se terminem as tarefas por constância. Fêz-se uma lei dessa fidelidade. O cumprimento é devido, então, à secundariedade.

Compreende-se fàcilmente, portanto, que nos apaixonados (E-A-S) e fleumáticos (nE-A-S) a ação seja perseguida com o máximo de tenacidade, já que a atividade e a secundariedade combinam suas influências. O sentimental, ao contrário, debate-se entre a secundariedade, que exige constância, e a atividade, que lhe torna a execução difícil, senão impossível.

| | |
|---|---|
| QUESTÃO 32. — *Gosta de sonhar, seja com o passado, que não mais existe, seja com o futuro, que poderia vir a existir, seja com algo puramente imaginário?* | 1 |
| *Ou prefere agir ou, pelo menos, fazer projetos precisos que* preparem realmente *o futuro?* ........... | 9 |

Para o inativo, todo projeto é sonho. Ouçamos Baudelaire:

"Por que obrigar meu corpo a mudar de lugar, já que minha alma viaja tão cèleremente? E para que serve executar projetos, já que o projeto constitui, em si próprio, prazer suficiente?" (XXI, t. II, pág. 446.)

O essencial é, aqui, a fuga diante da ação real em que a formação de uma imagem sempre implica. Sonhar, como diz Bergson, é "saber atribuir valor ao inútil". (LXXXIX, pág. 80).

Sonho sem data, sonho puro, como aquêle com o qual Poe se encanta e que é, para êle, a única realidade verdadeira; ou sonho que permaneça prêso ao passado: em ambos os casos o sonho é refúgio contra a vida, a ação, os riscos, a fadiga. É a posse, que coisa alguma consegue fazer periclitar:

"Não terei atrás de mim, escreve Alain Fournier, senão um pouco de sonho muito doce e longínquo, muito meu, que modelarei como quiser e que não há de me dar, quando a êle recorrer, senão confiança, coragem, paz e doçura..." (LXXVI, t. I, pág. 47.)

Para o inativo — sobretudo se é emotivo — há no presente, como diz Proust, uma "imperfeição incurável." A posse real não faria senão "fazer murcharem tôdas as coisas." "Por que esforçardes para gozar o presente, chorar por não haverdes obtido êxito? Homem de imaginação, podeis gozar apenas por meio do arrependimento ou da espera, isto é, do passado ou do futuro." (XC, págs. 86-88.)

O ativo, ao contrário, vive no presente, na extremidade do presente, lá onde o futuro se corporifica, e não onde se sonha com êle:

"Para ontem, diz Péguy, é tarde demais, mas para amanhã não é tarde demais." (XXVIII, pág. 329.)

Que a oposição entre sonhar e agir tenha sua origem na inatividade — é fato muito bem ilustrado por esta observação de Stendhal:

"Meu maior prazer é sonhar, mas com quê? Muitas vêzes com coisas que me entediam. A atividade dos passos necessários para acumular dez mil francos de renda é-me impossível." (XCI, pág. 292.)

QUESTÃO 42. — *Faz logo o que tem a fazer, e sem que lhe custe muito? (Escrever uma carta, regularizar um negócio, etc.)* .............................. 9
*Ou é levado a diferir, a adiar?* .................... 1

"Meu eterno pecado, diz Amiel, é o adiamento." (XVII. t. I, pág. 137.)

Eis uma observação de Benjamin Constant sôbre o mesmo assunto:

"Esta situação se prolongou. Cada dia eu fixava o dia seguinte como a ocasião invariável de uma declaração positiva e cada dia se escoava para o anterior." (XXIII, pág. 76.)

Ao contrário, R. B. — um sangüíneo — reage vivamente às pêrguntas, exclamando: "Imediatamente, imediatamente!" Seus comentários são interessantes:

Não acha sempre uma alegria real em fazer as coisas. Tem, ao contrário, apesar de sua forte atividade, um fundo real de preguiça, isto é, prefere o prazer ao trabalho. Mas se há algo "a fazer", se decide fazê-lo, por qualquer razão, então o ato, imediatamente, "brota". Quando não faz alguma coisa, nunca é porque lhe custe agir, mas apenas porque a coisa não interessa. Quando decide adiar uma ação, é porque o momento presente não lhe parece favorável. Há aí um adiamento ditado pela prudência, e não pelo temperamento.

QUESTÃO 52. — *Toma decisões imediatas, mesmo nos casos difíceis?* .................................. 9
*Ou é indeciso e hesita muito tempo?* ............... 1

Dois fatôres concorrem para gerar a indecisão: a secundariedade, que força a refletir, e sobretudo a inatividade, que fornece meios à reflexão, intercalando entre

a decisão e o ato um considerável lapso de tempo morto, que dá ensejo a passar em revista tôdas as facêtas do assunto. Em Alain Fournier, os dois fatôres são concorrente e se intensificam pelo saldo de emotividade, que acrescenta sempre alguma sensação de angústia à idéia de qualquer mudança; ouçamo-lo descrever seus próprios estados de alma através da máscara do **Grand Meaulnes:**

"Êle estava lá, ereto, inteiramente equipado, a capa aos ombros, pronto para partir; e, no limiar daquele país misterioso donde já uma vez se evadira, a cada vez êle parava, hesitava. No momento de levantar o trinco da porta da escada para esgueirar-se pela porta da cozinha que êle teria aberto fàcilmente sem que ninguém o ouvisse, recuava ainda uma vez... Depois, durante longas horas no meio da noite, febrilmente, errava, meditando, pelos celeiros abandonados." (**XCII**, pág. 51.)

O inativo, que observa um ativo, espanta-se ao vê-lo tomar tão ràpidamente suas decisões: quando Nietzsche vivia com seu cunhado, o Dr. Foerster, escrevia:

"Fiquei surprêso ao ver quantos negócios êle não cessava de tratar e com que facilidade o conseguia. Sou muito diferente a êsse respeito." (**XCIII**, pág. 431.)

O marechal Foch era um apaixonado. Ouçamo-lo narrar como resolve um caso difícil:

"No momento de partir sobreveio uma dificuldade. Qual dos dois seria meu chefe de Estado-Maior? Weygand era o mais antigo, mas Devaux era brevetado. Apresentaram-me o dilema, **que resolvi com minha habitual rapidez:** "Tomo o mais antigo, digo; se não aprovar em alguns dias, mando-o de volta a seu regimento." (**XCIV**, pág. 311.)

Se Foch é decidido, apesar de sua emotividade, Montaigne é irresoluto, a despeito de sua fraca emotividade e porque é muito inativo:

"Não quero esquecer (de meu retrato) esta cicatriz muito feia para ser exibida em público: a irresolução; defeito muito prejudicial à normalidade dos negócios do mundo. Não sei decidir-me em emprêsas duvidosas." (**LX**, t. II, pág. 57.)

QUESTÃO 62. — *É agitado e inquieto? (Gesticular, mexer-se continuamente na cadeira, ir e vir pelo recinto,* fora de qualquer emoção viva) .................... 9
*Ou permanece geralmente imóvel quando alguma emoção não o agita?* ............................ 1

Nós nos preocupamos em estabelecer perguntas às quais a pessoa interrogada pudesse responder melhor do que o fariam aquêles que, exteriormente, a observam viver. A presente Questão não constitui exceção à regra? O homem agitado conhece-se como tal?

A parte essencial da frase é "fora de qualquer emoção viva". Ora, o observador externo, muitas vêzes, aprecia mal o que tem ante os olhos. Não o pode fazer senão se referindo, mais ou menos conscientemente, à sua própria experiência, mas esta, precisamente, não leva em conta a diversidade dos caracteres. Donde resulta êste aparente paradoxo, que esconde uma verdade real: o método diretamente objetivo é, muitas vêzes, o mais subjetivo de todos, porque não corrige as deformações pessoais. Ao contrário, para quem se instruiu sôbre a multiplicidade dos tipos humanos, por meio do inquérito paciente dos outros, torna-se possível a interpretação dos comportamentos. Aprender a discernir a agitação exterior, produto da emotividade (o emotivo não pode conservar imóvel as mãos, rói as unhas, volta-se para um lado e para o outro na cadeira, etc.), da necessidade espontânea de movimentar-se, que em geral têm os ativos. O ativo adapta-se mal às profissões que obrigam à imobilidade. Se trabalha em escritório, o tapête sob seus pés gasta-se ràpidamente. Se reflete, sente quase sempre necessidade de levantar-se da cadeira para passear pelo recinto.

Com um pouco de atenção, todos podem conscientializar suas disposições a êsse respeito. Montaigne, que é um amorfo parassangüíneo, observa sôbre si próprio:

"Disseram também, desde minha infância, que eu tinha a loucura nos pés, ou azougue, tanta movimentação e inconstância natural tinham êles, qualquer que fôsse o local em que estivesse." (LX, t. II, pág. 576.)

QUESTÃO 72. — *Nunca hesita em empreender uma transformação útil, quando sabe que ela lhe vai exigir grande esfôrço?* .............................. 9
*Ou recua diante da tarefa a empreender e prefere se contentar com o "status quo"?* ................ 1

A secundariedade pode ajudar a manter o "status quo", pelo apêgo aos hábitos. Mas faz com que se acredite que as transformações sejam "inúteis". É necessário, portanto, pensar aqui em transformações aceitas, isto é, dadas por úteis; não é preciso também que sejam indispensáveis, porque então "seria necessário" resignar-se a elas. Mas quantos casos intermediários existem! Os livros que seria preciso reclassificar, a garagem que exige nova pintura, a organização de tal ou qual serviço que seria preciso reformular... Sabe-se que isso não é nem impossível nem indispensável, mas hesita-se, pensando no "trabalho" que se teria de enfrentar. O ativo não hesita. Os Estados Unidos, onde há forte maioria de ativos, estão em perpétua transformação. Lá temos a impressão de estarmos numa oficina. A idéia de um possível melhoramento é seguida sem delongas pela execução.

QUESTÃO 82. — *Após haver dado ordens para um trabalho, desinteressa-se pela execução, com a sensação de se haver libertado de uma preocupação?* ........ 1
*Ou supervisiona a execução de perto, assegurando-se de que tudo seja bem feito nas condições e nos prazos desejados?* .............................. 9

Ainda neste caso é preciso levar o paciente a pensar nas circunstâncias ordinárias, e não nos casos extremos. É evidente que todos, ou quase todos, supervisionarão algo

cuja importância seja excepcional. É na vida cotidiana que o caracterólogo deve colocar seu paciente, para compreendê-lo bem.

A secundariedade sem atividade resulta em preocupação, mais do que em supervisão. E se, por consciência, o sentimental se obriga a controlar de perto um trabalho que ordenou a outrem, terá nítida consciência daquilo que há de desagradável nessa supervisão e da fadiga que lhe causa.

Bem compreendida pelo paciente, esta questão é um bom critério da atividade, pois a verificação é ato psicològicamente esgotante. É mais fácil fazer do que mandar fazer, se nos obrigamos a supervisionar de perto a execução e a corrigir possíveis erros. É célebre a fórmula de Foch: "Nada fazer, tudo mandar fazer, nada deixar fazer." Ela supõe que todo verdadeiro chefe tenha forte atividade. O ativo encontra prazer — e não apenas lucro — na ação. Executa sem se aborrecer tôdas as verificações necessárias. Napoleão, tipo extremo do ativo, experimentava, ao fazê-las, extremo prazer.

QUESTÃO 92. — *Prefere olhar a fazer? (Sente prazer em olhar longa e freqüentemente um jôgo que não pratica?)* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1
*Ou prefere fazer a olhar, e o simples espetáculo logo se torna tedioso ou o incita à ação?* . . . . . . . . . . . . . 9

O ativo de interêsses esportivos pratica o esporte que prefere. O inativo vai assistir aos jogos ou lê os jornais especializados.

O inativo H. C... observa um operário ocupado em abrir uma caixa e, de sua cadeira, sem se mover, dá-lhe conselhos: "Se o Sr. usar a alavanca em ângulo em lugar de usá-la no meio... Aí... Force um pouco a madeira para livrar a cabeça dos pregos..., etc. Seu filho, um ativo, chega neste momento. Depois de alguns segundos, toma as ferramentas das mãos do operário: "Empreste-me isso, vou-lhe mostrar."

O ativo não gosta da atitude passiva. O espetáculo passivo não é do seu feitio. Se observa, é para fazer melhor — ou para compreender. Quando Descartes escreve, no **Discurso Sôbre o Método**, a célebre frase:

> "E em todos os nove anos seguintes não fiz outra coisa senão rolar aqui e ali pelo mundo, procurando ser espectador antes que ator, em tôdas as comédias que nêle se representam." (XCV, pág. 110.)

é menos a inatividade que o faz falar (era um apaixonado de atividade moderada) do que uma fraca avidez, associada a intensa paixão intelectual. É para compreender que êle quer observar; sua aparente inação não é senão ausência de compromisso, que o torna disponível para a atividade do espírito. Tem, por aquilo que é social, uma ironia que tem algo de desprêzo...

## § 3. Secundariedade

QUESTÃO 3. — *E' freqüentes vêzes guiado, em suas ações, pela idéia de um futuro afastado (economizar para a velhice, acumular materiais para algum trabalho de longo fôlego) ou pelas conseqüências longínquas que seus atos possam ter?* ................. 9
*Ou se interessa sobretudo pelos resultados imediatos?* 1

O secundário faz projetos a longo prazo e, para realizá-los, não vacila em sacrificar o presente ao futuro. O essencial, neste caso, não é a ação de acumular — que é sinal de avidez — mas a de previsão:

> Goethe "multiplica dossiers e pastas, onde coleciona tudo o que lhe pareça ter valor documentário, suscetível de utilização próxima ou longínqua: cartas de amigos, artigos de revistas, de jornais, até recibos de hospedarias guardados nas viagens." (LXXXIII, pág. 88.)

O primário, ao invés disso, estabelece relações precárias do presente ao passado e ao futuro.

"Se guardo, escreve Montaigne, é só na esperança de alguma utilização próxima." (LX, t. I, pág. 270.)

QUESTÃO 13. — *Toma em consideração "tudo o que pode acontecer" e se prepara cuidadosamente? (Equipamento minucioso, estudo dos itinerários, previsão de possíveis acidentes, etc.)* ...................... 9
*Ou se entrega à inspiração do momento?* ........... 1

O secundário G. B., antes de partir em excursão, prepara a jornada. Na véspera, à noite, ou dois dias antes, sua mala está pronta; contém a capa para o caso de chover, o pequeno estôjo de enfermagem, as chinelas para o pernoite, um pouco de linha e de barbante, alfinêtes, etc. O resultado é uma mala muito pesada, que tornará seu caminhar menos agradável. Mas que segurança sente ao dizer a si próprio que, em qualquer circunstância, estará preparado! Que ocorra um incidente, e êle exultará: "Eu pensei nisso; tenho o que é preciso..." R. L., ao contrário, é um primário. Negligencia todos êsses preparativos, que acha "fatigantes". Parte quase sem nada levar e, se nada acontece, o passeio ser-lhe-á puro prazer. E depois, sente-se à vontade, ágil e liberto. Se algo acontecer, êle "logo verá", êle "se arranjará". E a incerteza, que tira ao secundário tôda possibilidade de prazer, não lhe pesa.

"Eu entregava alegremente a administração de meus negócios caseiros aos astros... à minha providência e à minha inspiração de momento. A maior parte das donas-de-casa acham horrível viver assim em incerteza." (LX, t. I, pág. 267.)

Organização contra a flexibilidade, o mirmidão contra o reciário. Qual vale mais? O sucesso de um ou de outro depende das circunstâncias ou das aptidões, mas o gôsto por uma ou outra atitude depende do caráter. O gênio de Condé age por relâmpagos. O de Turenne apóia-se no cálculo, na reflexão e na ciência.

QUESTÃO 23. — *Tem princípios estritos aos quais procura conformar-se?* ............................ 9
*Ou prefere adaptar-se às circunstâncias com maleabilidade?* ...................................... 1

Kant, narra Picavet, "raciocinava até sôbre as menores ações do dia, fazia máximas sôbre tôdas as coisas e conformava-se com elas tão invariàvelmente que pareciam fazer parte de sua própria natureza." (XCVI, pág. 312.)

Luís XI, pelo contrário, é o "homem que se adapta". (XL, t. II, pág. 191.) "O rei Luís é um realista. Não tem doutrina... vive dia a dia e pela França. Acham-no versátil; mas êle se emenda, melhora, corrige-se." (Id., pág. 190.) "Não hesita em fazer jôgo duplo. As coisas da vida não são rígidas. Há resultados imprevistos." (Id., pág. 195.)

Acontece que aquilo que há de continuidade na ação do rei provém de uma extrema avidez, posta a serviço de sua pessoa e do reino de França, com a qual êle a confunde. Mas o estilo da ação é todo de um primário. A unidade que se pode ver em sua vida provém da predominância absoluta de uma única tendência e não de um equilíbrio estabelecido voluntàriamente entre tendências diferentes ou opostas.

Durante a travessia que fêz em 1726 — tinha então 20 anos — Benjamin Franklin estruturou para si próprio um pequeno corpo de princípios aos quais permaneceu fiel, diz-nos êle, "até uma idade avançada". Escreve:

"Entro agora numa vida nova. Vou, portanto, tomar resoluções e formar um plano de ação, de modo a poder viver sempre como um ser racional." (XCVII, pág. 43.)

Seguem-se princípios de frugalidade — de veracidade — de trabalho — de estudo e de paciência (consideradas essas duas virtudes como os melhores meios de ficar rico) — finalmente, princípios de não-maledicência.

Num primário, ao invés disso, os princípios, quando existem, traduzem a inspiração de um momento e não a construção de uma ordem estável. Êle será freqüentemente infiel a tais princípios:

"Minha vida inteira, escreve Chamfort, é um tecido de contrastes aparentes com meus princípios. Não gosto dos Príncipes e estou ligado a uma Princesa e a um Príncipe;

conhecem-me como autor de máximas republicanas e vários de meus amigos revestem-se de decorações monárquicas; amo a pobreza voluntária e vivo como gente rica; fujo das honras e algumas vieram até mim; as letras são minha única consolação; e não conheço belos espíritos, não vou à Academia. Acrescentai que eu creio que as paixões sejam mais úteis do que a razão, e não sei mais o que são as paixões, etc." (XVI, pág. 64.)

Em certos casos, aliás, a infidelidade às regras provém de uma emotividade demasiado forte ou de uma atividade fraca demais. O sentimental nem sempre respeita seus princípios. Pelo menos, não muda de princípios e suas fraquezas recebem a sanção da inquietação e do remorso:

"Em meu gabinete penso como um homem espiritual, e fora ajo como homem carnal", lamenta-se Maine de Biran (IX, pág. 115.)

Deve-se notar que, se o gôsto pelas regras fixas e o respeito aos princípios provêm do caráter, o conteúdo dos princípios é geralmente fornecido pelo meio social. No entanto, ainda aqui o caráter intervém, levando uns à imitação, outros à oposição.

QUESTÃO 33. — *E' constante em seus desejos? Termina sempre o que começa?* .............................. 9
*Ou abandona quase sempre a tarefa antes do fim (começando tudo, nada terminando)?* .............. 1

O secundário ativo é homem de vastos projetos, executados através de tôda a existência. Sua carreira corresponde àquilo que exige a célebre frase de Alfred de Vigny:

"Um pensamento da juventude executado pela idade madura." (XIII, t. II, pág. 272.)

O secundário inativo fica prêso entre a inatividade, que o leva a abandonar por lassidão (ver Questão 22),

e a secundariedade, que exige dêle a finalização. Mas se cede e abandona o empreendimento, não o faz à maneira do primário. Fá-lo a contragosto e tem plena consciência de que o faz por falta de coragem ou de fôrça. Torna-se concentrado, organizado na derrota, como o apaixonado o é no triunfo. O primário começa tudo simultâneamente, interrompe um trabalho para encetar outro. O abandono do inativo (o da Questão 22) é o da derrota: não pôde fazer o que queria. O abandono do primário é o da distração: não quer muito tempo a mesma coisa. E o de La Fontaine:

"A inconstância e a inquietude, que me são tão naturais, impediram-me de terminar os três atos em que eu desejava verter êsse tema." (XV, t. II, pág. 405.)

E o de Benjamin Constant:

"Dividia o tempo entre os estudos, que interrompia muitas vêzes, os projetos, que não executava, e os prazeres, que não me interessavam." (XXIII, pág. 72.)

E o de Montaigne:

"Nossa maneira comum é seguir as inclinações de nossos apetites, à esquerda, à direita, para cima, para baixo, conforme nos leva o vento das ocasiões; não pensamos no que desejamos senão no momento em que desejamos e mudamos como aquêle animalejo que toma a côr do local em que está. Aquilo que havíamos há pouco decidido, ora mudamos, ora ainda voltamos sôbre nossos passos: o que não passa de oscilação e inconstância." (LX, t. I, págs. 348-9.)

QUESTÃO 43. — *E' constante nas simpatias (cultiva as amizades de infância, freqüenta regularmente as mesmas pessoas, os mesmos grupos)?* .................. 9
*Ou muda constantemente de amigos (deixando, por exemplo, sem motivos graves, de ver as pessoas que antes freqüentava)?* .............................. 1

Em 1727 (tinha então 21 anos) Franklin fundou uma sociedade de amigos, "A Junta". E conseguiu esta coisa

rara: manter vivo êsse grupo durante trinta anos. Nunca perdeu o interêsse, como o fazem em geral os jovens. (XCVII, pág. 49.)

Em junho de 1915, Louis Gillet escreveu a Romain Rolland:

"Posso divergir de sua opinião ou de seus sentimentos — não seria a primeira vez; posso irritar-me — isso me acontece; posso errar, posso enganar-me, como todo mundo. Não me pode impedir de me recordar e de conservar, em vinte anos de amizade, um terno e fiel coração." (XCVIII, pág. 320.)

Em 1942, quando reatam as relações, interrompidas por divergências de opinião, escreve-lhe:

"Que diabo, somos sempre da mesma equipe e da mesma igreja. Poderia eu esquecê-lo? Esqueci-o algum dia? Podemos deixar para sempre de ser o que éramos na juventude?" (Id.)

O secundário pode, realmente, deixar de ver um amigo, quando sérias razões o exijam. Mas existe, nesse caso, algo de grave; e se o antigo amigo se tornar inimigo irreconciliável, pelo menos nunca será esquecido. No fundo da alma, conservar-se-á por êle uma secreta ternura, como ocorreu a Nietzsche em relação a Wagner após o rompimento. A inconstância do primário é, ao contrário, coisa natural. Êle teve por base a leviandade.

Ouçamos ainda La Fontaine:

"Borboleta do Parnaso, semelhante às abelhas, a quem o bom Platão compara nossas maravilhas, sou coisa leve, que voa a todo assunto, vou de flor em flor e de objeto a objeto...

...Que quereis? Sou volúvel nos versos e no amor..." (XV, t. II, págs. 643-644.)

E ainda:

"Que fazer? Meu destino é tal que é mister que eu ame; deram-me um coração insatisfeito consigo mesmo, inquieto e fecundo em novos amôres: gosta de comprometer-se, mas não para sempre." (XV, t. II, pág. 601.)

QUESTÃO 53. — *Após um acesso de cólera (ou, se nunca se encoleriza, após haver recebido uma injúria), reconcilia-se imediatamente (inteiramente como antes, sem pensar mais no assunto)?* .................. 1
*Ou fica algum tempo de mau humor?* ............. 5
*Ou é difícil de reconciliar-se (rancor persistente)?* 9

Os secundários podem renunciar à vingança, por preguiça ou por grandeza d'alma; nem por isso deixam de conservar durante muito tempo viva lembrança das oposições com que depararam, das faltas de que foram vítimas, das injúrias recebidas. A própria maneira como o sentimental Amiel procurava esquecer revela a disposição de sua natureza, que conserva os traços profundos e tenazes das impressões. Se procura apagá-los, é deliberadamente e como higiene mental. E também porque sua inatividade acha a ira muito fatigante:

"Por que permitir que a malignidade humana nos amargure, que a ingratidão, a perfídia e o ciúme nos irritem? As recriminações, as queixas e os castigos não terminam. O mais simples é eliminar tudo." (**LXXXVII**, t. II, pág. 303.)

O primário, ao invés disso, esquece rápida e naturalmente tôdas as vêzes que não tenha sido atingido profundamente. Se é emotivo e ativo, estará tão pronto para perdoar quanto o estivera para se exaltar. Vejamos Goethe:

"Assemelho-me bastante ao camaleão... Um dos meus principais defeitos é a inclinação para a violência; em compensação, ninguém esquece as injúrias tão depressa quanto eu." (**LXI**, pág. 11.)

QUESTÃO 63. — *Possui hábitos muito rígidos, aos quais se apega muito? Prende-se à regularidade de determinados fatos?* . . ............................. 9
*Ou nutre horror a tudo o que seja habitual ou previsto de antemão, sendo, portanto, a surprêsa o elemento essencial do prazer?* ...................... 1

Um dos exemplos mais célebres de vida regrada por hábitos rígidos é o de Kant. A observação de Picavet, que citamos à página 177 e que é reproduzida por Le Senne (**I**, págs. 492-3), mostra-o submisso à extrema regularidade, levantando-se, deitando-se, trabalhando, passeando em horas certas e em condições rìgidamente estabelecidas de antemão: tinha regras para respirar, como para calçar as meias.

Nada é mais antipático ao primário do que essa repetição dos atos da vida. De **Rolla**, no qual se projeta, disse Musset:

> "O hábito que faz da vida um provérbio
> dava-lhe náuseas..."
>
> (**XCIX**, pág. 284.)

"E' que Musset entregava-se "inteiro a suas impressões e era governado por sua fantasia. Sempre lhe acontecia sair com a intenção de ir a determinado lugar e mudar de idéia no meio do caminho..." (**XXVI**, t. II, págs. 24-25.)

É mister despistar aqui as interferências da emotividade e da secundariedade. Já vimos que o emotivo tem necessidade de emoções. A monotonia, portanto, é-lhe insuportável, mesmo se é secundário. Mas, nesse caso (passionais e sentimentais), êle fica prêso à regularidade de um quadro geral de vida no qual poderá fazer entrar as novidades de que tem necessidade para fazer vibrar sua sensibilidade. Não desejaria uma ordem que o sufocasse, mas tem necessidade de uma ordem que o sustente. É o que contribui para pôr em foco a questão seguinte.

QUESTÃO 73. — *Ama a ordem, a simetria, a regularidade?* .......................................... 9
*Ou a ordem lhe parece enfadonha e sente necessidade de encontrar fantasia em tôda parte?* .............. 1

Segundo Fleury de Chaboulon, Napoleão "tinha cuidado de arrumar êle próprio os seus papéis; cada um tinha lugar fixo; ali estava tudo o que concernia ao departamento da guerra; aqui os orçamentos, as situações regulares do

Tesouro e das Finanças; mais além, os relatórios de sua polícia, sua correspondência secreta com os agentes especiais, etc. Após ter usado, recolocava cada coisa em seu lugar: o arquivista mais cuidadoso não teria sido, perto dêle, senão um trapalhão." (C, pág. 515.)

Após a ordem "em ação" dos passionais; eis a ordem liricamente cantada por Amiel que, à maneira dos sentimentais, vê nela um meio de compensar sua fraqueza:

"Oh! a ordem! ordem material, ordem intelectual, ordem moral! Que alívio, que fôrça e que economia! Ordem é luz, paz, liberdade interior, disponibilidade de si próprio, poder. Conceber a ordem, entrar na ordem, realizar a ordem em si mesmo, em tôrno de si, por meio de si, é a beleza estética e moral, é o bem-estar, é o que é preciso." (IX, pág. 465.)

Musset, ainda aqui, poderia fornecer a contrapartida.

"Tudo o que lhe parecia regularidade e ordem esgotava-o." (XXVI, t. II, pág. 25.)

O independente La Fontaine, que, no coração do século XVII, manejava com tanta facilidade o verso livre, detestava a ordem e encanta-se com a fantasia. Ouçamo-lo descrever com prazer o castelo de Blois, cuja irregularidade, em sua opinião, é o que o faz atraente:

"Nenhuma peça tem simetria, graças a Deus, e não têm entre si relação de conveniência... Há pequenas janelas, pequenas sacadas, sem regularidade e sem ordem; isso forma algo de grande que agrada bastante." (CI, pág. 146.)

Nas respostas a esta questão, a estreiteza do campo-de-consciência pode dissimular e como que sufocar o primarismo. Ela se afasta realmente de tudo o que é flexível, fluido, espontâneo, em uma palavra — vivo. Assim Baudelaire, embora primário, pensa

"que a regularidade e a simetria... são necessidades primordiais do espírito humano, no mesmo grau da complicação e da harmonia." (CII, pág. 26.)

QUESTÃO 83. — *Prevê de antemão o uso que deve fazer do seu tempo e de suas fôrças? Gosta de fazer planos, horários ou programas?* .................... 9
*Ou se entrega à ação sem regra precisa, fixada de antemão?* ......................................... 1

Benjamin Franklin tinha elaborado "um programa sistemático para o emprêgo do seu tempo". (**XCVII**, pág. 55). Num plano mais elevado, o **Discurso Sôbre o Método** de Descartes é um sistema de princípios (Questão 23), que se aproxima de um programa de ação.

Um primário, entretanto, sente-se mal com essa limitação de sua fantasia. Diderot escreve:

"Eu, que vivo a vida mais descosida, mais imprevisível, mais esquecida... tinha em um só dia cem fisionomias diferentes." (CIII, pág. 218.)

As influências que podem modificar as respostas provêm neste caso da avidez e da amplitude do campo-de-consciência. Primários ávidos e estreitos, como Stendhal e Baudelaire, fazem programas e planos para emprêgo do tempo: contam os minutos como o avarento conta moedas, ou um general, seus batalhões. Aliás, o programa é, quase sempre, um orçamento. Mas por serem sêcas e tristes, essas distribuições de tempo e de esforços não deixam de ser miragens; são atos sonhados e não preparados.

Observemos, por exemplo, em que medida a nota **CXVI** do **Diário Intimo** de Baudelaire está longe de ser um verdadeiro programa:

"Higiene. Conduta. Moral. Joana 300, minha mãe 200, eu 300. 800 francos por mês. Trabalhar das seis horas da manhã, em jejum, até meio-dia." (CII, pág. 36.)

Nenhuma indicação prática, executável. Não é um plano, mas uma descrição utópica de um estado totalmente diverso daquele em que encontra e sem indica-

ção dos meios de passagem. O plano deve indicar as finalidades parciais, cuja consecução prévia é a condição que deve ser satisfeita para que se possa atingir a finalidade última. Mas Baudelaire recusa-se a qualquer finalidade. Realmente, prossegue nestes têrmos:

"Trabalhar como cego, sem **finalidade**, como louco. Veremos o resultado." (**Id.**)

Um pouco mais longe, a idéia, mesmo vaga, de um plano desapareceu, e então nos encontramos em pleno sonho:

"**Glória**, pagamento de minhas dívidas. — **Riqueza** de Joana e de minha mãe." (**Id.**)

O jovem Goethe é um colérico de secundariedade algo abaixo da média. Sua atividade é intensa, mas pouco coerente. Com a idade, sua secundariedade aumenta e faz dêle um apaixonado:

"Estabelece para si próprio formas rígidas de empregar o tempo, e as segue. À medida que envelhece, torna-se, a êsse respeito, cada vez mais meticuloso e minucioso, para não dizer pretensioso... Divide seu tempo em ciclos de cinco a sete dias com um programa preciso..." (**LXXXIII**, pág. 88.)

O rigor, a secura dos "estreitos" assemelham-se às vêzes, sob certos aspectos, à secundariedade. De fato, tal rigor não se reduz a ela, mas também não a exclui: é outra coisa. É clareza e distinção, não sistema e organização.

QUESTÃO 93. — *Quando tenha esposado uma opinião, agarra-se a ela com obstinação?* .................... 9
*Ou se convence fàcilmente e se deixa seduzir pela novidade das idéias?* .............................. 1

Ingres escreveu, em 1866:

"Para mim é ponto de honra permanecer fiel a velhas convicções que jamais abandonarei, mesmo na hora derradeira." (**CIV**, **pág.** 37.)

Um filósofo, de acentuada secundariedade, sempre recebia com alguma apreensão os novos números da **Revista Filosófica**. Que iria encontrar, ali, que viesse opor-se às idéias que alguma vez adotara?

As idéias dos primários são instáveis:

"Em geral, reconhece Stendhal, minha filosofia é a do dia em que escrevo." (CV, pág. 49.)

Quando luta por defender suas idéias é porque seu orgulho está em jôgo, mas não possui sistema ao qual se atenha e que seria como que a armadura de sua vida.

A emotividade, que faz com que se procurem as emoções, tem também aqui efeitos opostos aos da secundariedade. As idéias novas excitam a sensibilidade e, por isso mesmo, provocam o interêsse. Mas elas vêm "revolucionar" tudo. Concordamos em que possa ser útil, "uma vez na vida", fazer um inventário geral de suas idéias e organizá-las de maneira satisfatória. Mas o secundário não saberia repetir a cada instante essa classificação e êsse inventário...

Tal apêgo à ordem vigente, tal receio de uma desordem que é necessário atravessar para passar de uma ordem a outra, fazem com que os secundários sejam geralmente conservadores:

"Uma revolução, escreve Paul Valéry, faz em dois dias a obra de cem anos e perde em dois anos a obra de cinco séculos. Depois dever-se-á marcar passo, e até fazer pior para acompanhar a curva da evolução." (CVI, pág. 68.)

O primário, ao invés disso, é, por vontade própria, revolucionário, sobretudo se é "Marte", tal como Clémenceau, que "nunca se preocupou senão em fazer oposição" e tornou-se o célebre "Derrubador de Ministérios". (CVII, pág. 305).

## § 4. Amplitude do Campo-de-Consciência

Questão 4. — *E' dominado inteiramente pelo que faz, a ponto de tornar-se insensível a tudo o que ocorra à*

*sua volta?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1
*Ou lhe é fácil fazer o que tem a fazer, continuando a seguir o que se passa à sua volta?* . . . . . . . . . . . . . . 9

Descartes é um exemplo muito claro de um campo-de-consciência estreito. Todo seu método nada mais é, sob certos aspectos, senão uma série de processos para fazer, artificialmente, porém com precisão, o que os campos-de-consciência amplos fazem, naturalmente e sem esfôrço, mas de modo impreciso. Descartes escreve a Mersenne a 8 de outubro de 1629:

"Não possuo um espírito bastante forte para usá-lo ao mesmo tempo em várias coisas diferentes; e como nunca descubro nada senão por meio de longo processamento e diversas considerações, é preciso que me entregue totalmente ao assunto, se quero examinar-lhe algum aspecto." (**CVIII**, t. I, pág. 22.)

Napoleão tem a mesma disposição de espírito:

"Enquanto está ocupado com determinado assunto, conta De Pradt, o resto não existe para êle; é uma espécie de caça, da qual nada o desvia." (**XLIII**, pág. 39.)

No **Memorial de Santa Helena,** o próprio imperador explica a que ponto suas idéias estão separadas umas das outras:

"Quando quero interromper um negócio, fecho a gaveta a êle correspondente e abro a de outro. Êles não se misturam uns com os outros e nunca me perturbam nem fatigam." (**Id.**)

E Roederer confirma:

"Nunca homem algum entregou-se mais inteiramente ao que fazia e distribuiu melhor seu tempo entre as coisas que tinha a fazer." (**Id.**)

Uma atividade muito forte e aptidões excepcionais combinam-se, neste caso, à estreiteza. Permitem "dar a impressão" de amplitude, notadamente ajudando a pas-

sar ràpidamente de um assunto a outro, como quando o imperador ditava várias cartas ao mesmo tempo. Um "estreito" menos favorecido não possui êsse perfeito domínio de suas idéias. Êle conserva, em contrapartida, aquilo que está substancialmente ligado à estreiteza: a impossibilidade de reunir, na mesma tomada de consciência, duas impressões ou duas séries de idéias diferentes.

A absorção na ocupação principal permitia a George Sand

escrever "entre a garrafa de cerveja e o açucareiro, com ruído de copos e de conversas, tão tranqüilamente como se estivesse em local solitário." (CIX, pág. 75.)

Em George Sand trata-se de estreiteza natural. Sem dúvida, a emotividade limita passageiramente o campo ao assunto sôbre o qual recai o interêsse. Mas um "amplo" retoma suas possibilidades de múltipla receptividade, logo que a emoção haja desaparecido. É o contrário o que acontece com George Sand:

"Uma conversa à mesa que necessite de agilidade, uma atenção pronta a captar a alusão e a lançar a resposta, não é de seu feitio. E' mister que se aprofunde um assunto para que ela encontre ocasião de emitir uma opinião original ou de revelar uma concepção luminosa." (CIX, pág. 71.)

O "amplo" e o "estreito" podem tanto um quanto o outro trabalhar no meio do ruído, por exemplo, da música. Mas não o fazem da mesma forma. Se está realmente absorto naquilo que está fazendo, o "estreito" não ouve absolutamente a música. Se a ouve, é porque ela o solicita e, logo, sentir-se-á perturbado, pois não pode prestar atenção senão a um só objeto. O "amplo" ouve vagamente a música enquanto trabalha e essa superposição de impressões diferentes não o perturba. Êle trabalha no ruído, enquanto o "estreito" trabalha apesar do ruído.

J. C... (muito "amplo") gosta de ligar o rádio em surdina enquanto redige a correspondência e acompanha a melodia no limiar de sua consciência clara, escrevendo as cartas ou refletindo sôbre negócios.

QUESTÃO 14. — *Atribui grande importância à precisão? Gosta das idéias claras, de tarefas bem definidas?* .......................................... 1
*Ou lhe agrada o que é vago, indeterminado, matizado?* .......................................... 9

No prefácio de **Monsieur Teste**, cujo tom evoca freqüentemente o da primeira parte do **Discurso Sôbre o Método, Paul** Valéry escreve:

"Eu estava afetado pelo mal agudo da precisão... sentia-me cheio de um desejo infinito de clareza." (CX, págs. 7 e 9.)

A intenção constante de Stendhal é "preocupar-se em não escrever coisas pouco claras." (**XCI**, págs. 182-3.)

Leva o gôsto pela clareza até a aversão pela poesia:

"Os versos me entediavam porque prolongavam a frase e faziam-na perder a clareza. Detestava "corcel" em lugar de "cavalo". Chamava a isto hipocrisia." (**LIII**, pág. 39.)

E ainda:

"O estilo que haja ressoado com muita elegância extingue-se. O tempo conserva de preferência o que é um pouco sêco." (**LIII**, págs. 34-35.)

Apesar de sua emotividade e sensualidade, compraz-se nas matemáticas por causa de sua precisão:

"Apreciava e ainda aprecio as matemáticas por si mesmas; não admitem a hipocrisia e o vago, meus dois bichos-papões." (**XCI**, pág. 110.)

Foi êsse valor da clareza que Ingres teve em mente, quando propôs a célebre fórmula:

"O desenho é a probidade da arte."

E êle comenta, mais adiante, nestes têrmos:

"A expressão, em pintura, exige enorme conhecimento do desenho, pois a expressão não pode ser boa se não houver sido formulada com absoluta justeza. Captá-la imper-

feitamente é não captá-la. Não se pode conseguir essa extrema precisão senão por meio de absoluto domínio do desenho." (CIV, pág. 5.)

O "amplo" é, ao contrário, atraído pelo matiz, pelo fluido, o impreciso. Vê, na clareza, uma alteração da natureza. Descobre, como Carrière,

"que o ser está ligado ao seu meio, que não se separa dêle senão por um artifício, que é uma impotência. A luz não modela uma cabeça senão porque a banha e a envolve. Há nesse caso passagens sutis que convém captar e transmitir, para não fazer de uma figura pintada um perfil arbitrário. uma imagem isolada daquilo que a explica." (CXI, pág. 74.)

Em lugar de procurar precisar as idéias, o escritor "amplo" aplicar-se-á, segundo a expressão que Jean Wahl emprega a respeito de Novalis, a "fluidificar nossos pensamentos." (XI, pág. 161.) Longe de distinguir os análogos, Novalis pretende fundir os opostos:

"Sonhar e não sonhar ao mesmo tempo, numa só síntese, é ato do gênio." (XI, pág. 126.)

O romantismo, cuja amplitude do campo-de-consciência é uma de suas profundas origens, nutre pouca inclinação pela luz e a evidência.

Compraz-se nas trevas, "não por desconfiança — nota Jankélévitch — ou para fazer cartesianismo às avessas, mas porque, como os pássaros noturnos, está especialmente organizado para ver dentro da noite." (XI, pág. 88.)

QUESTÃO 24. — *Rejeita viva e instintivamente tudo o que venha desviá-lo da ocupação à qual se dedica? Irrita-se contra qualquer divertimento?* ............ 1
*Ou aceita tais perturbações sem irritar-se, não reagindo senão fracamente?* ........................ 9

É óbvio que os outros fatôres influirão fortemente sôbre a reação que aqui se estuda. O emotivo sem ternura impacientar-se-á mais do que o não-emotivo terno,

fracamente afetado ou preocupado em não causar danos aos que o rodeiam. O que se pretende atingir por meio da pergunta 24 é a própria realidade da perturbação. Um "estreito" se **perturba** quando é interrompido: sentia-se como um fio esticado — e alguém o rompeu. O "amplo" não se interrompe completamente. Pode responder à pergunta que se lhe fizer sem deixar de seguir o curso de suas próprias idéias. Sua atenção é comparável a um facho de luz suficientemente aberto a ponto de poder deslocar-se levemente sem mergulhar na sombra o ponto que antes estava no centro.

Um dos secretários de Goethe, Schuchardt, "narra que êle escrevia no meio do ruído e da azáfama de seus criados enquanto lhe faziam a toalete; e isto em 1875, isto é, na época em que Goethe tinha setenta e seis anos. Criados entravam e saíam, anunciavam-se visitantes estrangeiros, o bibliotecário falava dos novos livros, o cabeleireiro manejava os ferros...; e, durante êsse tempo, Goethe, imperturbável, ditava de forma tão mais segura e corrente do que outros o teriam feito ao lerem um livro." (CXII, pág. 351.)

Falando de seu pai, John Stuart Mill escreve:

"Eu preparava meus deveres de grego no mesmo lugar e na mesma mesa em que êle escrevia; como não havia na época dicionário grego-inglês e como não podia me servir de um léxico grego-latim, já que não havia ainda começado o estudo do latim, era forçado a recorrer a meu pai e perguntava-lhe o sentido das palavras que eu não conhecia. Êle suportava essas interrupções incessantes, êle, **o mais impaciente dos homens**; e foi nessa época em que eu o interrompia assim sem descanso que êle escreveu os vários volumes de sua **História das Índias**, como tudo o que deve ter escrito durante êsses anos." (CXIII, págs. 5-6.)

O "estreito", ao contrário, é entesado, como que assestado em direção a determinado alvo. O facho de luz pelo qual se pode simbolizar sua atenção é intenso, mas estreito. Que se incline para a direita ou para a esquerda, por pouco que seja, e aquilo que se observava passa para a sombra. É preciso, então, um especial esfôrço para retomar, após a interrupção, o fio interior das idéias.

QUESTÃO 34. — *Tem necessidade de analisar para compreender? E' descendo aos pormenores que a demonstração, a máquina ou o processo que lhe interessam se lhe tornam inteligíveis?* ................ 1
*Ou lhe basta o conhecimento do conjunto?* ........ 9

A secundariedade de Napoleão lhe permitia integrar num sistema os elementos que êle percebia; mas tais elementos, tais "pormenores" eram claramente percebidos e considerados como essenciais:

"Em cada uma das máquinas humanas que constrói e maneja, êle percebe de um só relance tôdas as peças, cada uma em seu lugar e na sua função... Nunca seu olhar permanece superficial e sumário... Daí seu gôsto pelos detalhes, pois são o corpo e a substância dos objetos; a mão que os captou ou que os larga não apreende senão uma casca, um invólucro. Em seu lugar, sua curiosidade, sua avidez, são **insaturáveis** (têrmo de Mollien)." (**XLIII**, pág. 46.)

"Sempre amei a análise, dizia Napoleão a Madame de Rémusat, e se eu me apaixonasse, decomporia meu amor parte por parte." (**XLIII**, pág. 50.)

Ao "amplo", pelo contrário, repugna a análise; assim Amiel:

"Êsse método de fracionamento do pensamento, de iluminação do assunto por sucessivas facêtas, tem sérios inconvenientes. Vêem-se muito bem os detalhes, em detrimento do conjunto. Essa multidão de fagulhas iluminam mal." (**LXXXVII**, t. I, pág. 26.)

E mais além:

"A análise mata a espontaneidade. O grão, triturado em farinha, não pode mais germinar nem crescer." (**LXXXVII**, t. II, pág. 251.)

Madame Edmée de La Rochefoucauld vê bem o que há de oposto entre a atitude intelectual de um "amplo" como Goethe e a de um "estreito", como Valéry:

"Já se viu o quanto êste último é escrupuloso; os mil elementos de cada coisa excitam-lhe a curiosidade; excede-se em examiná-las sob múltiplos aspectos, enquanto Goethe, aliás observador escrupuloso, contempla, reflete; mas, procurando, nos fenômenos, antes a unidade, o tipo, renuncia de antemão a uma penetração mais íntima." (CXVII, pág. 64.)

Um "amplo" é sobretudo impressionado pelo conjunto, tal como Corot, que anota em seu Diário:

"Nunca senti urgência de chegar à minúcia; as massas e o caráter de um quadro são o que me interessa antes de tudo" (CXIV, pág. 89.)

Que a amplitude se acentue (ela raramente é extrema num pintor submetido de tôdas as formas à "definição") e teremos, ora uma falta de gôsto pela análise:

"Meu amor pelas coisas naturais, observa Maurice de Guérin, não chega aos pormenores e às pesquisas analíticas e perseverantes da ciência, mas à universalidade daquilo que é, à maneira oriental." (VIII, pág. 467.)

ora uma vivíssima aversão:

"Não quero essa análise impiedosa, que é o corrosivo de tôda ilusão. Olhai o veludo ao microscópio: torna-se horripilante."

Muitos filósofos contemporâneos são românticos. É natural que o repúdio à análise se manifeste nêles:

"Estamos persuadidos, escreve Jean-Paul Sartre, de que o espírito de análise já viveu o que devia e que seu único papel, atualmente, é o de perturbar a consciência revolucionária e de isolar os homens, em proveito das classes privilegiadas. Não acreditamos mais na psicologia individualista de Proust e consideramo-la nefasta... Recorremos, contra o espírito de análise, a uma concepção sintética da realidade, cujo princípio é o de que um todo, qualquer que seja, é diferente, em natureza, da soma de suas partes." (CXV, págs. 20-22.)

A psicologia deverá ser, pois, coisa diferente de uma análise. Com um matiz muito bergsoniano, Merleau-Ponty escreve:

"O conhecimento psicológico não consiste mais em decompor êsses exemplos típicos, mas, antes, em aceitá-los como são e em compreendê-los, revivendo-os." (CXVI, pág. 294.)

René Le Senne, a êsse respeito, diz com muita exatidão que as consciências amplas são "mais existenciais do que racionais". (I, pág. 107.)

QUESTÃO 44. — *E' pontual, chegando às vêzes até adiantado, para não faltar a um encontro?* ........ 1
*Ou chega freqüentemente atrasado?* ............... 9

Eis aí uma forma diferente de abordar a idéia de clareza e de precisão, estudada mais atrás. É claro que não poderia caber aqui a falta de pontualidade intencional. Certas mulheres fazem questão de chegar atrasadas para se fazerem desejar. Um industrial, L.G., confessava-nos que chegava sistemàticamente quinze ou vinte minutos após a hora marcada para o início das reuniões ou conferências às quais devia comparecer. "Eu sei, dizia êle, que se começa sempre depois da hora e meu tempo é precioso. Por isso prefiro que me esperem a mim." É evidente que neste caso a amplitude do campo não intervém; trata-se sòmente de alguém cuja avidez é forte e cuja ternura é fraca.

QUESTÃO 54. — *E' meticuloso (no trabalho, no vestir, na comprovação de um fato que lhe interessa, etc.)?* 1
*Ou é negligente, pouco cuidadoso?* ............... 9

Poder-se-ia crer que esta Questão deriva sobretudo da observação externa. O negligente não se ignora a si próprio, como La Fontaine ou Verlaine, cujo desleixo no vestir é proverbial? Mas tal negligência "exterior" traduz

quase sempre a falta de avidez, mais do que a amplitude do campo. Ela é, por outra parte, fortemente influenciada pelos hábitos, quer provenham êstes da educação ou do meio profissional, quer hajam sido contraídos voluntàriamente sob a pressão de uma forte secundariedade. Será também útil que se proceda a pesquisas sôbre a negligência "potencial" ou, se se preferir, "espontânea", convidando o paciente a se colocar, pela imaginação, em tais ou quais situações, nas quais a amplitude é que será preponderante.

Se dirigirmos sua atenção como convém, não lhe é muito difícil conhecer se é meticuloso ou se, pelo contrário, tende ao "laisser aller". Notemos, por exemplo, que o gôsto das minúcias, que nos escraviza aos pormenores, tende a colocá-los a todos num mesmo plano. Quando corrige as redações, o professor de campo estreito é levado a marcar, à medida que as encontra, as incorreções de pequena monta. Assim é que P. L... corrige descontando da nota máxima certo número de pontos, ou de frações de ponto, por êrro cometido. Faz numerosas anotações nas margens, a propósito de cada passagem mal redigida. No entanto, sua apreciação do conjunto é curta. O "amplo" J.P. dá pouca atenção às pequenas falhas e atribui a nota em função da impressão geral que teve do trabalho. Suas notas marginais são pouco numerosas, mas o comentário do conjunto é bem extenso.

QUESTÃO 64. — *Percebe o tempo como algo de fluido, de contínuo, fluindo sem interrupção e arrastando tudo consigo?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou o tempo lhe parece, antes, uma série de instantes relativamente fixos, separados uns dos outros, sucedendo-se diante de uma consciência imóvel?* . . . . . . 1

É a oposição — clássica, para os filósofos — da duração bergsoniana e do tempo cartesiano. Bergson vê na mobilidade a única realidade. William James, que neste

ponto concorda com êle, representa o escoamento do tempo pela imagem de um rio de ondas contínuas e pela expressão simbólica de "corrente da consciência". Com maior ênfase, Charles Nordmann exclamou:

"Nada iguala a amargura voluptuosa de sonhar às margens do Tempo, rio impalpável e fatal, inteiramente amarelecido pelas fôlhas mortas, por onde fogem, destroços sem direção, as nostálgicas horas." (CXVIII, pág. 9.)

No entanto, nem tôdas as consciências atentas fazem, a propósito do tempo, idênticas observações. Para Descartes, o tempo é descontínuo e isto nos é provado por uma experiência imediata; não sòmente é descontínuo, mas é formado de partes independentes, o que torna necessária a teoria da criação contínua:

"O tempo presente não depende do imediatamente anterior." (XCV, pág. 285.)

De forma análoga, "a intuição temporal de Roupnel afirma, segundo Bachelard: 1.º) o caráter absolutamente descontínuo no tempo; 2.º) o caráter absolutamente puntiforme do instante." (CXIX, pág. 49.)

Questão 74. — *Sente necessidade de levar até a perfeição aquilo que empreende?* ...................... 1
*Ou é menos exigente, contentando-se com aquilo que, "grosso modo", corresponda mais ou menos ao que deseja?* ...................................... 9

Em situações iguais, aliás, o "amplo" tem facilidade; o "estreito", senso crítico. Lamartine em face de Baudelaire. Talvez porque tenham certa dificuldade em compor, os "estreitos" são severos para com a facilidade, a ponto de procurarem freqüentemente na própria dificuldade o sinal do valor. Valéry procura em tôda parte o perfeito, que êle chama de "puro". Fala com insistência sôbre a sua "aversão pela facilidade" (CX, pág. 10). O "estreito" é geralmente desconfiado em relação ao que é natural e espontâneo:

"Desconfiemos, escreve Baudelaire, do povo, do bom-senso, do coração, da inspiração e da evidência." (CII, pág. 62.)

E se Descartes, que é um "estreito", tem uma filosofia baseada na evidência, esta não é, para êle, nada de natural; é racional e não inspirada, é o corolário final da crítica e da dúvida, e não o resultado espontâneo de uma atividade instintiva.

O "amplo", geralmente, não tem êsse comedimento nem essa paciência. Romântico de temperamento, "acredita que o Absoluto está ao alcance de sua mão e que pode ser acolhido com um único gesto". (**XI**, pág. 28.) Deixa ao "estreito" as repetições e as correções que, longe de lhe darem segurança, suscitam-lhe a dúvida:

"Progresso, lentidão, escreve Maurice Boucher, ascensão regular, porém laboriosa, descoberta por etapas, desmatamento metódico com a certeza de que a pista traçada vale a pena ser ampliada e conservada, porque os horizontes serão conquistados um a um e suas riquezas latentes são as reservas e os benefícios do futuro; isto é a crença das idades da ciência e da razão, que êles chamam Século das Luzes, ou Aufklärung, ou Positivismo." (XI, pág. 28.)

QUESTÃO 84. — *E' decidido, isto é, é positivo em suas afirmativas e em seus projetos?* .................... 1
*Ou lhe repugna fixar-se, procurando compensar uma idéia com uma outra, recusando-se a fixar-se em qualquer delas?* .................................. 9

O fato de viver o "estreito" como que "assestado" em direção a um único alvo tem por resultado o fato de que faz tudo o que faz **insistindo**. Seu apêrto-de-mão é quase sempre vigoroso — não porque seja enérgico, mas porque é concentrado. Essa fixação manifesta-se também na vida intelectual. O "estreito" é categórico e sem matizes, mesmo quando é inativo. As coisas são "isto" ou "aquilo". As idéias devem ser nítidas e bem definidas,

os traços nítidos e precisos. Para o "amplo" ao contrário, nada jamais é perfeitamente definível. As idéias têm sòmente um núcleo em tôrno do qual se difunde certo halo. As opiniões não são "coisas acabadas"; são apenas momentos, num processo de evolução contínua.

Importa distinguir aqui entre amplitude do campo e polaridade. Se as pessoas "Vênus" são conciliantes, não é, forçosamente, porque lhes falte uma visão clara. Significa apenas que não gostam das discussões e a elas preferem os arbitramentos — alguns preferem dizer as "sínteses". Inversamente, um "amplo" pode, se é "Marte", combater com entusiasmo por sentimentos indefiníveis — que o "estreito" qualificaria de idéias vagas. Não é nem por timidez, nem por condescendência, que a um "amplo" repugna o fixar-se: é porque aquilo que vê nunca tem, para êle, a "definição" que o "estreito" pretende nêle descobrir.

É preciso atribuir "9", nas respostas à Questão 84, a todos aquêles aos quais repugnam as fórmulas, porque as consideram inaplicáveis à vida, cuja complexidade sentem profundamente.

Se o romantismo prefere a tarde e a noite ao dia cheio de luz, é que, diz-nos Jakélévitch,

"à prosaica luminosidade da tarde, o crepúsculo faz suceder uma espécie de clarividência radioscópica que torna transparente o que é opaco. O discurso separa os conceitos, mas a clarividência fá-los existir **uno eodemque loco**... Cúmplice e amiga de todos os contrabandos, a obscuridade imerge em seus eflúvios os duros dilemas do saber." (**XI**, págs. 92-93.)

Questão 94. — *E' sujeito às repetições, aos gestos várias vêzes repetidos, às idéias fixadas em manias?..* 1
*Ou, ao contrário, suas idéias são fluentes, nunca inteiramente idênticas às do passado, e como que impregnadas na corrente da consciência e da vida?....* 9

A intensidade que caracteriza cada um dos seus estados de consciência e que provém de sua concentração, favorece a volta, no "estreito", das mesmas palavras,

dos mesmos fraseados. Mais do que qualquer outro, e por maior que seja a riqueza de seu vocabulário, o "estreito" está sujeito, quando escreve, a repetir as mesmas expressões; quando narra, repete as mesmas histórias; quando compõe, transporta de uma a outra obra os temas que o haviam seduzido.

Jean Baruzi nota em Leibniz[1] o defeito grave de seu espírito, que lhe fêz repetir sem cessar, de forma verbalística, certas interpretações que, uma vez feitas, serão repetidas para sempre. Foi êsse o vício inicial do leibnizianismo. Em lugar de procurar variar e desenvolver seus pontos-de-vista, Leibniz contentava-se em aplicar em tôdas as circunstâncias as definições que havia imaginado para justiça, caridade, amor, etc." (CXX, pág. 292.)

Para o "amplo", ao contrário, cada instante é original — e, por conseqüência, inefável. Nada se repete, realmente. Usa poucas fórmulas e responde por atitudes diferentes a situações que sempre são análogas.

## § 5. POLARIDADE

QUESTÃO 5. — *E' combativo? Procura a competição, a luta?* . . . . . . . . . . 9
*Ou teme os combates e as disputas? Prefere ceder de antemão (pelo menos, na aparência) do que fazer nascer a ocasião de um conflito?* . . . . . . . . . . 1

Nietzsche tem uma polaridade "Marte" muito forte. Escreve êle:

"Possuo, por natureza, aptidões guerreiras. O ataque é, em mim, um movimento instintivo." (CXXI, pág. 35.)

---

1 Leibniz é um secundário "estreito", de forte paixão intelectual e de polaridade "Vênus". Seu caso é interessante para o estudo das respectivas influências dêsses fatôres: gosta das idéias claras, mas é um negociante nato e procura por tôda parte a contratação e os sincretismos. Tem a paixão da análise e quer reduzir tudo a elementos simples, mas tem o gôsto do sistema e compromete as noções elementares no jôgo de uma combinatória.

Não é espantoso que, generalizando seus próprios sentimentos, como cada um é levado a fazer, escreva também:

"Em cada uma de suas vontades, o homem procura a resistência de algo que se lhe oponha." (CXXII, t. II, pág. 84.)

Turgot, que é, entretanto, um fleumático, mostra-se imprudente por polaridade:

"Em geral ataca diretamente o adversário, sôbre o qual descarrega rudes golpes, expondo-se assim, por convicção e com ardor, às surprêsas e às tramas do terreno descoberto..." E' "mais do que corajoso; é meio-louco. E' até temerário, desafia o inimigo, não importa qual, e especialmente o mais perigoso..." (CXXIII, pág. 25.)

Atentemos para a diferença, já assinalada, que existe entre os instintos e as aptidões. Agressividade não é coragem. Emmanuel Mounier lembra-nos com razão:

"Quantos semblantes de jovens deuses vimos desfigurados ao primeiro perigo? Binet era pai de duas meninas; uma, extremamente segura de si, atacava, mas não sustentava o combate; a outra, insegura, hesitava no combate, mas perseverava." (CXXIV, pág. 573.)

A atitude conciliadora dos "Vênus" não está, aliás, ligada à falta de coragem. Um "Vênus" forçado até o fim a definir-se, e coagido à luta, pode enfrentá-la com resolução. Acontece que o fará sem prazer, pois êle próprio não havia desejado resolver a diferença pela fôrça:

"Eu dissimulo, escreve Mazarin ao duque de Longueville, tergiverso, suavizo, acomodo tanto quanto me é possível; mas, em premente necessidade, farei ver de que sou capaz." (CXXV, pág. 7.)

Não são apenas os combates a mão armada ou as lutas impiedosas da política que o "Vênus" procurará evitar; são também as pequenas discussões da vida prática:

"Evito, diz-nos Montaigne, os pagamentos em que é preciso pechinchar, afasto-os orgulhosa e ofendidamente, receoso de uma altercação com a qual meu humor e minha eloqüência são inteiramente incompatíveis." (LX, t. I, pág. 267.)

QUESTÃO 15. — *Sente prazer em mandar, mesmo quando lhe é preciso constranger os outros à obediência, forçando-os?* ............................ 9
*Ou lhe repugna impor aos outros a sua vontade, preferindo manobras ardilosas ou a sedução?* .......... 1

Napoleão embriaga-se com o prazer de mandar:

"Quanto a mim, caro Miot, confia êle a um Conselheiro de Estado a quem estima, declaro-te que não posso mais obedecer; tomei gôsto pelo mando e não poderia renunciar a êle. Minha decisão está tomada: se não posso ser o senhor, deixarei a França." (XLIII, pág. 90.)

Mas o prazer que se sente em ser obedecido não é apanágio dos "Marte". Um apaixonado "Vênus" é também sensível a tal fato: quererá sòmente que se lhe obedeça espontâneamente e sobretudo sem que tenha de coagir. E ao contrário, é a coação que é o meio favorito do imperador:

"Êle não sabe agir sôbre as vontades senão pela coação." (XLIII, pág. 124.)

"Mesmo nas entrevistas pacíficas, sua atitude permanece agressiva e militar; voluntária ou involuntàriamente ergue a mão: sente-se que vai bater e, enquanto isso, ofende... Até em suas audiências públicas, provoca, ameaça, desafia." (XLIII, pág. 119.)

Um "Vênus" como Leonardo da Vinci tem outros métodos:

"Êle doma os cavalos mais rebeldes pela persuasão, se se pode dizer, tanto quanto pela fôrça." (XXXIV, pág. 488.)

Igualmente, a respeito de Lamartine:

"Seu método, Sainte-Beuve compreendeu-o admiràvelmente: é uma conciliação insinuante." (CXXVI, pág. 114.)

Em Franklin, a "gentileza natural... era ao mesmo tempo dom natural e marca de habilidade." (XCVII, pág. 45.)

"Mostra-se sempre conciliante, evita as discussões tôda vez que pode, procura em cada ocasião realizar conciliações. Vê com razão na polaridade "Marte" e na emotividade — que êle apenas denomina diferentemente — a origem de indefinidos conflitos: a agressividade e o calor provocam a agressividade e o calor da parte adversária. Tendem a criar e a aumentar a discórdia e a divisão numa grande emprêsa, em que a harmonia e a união são extremamente necessárias." (Discurso de 11 de junho de 1878, XCVII, pág. 480.)

QUESTÃO 25. — *E' amável, atencioso, procura atrair, seduzir aquêles que se lhe aproximam?* ............ 1
*Ou os trata com simplicidade, a saber, com certa rudeza?* .......................................... 9

Mazarin "possui — e êle o sabia — um poder de sedução quase irresistível... Quis seduzir e seduziu." (CXXV, pág. 29.) "Sabia agradar e tôda sua vida lhe tinha provado que seu poder de encantamento era muito forte e que podia confiar nêle." (CXXV, pág. 49.)

"A vida interior, escreve Maine de Biran, furta-me a mil complicações, a mil perigos e às solicitações que experimento quando vivo no meio dos homens aos quais tenho necessidade de agradar, de ser amável, e junto aos quais desejaria obter um efeito que foge sempre a meu desejo e minha expectativa. E' isto uma grande chaga do mundo, cuja origem é a vaidade." (LXVIII, t. II, pág. 132.)

Ligada à vaidade, a polaridade "Vênus" o é também ao coquetismo:

Benjamin Constant conta que Eleonora concedia àqueles que compunham sua côrte "prolongadas entrevistas. Tinha com êles essas formas duvidosas, mas atraentes, que não repelem senão fracamente e para reter, porque significam antes indecisão do que indiferença, antes protelações do que recusa." (XXIII, págs. 118-119.)

Vem-nos à lembrança a eterna Celimena. Alceste fornecer-nos-ia também o modêlo daquele que trata os outros com simplicidade não isenta da rudeza. E, se

a vaidade têm forte correlação com a polaridade "Vênus", o orgulho é o habitual companheiro dos "Marte": Baudelaire acha delicioso "o prazer aristocrático de desagradar." (CII, pág. 23.)

QUESTÃO 35. — *Adota espontâneamente os hábitos das pessoas entre as quais tem de viver?* ............... 1
*Ou conserva, em todos os ambientes, seu modo-de-ser habitual?* .................................. 9

A secundariedade e a estreiteza do campo-de-consciência favorecem, evidentemente, à estabilidade da personalidade, a despeito das circunstâncias. Tendem a manter o tipo, que se torna rígido. Mas um "Marte", mesmo primário e "amplo", recusa-se àquilo que chamaria "complacência" ou "concessões": para seduzir, é preciso colocar-se, antes de tudo, sob o ponto-de-vista do outro, mesmo se se deseja logo depois trazê-lo para o seu. É mister imitar o outro, e não feri-lo.

O que é mais difícil de distinguir, neste caso, é a infuência da ternura e a da polaridade. De fato, os "algarismos diferenciais" [1] que separam, nas respostas a esta Questão, os "Marte" dos "Vênus" e os ternos dos secos, são pouco diferentes, 307 no primeiro caso, 266 no outro. A polaridade tem, portanto, neste caso, mais pêso do que a ternura, embora pouca coisa. Compreende-se fàcilmente porque é assim: adotam-se os hábitos de determinado meio-ambiente para não "constranger" as pessoas que o compõem. Também se age assim para evitar discussões.

Em Amiel o mimetismo alimenta-se das duas fontes; é facilitado, além disso, pela amplitude do campo-de-consciência. Triunfa com facilidade da secundariedade:

"Tôda individualidade caracterizada se molda idealmente em mim, ou, antes, forma-me momentâneamente à

---

1 Ver Anexo II.

sua imagem e o que tenho a fazer é apenas olhar-me viver naquele momento determinado para compreender êsse nôvo modo de ser da natureza humana." (IX, pág. 488.)

Eis ainda um testemunho da plasticidade de Amiel:

"Sou para cada pessoa aquilo que ela é para mim; instintivamente, torno-me semelhante. Com os orgulhosos, sou mais orgulhoso que êles mesmos; com a criança, sou criança; com os secos, sêco; com os taciturnos, taciturno; com o independente, indomável; com o de natureza má, impiedoso; para com a perversidade, feroz; para com a bondade, terno; ...Posso odiar ou adorar; matar ou morrer..." (LV, pág. 40.)

A atividade não intervém nesse caso. Goethe, que é ativo, mas que é, como Amiel, um "Vênus" terno e "amplo", nota em si mesmo a mesma disposição:

"Havia em mim, diz êle, um dom inato de me identificar com a condição dos outros, de sentir cada uma das formas da vida humana e delas participar com prazer." (CXII, pág. 24.) Amolda-se sempre com "aquela notável adaptabilidade que nós o vemos sempre empregar em tôdas as relações sociais." (CXII, pág. 153.)

QUESTÃO 45. — *Pratica ou gostaria de praticar exercícios ou esportes violentos?* ........................ 9
*Ou teria aversão em praticá-los?* .................. 1

Neste caso damos ênfase à prática ou ao desejo de praticar, para evitar fazer entrar em jôgo o prazer do espectador, que pode ser origens muito diferentes. A mulher "Vênus" experimenta geralmente, quando é sem ternura, íntima alegria em ver os homens combaterem. Poderá ela, pois, seguir com interêsse, isto é, com paixão, combates de luta-livre ou de boxe. O prazer que há de experimentar a mulher "Marte" é de natureza diversa: identificar-se-á aos combatentes pela imaginação; ela comentará a "técnica", discutirá com os espectadores como colega, etc. Mas, na prática, serão diferentes: a mulher "Marte" praticará esqui, eqüitação, motociclismo,

e fá-lo-á como homem e não apenas para encontrar nisso ocasião para espantar as amigas com suas proezas ou vestimentas.

Os gostos, neste caso, ajudam muito a desenvolver as aptidões; as mulheres "Marte" têm, geralmente, êxito nos esportes violentos, muito melhor do que suas amigas, que nêles procuram meios de se fazerem admirar, ou que desejam simplesmente seguir a moda. Um Montaigne, ao qual tais exercícios não interessam, nêles mostra-se desajeitado:

"Na dança, no jôgo da pela, na luta, só pude adquirir tenuíssima e vulgar suficiência; na natação, na esgrima, nas figurações e no salto — absolutamente nenhuma." (LX, t. II, pág. 43.)

QUESTÃO 55. — *Sente necessidade de ter a afeição de* todos *aquêles com quem tem relações, mesmo daqueles de quem nada espera?* .......................... 1
*Ou é indiferente aos sentimentos alheios e não procura afeição senão daqueles a quem ama?* ......... 9

O desejo de agradar a **todos** é sinal que numerosos autores — como Gina Lombroso — acreditaram perceber na mulher e que nos parece mais justo procurar num tipo do que num sexo:

"A mulher é feliz por ser a preferida, mesmo do gato, do cão, do canário que vivem em sua casa e dos quais não espera favores; de ser a preferida do bebê de quem cuida e cuja preferência consiste em fazer-se cuidar ainda mais por ela." (CXXVII, pág. 80.)

Homem ou mulher, o indivíduo de tipo "Vênus" sente êsse desejo universal de sedução:

O pintor Eugêne Delacroix constata, nêle próprio, "disposições de benevolência levadas quase ao grau do ridículo. Quero agradar ao operário que me traz um móvel; quero que o homem, com o qual o acaso me fêz encontrar, volte satisfeito, seja êle camponês ou nobre senhor." (CXXVIII, t. I, págs. 209-210.)

Escreve Maine de Biran:

"O menor sinal de oposição, ou sòmente de indiferença, perturba-me ou me abate, perco tôda presença-de-espírito, todo sentimento e tôda aparência de dignidade." (**LXVIII**, t. II, pág. 69.) Assinala, aliás, "essa necessidade de... agradar ou de conquistar afeições...", coisa tão "independente de sua vontade" que a relaciona a alguma "causa física ou orgânica." (**LXVIII**, t. II, pág. 119.)

"O desejo de localizar essa atração em determinada pessoa, com ou sem artifícios, escreve Gina Lombroso, mas sem intenção de amar ou se fazer amar, é o flêrte... Para a mulher, nada é comparável à embriaguez que sente ao ver-se rodeada por pessoas que a cortejam, ao se ver saboreada, admirada simultâneamente por grande número de pessoas, ou ao pensar que pode, a seu bel-prazer, localizar essa atração em um indivíduo determinado, fora, aliás, de tôda intenção real de amar ou de ser amada." (**CXXVII**, pág. 67.)

Tais sentimentos nos parecem muito característicos das "Vênus", mas não são o apanágio sòmente das mulheres. Reparem em L. C... no meio dos admiradores — e das admiradoras — após a conferência que acaba de proferir. Tem sorrisos para cada um, palavras amáveis, gestos amistosos. Parece pedir desculpas pelo êxito obtido e atribuí-lo à benevolência dos ouvintes. Na realidade, sente que tôdas aquelas pessoas são "dêle" de alguma forma, não porque haja dobrado suas vontades diante da sua, mas porque "arrebatou-as", no sentido próprio do têrmo. Não é nem tolo, nem enfatuado; segue apenas seu temperamento, que é o de querer seduzir. Não é um imbecil que possa ser enganado por elogios incompetentes. No entanto, derrete-se ao ouvir elogios do bedel e sorri complacentemente aos arroubos inflamados desta senhora que não compreendeu muita coisa do que foi dito e que o louva com disparates.

Êste não é um comportamento que se possa perceber apenas com a observação externa. Ao contrário, quando se fica do lado externo das pessoas que se quer compreender, corre-se grande risco de confundir aquêle-

que-seduz e o sedutor, o que agrada e o que quer agradar. Ao contrário, um "Vênus", se o ajudarmos a descobrir-se a si próprio, não terá dificuldade em perceber que deseja ser amado por todos — mesmo se não sabe o que fazer para consegui-lo.

Um "Marte" é bastante indiferente à opinião daqueles a quem não estima. Quer agradar sòmente a algumas almas de elite:

"Oh! Fugir! Fugir dos homens, exclama Alfred de Vigny, e retirar-me para junto de alguns eleitos, eleitos entre centenas de milhares!" (IX, pág. 265.)

Despreza a popularidade:

"O homem que se respeita não tem senão uma coisa a fazer: publicar, não ver ninguém e esquecer seu livro. Um livro é uma garrafa lançada ao mar alto, na qual se deve colar êste rótulo: "Apanhe quem puder!" Só se deve desejar a popularidade na posteridade, e não no presente." (IX, pág. 285.)

QUESTÃO 65. — *Sabe "impor-se"? Toma,* por iniciativa própria, *o comando de grupos, a direção de tarefas, a organização de reuniões sociais?* ............ 9
*Ou não consente em guiar os outros (caso lhe aconteça) a não ser que lhe venham pedir ou, pelo menos, quando aceitam espontâneamente o seu comando?*.. 1

Um "Marte" não é forçosamente um chefe.

"Não se deve confundir, diz Emmanuel Mounier, a vocação de chefe e o gôsto de mandar. A primeira leva a uma situação difícil e sem descanso, às vêzes sem brilho. O segundo é um gôsto de fracos por uma posição cômoda, em que a palavra os dispensa da ação, em que a autoridade multiplica os meios postos a serviço de seus caprichos, em que êles mandam os outros fazerem aquilo que, em outras circunstâncias, teriam êles próprios de fazer, de cujo prestígio e homenagens êles gozam — prestígio e homneagens que sua fraqueza não poderia obter sem essa fraudulenta intimidação." (CXXIV, pág. 526.)

A distinção é forte e levada até a oposição. É, talvez, exagerada. O gôsto e a aptidão estão ora separados, ora unidos. É isso o que justifica que façamos da polaridade um fator independente. Se deixarmos de lado tudo o que diz respeito ao prestígio (no qual intervêm muitos elementos sociais), a aptidão ao mando se relaciona com certas combinações dos três fatôres de base (E, A e S). O apaixonado tem, por natureza, o temperamento de chefe; e, se é competente em determinado setor, empreenderá, organizará, dirigirá de fato, qualquer que seja sua posição no grupo em que se encontrar. O "Marte" quer mandar. Isso não significa, nem exclui, que êle tenha os meios para tal.

Evoquemos aqui o jovem general Bonaparte, quando foi assumir o comando do exército da Itália. Recordemos o modo como submeteu imediatamente os generais agaloados, cheios de má-vontade para com o "pequeno arrivista", que lhes enviavam de Paris. Neste caso o gôsto uniu-se à aptidão. Bonaparte impôs-se de tal forma que Augereau concorda com Massena em que

"êste generalzinho lhe fêz mêdo; não pode compreender a fôrça de ascendência pela qual se sentiu esmagado ao primeiro olhar." (XLIII, pág. 33.)

As linhas seguintes respondem simultâneamente à Questão 15 (gostar de mandar) e à Questão 65 (saber impor-se):

"Em tôda parte em que estive, comandei. Comandei aos vinte e três anos, no cêrco de Toulon; comandei em Paris, no Vindimiário; arrebatei os soldados na Itália logo que a êles me apresentei. Nasci para isso." (XLIII, pág. 33.)

QUESTÃO 75. — *Gosta de arriscar-se? Acha especial prazer em enfrentar o perigo?* .................... 9
*Ou receia as aventuras incertas? (Isto não significa que lhe falte coragem em face de perigos que não haja procurado)* .................................. 1

Bravura e gôsto do perigo são duas coisas muito diversas:

Luís XI "não tem o gôsto do perigo, embora tenha imaginação para grandes emprêsas. Mas sabe o que quer e procede com prudência para obter o contrôle de tudo. Luís XI era um bravo." (**XL**, t. II, pág. 193.)

O "Marte" é, ao contrário, estimulado pelo risco. O aforisma de Nietzsche baseia-se em sua experiência pessoal:

"Incitam-se as pessoas de coragem à ação, pintando-lhes as situações mais perigosas do que realmente o são." (**CXXIX**, t. II, pág. 68.)

QUESTÃO 85. — *Gosta que o consolem, que o lamentem?* ............................................ 1
*Ou detesta que o consolem e se sente aborrecido quando se apiedam a seu respeito?* ..................... 9

O orgulho de um "Marte" revolta-se ao pensamento de ser lamentado, isto é, de ser julgado fraco:

"Gemer, chorar, rezar — tudo é igualmente covardia." (**XII**, pág. 198.)

O "Vênus", ao contrário, aumenta sua fama de fraco e a exagera — ou até a inventa — para certificar-se de que será lamentado e consolado:

"O que me falta, observa Maurice de Guérin, é um amor de compaixão... Para ser amado tal como sou, precisaria que se encontrasse uma alma que quisesse inclinar-se diante de seu inferior, uma alma forte que dobrasse o joelho diante do mais fraco, não para adorá-lo, mas para servi-lo, consolá-lo, cuidar dêle como se faz com os enfermos... para consagrar sua vida a um ser débil, lânguido e introspectivo." (**VIII**, págs. 77-78.)

Para incitar a que o lastimem, queixa-se sem parar. Torna-se "choramingas" até nas melhores circunstâncias:

"Os mais belos dias, os mais doces estudos não podem sopitar em mim êsse pensamento inquieto e choramingas que forma o substrato da humanidade." (VIII, pág. 52.)

Também neste caso, querer explicar tudo pela presença, forte ou fraca, da atividade, seria simplificar muito, a ponto de nos tornarmos inexatos. A necessidade de consôlo não parece ligada à inatividade, a não ser quando se deixa de levar a análise até o fim. O fraco tem dois meios de não ser esmagado: um (o dos "Marte") consiste em negar sua fraqueza e em intimidar o adversário pela arrogância. É a maneira de Vigny e de Nietzsche. O outro (o dos "Vênus") é de proclamá-la e de provocar a compaixão daqueles sôbre os quais não se pode triunfar diretamente. É o meio que empregam Maurice de Guérin e Amiel.

A mesma possibilidade de duas atitudes opostas encontra-se entre os fortes.

Querer ser admirado relaciona-se com a atitude "Marte", pois é querer mostrar sua fôrça real ou imaginária. A uma pergunta sôbre o principal traço de seu caráter, Marcel Proust responde:

"A necessidade de ser amado ou, melhor explicando, a necessidade de ser acarinhado e mimado, mais do que a necessidade de ser admirado." (CXXX, pág. 47.)

Proust é um "Vênus" terno, mas os dois fatôres nem sempre estão associados. A coqueteria corresponde precisamente à sua separação:

"A mulher galante, diz La Bruyère, quer que a amemos; à cocote basta ser considerada digna de amor e passar por bela." (LVII, pág. 132.)

QUESTÃO 95. — *Sente grande necessidade de independência e lhe é difícil submeter-se a um comando externo?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou aceita sem esfôrço que o guiem, que o dirijam, e adapta-se fàcilmente à maneira de ver e de trabalhar dos chefes, dos mestres, dos patrões?* . . . . . . . . . . . . . . 1

É a contrapartida das Questões 15 e 65. Estas ocasionaram, entre os "Marte", índices particularmente baixos: 651 e 584, sendo a média 500. A Questão 95 corresponde, entre os "Vênus", a um índice elevado: 532. Mas o índice dos "Marte" sobe a 794, deixando o importante algarismo diferencial de 262. [1] Tais algarismos explicam-se fàcilmente: a maior parte das pessoas situam-se nas zonas intermédias: tais pessoas não gostam nem de mandar, nem de obedecer.

É de bom alvitre, entretanto, fazer com que o entrevistado compreenda que a independência, de que se fala na Questão 95, é a repugnância que alguém sinta em obedecer e não apenas o desejo de ver as pessoas e as coisas se organizarem em tôrno de si, tal como desejaria. Não consiste, também, na recusa em seguir as regras e as convenções sociais, que provém da primariedade. É uma relação direta entre pessoas.

## § 6. AVIDEZ

QUESTÃO 6. — *E' ambicioso? (Desejo ardente de melhorar de situação, de aumentar a fortuna, os conhecimentos, o poder, etc.)* .......................... 9
*Ou é moderadamente sensível a tais conquistas e acha que nada disso vale o esfôrço que se deva fazer para sua obtenção?* ................................ 1

A história está repleta de exemplos de ambiciosos. Todos êles reproduzem, em situações diferentes, o modêlo de César:

> "Raramente se tem visto homem mais ambicioso no cenário universal. Sua ambição devoradora de absoluto poder sempre foi anormal e pouco lhe importava a forma como obtinha ou gastava dinheiro, contanto que favorecesse sua carreira." (**CXXXI**, **pág.** 86.)

1 Ver Anexo II.

Mas a ambição pode habitar em homens muito diversos, ela sabe revestir-se de mil faces. Os ávidos "Marte", cujos feitos o teatro de Corneille celebra, desejam a glória, isto é, a afirmação pura do "eu", que as palavras de Sofonisba tão bem exprimem:

"Sei o que sou e o que devo fazer, minha única ambição é minha ambição satisfazer." (CXXXII, t. VI, pág. 513.)

Outros desejarão a fortuna, armazenarão livros, documentos, conhecimentos. Uma nota manuscrita de Kant, posterior a 1765, diz assim:

"Sinto sêde de saber, desejo inquieto de aumentar meus conhecimentos, satisfação em qualquer progresso que faço." (CXXXIII, pág. 116.)

É mister ajudar o paciente a reconhecer sua avidez sob as máscaras de que pode revestir-se e que, às vêzes, fazem-na parecer ternura ou paixão intelectual. A avidez também não está ligada a um dos 8 tipos fundamentais: o sentimental Robespierre é tão ávido quanto o apaixonado Napoleão, o nervoso Baudelaire ou o sangüíneo Mazarin.

É preciso também prestar atenção para distinguir entre a falta de avidez (que é um desejo bastante moderado de ser e de crescer) e a falta de atividade, que torna o esfôrço penoso, priva a pessoa de meios e enclausura-a na inação. Quando Amiel diz que não aspira senão a "reduzir suas aspirações", a libertar-se dos longos desejos e dos grandes projetos, conformando-se apenas em que lhe sobrevenham os vastos pensamentos — não exprime uma carência natural de ambição, mas uma ambição que a dificuldade dos obstáculos a vencer convida a limitar-se. Renuncia aos "grandes projetos", que exigem ação contínua, mas espera ainda receber "vastos pensamentos", que talvez hão de entregar-se a êle sem que tenha nada a fazer. Sua ambição é, ao contrário, tão grande que serve de desculpa à sua inação, pois nenhuma realização é adequada a seu ideal:

"Não há senão uma coisa necessária — possuir a Deus." (XVII, t. I, pág. 5.)

Mas não tem fôrça para consumar alguns atos de desprendimento necessários:

"Não sei fazer nenhum sacrifício, nem abandonar o que quer que seja." (IX, pág. 514.)

O verdadeiro sinal da ausência de ambição é a sensação de contentamento em face do estado em que a pessoa se encontra e a limitação dos desejos a simples melhoras dêsse estado. Não nos devemos surpreender, portanto, que o índice dos não-ávidos, nesta Questão 6, seja elevado: 427. Mas os ávidos atingem 834, com um algarismo diferencial considerável: 407.

QUESTÃO 16. — *Empresta de boa vontade livros, ferramentas, instrumentos, etc.?* ...................... 1
*Ou não gosta de emprestar o que lhe pertence?* ... 9

No plano social, ser e ter se confundem. De alguém diz-se indiferentemente que é rico ou que tem dinheiro. Tal sentimento da propriedade, intimamente ligado à afirmação da autonomia individual, é independente de um sstema econômico particular e é mais profundo do que êle. Não são proprietários o cavaleiro que, no regimento, vê seu cavalo ser montado por outrem, nem o funcionário quando percebe que um dos colegas utiliza sua máquina; não têm, porém, menos sentimento de posse e, quando perdem o uso exclusivo, sobrevém a frustração.

Podemos consentir em emprestar o que nos pertence por bondade, por sentimento do dever, ou ainda porque não ousamos recusar. Isto não significa que não tenhamos avidez. A palavra importante da Questão é: "de boa vontade". Quem tem pouca avidez atribui pouca importância ao empréstimo. Separa-se de suas coisas sem drama, porque não se "apega" a elas, não se sente "ligado" a elas.

QUESTÃO 26. — *Tem o sentimento do valor do tempo? Faz às pressas o que tem a fazer para poder passar ràpidamente a outra coisa?* ........................ 9
*Ou é pouco sensível ao valor próprio do tempo e atribui pouca importância às noções de rapidez e de rendimento (o máximo de coisas feitas no mínimo de tempo)?* . . ...................................... 1

Trata-se aqui de uma espécie de impaciência extremada. Pode ser fria, como em Franklin, preocupado em não esbanjar coisa alguma de seu tempo nem de seus esforços, ou febril como em Stendhal, que,

"...tendo os cabelos crescidos... lamenta de antemão a meia-hora que deverá perder para cortá-los." (**CXXXIV**, pág. 171.)

A avidez manifesta-se quase sempre pelo apêgo espontâneo que se tem àquilo que custou muito tempo ou muito dinheiro. O provérbio lembra, aliás, que "tempo é dinheiro." Somos naturalmente levados a admirar uma obra que haja custado vinte anos de trabalho. De maneira idêntica, quando Oronte, no **Misantropo**, lê o seu sonêto, pretende desarmar antecipadamente a crítica e, sobretudo, realçar seus méritos sublinhando o pouco tempo que precisou para escrevê-lo. Seu valor deve ser muito grande, pois conseguiu em "um quarto de hora" o que a outros custa longos e penosos esforços. Mas Alceste leva o debate para um plano totalmente diverso: "Ora, meu senhor, o tempo nada tem a ver com o assunto..." Esta dissociação entre a beleza e as considerações técnicas, referentes à criação, manifesta já, sob forma particular, o "desapêgo estético" que aparece com os interêsses sensoriais.

QUESTÃO 36. — *E' ciumento nas afeições, nas amizades?* . . ........................................... 9
*Ou é pouco afetado pelo ciúme?* .................... 1

Muitas pessoas se crêem pouco ávidas porque os bens materiais deixam-nas indiferentes; no entanto, sua avidez simplesmente se transformou, em função de seus interêsses dominantes. Não são as coisas, mas os sêres, o que êles querem possuir e ter "só para êles". Nas relações com os outros é o "eu" que se afirma:

"Na juventude, o ciúme foi (para Goethe) uma das formas mais poderosas de sua necessidade de tirania, um dos aspectos daquele domínio espiritual que mais tarde deveria exercer de outro modo." (**CXXXV**, pág. 41.)

Ao contrário, La Fontaine, que não tem desejos de posse em relação a coisa alguma, afirma, neste como em outros terrenos, sua falta de avidez.

Acontece que a presente Questão se situa sob profunda influência da ternura. O ávido que der a resposta "1" deve carecer de ternura; inversamente, o terno responderá quase sempre "9", enquanto que terá "1" ou "5" nas outras Questões que se relacionarem com a avidez.

QUESTÃO 46. — *E' veemente em fazer valer seus direitos, em reivindicar o que lhe é devido?* ......... 9
*Ou detesta reclamar e abandona fàcilmente o que poderia reivindicar?* .......................... 1

O ávido não gosta de perder. A perda de suas posses fere-o profundamente e choca-o ao mesmo tempo, como uma injustiça:

O rei Luís XI "surpreende-se quando perde. Não gosta de perder." (**XL**, t. II, pág. 195.) Nunca aceita a perda como definitiva: "Se perdeu, ganha quase sempre a final." (**Id.**, pág. 194.)

A avidez é um dos elementos principais (não, porém, o único) do amor aos processos. Sob a forma de ambição de dinheiro ou de terras, o que se exprime é freqüentemente o desejo de mais diretamente afirmar o próprio

"eu": daí o grande número de ações judiciais que parecem absurdas pelo seu rendimento negativo. O que se quer obter é menos a indenização do que a "reparação moral". Desejamos fazer reconhecer nosso "direito", isto é, nosso valor. O que Alceste pretende com seu processo é o reconhecimento oficial de seus méritos.

É ainda o desejo de afirmação pessoal o que se exprime no cuidado com que os sábios reivindicam a "propriedade" de suas idéias ou a anterioridade de suas descobertas. Descartes não ficou isento de tal preocupação; zomba de Beeckman, que

> "marcava as horas em que havia pensado cada coisa, para que ninguém pudesse arrogar-se o direito a tal ou qual idéia, se acontecesse de haver sonhado com ela uma noite que fôsse depois dêle." (CXXXVI, pág. 111.)

Mas quando tem conhecimento dos resultados da experiência de Pascal, pica-se ao vivo. Em carta a Caravi, pede notícias da experiência e lamenta-se por não haver sido informado diretamente:

> "Eu tinha direito de esperar essa atenção da parte dêle, mais do que da sua, porque eu fui quem lhe disse, há dois anos, que fizesse essa experiência; e assegurei-lhe que, embora não a tenha feito eu próprio, não duvidava de seu êxito." (CVIII, t. V, pág. 366.)

Ao se proceder a pesquisas sôbre o ardor reivindicativo de alguém, é preciso distinguir entre aquêle que não faz valer seus direitos porque lhes atribua pouco valor e aquêle que desejaria reclamar, porém a quem forte emotividade paralisa ou fraca atividade entrava. Os primeiros sentem fortemente o mal feito a seus direitos; perdem-se em recriminações (como Alceste) ou dissimulam sua desventura, mas sentem-se vivamente afetados.

Quando se aplica o questionário a um superemotivo ou a um subinativo, é mister procurar identificar, sob o comportamento, que não traduz senão o resultado dos

conflitos, as veleidades, às vêzes inoperantes, cuja experiência o paciente possui. Fulano passa por ser um santo homem, e muitas vêzes é apenas preguiçoso ou tímido.

QUESTÃO 56. — *Interessa-se por suas performances (êxitos obtidos nos esportes, nos negócios, na caça, nas relações sociais, etc.)? Segue de perto os progressos, quer referentes às atividades passadas, quer a outras?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou tais preocupações lhe são estranhas?* . . . . . . . . . . . 1

O homem não tem a medida absoluta do valor de suas obras. Deve, pois, julgá-las à base de um critério relativo e compará-las uma às outras. Sendo geral tal forma de agir, não se poderia ver nela nenhum sinal específico de avidez. Esta se revela quando atribuímos a nós mesmos os progressos conseguidos, e quando vivemos preocupados com a rapidez e a extensão de tais progressos. Nesse caso não mais pensamos na obra; ela passa a ser apenas um testemunho do acréscimo do ser e do poder.

Um dia em que o jovem César lia a biografia de Alexandre, pôs-se a chorar, "tão intolerável lhe parecia que outro houvesse conquistado o mundo numa idade em que êle próprio não possuía nenhum feito militar em seu ativo." (CXXXI, pág. 86.)

A nova educação, ao proscrever o caráter de competição dos exercícios escolares, julga lutar contra um sentimento exagerado do "eu". Priva, destarte, de poderoso fator de êxito, entretanto, elimina a avidez menos do que o supõe. Realmente, é ainda a avidez que dá algum sentido à notação das atividades da criança em relação a seu próprio passado. A criança atribui-lhe menor importância sòmente porque é, para ela, mais abstrata. O comerciante não compara as cifras mensais dos negócios de seu estabelecimento com as das casas similares — as quais geralmente êle ignora. Compara-as,

isso sim, às cifras correspondentes aos mesmos meses, nos "exercícios" precedentes. Crêem que, por isso, êle é menos ávido ou menos individualista?

B.R... não se contenta em ir à caça e caçar o mais possível. Sendo secundário, possui complicadas cadernetas de caça e compara, com o coração na mão, as performances do presente ano com as do ano anterior. Receia verificar um decréscimo em suas médias. Sem fazer gráficos — seu caso não os comporta — R.M... segue com extrema atenção o evoluir de sua situação mundana; conseguiu ser aceito em tal ou qual salão, ingressar em tal clube, organizar com êxito esta ou aquela recepção. A cada sucesso, mais do que o próprio fato, o que o entusiasma é poder dizer: "Mais um ponto ganho."

QUESTÃO 66. — *Gosta de ser o primeiro em tudo, de preceder a todos?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou é levado a anular-se diante dos outros?* . . . . . . . . 5
*Ou é inteiramente indiferente às precedências?* . . . . . 1

César "não podia suportar a idéia de ficar reduzido a um papel secundário nos negócios mundiais: suas aspirações orientavam-se para a autocracia absoluta. Por ocasião de uma passagem dos Alpes, fizeram-lhe notar a extrema pobreza de certa aldeola. "Preferiria ser o primeiro nesta comuna a ser o segundo em Roma", disse êle. (CXXXI, pág. 86.)

Montaigne, neste particular, opõe-se a César:

"Em total oposição ao outro, preferiria ser o segundo ou o terceiro em Périguex do que o primeiro em Paris; pelo menos, sem mentir, é melhor ser o terceiro em Paris do que o primeiro no mundo." (LX, t. II, pág. 256.)

Notar-se-á que atribuímos a cotação "5" ao desejo de aniquilamento. É porque êle é, antes, o sinal de avidez combatida do que de avidez fraca. O verdadeiro não-ávido não faz autopropaganda nem se oculta. Não dá grande atenção a distinções de categoria. Prefere as situações, tal como Montaigne:

"Não desejo nem discutir com o porteiro, mísero desconhecido; nem fazer-me adorado com ardor pelos lugares por onde passo... Tenho a alma covarde, porque não meço a felicidade segundo sua altura; meço-a segundo sua facilidade." (**LX**, t. II, pág. 357.)

QUESTÃO 76. — *E', por natureza, desconfiado, cheio de suspeitas?* .......................................... 9
*Ou espontâneamente confiante?* .................. 1

A Questão 6 faz aparecer a avidez dos ativos; esta coloca em evidência a avidez dos inativos e, sobretudo, dos secundários. O homem confiante é quase sempre cego pelo desejo de se lançar à ação, às vêzes também por sua ternura. Em Montaigne, a falta de avidez une-se à preguiça para induzi-lo à confiança; não é ingenuidade, mas indiferença:

"o processo mais comum que adoto para sentir-me em segurança em relação aos meus concidadãos é desconhecê-los: não presumo os vícios senão após tê-los visto." (**LX**, t. II, pág. 397.)

Mas basta que um homem seja muito ávido, e então o interêsse que sente por suas propriedades torna-o tão desconfiado quanto o permitam as outras tendências do seu caráter. Além disso, sentindo nêle o poder de seu egocentrismo, é levado a atribuir aos outros o mesmo móvel. É o que acontece com o ávido Malherbe, que assim expressa seus sentimentos, em carta a Racan:

"Quando lhe disserem alguma coisa, considere o interêsse de quem lha disser e sôbre isso raciocine conforme o bom-senso." (**CXXXVII**, pág. 217.)

A desconfiança, originada da avidez, será erigida em regra geral pela secundariedade. No **Poor Richard Almanach** para 1754, Franklin nos previne:

"Nos negócios dêste mundo, os homens se salvam não pela fé, mas pela falta de fé." (**XCVII**, pág. 72.)

QUESTÃO 86. — *Interessa-se pelo valor dos objetos? Guarda muito tempo a lembrança do preço dos objetos que comprou?* .................................. 9
*Ou o valor material pouco lhe interessa e os preços são ràpidamente esquecidos?* ........................ 1

Esta Questão não se relaciona com a persistência das recordações, mas com a orientação dos interêsses. "O prazer guia a memória", dizia Condillac com muita propriedade.

G. L... tem excelente memória e está longe de ser rico. No entanto, é incapaz de dizer quanto lhe custou, exatamente, aquêle terno comprado no ano anterior, ou aquela estatueta cuja compra fêz há seis meses. Lembra-se apenas de que teve de se privar, durante vários meses, de certos prazeres pequenos para juntar a quantia necessária. Espanta-se de que, no guia que examina com vistas a uma próxima viagem, seja indicada a quantia que custou cada monumento. Seu amigo, M.D..., não se espanta: sente indignação. Tal atitude pode ser sinal de que sua avidez é maior do que a de G.L... Reconheceu a avidez num relance e, se a condena com tal violência, é indubitàvelmente porque segue os preconceitos de seu meio ou então porque se sente chocado, pois os reprova — e sente a consciência culpada.

QUESTÃO 96. — *Sente vontade de tirar partido de* tôdas *as ocasiões que se apresentem, mesmo quando não deseja particularmente o que lhe oferecem e sòmente para "aproveitar a oportunidade"?* .......... 9
*Ou deixa passarem com indiferença as ocasiões de obter coisas que antes não lhe interessavam?* ...... 1

É natural que cada um aproveite a ocasião que lhe interesse. Não saber aproveitá-las é apenas o índice de uma emotividade inibidora ou de uma inatividade que vem frear a reação. Mas aquilo que a Questão 96 pretende evidenciar é o desejo de aproveitar **tôdas** as ocasiões, notadamente aquelas que não correspondem a nenhuma necessidade real. É o receio de não tirar par-

tido de tôdas as possibilidades. O ávido que deixou escapar uma ocasião sente remorsos. Êle queria tudo: por que, pois, deixou escapar o que estava ao seu alcance?

Os comerciantes sabem especular sôbre a ambição generalizada, ao organizarem vendas de saldos ou pretensas "liquidações". Não se tem necessidade de lençóis ou de sapatos, mas não se quis "perder um negócio". Conhecemos um negociante de móveis que vende quartos e salas-de-jantar novos, apresentando-os como usados: trata-se de um funcionário repentinamente transferido para outro país, que precisou ceder a baixo preço seu mobiliário logo depois de havê-lo adquirido; ou, ainda, será um negociante em apuros com prazos de vencimento, que teve de se desfazer de peças de excepcional qualidade... O freguês, assim mistificado, paga mais caro e discute menos. A avidez, que faz as pessoas desconfiadas, faz também com que nos deixemos mais fàcilmente enganar, como se observa em certos meios campesinos onde faltam os meios de informações: desconfia-se do desconhecido que vem oferecer mercadorias, e, geralmente, não o aceitam. Mas se propõe um negócio extraordinário, quase não se resiste ao receio de deixar escapar a pechincha, sobretudo, de permitir que o vizinho dêle se aproveite. Ambos os impulsos são de avidez.

## § 7. INTERÊSSES SENSORIAIS

QUESTÃO 7. — *Presta atenção à qualidade de suas sensações? Interessa-se vivamente pelas formas, as côres e os sons considerados em si mesmos?* ......... 9
*Ou as formas sensíveis, no seu sentir, são apenas "dados" sôbre a natureza dos objetos (por exemplo, interessa-se pelo sentido das palavras sem prestar grande atenção ao timbre das vozes; e pela utilidade de determinado objeto mais do que por sua côr, etc.)?* 1

A sensação pode dissociar-se de nós mesmos, isto é, da avidez. É o que evidencia esta observação de André Gide:

"Eu não ficava em mim mesmo e qualquer contato com o mundo exterior menos me fazia ver minhas limitações do que suscitava volúpia." (**CXXXVIII**, pág. 10.)

Cada um tem diferente sensibilidade em relação às diversas ordens de sensações. Conhece-se a importância atribuída por Baudelaire aos odores. Verlaine sublinha o interêsse que apresentam, para êle, as sensações visuais:

"Em mim os olhos, sobretudo, foram precoces. Eu observava tudo, nenhum aspecto me escapava, estava incessantemente à caça de formas, de côres, de sombras." (**XXXIII**, t. V, pág. 17.)

É evidentemente o pintor, a quem as formas e as côres atraem de maneira poderosa. Não verá nelas nenhuma "significação" que pudesse remetê-lo a outra coisa, mas uma realidade fundamental, suficiente por si só. Corot não acha que deva deformar o que vê. Procura sempre "a imitação consciencIosa" (**CXXXIX**, pág. 86.) Recomenda "a maior ingenuidade no estudo." (**Id.**, pág. 82.) São, no entanto, as realidades plásticas que lhe interessam, e não o "assunto":

"Pinto um seio de mulher exatamente como pintaria uma vulgar lata de leite." (**Id.**, pág. 90.)

De maneira análoga, em **La Soirée avec Monsieur Teste**, Paul Valéry entrega-se como de hábito, aos jogos de uma inteligência associada sòmente às impressões sensoriais, sem relação precisa com qualquer objeto:

"Lá dentro da neblina brilhava um pedaço nu de mulher, doce como um seixo." (**CX**, pág. 24.)

QUESTÃO 17. — *Atribui muita importância ao que come? Come lentamente, saboreando? E' um bom "gourmet"?* . . . . . . . . . . 9
*Ou come sem prestar muita atenção, só para alimentar-se?* . . . . . . . . . . 1

O personagem mítico Teste é, ainda neste caso, excelente exemplo, pelo próprio rigor com o qual leva ao absoluto uma disposição que, concretamente, se imiscui sempre um pouco com as outras:

"Fazia as refeições em um pequeno restaurante da rua Vivienne. Ali comia como se estivesse tomando purgante, com a mesma precipitação." (CX, pág. 18.)

Sem dúvida, Paul Valéry acrescenta logo:

"Às vêzes concedia a si próprio, alhures, uma refeição calma e saborosa." (Id.)

Mas trata-se, neste caso, de uma experiência deliberada, para fins de experimentação, e não de uma inclinação natural.

Montaigne tinha grande ternura, mas interêsses sensoriais muito fracos. Em tais casos, a sensualidade é quase exclusivamente amorosa e o próprio Montaigne notou a grande diferença que separa esta última de tôdas as outras. Assim, seus prazeres gastronômicos são moderados:

"À mesa não faço escolhas e me sirvo das coisas que se acham mais próximas; e a contragosto é que mudo de um paladar a outro... Satisfaço-me fàcilmente com pouco alimento..." (LX, t. II, pág. 567.)

Benjamin Franklin era um ávido — aliás muito virtuoso — e de fracos interêsses sensoriais. Seu biógrafo, Van Doren, pôde dizer —

"que avançava para a mulher como um ser faminto; seus contatos com ela eram secretos e breves." (XCVII, pág. 56.)

Não nos surpreendemos, pois, ao ver o **Poor Richard** retomar, em 1733, a máxima que Molière coloca na bôca de Valério, quando corteja Harpagão: "Deve-se comer para viver, e não viver para comer." Duas tendências

se defrontam nesse aforismo, que pretende suprimir a dissociação estética; e a meditação dêsse provérbio, que parece banal, é preciosa para fazer brilhar a dualidade dos princípios que o utilitarismo reúne, ingênuamente, na afirmação de que o útil e o agradável se confundem — lá onde se manifesta o poder da avidez. Deve-se entretanto, decidir: o prazer é feito para a vida; ou a vida para o prazer?

QUESTÃO 27. — *Interessa-se no preparo das iguarias, em receitas culinárias?* .......................... 9
*Ou é indiferente a tais coisas (não vendo, por exemplo, nas receitas, caso sua função o obrigue a ocupar-se com elas, senão meios de dar prazer aos outros ou de levar a bom têrmo, de modo seguro e rápido, o preparo dos diversos pratos)?* .................... 1

Para que a Questão tenha sentido, deve-se fazer correções que as circunstâncias sociais exigem. Para muitas mulheres, as "receitas" são processos técnicos que lhes permitem terem êxito na sua "profissão" de donas-de-casa. Quando tais fatôres são postos de lado, acontece que a atenção dedicada ao preparo dos pratos denota o interêsse dirigido à qualidade das iguarias, a preocupação de realçar-lhes a excelência. E isso não é apanágio exclusivo das mulheres.

QUESTÃO 37. — *Sente muito interêsse nas sensações tâteis? O contato com a sêda, as peles, o veludo, é fonte de emoções vivas (agradáveis ou desagradáveis, pouco importa)?* .............................. 9
*Ou nutre escasso interêsse por tal espécie de sensações?* ....................................... 1

André Gide escreve, em **Les Nourritures Terrestres**:

"Entre tôdas as alegrias dos sentidos, eu invejava as do tato." (**XLIX**, pág. 114.)

O apêgo às sensações é, na evolução das tendências de acôrdo com a idade, uma etapa intermediária entre a avidez fundamental e a eflorescência da sexualidade em ternura. Outro texto de Gide sublinha bem tal fato:

"Acariciei os frutos, a casca das plantinhas, os seixos rolados dos rios, o pêlo dos cães e dos cavalos, antes de acariciar as mulheres." (CXXXVIII, pág. 10.)

QUESTÃO 47. — *Gosta de olhar-se ao espelho para estudar suas expressões? Policia seus gestos, o tom de sua voz?* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
*Ou isto só lhe interessa dentro dos limites normais?* 1

Todos têm necessidade do espelho, mas uns podem servir-se dêle com mais freqüência, outros com menos. Além disso, cada um lhe exige testemunho diferente. Há o exame de coqueteria, quando se controla a fisionomia, como o soldado experimenta suas armas. Não é isso o que a Questão pretende identificar; é a procura de si próprio no sensível; a descoberta, apaixonante e indefinidamente repetida, do corpo como corpo. Como sempre o fêz em relação a tôdas as tendências fundamentais, também esta a literatura universal fixou em um mito — o de Narciso.

G.B... tem 16 anos. E' a idade em que muitos rapazes se sentem como Narciso. Sem dúvida, procura exercer sôbre todo mundo um determinado efeito; verifica, em rápido olhar às vitrinas das lojas, se o nó da gravata está correto, se o chapéu tem a dobra como deve ser. Mas quando está sòzinho no quarto demora-se diante do espelho. Não é mais o "efeito" produzido que o preocupa, mas a descoberta e a admiração de si mesmo, entre espanto e arrebatamento. Contempla-se como forma visível — e ao mesmo tempo esquece-se como ser e potência. Aplica-se a modificar as expressões do rosto, isto é, a fazer carêtas, mas não pretende compor uma fisionomia ou uma atitude. Está dominado pelo jôgo das aparências e pela relação que se estabelece de si para si. E' curiosidade pura e sua vida está no olhar.

As jovens conhecem, geralmente um pouco mais cedo, tais emoções, e entregam-se a elas ainda com maior complacência. Evidente egocentrismo, já que não existe qualquer relação com outras pessoas, e que, entretanto, é muito diferente da avidez original.

Conhece-se o uso que Paul Valéry fêz do tema Narciso e de quantas sucessivas variações êle revestiu o original. O Narciso puramente sensual do **Album de Vers Anciens** cede progressivamente lugar a um filôsofo meditabundo e a fonte logo passa a ser um acessório simbólico. Maine de Biran nota, em si próprio, uma evolução que nos parece ter o mesmo caráter:

"Em minha primeira mocidade ocupava-me de minha pessoa, de todo o meu exterior... Mais tarde, fui dominado pela atenção às operações do espírito, observando seu modo-de-ser e suas modificações, como havia feito anteriormente em relação a meu corpo e aos meios de agradar aos outros ou de agradar-me a mim mesmo através da minha aparência." (IX, pág. 112.)

QUESTÃO 57. — *Ama o luxo pelo luxo (isto é, independentemente das satisfações de vaidade que êle pode proporcionar)?* ................................ 9
*Ou pouco se deixa impressionar pelo luxo?* ......... 1

Permanecemos fiéis ao ponto-de-vista adotado, que é o de pesquisar as tendências, e não as manifestações. Alguém que vive na austeridade, ou alguém que reclama contra despesas suntuárias, não são necessàriamente pessoas a quem o luxo seja indiferente, mas apenas indivíduos espirituais ou moralistas que o condenam. Ora, alguns condenam porque não gostam, ou desprezam; outros, porque compreendem muito bem e medem tôda a extensão da tentação.

Inversamente, se M.R... possui uma galeria de quadros, não é para satisfazer um entranhado desejo: quer sòmente ofuscar aquêles que o visitam, ou conservar em alto nível sua reputação.

QUESTÃO 67. — *Gosta de acariciar as criancinhas ou os animais?* .................................... 9
*Ou isto lhe é indiferente (independentemente dos sentimentos ternos que possa sentir)?* ............. 1

É a carícia na sensorialidade o que é aqui visado — e não a ternura que ela possa exprimir.

"Tenho necessidade de acariciar, escreveu André Gide. Minhas carícias não se fixaram ainda sôbre ninguém; permanecem difusas sôbre todos. Minha carícia é um enlace; tenho, instintivo, o gesto de abraçar... Tenho a obsessão da carícia..." (CXL, pág. 78.)

QUESTÃO 77. — *Sente profundas necessidades estéticas? O valor da arte, a seu ver, é tão grande quanto o da moral?* .................................... 9
*Ou a arte, em sua vida, ocupa sòmente lugar secundário, e não a considera senão como agradável meio de entretenimento?* .............................. 1

Comparar a arte à moral não é o escopo essencial desta Questão. Trata-se apenas de testar a fôrça das exigências estéticas. Louvar os quadros pela elevação moral de seus temas é uma subordinação da arte. Conhecem-se as opiniões de Diderot a êsse respeito. Pasteur tinha o mesmo vezo:

"Às vêzes, elogiava excessivamente escritores e oradores, ùnicamente porque havia identificado, em alguma de suas páginas ou frases, a expressão de um sentimento elevado." (XXX, pág. 22.)

Pode-se dizer, ao contrário, que é sob o ponto-de-vista estético que um escritor como André Gide, ou um filósofo como J. Segond, estudam a experiência moral.

A Questão 77 teria, evidentemente, pouca possibilidade de ser compreendida, se fôsse dirigida a pessoas sem nenhuma cultura. Será fácil encontrar-se equiva-

lentes adaptados às circunstâncias e tendentes à mesma finalidade: pesquisar as estruturas sensíveis em concorrência com algum outro sentimento forte, como a avidez, por exemplo, que se encontra, aliás, no substrato de muitas regras morais. Tratando-se de um camponês, pode-se opor a beleza ao dinheiro ou à posse de terras: "Não vacilaria em derrubar uma linda aléia de árvores se lhe oferecessem, pela madeira, preço mais alto do que o da cotação normal? Tens, em teu jardim (ou gostarias de ter, pois nem sempre é possível), um canteiro em que cultives flôres para teu próprio prazer?"

QUESTÃO 87. — *E' sensível à moldura dentro da qual se desenrola a sua vida (tapeçaria, mobiliário, decoração)? Ser-lhe-ia, por exemplo, insuportável viver num quarto que achasse feio?* .................... 9
*Ou tais coisas têm menos importância, a seu ver, do que o sentido prático, cômodo, higiênico, etc., das instalações?* .................................. 1

As pessoas interrogadas têm sempre ou quase sempre vontade de reter ambos os têrmos entre os quais se lhe pede que escolha. Mas isso não faz parte da regra do jôgo e, além disso, na vida, a escolha freqüentemente se impõe. As comodidades nem sempre são belas: sobretudo os meios de adquirí-las são limitados, e tôda compra contém geralmente algo de sacrifício. Não se compra aquilo que se tem vontade, mas aquilo que se tem **mais** vontade.

Paul Valéry, sensível às formas como as idéias, horroriza-se ante a feiúra do quarto em que se hospeda Monsieur Teste:

> "No quarto esverdeado, que cheirava a hortelã, não havia em tôrno da vela senão o melancólico mobiliário abstrato... nunca senti tão fortemente a impressão do **qualquer coisa**... Tive mêdo da infinita tristeza possível nesse lugar puro e banal. Vivi em tais quartos e nunca pude, sem horror, imaginá-los definitivos." (CX, págs. 29-30.)

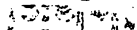
QUESTÃO 97. — *Observa comumente as roupas de seus amigos (côr, forma, qualidade do tecido, etc.)?* .... 9
*Ou quase não dá atenção a isso?* .................. 1

Para obviar, neste caso, a influência do hábito, deve-se, quanto às mulheres, limitar a Questão às roupas dos amigos masculinos, que normalmente elas analisam menos do que as roupas das outras mulheres, suas rivais ou modelos.

## § 8. TERNURA

QUESTÃO 8. — *Emociona-se fàcilmente em face da sorte dos outros?* .................................. 9
*Ou permanece calmo, mesmo quando procura efetivamente ajudá-los?* . . .......................... 1

Montaigne, que não é emotivo, é muito terno:

"Compadeço-me muito fàcilmente das aflições alheias e choraria fàcilmente com os que choram se, em tôdas as ocasiões, eu pudesse chorar. Não há nada que me incite às lágrimas como as lágrimas, de qualquer natureza, mesmo fingidas ou pintadas." (LX, t. I, pág. 452.)

A ternura nos associa, por um impulso totalmente espontâneo, ao destino dos outros:

"Quando vivemos todos os dias, escreve Georges Duhamel, ao lado de um rapaz que tem uma bala no peito e cuja respiração está difícil, impedida pelo sangue, por mais que sejamos fortes, razoáveis e sadios, desejaríamos respirar pelo outro, tossimos e cuspimos como se isso pudesse ajudá-lo." (CXLI, pág. 113.)

Ainda neste caso, o comportamento é mãu juiz. Pode-se ser terno e fazer, entretanto, poucas coisas para ajudar aquêles cujas misérias conhecemos; por outro lado, aquêles que prestam o auxílio mais eficaz são, por vêzes, pessoas sêcas, guiadas pela idéia abstrata do dever

ou do interêsse. Dessa forma, o terno é quase sempre o único a conhecer sua ternura. Daí a impossibilidade de prescindir do estudo direto. Em todo caso, se os outros ignoram ou subestimam essa ternura, êle tem dela idéia bem nítida:

"O que está mais do que provado, a meu respeito, diz Stendhal, é a facilidade extrema, que tenho, de comover-me até às lágrimas. Então tôdas as bases de julgamento mudam num instante." (IX, pág. 223.)

O terno vive em função dos outros: tal dependência parece-lhe, muitas vêzes, uma fraqueza contra a qual se revolta:

"Por que não ficar indiferente a êles, como o ficam em relação a mim? pergunta Maine de Biran. Por que preocupar-me e esquecer-me de mim por êles ou por causa dêles, ceder-lhes tôdas as vantagens e não ter nenhuma? Por que? Porque há em mim um princípio de fraqueza que me faz ter imediatamente um sentimento de inferioridade, de dependência, e que, nessas espécies de afinidades ou de ações simpáticas que agem entre as naturezas humanas natural e espontâneamente, faz com que eu seja mais atraído do que atraente." (LXVIII, t. II, págs. 119-120.)

Seria fácil achar nos escritos dos sábios e dos santos expressões sôbre essa comparticipação nos sofrimentos alheios. Seria útil, para mostrar tudo o que separa essa simpatia da fraqueza. Mas tal trabalho exigiria uma análise minuciosa, necessária para distinguir a simples disposição natural do real valor moral — o que ultrapassaria os limites desta obra. O amor do santo é coisa diferente da ternura espontânea. O santo procura situar-se em Deus e a não ser senão a eflorescência do amor de Deus. A santidade está além do apêgo às pessoas, como do apêgo às coisas. Vamos pedir a um poeta — e poeta pleno de avidez — que dê aqui o seu testemunho.

Goethe, cuja impassibilidade alguns juízes superficiais exageraram, tinha a alma terna. Certa vez êle

disse estas palavras, que um de seus melhores biógrafos, Marcel Brion, acha, com razão, desconcertantes:

"Todo sofrimento humano me dilacera." (CXII, pág. 204).

QUESTÃO 18. — *Considera os sentimentos das pessoas mais importantes do que os atos dessas pessoas?* .. 9
*Ou pensa, ao contrário, que o que conta realmente são os atos, os resultados?* ........................ 1

Quando Goethe estava apaixonado por Charlotte von Stein e devia contentar-se, durante anos, com um amor platônico que repugnava a sua sensualidade,

"não usa, para dobrá-la, nenhuma das astúcias comuns que os Dons Juans sabem empregar. Não custaria nada servir-se delas, ajudariam, talvez, a sua vitória, mas repugna-lhe pois **falseariam a partida.**" (CXII, pág. 216.)

O terno nem sempre é fraco: concorda em parecê-lo. O fraco abstém-se porque não ousa; o terno, porque respeita. Assim, a ternura que, por meio da simpatia que dela emana, ajuda a conhecer os outros, impede também que se utilize êsse conhecimento para manejá-los.

R. B... queria conseguir que seu amigo Pedro lhe fizesse determinado favor, que para êle é importante. Pedro acaba por concordar, mas com certo sentimento de aversão; faz ver claramente ao amigo que isso lhe será desagradável e que guardará disso algum ressentimento. Logo depois R. B... desiste da emprêsa. Os sentimentos do amigo têm para êle maior valor do que a ajuda que dêle poderia receber. O ideal seria, sem dúvida, que outro fizesse espontâneamente aquilo que se espera dêle; mas, se é mister escolher, os sentimentos terão precedência em face dos resultados.

É a base do amor terno. O amoroso deixa entender quais são seus desejos e, na maioria das vêzes, tem certeza de que poderia fàcilmente vê-los satisfeitos. Sabe

mesmo, exatamente, o que deveria fazer para obter êxito. Mas o sucesso aparente seria para êle um fracasso, já que alteraria os sentimentos da pessoa amada:

"Embora amável, embora atraente como era aos meus olhos, escreve Rousseau nas Confissões, eu podia consolar-me de perdê-la; mas do que não pude consolar-me, confesso, foi de não haver ela levado de mim senão uma recordação desprezível..." (**LII**, págs. 315-316.)

Tal delicadeza que, em Rousseau, se une à fraqueza e dela parcialmente provém, pode encontrar-se nos espíritos mais enérgicos. Temo-la encontrado várias vêzes nos fleumáticos.

QUESTÃO 28. — *Gosta dos animais como de sêres que tenham personalidade, preocupando-se com o que sentem?* ........................................ 9
*Ou, sem causar-lhes mal, os considera como gado, isto é, quase como coisas?* ........................ 1

Descartes não era terno e sua vida amorosa não parece ter sido muito importante. Era bom para com os amigos, embora não tomasse parte mais intimamente nos seus pensamentos e sentimentos. Encarregava seus correspondentes, e notadamente Mersenne, de missões que podiam freqüentemente colocá-los em dificuldades, com as quais não se preocupava. Destarte, não é de se admirar que haja introduzido em seu sistema a célebre teoria dos animais-máquinas.

O terno é tão atento à importância da interioridade que a respeita em tôdos os sêres e a supõe no animal. Êste torna-se um "irmão inferior" com o qual procura entrar em contato.

Montaigne descreve, em várias ocasiões, as manifestações dessa "simpatia que nutria para com os animais". Julga que são "como nós, da... família" de Deus. (**LX**, t. I, pág. 455.) "Quanto a mim, diz êle também, não podia ver, sem desprazer, perseguir-se e matar-se um animal inocente e indefeso, do qual não recebemos nenhum dano... Não aprisiono animais vivos, devolvo-lhes a liberdade." (Id.,

pág. 454.) Anatole France, ao contrário, tinha "fobia aos animais... que não transparece em nenhum de seus livros, mas que era evidente em todos os momentos". (**CXLII**, pág. 43.) "Conservava, em relação aos animais, um afastamento instintivo, mas não fugia dêles, contentando-se em não procurar-lhes o contato." (**Id.** pág. 84.)

QUESTÃO 38. — *Os outros lhe interessam essencialmente, em função daquilo que deseja fazer? Considera-os como instrumentos a serem utilizados ou obstáculos a afastar?* .............................. 1
*Ou, ao contrário, acomoda-se ao modo-de-ver dos outros, esquecendo o seu próprio, sentindo por simpatia o que êles sentem, procurando servi-los mais do que servir-se dêles?* .............................. 9

Madame de Staël escreve que Napoleão "olha as criaturas humanas como fatos ou coisas, e não como semelhantes. Não odeia nem ama, só existe êle, para êle. Tôdas as restantes criaturas são algarismos." (**XLIII**, pág. 30.)

A bondade de Franklin não é mais ternura. É uma hábil utilização de leis psicológicas:

"Faze o bem a teu amigo para conservá-lo; a teu inimigo, para conquistá-lo." (**XCVII**, pág. 70.)

Atitude inversa é a que adota André Gide:

"Não posso sentir prazer em nada que compro às custas de outrem; consiste minha maior alegria aumentar a dos outros." (**LXIII**, pág. 21.)

R. G... é representante comercial. Oferece aos camponeses máquinas agrícolas, esmera-se em conquistar-lhes as simpatias pela facilidade com que êle adota seus pontos-de-vista e participa de suas preocupações. Mas trata pouco de negócios porque, nas conversas com clientes, esquece o seu interêsse, que seria o de vender, para defender o dos clientes, que quase sempre seria o de não comprar. Leva o desinterêsse — êle próprio o chama de "tolice" — até demonstrar-lhes como podem recondicionar velhas máquinas e evitar assim a compra que lhes oferece. Êle é, por natureza, por demais amigo dêles para ser o seu eficaz fornecedor.

"Tenho de experimentar os sofrimentos de meus amigos, escreve Marcel Proust, aptidão que a vida só fêz desenvolver." (CXIII, pág. 143.)

E Amiel:

"Nada guardo para mim. Instilar alegria nas almas é, no fundo, o meu prazer mais caro. Minha inclinação é pela harmonia dos sentimentos com tudo o que me rodeia e que está próximo de mim. Alegrar e estimular, compreender e consolar, parece-me que é tudo o que peço à vida." (LXXXVII, t. I, pág. 158.)

QUESTÃO 48. — *Apega-se a seus colaboradores, criados, colegas de trabalho, a ponto de manter relações com êles, mesmo quando tais relações lhe são claramente desfavoráveis (não despedir um criado negligente, um empregado medíocre)?* ............ 9
*Ou não hesita em consumar as separações que se façam úteis (substituir um colaborador, mudar de local, etc.)?* ................................ 1

Neste caso, o difícil é chegar a distinguir o apêgo aos empregados da timidez, que faz com que não ousemos despedi-los, embora desejássemos fazê-lo.

Nas relações com os subordinados a ternura está sempre às voltas com a avidez. Esta exige um serviço tão completo quanto possível. Aquela respeita a personalidade dos outros. O terno se perturba com estar sempre "nos calcanhares" de seus colaboradores, de intervir constantemente no exercício de sua atividade. Goethe, que exerceu, durante certo tempo, funções administrativas, confiava, em 1827, ao Chanceler Müller:

"Esforço-me por deixar cada um de meus subordinados agir livremente no círculo que lhe é reservado, a fim de que tenha a sensação de que é um homem." (LXXXIII, pág. 86.)

QUESTÃO 58. — *Gosta muito de crianças? Sente prazer em sua companhia? Gosta de participar de seus jogos?* ................................ 9

*As crianças o irritam?* ............................ 1
*Ou lhe são, apenas, indiferentes? Ou, ainda, as ama de maneira teórica e, se se pode dizer, "de longe"?* 5

Mais ainda do que nos poemas de amor, é nos versos que dedicou às crianças que fica mais bem demonstrada a ternura de Victor Hugo. A presente Questão é um bom critério para a ternura. Convém, entretanto, reconhecer as respostas convencionais. Muitas pessoas acreditam amar as crianças, mas a elas são completamente indiferentes. Deve-se explicar neste caso que "não amar as crianças" não significa que se deva ser mau para com elas, nem mesmo severo. Significa simplesmente que não entramos voluntàriamente em seu pequeno mundo, que dificilmente nos colocamos ao seu alcance, que as tratamos com condescendência. Para quem ama as crianças, o adjetivo "infantil" tem qualquer coisa de saudável e atraente. Para quem não as ama, é têrmo algo ridículo.

As crianças — assim como os animais — dirigem-se por instinto para aquêles que as amam. Muitos ternos, a quem uma extrema emotividade paralisa, não se sentem à vontade e não revelam a sensibilidade dos seus corações senão em presença de crianças muito novas.

"Já se escreveu um livro inteiro sôbre **Goethe, Amigo das Crianças.** Em Leipzig, êle se distrai com os filhos do gravador Stock; em Darmstadt, é o grande favorito dos filhos do seu amigo Merck; em Sesenheim, é o preferido dos irmãozinhos e irmãs de Frederico; e em Wetzlar é o ídolo dos irmãos de Lotte... Em Weimar, êle se apega imediatamente às quatro filhinhas de Wieland, aos filhos de Herder e logo se torna popular em todo aquêle mundo infantil... Nas suas viagens pela Itália, em Champagne, durante a Campanha da França, nas estações de água da Boêmia ou no Reno, por tôda a parte seu olhar repousa, atento e comovido, sôbre as crianças que encontra pelo caminho." (LXXXIII, págs. 82-83.)

QUESTÃO 68. — *Prefere ser amado a ser obedecido?* 9
*Ou existem, em sua opinião, coisas muito mais importantes que o amor e cuja realização exige que se coloque o amor em segundo plano?* .............. 1

É ainda a avidez que, neste caso, diretamente se contrabalança com a ternura. Qual é a tendência predominante do entrevistado? Ser e fazer — ou unir-se a outrem, esquecendo-se de si próprio em proveito da amizade ou do amor conjugal?

A obediência, de que se trata aqui, não é necessàriamente provocada por ordens imperativas. Ela pode ser a obediência provocada pela diplomacia de um "Vênus". Em ambos os casos, ela trai uma vitória da vontade. O amor não é a favor da vontade nem contra ela. É de outra ordem. Cria, onde reina, um clima especial fora do qual a alma terna não poderia encontrar felicidade.

"Mozart perguntava a cada instante a todos que o vinham ver: "Gosta de mim?" Uma resposta dúbia mergulhava-o em grande tristeza." (CXXIV, pág. 505.)

QUESTÃO 78. — *Quando sente afeto por alguém, é levado a expressar tal sentimento por meio de palavras ternas, de atos de cortesia?* .................. 9
*Ou sòmente por atos de benevolência positiva (prestar serviços, informar, ajudar, etc.)?* .............. 1

Os dois membros da alternativa não se excluem: pode-se ter atenções e fazer, entretanto, o que se deve para ajudar o amigo. Os atos eficazes exigem apenas uma atividade em grau suficiente. O que se procura apreciar, neste caso, é a presença ou a ausência dêsses mil pequenos gestos nos quais se exprime a ternura e pelos quais se deseja "tocar" o coração dos outros. As intervenções positivas são úteis, ou melhor, indispensáveis. As atenções visam sòmente a dar prazer, a exprimir sentimentos, a manifestar íntima comunhão. A mãe que aperta con-

tra si, ao embalá-lo, o filho que chora, agiria talvez melhor se procurasse simplesmente a causa de seus sofrimentos e tratasse de dar-lhe diretamente o remédio. Mas ela age como se o que importasse, acima de tudo, fôsse demonstrar ao filho quanto é amado. Sem dúvida, deve-se concordar em que se pode, ao mesmo tempo, acariciar e cuidar. Mas, para o terno, consolar e amimar são coisas tão preciosas, ou talvez mais preciosas, do que os cuidados materiais.

QUESTÃO 88. — *Sente necessidade de rever freqüentemente os amigos?* .............................. 9
*Ou fica muito tempo sem vê-los (sem que isso, aliás, signifique necessàriamente um enfraquecimento da amizade)?* .................................. 1

Goethe afirma sempre "que é incapaz de amar sem a presença." Declara a Friederike Brun: "A presença é a única deusa que posso adorar..." "A amizade, diz êle ainda, alimenta-se das relações, e quando estas cessam, ou se transformam, ela morre de fome." (**CXII**, pág. 217.) Em suas cartas a Madame de Stein, o mesmo tema volta perpètuamente: "A presença é tudo." "A presença é e continua sendo tudo." "De que me serve que estejais no mundo, que penseis em mim? Sinto falta de vós em cada canto." (**Id.**, pág. 217.)

QUESTÃO 98. — *E'-lhe penoso trabalhar num ambiente indiferente ou hostil?* ........................... 9
*Ou tal coisa não o afeta sensìvelmente?* ........... 1

Maine de Biran assinala "a inquietação que sente quando percebe sinais de antipatia ou oposição." (**LXVIII**, t. I, págs. 119-120.)

Tal sentimento torna-se, evidentemente, exagerado quando se trata de emotivos. Procuramos, aqui, descobrir as direções que mais fortemente solicitam a sensibilidade e não a intensidade da perturbação que sentimos. Harpagão é afetado emocionalmente com tudo o

que diz respeito ao seu dinheiro, mas não possui ternura e os sentimentos do próximo lhe são inteiramente indiferentes.

Conhecemos numerosos casos de não-emotivos muito calmos, de forte ternura, para quem os sentimentos alheios têm extrema importância e que sofrem por terem de viver em ambientes onde lhes falte simpatia.

Também os ativos não estão isentos — quando são ternos — a essa inibição em face do ambiente:

O Marechal Lyautey "não pode trabalhar a não ser numa atmosfera de simpatia". "Tenho necessidade de que gostem de mim", diz êle. E sentir-se-á emocionalmente afetado se, na multidão que o escuta, percebe uma única pessoa hostil. B... está lá, diz; êle não gosta de mim; sinto "que êle está me criticando." (**CXLIII**, pág. 153.)

## § 9. Paixão Intelectual

Questão 9. — *Procura, com certa freqüência, resolver problemas sem nenhuma utilidade prática?* ........ 9
*Ou só se interessa pelos resultados positivos, e se afasta de tudo aquilo que a nada conduz?* ......... 1

O empirismo, que faz da inteligência um instrumento, nega todo conhecimento, à procura de um resultado prático:

"Não há conhecimentos verdadeiramente dignos dêsse nome, escreve John Locke, senão aquêles que conduzem a alguma nova invenção útil, que ensinam a se fazerem as coisas melhor, mais ràpidamente e com maior facilidade do que antes. Qualquer outra especulação, por curiosa e refinada que seja, tenha as aparências de profundidade que tiver, não passa de uma filosofia vã e prèguiçosa, uma ocupação de desocupados." (**De Arte Médica**, in **CXLIV**, t. III, pág. 31.)

Alhures, nos **Pensamentos Sôbre a Educação**, Locke sublinha a finalidade social de todo conhecimento:

"A instrução tem por fim essencial colocar cada homem em estado de cumprir os deveres de sua posição." (Idem, pág. 45.)

Malherbe dizia, mais brutalmente:

"Não sinto gôsto em me esforçar por coisas das quais não espero nem prazer, nem proveito." (**CXXXVII**, pág. 216.)

Para Valéry, ao contrário, a obra é pouco importante; ela indica apenas o valor da atividade que a produziu:

"A obra, em mim, não procede de uma necessidade interior. E' o **trabalho mental** que, em mim, é necessidade (a partir da excitação). E' isso o que me incita ao próprio trabalho, e não o seu **produto** (se a idéia de **produto** é uma condição do trabalho, mas não a única, nem a principal). A obra, portanto, a meus olhos, é **aplicação**, ao passo que, comumente, é o objeto capital do desejo." (**CXLV**, págs. 21-22.)

QUESTÃO 19. — *Prefere as distrações de caráter intelectual (estudos, discussões de idéias, jogos de reflexão, tais como o xadrez, etc.)?* .................... 9
*Ou escolhe entretenimentos de outra ordem: físicos (esportes, excursões), sociais (visitas, reuniões), ou sentimentais (leituras romanescas, música)?* ....... 1

Aquêle cuja paixão intelectual é forte não despreza, forçosamente, as distrações não-intelectuais, mas não poderia comprazer-se nelas muito tempo. Logo o aborrecem, porque nelas não encontra alimento para a paixão dominante. Abandona-as ou transforma-as, passando da audição da música à reflexão sôbre a música, ou da conversa banal ao estudo psicológico daqueles com quem conversa.

Luís XVI fabricava chaves e móveis. Há escritores que sentem prazer em capinar seu jardim. Aquêle cuja paixão intelectual é muito forte raramente persiste nes-

sas atividades rurais ou artesanais. Logo que haja compreendido o processo ou dominado a técnica, procura outra coisa, ou continua praticando a jardinagem "como higiene mental". O gôsto pelos trabalhos manuais não está, aliás, ligado nem à habilidade (há desajeitados que adoram pequenos trabalhos de "amador"), nem à extroversão, como o prova a nota seguinte, de Aldous Huxley, também êle um extrovertido:

"Um escritor que conheço. Se existe alguém que seja introvertido, é êle. Impõe seu pensamento e seus sentimentos ao mundo exterior de uma forma que, em nossa época, cuja maior parte das pessoas é extrovertida, parece excessivamente excêntrica. Tal hábito de extrema introversão, entretanto, não impede meu amigo de sentir prazer nos trabalhos de jardinagem, de oficina e do campo. Nas utopias de William Morris ou de Tolstoi êle estaria feliz. Quanto a mim, o ideal artesanal é simplesmente um pesadelo." (III, pág. 60.)

QUESTÃO 29. — *Acredita existam mistérios que se devam respeitar e que, em certos assuntos, a razão deva ceder lugar e renunciar a prosseguir na pesquisa?* .. 1
*Ou julga que êsse respeito em face do mistério é, pelo contrário, falta de honestidade intelectual e, de certa forma, um "pecado contra o espírito"?* ............ 9

O agnosticismo voltairiano é, em grande parte, de origem empírica:

"Ó homem, Deus te deu o intelecto para que procedas bem, e não para penetrares na essência das coisas que êle criou." (XII, t. VII, **Dicionário Filosófico**, art. "Âme".)

Musset estabelece limites à pesquisa por causa da fraqueza humana:

"Não perguntes o que é mister que ignores. — Porque devo ignorar as coisas? — Porque és mísero e frágil e porque todo mistério a Deus pertence." (CXLVI, pág. 298.)

Lamartine deprecia a verdade, subordinando-a à bondade. Escreve em 1830:

"Deve-se muitas vêzes inclinar a cabeça e reconhecer uma ordem de verdades além da razão humana. Essas verdades julgam-se pelos frutos, e não pela evidência. O que produz uma vida moral e pura é necessàriamente bom, e Deus quer que sigamos, sem maiores exames, aquilo que produz o bem, pois o bem é a pedra-de-toque da verdade." (CXXVI, pág. 96.)

E na obra Sagesse, o poeta condenava a inteligência em seu princípio:

"Insensato é o mortal que pensa;
todo pensamento é um êrro."

(CXXVI, pág. 97.)

É o desejo de oposição e de revolta, unido a uma forte polaridade "Marte", que sustenta o antiintelectualismo de Kierkegaard:

"De provas, a fé não tem necessidade; deve mesmo considerá-las como inimigas." (L, pág. 58.) Régis Jolivet também observa que "a fé, segundo Kierkegaard (e segundo Lutero), situa-se contra a razão, e não apenas acima dela." (L, pág. 60.)

A tais atitudes, seria fácil opor as dos filósofos intelectualistas. Mas iríamos deslocar o problema, abandonar o terreno psicológico, que deve ser o nosso, e substituir o confronto das tendências pela oposição dos sistemas. Não dispomos, aqui, de espaço suficiente para demonstrar a solidez dos liames que unem os sistemas aos caracteres, nem para explicar de que maneira as inclinações atribuídas ao temperamento deixam intatos os direitos da verdade. Contentemo-nos, portanto, de registrar o testemunho de um poeta e de um artista — e isto apenas para mostrar quanto diferem, segundo os indivíduos, os pretensos testemunhos da consciência.

Baudelaire sente-se "ferido pelo mistério e pelo absurdo". (LXXXVI, pág. 96.) Pensa que "só o corpo limita, e não a razão universal por direito." (Id., pág. 96.) Quer que "todos os sistemas sejam inteligíveis" (pág. 99) e sustenta que "o inexprimível não existe" (pág. 114). Se ouve música, "indaga o porquê" de seu prazer e procura uma "elucidação perfeita" (pág. 161). O que deseja, antes de tudo, é conhecer.

Para Leonardo da Vinci, "a verdadeira religião é o conhecimento do universo." E profere as imortais palavras: "Quanto mais se conhece, mais se ama." (CXLVII, pág. 111.)

QUESTÃO 39. — *Sente-se mais interessado pelos fatos concretos?* ........................................ 1
*Ou pelas idéias e teorias?* ......................... 9

O gôsto pelos fatos tem, como fonte principal, a avidez, seja porque dirija o conhecimento para a ação prática (o que supõe o apêgo à existência e a suas minúcias), seja porque se colecionem fatos, como selos ou estampas. Ao contrário, para aquêle a quem a paixão intelectual domina, o fato é sòmente uma ocasião. É o exemplo mediante o qual Descartes capta as idéias; Husserl, as essências; o sábio moderno, as leis.

"Quase tôda nossa vida gasta-se em curiosidades tôlas, nota Baudelaire. Em contraposição, há coisas que deveriam excitar a curiosidade dos homens ao mais alto grau e que, a julgar-se pela forma comum de vida que levam, não lhes inspiram o menor interêsse." E prossegue, relacionando uma série de problemas metafísicos. (CII, pág. 47.)

G. Lanson, citado por R. Le Senne, diz a respeito de Vauvenargues que

"na maioria das vêzes, as impressões que recebe do exterior e os movimentos da vida interior se traduzem, conforme o espírito clássico, em reflexões gerais. A ocasião particular, o fato concreto, o pormenor vivido, de onde se tenha originado tal ou qual pensamento, escapa quase sempre." (I, pág. 271.)

QUESTÃO 49. — *Dentre os romances, prefere sempre aquêles nos quais "se passa" alguma coisa e em que todos os acontecimentos são narrados pormenorizadamente?* ........................................ 1
*Ou prefere aquêles que permitam captar o jôgo dos mecanismos psicológicos ou o valor de uma idéia (filosófica, moral, social, etc.)?* ...................... 9

O gôsto pelo "enrêdo" dos romances relaciona-se com a avidez. Apegamo-nos àquela personagem com a qual nos identificamos, mais ou menos perfeitamente, seja porque parecemos com ela e porque nela encontramos o modo-de-ser de nossa própria existência, seja porque nela projetamos o que desejaríamos fazer. A paixão intelectual está em relação com êsses poderosos interêsses. Quando ela predomina, os acontecimentos passam a ser apenas ocasiões para se proporem problemas ou se procurarem soluções. Logo nos entedia galopar com o herói em perseguição dos inimigos em fuga ou descobrir o que "aconteceu" a Madame X... Deixa-se de lado o fato para procurar a lei por trás do fato, para procurar, sob o acidente que é simplesmente um "efeito", aquilo que permanece e que explica.

Quando a paixão intelectual aumenta não se lerão mais romances a não ser para estudar-lhes a técnicas. Preferir-se-ão as biografias e a história, não porque relatem o que "realmente aconteceu", mas porque distraem menos do que instruem e porque, desprezando o pitoresco, pretendem fazer-nos **compreender** os acontecimentos e as ações.

"Os historiadores, diz Montaigne, são os meus preferidos: pois são agradáveis e fáceis; e é onde o homem genérico, que procuro conhecer, aparece mais vivo e mais íntegro do que em nenhum outro lugar; onde aparecem melhor a variedade e a verdade de suas condições internas, não só genèricamente como também em todos os pormenores; onde melhor aparece a diversidade dos meios que usam para se congregarem e dos acidentes que os ameaçam. Ora, aquêles

que narram vidas estão mais de acôrdo com meu modo-de-sentir, exatamente porque se comprazem mais nos conselhos do que nos acontecimentos, mais naquilo que vem de dentro do que naquilo que acontece do lado de fora: eis por que, sob todos os aspectos, o meu escritor preferido é Plutarco." (LX, t. I, pág. 436.)

QUESTÃO 59. — *A vida social apresenta-se a seus olhos como algo muito importante? Acha que todos têm o dever de compartilhar dela?* ........................ 1
*Ou nutre desconfiança em relação à sociabilidade e tende a "libertar-se" dela para poder pensar com tôda a liberdade, além das tradições, e sem ceder às solicitações da época e do meio?* ..................... 9

O fato de sentir-se alguém chocado com esta Questão — como alguns se sentiram quanto à Questão 28 —, demonstra que a paixão intelectual não é totalmente dominante. Limitamo-nos a assinalar tendências, sem pretendermos, de modo algum, ver nelas vantagens ou desvantagens. Acontece que, quando o desejo de compreender é extremo, qualquer "aplicação" da inteligência, a qualquer objeto que seja, importa num risco de alteração. Escreve Paul Valéry:

"Apologética é impureza. Mescla de razão-paixão-interêsse. Todos os meios são bons. E' então que o fim é vil... A impureza é meu antípoda. Política, religiões... "opiniões", "convicções", "crenças", para mim são ervas daninhas — confissões. Oferecer o provisório em lugar do sólido." (CXLV, págs. 23-24.)

Ou ainda, no Prefácio de **Monsieur Teste:**

"Criei para meu uso a regra de considerar, secretamente, nulas e desprezíveis tôdas as opiniões e hábitos mentais que nascem da vida em comum e de nossas relações externas com os outros homens, e que desaparecem na solidão voluntária." (CX, pág. 9.)

É o cepticismo crítico de um Montaigne ou de um Descartes, tentando libertar a inteligência dos preconceitos criados pelo hábito. Aliás, vem a propósito repetir

que a paixão intelectual, que é uma tendência, é distinta da inteligência, que é uma aptidão. Um espírito penetrante, como Franklin, pode não estar dominado pela paixão intelectual:

> Êle "era homem de ação, tanto em ciência como em moral e em política. Por maiores que fôssem seu amor pela ciência e o valor que lhe atribuía, não podia resistir às exigências da sociedade." (XCVII, pág. 119.)

Conhece-se a importância que exerce, na literatura contemporânea, o conceito de "pensamento comprometido". Seus defensores, em maior ou menor grau, excluem-se mùtuamente. Uns negam, não sem algum menosprêzo, a verdade que chamam de "abstrata" e se aplicam a distinguir diferentes espécies de verdades, qualificadas por sua adaptação a determinado estado político e social. Outros recusam submeter sem julgamento ao interêsse de um grupo, de uma nação ou de uma classe, e afirmam que a liberdade deve ser total. No entanto, êles a cerceiam, já que exigem que se aplique apenas ao único assunto que julgam digno da atenção do escritor: os problemas sociais. Liberdade de opinião, porém sôbre um tema impôsto; quem se ocupa de coisas diferentes é diletante.

Jean-Paul Sartre não perdoa a Flaubert nem a Giraudoux o fato de terem negligenciado os problemas sociais de seu tempo para se dedicarem ùltimamente ao trabalho do estilo. De modo inverso, aquêles em que o desejo de compreender era extremamente exigente demonstraram escassa paixão pelos acontecimentos políticos ou sociais de sua época. Não lhes faltaram recriminações por causa de tal indiferença. Seria, porém, mais justo falar-se apenas de um interêsse menor.

> Leonardo da Vinci não deixava de ser patriota, mas "não podia inflamar-se com o espírito partidário dos **piagnoni** ou dos **arrabiati**, nem com os inflamados sonhos de Savonarola." (CXLVII, pág. 51.) A Leonardo da Vinci opõe-

se Miguel Ângelo, também artista, porém menos dominado pela urgência de saber. Era um daqueles "jovens florentinos, apaixonadamente patriotas, aferrados aos costumes e às liberdades comunais". Para êle, Da Vinci é "um ser sem raízes, um indiferente à vida cívica, um céptico detestável." (Id., pág. 53.) Miguel Ângelo "combatia em Leonardo uma concepção da arte e do caráter que lhe parecia revoltante." (Id., pág. 54.)

Goethe sentia o mesmo desinterêsse pela política:

"Achava que qualquer participação sua na vida política seria prejudicial a si próprio e pouco proveitosa para a sociedade." (CXII, pág. 305.) Alguns dias antes de morrer expôs a Eckermann seu pensamento a respeito:

"Quando um poeta quer fazer política, é mister que se filie a um partido e, a partir dêsse momento, está perdido como poeta... Certamente o poeta deve amar sua pátria, como homem e como cidadão; mas sua pátria, na poesia, como objeto de sua atividade, é tudo o que é grande, bom e belo, que não depende de país algum, de nação alguma, e que êle toma e manipula, em qualquer parte onde o encontre." (CXII, pág. 305.) Ao receber os jornais da França, lia "primeiro com sofreguidão as notícias da polêmica científica entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, e só depois as notícias da revolução de 1830." (Id., pág. 307.)

Vigny vai mais longe, porque nêle os traços do sentimental, ciumento de sua intimidade, transformam em hostilidade aquilo que o não-emotivo traduziria por indiferença:

"A ordem social é sempre má. De tempos em tempos, é a custo suportável. De má a suportável, a discussão não vale uma gôta de sangue. E' uma teoria assassina. E' a dos setembristas e dos inquisidores, de Ravaillac e de Louvel. A ordem social é má e sê-lo-á sempre..." (IX, pág. 266.)

O menosprêzo pela política não se abranda:

"Um artigo de Carrel afirma que a glória do poeta não perdura senão enquanto êle combate ou ajuda o movimento político. Mas Dante, Milton, Horácio, Montaigne, Newton, Klopstock, Goethe — que tendências políticas possuiam?" (IX, pág. 276.)

QUESTÃO 69. — *Diante de problemas complexos, sobrevém-lhe um sentimento de humildade? Ou, ao contrário, sente por vêzes impulsos de orgulho diante do progresso da ciência ou diante de suas próprias descobertas?* ........................................ 1
*Ou tais sentimentos (humildade, orgulho) lhe parecem fora de propósito, já que em tais ocasiões se trata simplesmente de compreender?* ............. 9

O orgulho que se apodera do homem, diante das "conquistas da ciência", a humildade que o dobra diante dos "mistérios insondáveis do universo", são dois sentimentos opostos que têm a mesma origem: é a fôrça ou a fraqueza do homem que está em causa. A inteligência nada tem a ver com isso. Desde o momento em que o homem deixe de relacionar tais fatos consigo mesmo, os mistérios podem se resolver em problemas, para cuja resolução talvez faltem apenas certos dados ou determinadas aptidões.

A extrema atenção elimina todo e qualquer sentimento que não a curiosidade. O anatomista já não percebe mais que as realidades que manipula são asquerosas. Elas passam a ser apenas os elementos de um resultado que êle investiga. Medir a largura de um precipício já significa libertar-se da vertigem. Valéry é, neste caso, o anti-Pascal.

QUESTÃO 79. — *Gosta das pessoas simples, dos poemas fáceis de entender, das histórias sem complicações?* ........................................ 1
*Ou logo se aborrece com as coisas muito simples e prefere as obras e as pessoas que dão, à inteligência, ocasião de exercitar-se intensamente?* ............. 9

"A tolice quase inevitável dos poemas causava-me arrepios, escreve Paul Valéry. Daí meu arrebatamento por Mallarmé." (CXLV, pág. 16.)

Aborrecemo-nos logo, quando o interêsse dominante não se satisfaz:

"Os romances me fatigam muito mais depressa do que as obras de leitura difícil, escreve Maria Lenéru em seu Diário. As coisas realmente belas não têm essa tessitura frouxa, êsses orifícios através dos quais contemplamos nosso próprio tédio; pois o que me cansa, na leitura, não é a atenção, mas a falta de estruturação da obra." (IX, pág. 616.)

QUESTÃO 89. — *Sente necessidade de analisar os sentimentos dos amigos e de procurar compreender as obras-de-arte que admira?* .......................... 9
*Ou lhe basta abandonar-se ao prazer que lhe dão a presença dos amigos e a contemplação das obras artísticas?* .......................................... 1

Tôda a obra de Proust está dedicada à análise dos personagens que põe diante de nossos olhos. Mas êle não era menos exigente em relação às obras-de-arte:

"Um dia, quando saíamos de um concêrto em que havíamos ouvido a sinfonia coral de Beethoven — escreve Lucien Daudet — eu trauteava algumas notas esparsas que exprimiam, acreditava eu, a emoção que acabara de sentir; e exclamei, com uma ênfase cujo ridículo só compreendi depois: "E' esplêndida esta passagem." Marcel Proust pôs-se a rir e me disse: "Ora, meu caro Lucien, não será o seu **pum, pum, pum** que fará com que se admita êsse esplendor! Seria melhor tentar explicá-lo." (CXLVIII, pág. 29.)

Quando, muito pequeno ainda, passeava para os lados de Méséglise, Proust sentiu-se um dia tocado à vista do ressurgir da paisagem após a chuva e o vento. "E vendo na água e na parede um belo sorriso responder ao sorriso do céu, exclamei em meu entusiasmo, brandindo o guarda-chuva fechado: zut, zut, zut, zut! Mas, ao mesmo tempo senti que meu **dever** era o de não me ocupar com tais palavras opacas e de procurar analisar mais claramente o meu arrebatamento". Considerava como primeiro dever para consigo mesmo a procura das mais obscuras sensações, a fim de colocá-las debaixo da objetiva da inteligência, de comprender o que há de mais oculto em si próprio — operação esta, sentimental e intelectual ao mesmo tempo. (CXLIX, pág. 35.)

A essa necessidade de compreender se deve a atitude de reserva que têm, para com a música, muitos daqueles que possuem uma paixão intelectual muito forte. Para apreciar a música é mister muita entrega de si mesmo. Goethe aponta-lhe, na vida, lugar muito limitado:

"Em lugar, pois, de embriagar-se com música, como o faziam seus contemporâneos, em lugar de afogar-se nela, como Jean-Paul e Hoffmann, concorda apenas em que ela exerce função acessória, utilitária; exige dela ensinamentos, não emoções — pois estas provêm dos obscuros subterrâneos do instinto." (CXII, pág. 416.)

Por êste motivo é a música romântica a que mais o inquieta. Reconhece que a Quinta Sinfonia "é grande", mas escuta-a com certa desconfiança (CXII, pág. 415). "Censura "a personalidade desenfreada" do compositor e deixa sem resposta, em fevereiro de 1823, o envio que lhe fêz de sua **Missa Solemnis**." (CXII, págs. 415-416.)

QUESTÃO 99. — *Em presença de um aparelho ou de qualquer máquina que não conhece, sente-se de preferência interessado pelas aplicações que possam ter?* 1
*Ou pela engenhosidade dos mecanismos?* ........... 5
*Ou pelos princípios que nêles se aplicam?* ........... 9

O interêsse pelo mecanismo é apenas uma etapa intermediária no trajeto em direção à curiosidade pura. É a pesquisa do "como", inserida entre dois "porquê", um diretamente prático, que procura a aplicação e significa "para quê?"; outro puramente teórico, que pretende apreender as razões explicativas.

A máquina é, aqui, apenas um dos casos específicos de uma situação geral. Se a pessoa, a quem estamos examinando, não se interessa absolutamente por máquinas, podemos fazer-lhe as mesmas perguntas a propósito de outros exemplos: uma teoria política da qual podemos inquirir os princípios ou as conseqüências; ou um indivíduo a cujo propósito diversos tipos de perguntas

podem solicitar o observador: **a**) Como se pode utilizar o que êle diz e o que faz?; **b**) Como se pode relacionar o que êle diz agora com o que dirá ou fará mais tarde? (É a psicologia, inteiramente utilitária, do negociante); **c**) De que forma êle me ensina algo sôbre o homem? Em (**a**) temos a utilização imediata; em (**b**), a técnica; em (**c**), a ciência pura. Em (**a**), o caso se basta a si mesmo; em (**b**), o caso proposto fornece o meio de se adaptar a certo número de casos futuros; em (**c**), o caso é sòmente um meio de criar a ciência.

# Capítulo IX

## O PROCEDIMENTO DURANTE A ANÁLISE

### § 1. As Precauções

O questionário que comentamos no capítulo precedente pode ser usado de diversas formas. Pode ser apresentado, como um teste, a grande número de pessoas, cujas reações desejamos estudar mediante métodos puramente estatísticos. Limitar-nos-emos, então, a dar-lhes algumas indicações muito gerais, adaptadas ao meio no qual operamos, e conselhos práticos do tipo daqueles reproduzidos no começo do questionário inserido neste volume.[1]

Essa técnica, que pode seduzir pelo seu caráter rigoroso e sua aparente objetividade, está longe de não ter valor. Entretanto, é menos fecunda do que se poderia pensar. Muitas perguntas são mal compreendidas, mesmo aquelas que alguns acham as mais claras de tôdas. A inteligibilidade das fórmulas está em função do caráter daquele a quem são submetidas. O questionário que fira pontos importantes e que seja, apesar disso, fàcilmente compreendido por todos é um mito que não resiste à prática da caracterologia. "Não compreendo o que quer

---

1 Ver Anexo III.

dizer..." — esta é uma reação diferencial. Usados dessa fórma, os questionários merecem, pelo menos parcialmente, as críticas que comumente lhes são dirigidas.

Sendo útil para confirmar resultados já prováveis ou para esclarecer certos pontos específicos que exijam cautelas especiais, o inquérito objetivo é muitas vêzes pontilhado de erros sistemáticos que êle não pode, por si só, obviar. Além disso, mesmo quando seu funcionamento é mais ou menos correto, o que fornece são apenas médias. Não pode atingir o indivíduo.

Exatamente como o quadro de um pintor, a análise psicológica deve escolher uma "perspectiva". A nossa é a introspecção, mas uma introspecção constante, esclarecida, metódica, levada pelo psicólogo até onde possa esclarecer alguma coisa. Achamos que penetraremos mais fundo na natureza singular de cada homem se o ajudarmos na interpretação. A prática tem ratificado o valor do procedimento. Quando se estabeleceu a fórmula de alguém, a quem se tem possibilidade de "seguir" ainda durante um espaço de tempo suficientemente longo, é possível submeter à prova a exatidão do diagnóstico e estabelecer comparações entre aquêles diagnósticos que tenham sido sugeridos por procedimentos diferentes.

A explicação das Questões — que o capítulo 8 não esgota, mas que, pelo menos, tenta — é o primeiro dever do psicólogo. Parece-nos possível acrescentar alguns conselhos, nascidos da experiência clínica.

Baseado nas indicações espontâneamente fornecidas pelos pacientes, nosso método de análise individual apóia-se na confiança. Esta, entretanto, não significa inexistência de crítica. Não se trata de "confiar" na pessoa, mas de "inspirar-lhe confiança". Nem sempre é fácil, e por isso é que não nos tornamos psicólogos pelo simples fato de aprendermos cèrto número de resultados objetivos e técnicas positivas. Para tanto é mister, mais ainda

do que para qualquer outra função, que se possuam predisposições de temperamento e caráter. Não se orientam suficientemente os orientadores...

Na realidade, cada um fará psicologia à sua maneira. A variedade dos métodos corresponde menos às exigências de circunstâncias diferentes do que às preferências e às aversões do operador. A pesquisa sôbre outrem é sempre uma relação intersubjetiva, mesmo quando a intervenção do psicólogo se haja solidificado num determinado processo.

Para se conseguir a colaboração do paciente podem-se indicar certas precauções gerais:

1.º) Tranqüilizar o paciente a respeito do âmbito do inquérito. Assinalar que não se pretende vasculhar nenhum dos fatos de sua vida passada, nada, por conseguinte, daquilo que êle pode querer guardar consigo mesmo. O questionário pretende apenas identificar estruturas gerais; evita cuidadosamente tôda e qualquer indiscrição.

2º) Dizer-lhe que, não obstante, o sigilo das respostas está assegurado. Convém explicar ao paciente de que maneira tal sigilo será observado. Mesmo aquêle que afeta indiferença a tais pormenores é geralmente muito sensível às garantias que lhe ofereçam. É de bom alvitre explicar-lhe que o nome é "substituído", na ficha, por um número, cuja correspondência sòmente o psicólogo conhece.

3.º) Lembrar que a análise não é uma "prova" a ser vencida. Não se procura, de modo algum, "julgar" ninguém. Excelente para orientação, na qual o psicólogo se associa àquele que está sendo analisado, o questionário será mal utilizado se o fôr para seleção, quando o psicólogo age contra o cliente. O caracterólogo não é um examinador; êle deseja ser sustentáculo, guia, amigo.

4.º) O psicólogo não pretende, no exame, julgar o valor moral ou intelectual. É necessário fazer com que os clientes compreendam, desde o início da análise e du-

rante o seu curso, que não temos por finalidade fazer julgamento de valor sôbre os sêres, mas conhecer-lhes a natureza. Entendemos que devemos respeitar a personalidade, e não transformá-la. Assim como o médico, o caracterólogo está, sem reservas, a serviço daquele que se oferece ao exame. Os fatôres não são qualidades ou defeitos, porém modos-de-ser. Será útil lembrar-lhes que há grandes homens em tôdas as categorias.

5.º) É mistér suscitar o interêsse. É fácil, pois todos se sentem naturalmente curiosos de saberem o que são. Nunca encontramos um único indivíduo realmente indiferente à pesquisa de seu caráter. Mas, ao começar, o interêsse é freqüentes vêzes associado ao temor. Às vêzes, também, trata-se apenas de uma curiosidade divertida e algo céptica. Deve-se transformá-la em instrumento de uma cooperação mais completa.

6.º) Se é fácil suscitar o interêsse ao comêço da análise, não o é conservá-lo. Algumas pessoas cansam-se logo. O psicólogo deverá estar atento a essas quêdas de tensão e evitar o registro de respostas semi-automatizadas. Explicar o que faz e por que o faz é, para êle, excelente meio de conservar o contato com o cliente, associando-o à pesquisa. Já dissemos que o caracterólogo evita qualquer pergunta indiscreta. Mas é comum que o cliente faça espontâneamente alusão a atos passados que julga signifitivos. É bom sinal: a análise bem orientada faz nascer a confiança.

7.º) É óbvio que o analista deve estar só com o cliente. O método que alguns experimentadores imaginaram — de fazer controlar as respostas por uma testemunha que se supusesse conhecer bem o cliente — não parece recomendável. Quanto mais íntima do cliente fôr a testemunha, mais inibidora será sua presença. Se o cliente fôr espontâneo e extrovertido, mostra-se tal qual é, e o controlador é pouco útil. Se fôr introvertido, raramente, se lhe conhecerá o íntimo. O julgamento de um terceiro é o melhor quando se trata de observar comporta-

mentos. Mas o testemunho do cliente é o único admissível quando se trata de pesquisar sentimentos, impressões, tendências.

8.º) O analista deve dar ao cliente a maior liberdade. Deve deixá-lo falar e desenvolver espontâneamente suas associações. Êste é, aliás, o melhor meio de saber até que ponto haja êle compreendido o que se lhes pede. Entretanto, as interrupções são, às vêzes, necessárias para que se evitem perda exagerada de tempo e digressões sem interêsse. Exigem muito tato.

É claro que a maneira de responder já fornece ao caracterólogo preciosos indícios. Êle assiste delinear-se concretamente e adquirir vida, pouco a pouco, o caráter do qual seus cálculos fornecerão, mais tarde, uma fórmula. A análise não condena a intuição: sustenta-a e protege-a.

9.º) O próprio analista é quem deverá anotar na ficha os "9", os "5" e os "1", que correspondam às respostas dadas pelo cliente. Evitará, assim, as distrações por parte dêste último. Além disso, o cliente não poderá seguir a série de notações nem deduzir qual o resultado final a que levam. Ficará, assim, menos tentado de dirigir inconscientemente as respostas para êste ou para aquêle sentido.

Em lugar de apresentar as Questões na ordem em que o fizemos, isto é, agrupadas por fatôres (1, 11, 21, 31, etc.), pode-se seguir a ordem numérica 1, 2, 3, 4, etc. Misturam-se dêsse modo todos os fatôres. O cliente fica, então, inteiramente incapaz de antecipar os resultados finais. É geralmente o temperamento do caracterólogo que faz com que êle prefira êste ou aquêle método. Seus resultados não são muito diferentes. Quanto a nós, preferimos associar inteiramente o cliente à pesquisa, reservando o questionário em que se misturam os fatôres (1, 2, 3, 4, etc.), para os casos em que identificamos seja um desejo muito forte de agradar ao psicólogo e de fornecer-lhe as respostas que espera (caso freqüente

entre os amorfos "Vênus"); seja o desejo de chocar mediante extrema originalidade (o que se encontra sobretudo nos nervosos de tipo acentuado). Comportamentos dêsse gênero podem ser reconhecidos à primeira vista e determinarem a modificação do método.

10.º) Podemos evitar que os clientes influenciáveis se sintam tentados a aparentar um caráter que não têm, abstendo-nos de dar, aos fatôres, nomes que pareçam exaltá-los ou condená-los. O têrmo **avidez** parece-nos conveniente quando se trata de sugerir aos psicólogos a natureza de um fator do qual decorrem numerosas manifestações diferentes. Mas êle poderá parecer inquietante ao cliente desavisado. Falaremos então de "afirmação da personalidade". Os interêsses sensoriais serão apresentados como a expressão de delicadeza da sensibilidade. A paixão intelectual, por sua vez, que correrá o risco da usurpar, em proveito próprio, o prestígio da inteligência, será simplesmente batizada de "curiosidade". Isto bastará para evitar respostas tendenciosas daqueles que pudessem ser influenciados só pelos nomes.

11.º) Quando se constitui uma documentação e, particularmente, quando se recolhem materiais destinados a serem manipulados por métodos estatísticos, nunca se deve, evidentemente, modificar, posteriormente, os algarismos que resultem das respostas dos clientes, a fim de torcê-los na direção que a impressão de conjunto poderia sugerir. Depois que os algarismos estejam determinados, resta ùnicamente somá-los em cada fator.

Feitas, porém, as adições, não sòmente é possível, como altamente desejável, anotarem-se no verso da ficha as impressões do caracterólogo e suas próprias reações em face do resultado obtido, a fim de enriquecer cada análise individual.

## § 2. A Interpretação

As indicações que fornecemos a respeito dos fatôres e suas combinações, nos capítulos III a VI, permitem atri-

buir um sentido geral aos resultados obtidos. Podemos, além disso, deduzir do exame de fichas bem feitas um número apreciável de indicações precisas e concretas, mesmo se não examinarmos o cliente pessoalmente, e com uma única condição: a de que a análise tenha sido conduzida por um analista experimentado.

O fato da Sra. N... ter 62 de emotividade é uma noção interessante, mas global. Pode-se pesquisar — e às vêzes descobrir — por que tal número resulta precisamente da combinação 5, 9, 9, 9, 9, 1, 9, 1, 5, 5.

As Questões não são vinculadas umas às outras por correlação demasiado estreita. Se se fazem 10 perguntas para cada fator, não é apenas para evitar os erros devidos a causas não-sistemáticas. É também para pôr em evidência os diferentes graus de intensidade de cada fator. Isto permite, em muitos casos, matizar-se qualitativamente cada reação.

A Sra. N... é um pouco menos emotiva do que o Sr. R..., cujo cômputo é 7. No entanto, ela teve 9 na pergunta 31, em que êle teve 5; e 5 na pergunta 91, em que êle teve 1. É que o Sr. R... é muito mais ativo do que êla e ultrapassa-a em confiança nas situações descritas por aquelas duas perguntas. Se, de sua parte, a Sra. N... obtém "1" nas perguntas 51 e 71, é porque, quanto à primeira foi influenciada por forte polaridade "Marte", que lhe faz assumir as responsabilidades, mesmo as que são demasiado pesadas para ela; quanto à segunda, ela se sente livre das preocupações exageradas, mercê de sua primariedade e por causa da moderada intensidade da avidez e da ternura, fontes profundas de hesitações e de escrúpulos.

O aparecimento de um "1" numa coluna cheia de "9", ou o caso inverso, são sintomas a que se deve prestar atenção. O fleumático R. M... tem emotividade muito fraca: 26; mas obtém "9" na pergunta 21 (suscetibilidade). Isto se explica por sua forte avidez: 82. Como

já o dissemos, a resposta depende ao mesmo tempo da emotividade, que exaspera a sensibilidade, e da avidez, que se manifesta logo que o "eu" é pôsto em foco.

Notamos, no decurso de certa análise, uma resposta "9" à pergunta 21, em uma não-emotiva de avidez fraca. Tal discrepância nos pôs de sobreaviso e chamou-nos a atenção para êste caso, de permeio com inúmeras outras fichas normais. Tivemos várias conversas com a cliente, nas quais se evidenciou um violento ódio pela irmã mais velha, ódio que remontava à primeira infância, enèrgicamente reprimido, acompanhado de forte sentimento de culpa e de uma transferência para si própria das violências não exercidas sôbre a outra. O resultado era vontade de sacrifício e de mortificação, tão anormal que a família, inquieta, havia sido compelida, em várias ocasiões, a solicitar auxílio externo para contê-la, com todo o rosário de incompreensões e de falta de habilidade que ocorre em semelhantes casos... Após o levantamento do bloqueio afetivo provocado por estas explicações, o prosseguimento da análise fêz aparecer uma forte avidez que, quando do primeiro exame, havia se dissimulado de forma semiconsciente, pois a cliente substituía nas suas respostas os seus sentimentos pelo seu próprio comportamento, isto é, aquilo que tinha vontade de fazer por aquilo que se obrigava a fazer.

Podem-se, a propósito dêste exemplo, fazer diversas observações:

1.º) A análise não é mais infalível do que qualquer outro processo de investigação. Podem ocorrer fracassos e erros.

2.º) Alguns dêsses erros chamam por vêzes a atenção do caracterólogo pelo modo surpreendente por que se apresentam os resultados. Daí a possibilidade de pôr em evidência, pelo menos em parte, as alterações voluntárias ou inconscientes.

3.º) A finalidade do caracterólogo deve ser atingir as tendências por meio do comportamento.

Alguns observadores assinalaram o "algarismo diferencial" que existe entre o caráter que temos e aquêle que nos damos — ou, se se prefere, entre as tendências e os atos. Esclareçamos que, para nós, a função do analista consiste em pesquisar as disposições e não em descrever simplesmente os resultados. Isto não significa de modo algum que não seja possível construir-se uma caracterologia objetiva, isto é, uma disciplina que chegasse a conclusões a respeito de determinadas disposições, a partir de certas observações externas, sem que o cliente tenha que fornecer seu próprio testemunho. Mas não acreditamos que semelhante estudo exterior do caráter venha a tirar muito valor dessas conversas dirigidas que são as respostas a um questionário. Estas respostas, por si sós, podem mostrar-lhe uma direção e permitir uma gradação de valor. A vida psicológica é demasiado complexa para que se possa passar do ato observado à possibilidade de um ato possível sem passar pelo intermediário, que é a significação subjetiva. Quando não são compreendidas, isto é, repassadas pela subjetividade, as correlações, por melhores que sejam, não fornecem senão médias. São de pouco valor para o indivíduo como tal, único, só, que nos vem ver e confiar-nos suas angústias e sua fraqueza.

Questionários muito diferentes do que apresentamos poderão e, mesmo, deverão ser elaborados ulteriormente. Em lugar de se dirigirem ao cliente, dirigirão suas perguntas a um observador externo. Mas seu valor, em última análise, repousará sôbre os testemunhos pessoais, à base dos quais tenham sido construídos. É dessa forma que os inquéritos de Heymans e Wiersma retiram seu interêsse e valor dos estudos biográficos que os haviam precedido. Igualmente, escreve Wallon:

"A estatística não pode ser, para o psicólogo, senão um meio de contrôle, e não um meio de descoberta. Os matemáticos são os primeiros a insistir nesse ponto. A diferença entre os coeficientes de correlação não é nunca suficiente-

mente marcada para autorizar uma apreciação exata das afinidades mais ou menos essenciais que podem definir uma estrutura. Sua natureza falta ainda ser descoberta. Uma pesquisa que se quisesse exaustiva e que relacionasse mecânicamente quaisquer características colocar-nos-ia diante de uma massa amorfa de resultados emaranhados, entre os quais nos seria impossível formar grupos, fixar conjuntos, identificar tipos. Por conseguinte, subsiste a necessidade de utilizar formas de observação em que a intuição, o senso estético, o faro experimental conservem a iniciativa." (CL, t. VIII, sec. 10, pág. 11.)

Assim, para permanecer fiel ao "partido" que adotamos, é preciso, ao aplicar o nosso questionário, dar ênfase ao sentimento experimentado pelo cliente. Na pergunta 16, por exemplo, as expressões "de boa vontade" e "não gosta" são essenciais. Alguns emprestam por ternura ou por dever, mas a contragosto e ao preço de um real sacrifício. São, pois, ávidos que se obrigam à generosidade e merecem a cotação "9". Igualmente, na pergunta 66, não se deve negligenciar a expressão "gosta" e transformar a pergunta, por exemplo, desta maneira: "Tem geralmente a primazia sôbre os outros?" A avidez faz desejar certas situações, mas nem sempre fornece os meios para realizá-las. Há muitos não-ativos que ruminam com amargura o seu fracasso e passam por modestos, enquanto o orgulho os devora...

## § 3. As Resistências

Até agora temos falado sobretudo do caracterólogo. Mas a análise é um diálogo e as reações do cliente somam-se às hesitações e às inabilidades do psicólogo para tornar mais complexa a tarefa dêste último.

Começaremos pelas objeções mais banais a fim de, gradativamente, passarmos às resistências reais. A análise caracterológica encontra menores obstáculos do que o tratamento psicanalítico, porque desce menos profundamente ao íntimo do cliente. Ambos, porém, são da

mesma natureza. Nos dois casos, há momentos em que o cliente se recusa à análise. Para o caracterólogo, as resistências são, concomitantemente, dificuldades a superar e indícios a utilizar, pois têm origens caracteriais.

1. O que o cliente dá, com mais freqüência, como razão ao declarar não poder escolher entre as duas atitudes que se lhe apresentam, é que (para usar as palavras de que êle geralmente se serve) "isto depende".

A observação, em si, tem razão de ser. Nossa atitude depende sempre das circunstâncias. Mas depende também de nossa natureza. Para atingir com segurança essa última, é mister negligenciar os casos excepcionais, quando então quase todo mundo experimenta sentimentos análogos. O extraordinário banaliza os homens e nívela suas diferenças individuais. Diante de um tigre em liberdade "todo mundo" quer escapulir; diante de um incidente altamente cômico "todo mundo" ri. Mas quando um de seus filhos pede mais creme, Pedro enternece-se e cede, Paulo recusa com calma, dizendo que "não seria razoável", Jacques enerva-se e grita: "Quando eu digo não, é não!" O campo preferido da caracterologia não é a aventura das situações extremas, mas a vida cotidiana com seus incidentes corriqueiros. Ela é que é, realmente, reveladora. O emotivo emociona-se "por ninharias" (Questão 1).

É preciso, pois, convidar o cliente a imaginar circunstâncias em que sua atitude não seja automàticamente ditada pelo acontecimento. Se se trata de verificar uma peça de equipamento da qual depende a vida de um esportista ou, pelo menos, seu êxito ou fracasso; ou ainda, se se trata de um relatório que o cliente haja confiado a um subalterno e cuja importância é considerável para sua carreira pessoal — a minúcia do contrôle nada provará quanto ao caráter daquele que se deseja estudar (Questão 82).

Eliminados tais erros de interpretação, é normal, entretanto, que o cliente continue a responder a determi-

nadas perguntas — "isto depende". É simplesmente porque tais perguntas não lhe dizem quase respeito, porque sua personalidade não se sente comprometida por elas. Poderá mesmo espantar-se com certas perguntas que, para êle, não terão maior significado. Mas essas mesmas perguntas serão, para outros, ocasiões de imediatas escolhas, pois seus temperamentos hão de dirigi-los para um ou para outro dos dois sentidos que lhes são apresentados para escolha. A variedade das reações ao questionário segue, neste caso, a variedade das pessoas. Essas hesitações que se sucedem aos entusiasmos, essas séries de perguntas através das quais progredimos a muito custo, enquanto que outras são tratadas em alguns minutos — tudo isso constitui a matéria normal de qualquer análise.

2. Às vêzes, entretanto, as objeções e os subterfúgios se multiplicam. O que se rejeita é menos determinada pergunta do que o sistema em geral. Deseja-se claramente multiplicar os obstáculos, de preferência a eliminá-los. Não se trata mais de dificuldades ou de incertezas, mas de verdadeiras resistências. Como tais, elas esclarecem tanto quanto molestam. Será bom que o examinando saiba disso. Será bom que saiba o quanto se trai, quando acredita estar se mascarando.

Uma das primeiras resistências é de natureza totalmente intelectual: é a dos "amplos", aos quais repugna a análise. A decomposição dos fatôres parece-lhes artificial; o escalonamento arbitrário; a síntese explicativa, ineficaz e simplesmente verbal. É a êles que será preciso lembrar o caráter dinâmico de uma caracterologia dos fatôres. Têm razão em dizer que cada homem está todo inteiro, naquilo que faz, e não se deve pensar em representar o homem como êsse "mosaico" de estados separados, que tantos psicólogos criticam, e com razão.

Neste caso, entretanto, o caracterólogo desempenha seu mais difícil papel; mesmo flexível e um movimento, seu método continua sendo uma análise, e isso basta

para que alguns a declarem inaceitável. Pelo menos, poderá êle demonstrar a essas pessoas que sua análise não exclui nem a sutileza, nem a intuição.

3. Inteiramente diversas são as objeções dos sentimentais. Elas se referem à sua própria vulnerabilidade e à grande importância que atribuem à intimidade. Fracos em face do mundo exterior, têm imenso desejo de estabelecer com outrem uma verdadeira comunicação. Mas paralisa-os o temor de fracassarem, de serem mal compreendidos, de parecerem ridículos. São os mais difíceis de se instilar confiança. Mas em contraposição, são aquêles que podem aproveitar mais da análise, aquêles cujas confidências são as mais ricas. Com êles, será de bom alvitre proceder uma conversa informal sôbre caracterologia, realizada alguns dias antes do próprio questionário.

4. Outro tipo de resistência é o dos ávidos que não se permitem perder parcela alguma de sua autonomia. "Entregar-se" ao caracterólogo é-lhes essencialmente desagradável: ser compreendido já é ser apreendido. Não serão os raciocínios que os deterão. Deve-se apenas incutir-lhes a idéia de que são êles que disporão do caracterólogo, e não êste quem os manejará. A única forma de conseguí-lo é, achamos nós, colocarmo-nos efetivamente a seu serviço, sem segundas intenções.

A avidez é um sentimento tão fundamental que, mesmo naqueles que, comparativamente, a possuem em escassa quantidade, nós a vemos avantajar-se e exasperar-se no decurso da análise. Após as hesitações iniciais, o paciente utiliza a fundo o caracterólogo, parecendo "apropriar-se" dêle, ardendo por despojá-lo de tudo aquilo com que êle pensa poder, a suas custas, enriquecer a sua experiência.

É à avidez que se deve creditar certas dificuldades devidas à idade do paciente, à sua posição social, à importância que êle se atribui em relação ao caracterólogo.

Não pretendemos de maneira alguma esgotar o assunto, que exigiria, ao contrário, longos e minuciosos comentários. Não mencionamos nem as resistências dos "Marte", prontos a opor-se a tudo o que se lhes apresenta; nem as dos "Vênus", cuja atitude de aparente disponibilidade esconde muitas vêzes profundas resistências, mais difíceis ainda de perceber e de neutralizar; nem aquelas que nascem de opiniões filosóficas que parecem tornar impossível qualquer estudo rigoroso do caráter... Mas há coisas que a prática ensina mais eficazmente do que a teoria, ou, pelo menos, coisas que se percebem melhor quando se teve contato mais ou menos prolongado com as realidades concretas. E, precisamente, nada mais pretendemos do que fornecer uma introdução a essa prática.

# ANEXO I

Reproduzimos em seguida a ficha de que nos servimos para registrar os resultados de nossas análises. A parte superior permite fazer, por meio de lápis ou de indicadores coloridos, sinais que permanecem visíveis quando a ficha está no fichário, se tivermos o cuidado de separá-las por um cartão um pouco espêsso, de 2 ou 3 centímetros menos que as fichas (no sentido da altura). As 10 divisões da esquerda correspondem aos 9 fatôres e à 10.ª série, em disponibilidade. Os 3 grupos de algarismos colocados sôbre as letras E, A, S/P, permitem indicar a cotação obtida para a emotividade, a atividade e a secundariedade, tornando assim possível uma classificação visível em função dêsses 3 fatôres. As 25 divisões alfabéticas não se destinam à classificação, mas permitem assinalarem-se, pelos visores coloridos, cuja significação convencional já deverá estar estabelecida, certos traços dos quais se queira fazer particular estudo.

Os 3 retângulos são destinados a receber os números correspondentes ao total obtido para cada fator, dividido por 10 e arredondado para a unidade mais próxima. Em baixo existe uma retícula destinada à confecção do gráfico que expressará essa mesma fórmula de maneira sugestiva.

Existem 10 colunas prontas para receber os resultados, embora o questionário comporte apenas 9 fatôres. A 10.ª coluna é útil para se experimentarem novas Questões ou para se pesquisarem certos traços pelos quais houver particular interêsse.

As dimensões do modêlo foram reduzidas em função do formato dêste livro. As dimensões reais da ficha são as dos padrões internacionais, isto é: 12 cm. 5 x 20.

| E | A | S | L | M/V | V | I | S | T | PI | E (1 2 3 4 5 6 7 8 9) | A (1 2 3 4 5 6 7 8 9) | S/P (1 2 3 4 5 6 7 8 9) | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L | M | N | O | P | Q | R | S | T | U | V | X | Y | Z |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|

*Nome e endereço:*

*Nº* *Sexo:* *Idade:*

*Profissão:*

*Nascido em:* *Entrevistador:*

*Pai nascido em:* *Data:*

*Mãe nascida em:*

*Fórmula*

9 — 5 — 1

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 31 | 32 | 33 | 34 | 35 | 36 | 37 | 38 | 39 | 40 |
| 41 | 42 | 43 | 44 | 45 | 46 | 47 | 48 | 49 | 50 |
| 51 | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 60 |
| 61 | 62 | 63 | 64 | 65 | 66 | 67 | 68 | 69 | 70 |
| 71 | 72 | 73 | 74 | 75 | 76 | 77 | 78 | 79 | 80 |
| 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 | 88 | 89 | 90 |
| 91 | 92 | 93 | 94 | 95 | 96 | 97 | 98 | 99 | 100 |

# ANEXO II

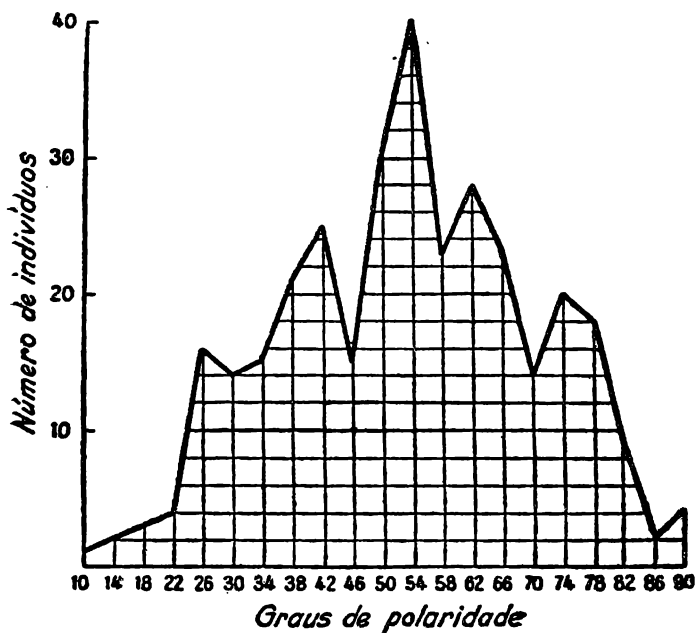
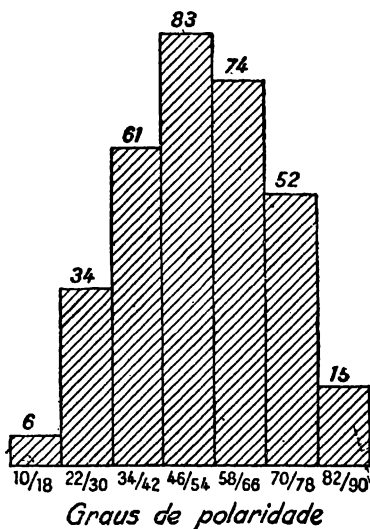
Nosso livro se propõe a ser uma introdução essencialmente prática. Assim, eliminamos tôdas as discussões teóricas tendentes a justificar os métodos empregados ou a responder às críticas que com freqüência se fizeram aos questionários. Essa tarefa seria a matéria de outro volume. Parece-nos, entretanto, essencial, agora como sempre, adotar a atitude fenomenológica e retornar "às coisas em si mesmas", isto é, no nosso caso, aos homens a conhecer. Foi por isso que expusemos traços de caráter em muito maior abundância do que, pròpriamente, opiniões de caracterólogos.

Julgamos, entretanto, que determinados leitores gostariam de saber de que modo foi confeccionado o nosso questionário. Para êsses é que escrevemos estas poucas páginas.

Repitamos, antes de mais nada, que sem os questionários de Heymans e Wiersma, sem seus trabalhos e os de René Le Senne, esta obra não poderia existir. Foi nas suas pegadas que caminhamos. Não obstante, nossas pesquisas pessoais estenderam-se durante quinze anos, durante os quais recolhemos número substancial de documentos biográficos e de minuciosas observações a respeito de pessoas vivas, num total de 935. Nós mesmos confeccionamos a maior parte das suas fichas e só utilizamos, em pé de igualdade com as nossas, as que foram feitas por colaboradores experimentados. Não levamos em consideração as fichas feitas diretamente pelos pacientes, fora de qualquer contrôle. Não julgamos que tais documentos sejam inúteis, mas apenas que são menos aptos a fazer aparecerem as constantes e, até, que podem ser ocasião de desvios sistemáticos, difíceis de identificar, particularmente quando o questionário está ainda sendo submetido às primeiras provas. De fato, 935 fichas, cuidadosamente confeccionadas e nas quais se pode confiar, parecem-nos pelo menos tão instrutivas quanto vários milhares de fichas preenchidas sob diferentes condições e fora de qualquer contrôle.

O questionário atual é o 5.º que estabelecemos. E' o resultado de sucessivas retificações, sugeridas pelas dificuldades encontradas, pelos sucessos verificados durante as análises e também pela diuturna observação de pequeno número de pacientes (exatamente, 42), que seguimos durante vários anos observando seu comportamento e acolhendo suas confidências.

Aplicamos a essas pesquisas um contrôle estatístico cujas características essenciais são as seguintes:

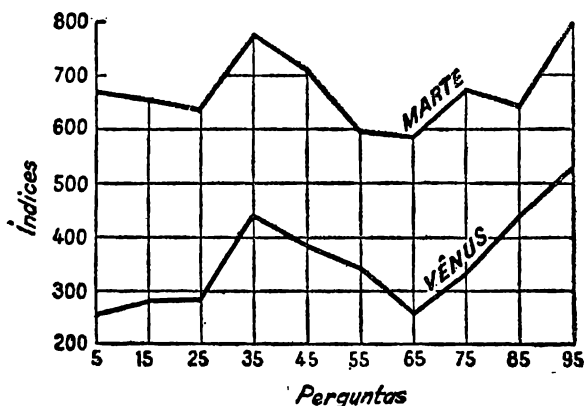
1.° Estudamos de que modo se distribuíam as "populações" estudadas em função de um mesmo fator e procuramos aproximar a média de nossas cotações a cêrca de 50. Eis, por exemplo, a distribuição de 225 pacientes, no que respeita à polaridade. A média dêsse total era de 53,2 e a mediana era 54. Após as modificações introduzidas no 5.° questionário, a média, calculada sôbre 172 pessoas, caiu para 50,6 (franceses adultos de ambos os sexos, de profissões e meios sociais diferentes, na maioria pessoas "cultas").

A regularidade da distribuição aparece mais claramente ainda se se reunirem os indivíduos no histograma seguinte:

2.° Procuramos, sobretudo, medir a coerência interna dos fatôres e o vínculo de cada questão com os diferentes fatôres a que ela pode relacionar-se. Servimo-nos, para isso, do seguinte método, que nos pareceu mais rápido e mais simples que o cálculo habitual das correlações e que achamos, principalmente, mais bem adaptado ao nosso questionário (que só prevê 3 tipos de resposta — 9, 5, e 1) suscetível de fornecer tôda sorte de indicações úteis sôbre o valor dos fatôres.

Seja, por exemplo, um grupo de 172 pessoas cuja polaridade desejamos pesquisar. Separamos as 21 fichas daqueles que têm polaridade média e reunimos, duma parte, as fichas dos 78 "Marte" (polaridade superior a 54); de outra, as dos 73 "Vênus" (polaridade inferior a 46). Obtemos, depois, o total dos algarismos alcançados, para cada Questão, por todos os "Marte" e todos os "Vênus" (por exemplo: para a Questão 5 — 524 para os "Marte", 165 para os "Vênus"). Uma simples regra-de-três permite comparar êsses números com os que seriam fornecidos por uma população de 100 "Marte" ou de 100 "Vênus". Obtém-se, assim, o índice dos "Marte" para a Questão 5: 671; o índice dos "Vênus" para a mesma Questão: 228. A diferença dos dois

índices fornece o **quociente diferencial** (ou, simplesmente, o **diferencial**): 443. A grandeza do diferencial é proporcional à clareza com que a Questão separa os "Marte" dos "Vênus".

Eis a tabela dos índices e dos diferenciais relativos à polaridade, medida naquele grupo de 172 pessoas, de que falamos:

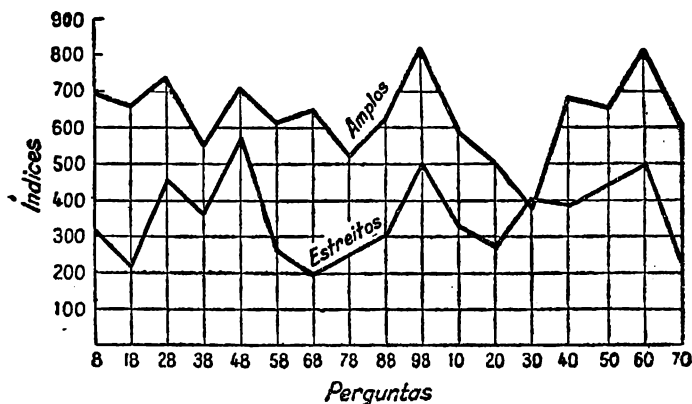
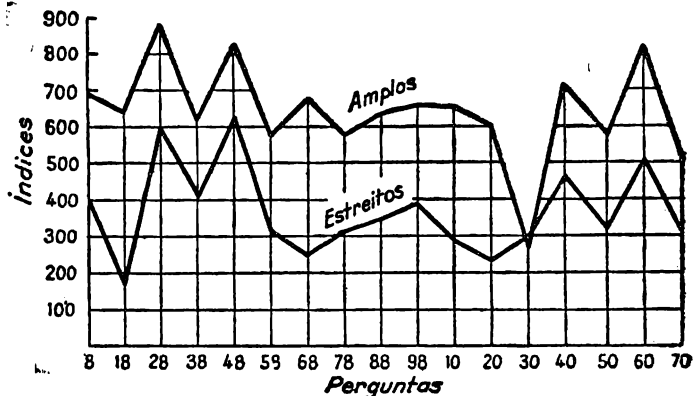
| Números das questões | 5 | 15 | 25 | 35 | 45 | 55 | 65 | 75 | 85 | 95 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| *Índice dos "Marte".* | 671 | 651 | 641 | 776 | 712 | 594 | 584 | 671 | 646 | 794 |
| *Índice dos "Vênus".* | 228 | 280 | 280 | 439 | 384 | 346 | 258 | 335 | 439 | 532 |
| *Diferenciais* | 443 | 371 | 361 | 337 | 328 | 248 | 326 | 336 | 207 | 262 |

**Se transportarmos tais algarismos para um gráfico, obteremos a seguinte distribuição:**

O gráfico não é interessante apenas porque torna perceptíveis à vista os diferenciais. Mostra ainda a situação dos índices em relação à média. E' conveniente haver Questões que ponham em evidência a originalidade dos "Vênus" (como a Questão 65), e outras que façam o mesmo com os "Marte" (como as Questões 35 e 95). E' mister também que a correlação seja suficiente para que o fator seja homogêneo. Quando o diferencial está acêrca de 400, a correlação (entre a Questão e o fator) é excelente. Abaixo de 180, ela

perde muito do interêsse. A 80, já não vale a pena levá-la em consideração. Mas é mister, de outra parte, que as correlações, a permanecerem significativas, não sejam tôdas sensìvelmente iguais, nas proximidades do nível máximo. Nesse caso, realmente, não se poderiam atribuir aos pacientes intensidades diversas quanto ao fator considerado. Ver-se-iam apenas dividir-se em dois grupos opostos — o que não corresponde ao que a experiência demonstra. Tudo se passaria, então, como se se fizesse ao paciente uma única pergunta. E' necessário, pois, que haja Questões por meio das quais, sob a influência de outros fatôres, a cotação de determinados "Marte" diminua e a de determinados "Vênus" aumente. Isso permite perceber com quanta energia própria a polaridade funciona.

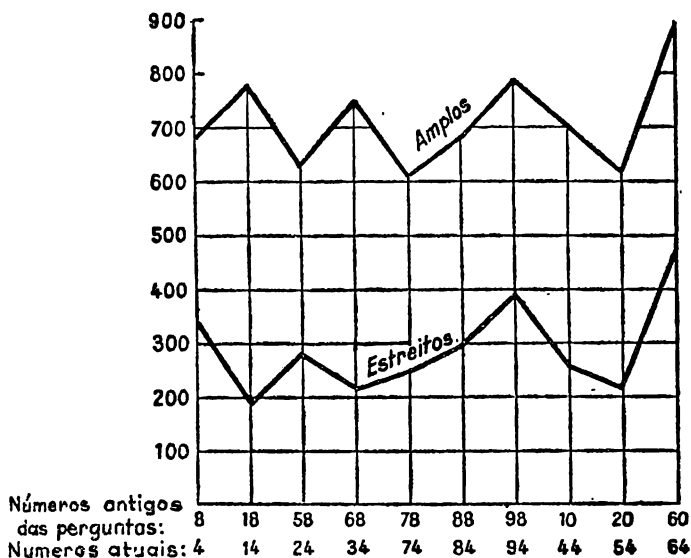
E' igualmente possível, com êste sistema de índices e de diferenciais, perceber em que medida a mesma Questão depende de dois fatôres diferentes. E' preciso sòmente efetuar uma correção quando se utilizam perguntas que fazem parte de uma série. Se se compara o diferencial de determinada pergunta, na série de que ela faça parte, com o diferencial ao qual ela dá lugar quando relacionada a outro fator, convém diminuir o primeiro diferencial de 10% (já que a própria questão intervinha na separação dos dois grupos).

O estudo estatístico das respostas permite pôr à prova certas impressões experimentadas no decurso da análise. Às vêzes, mesmo, chega a resultados tão nìtidamente opostos a essas impressões, que é preciso abandonar uma hipó-

tese ou recomeçar o estudo pela base. Para pesquisar a amplitude do campo-de-consciência, ampliamos o exame dos diferenciais a 17 questões, das quais queríamos selecionar as 10 melhores. Eis o gráfico que obtivemos, num grupo de 66 pacientes:

Eis o resultado baseado num outro grupo de 72 pessoas:

Notar-se-á a disposição bastante análoga dos dois gráficos, apesar do pequeno número de entrevistados (as curvas tornam-se significativas quando se funciona com mais de 50 casos; são constantes a partir de 100). Note-se também a forma extremamente nítida pela qual um e outro grupo condenam a pergunta 30, que aparece como não tendo nenhuma relação com a amplitude do campo-de-consciência, conforme tínhamos prèviamente suposto. [1]

Após a eliminação das 7 questões menos boas (e em primeiro lugar, evidentemente, da antiga Questão 30), o gráfico da amplitude do campo-de-consciência ficou sendo o seguinte (baseado em 113 pacientes):

---

1 A pergunta era a seguinte: Acontece-lhe muitas vêzes colocar em qualquer lugar, sem prestar atenção, o objeto que tinha na mão e depois não ser mais capaz de dizer o que foi feito dêle? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1
Ou está sempre atento a tais pormenores, mesmo quando seu espírito se encontra preocupado com questões importantes? 9
A investigação ulterior fêz aparecer uma correlação muito forte com a primariedade (198) e pôs em evidência a influência de modificações do comportamento de origem não-caracterológica.

# ANEXO III

O método que expusemos é um método de análise individual. Quando se quiser compreender um caso particular, o questionário não deverá ser aplicado como um teste. Mas, em certas pesquisas em que se deva operar com grande número de indivíduos ou em que se vise a resultados de conjunto (psicologia das profissões, dos povos, dos meios sociais, etc.), tornar-se-ia dificílimo usar a análise direta. Pode-se então pedir às pessoas que respondam por si sós ao questionário, fornecendo-lhes apenas um mínimo de indicações. As Questões já foram suficientemente testadas para possibilitarem tal pesquisa sem muitos riscos.

Para isso reproduzimos a seguir as 90 perguntas, acompanhadas de instruções gerais muito simples. Achamos, aliás, que o leitor deve poder abranger de um só golpe as 10 perguntas de cada série, enquanto lê os comentários do capítulo 8. Para tal fim imprimimos o resumo em separado.

## ANÁLISE CARACTEROLÓGICA

### Instruções para a execução do teste

Êste teste se destina a estabelecer a fórmula do seu caráter. Para isso, êle procura descobrir a intensidade que têm, em você, 9 fatôres importantes:

**Dois fatôres intensivos:** a **emotividade**, que é a disposição para experimentar emoções vivas e freqüentes; a **atividade**, que traduz a facilidade, maior ou menor, com que se executa o que se tem vontade de fazer.

Três fatôres que exprimem a **atitude geral** do comportamento: a **secundariedade**, que é a persistência de impressões, muito variável segundo os indivíduos, e que determina o caráter mais ou menos sistemático de sua conduta; a **amplitude do campo-de-consciência**, que traduz o número, maior ou menor, de idéias, de imagens, de sentimentos diferentes que podem estar presentes no espírito num mesmo momento; a **polaridade**, que distingue o tipo "Marte" do tipo "Vênus", o primeiro procurando dominar pela coerção, o segundo querendo seduzir, encantar.

Quatro fatôres que dizem respeito à **direção** das tendências: a **avidez**, ou o desejo de aumentar o que se tem, o que se pode, o que se quer; os **interêsses sensoriais**, que nos prendem ao mundo sensível e exercem grande papel na vida estética; a **ternura**, que faz com que nos preocupemos muito com os outros e nos coloquemos espontâneamente "em seu lugar"; a **paixão intelectual**, que mede, não a nossa inteligência, que é uma aptidão, mas nossa curiosidade, nosso desejo de compreender.

O teste compõe-se de 9 séries de 10 Questões (uma série para cada Questão). Você deve se esforçar por responder a essas questões o mais exatamente possível e sem se preocupar com o resultado final. Faça êste exame à vontade. Não se preocupe com o tempo que a êle consagrar. Apenas fará o favor de indicá-lo na ficha, sob o título **Informações Diversas.**

Cada Questão é dupla e, algumas vêzes, tripla. Descreve dois comportamentos absolutamente opostos e, por vêzes, um 3.º comportamento intermediário. Você deve escolher entre êles o que corresponder ao seu próprio caráter. A uma das possibilidades corresponde o número "9"; à outra, o número "1"; à possibilidade intermediária é atribuído o número "5". O número que corresponder à sua maneira de reagir constituirá a sua resposta à Questão.

Uma vez você sinta que sua própria reação não é exatamente a expressa nem pela atitude "9" nem pelo comportamento "1", isto é, uma vez que você se situe "entre as duas", ou não possa decidir-se "nem por uma, nem pela outra", responda pelo número "5", mesmo quando a resposta intermediária não estiver expressamente prevista no questionário. Mas faça esfôrço para escolher entre 9 e 1, e não escolha o 5, a não ser que lhe pareça realmente impossível se decidir pelo 9 ou pelo 1.

Algumas vêzes você terá vontade de responder às Questões: "Isso depende". E' evidente, na verdade, que as atitudes dependem sempre de grande número de circunstâncias acessórias. Mas a gente tem uma disposição geral para proceder de tal ou qual maneira. E' essa "disposição geral" que procuramos identificar. Você deve escolher, dentre as duas ou três atitudes descritas, aquela que corresponda à sua maneira habitual de sentir, aquela que é a sua em circunstâncias ordinárias da vida. E' verdade que, em circunstâncias excepcionais, a reação depende dessas circunstâncias, tanto e, algumas vêzes, mais que do caráter.

Anote suas respostas na ficha especial para isso destinada, em frente ao número correspondente a cada Questão. Nunca empregue senão as 3 cotações indicadas: 9, 5 ou 1. Não se preocupe com a 10.ª coluna. Está reservada para os traços secundários do caráter, dos quais o presente inquérito não cogita.

Complete a ficha preenchendo os espaços deixados após as indicações solicitadas:

**Nome e endereço** — **Sexo** (escreva apenas "M" ou "F") — **Data** (a do teste) — **Nascido em, Pai nascido em, Mãe nascida em** (se você ou seus pais nasceram numa cidade pequena ou num município, indique apenas o Estado. Para estrangeiros, indicar o país) — **Informações Diversas** (coloque aqui o tempo que levou para responder ao questionário. Acrescente, se fôr o caso, a indicação "casado" e o número eventual de filhos).

Não escreva nada após os títulos: **N.º, Fórmula, Entrevistador.**

Quando houver terminado de anotar tôdas as respostas, some os números de cada coluna e inscreva o total sob a barra de adição.

Escreva seu nome e endereço a lápis, pois deverão ser apagados e substituídos por um número de referência. Tôdas as outras indicações podem ser escritas indiferentemente a tinta ou a lápis.

Êste teste, puramente psicológico, exclui tôda preocupação moral. Não procura colocar em evidência nem qualidades, nem defeitos, mas apenas modos-de-ser e de sentir que, todos, segundo as circunstâncias, podem ter vantagens ou inconvenientes. Você pode, pois, responder as perguntas sem segundas intenções e com tôda a simplicidade.

O teste não procura, também, ressaltar o valor de suas faculdades (inteligência, memória, etc.). Êsses não são, realmente, traços do caráter, mas aptidões, que são objetos de testes muito diferentes. A sinceridade das respostas não deve nunca ser entravada por nenhuma consideração parasita.

Os números 9, 5 ou 1 não são, absolutamente, "notas" e não se deve acreditar que seja sempre bom obter o "9" como resposta. O emotivo não é nem superior, nem inferior ao não-emotivo; é apenas diferente.

## 1. EMOTIVIDADE

1 — Atribui muita importância a pequenas coisas que sabe não serem importantes? Sente-se, às vêzes, perturbado por ninharias? .................. 9
Ou é perturbado apenas por fatos graves? .... 1

11 — Entusiasma-se ou se indigna fàcilmente? ..... 9
Ou aceita tranqüilamente as coisas como são? 1

21 — E' suscetível? E' fácil e profundamente ferido por uma crítica um pouco viva, por uma observação deselegante ou irônica? .............. 9
Ou suporta a crítica sem se sentir ferido? .... 1

31 — Emociona-se fàcilmente com acontecimentos imprevistos? Sobressalta-se quando o chamam bruscamente? Empalidece ou cora fàcilmente?. 9
Ou é difícil emocionar-se? ................ 1

41 — Entusiasma-se ao falar? Eleva a voz durante a conversa? Sente necessidade de usar têrmos violentos ou palavras muito expressivas? ........ 9
Ou fala sem pressa, de maneira calma, pausada? 1

51 — Sente-se angustiado diante de novas tarefas ou de uma mudança em perspectiva? ........... 9
Ou enfrenta a situação com calma? .......... 1

61 — Passa alternadamente da exaltação ao abatimento, da alegria à tristeza, e vice-versa, por ninharias, ou, mesmo, sem razão aparente? ...... 9
Ou é de humor igual? ...................... 1

71 — Seu espírito está sempre assaltado por dúvidas, escrúpulos, a propósito de atos sem importância? Conserva freqüentemente no espírito um pensamento totalmente inútil e que o importuna? 9
Ou só excepcionalmente experimenta êsse penoso estado de preocupação? .................... 1

81 — Acontece-lhe às vêzes comover-se tão violentamente que aquilo que desejaria fazer se torne completamente impossível (mêdo que impede de mover-se, timidez que suprime inteiramente a palavra, etc.)? .......................... 9
Ou isso só lhe acontece muito raramente? .... 5
Ou jamais lhe aconteceu? ................. 1

91 — Experimenta com freqüência a sensação de ser infeliz? ................................ 9
Ou se sente, em geral, contente com sua sorte? Ou, ainda, quando as coisas não correm como quer, pensa mais naquilo que seria necessário mudar do que em seus próprios sentimentos?... 1

## 2. ATIVIDADE

2 — Ocupa-se com alguma atividade durante suas horas de lazer? (Estudos paralelos, ação social, trabalhos manuais, e, de modo geral, qualquer serviço não-obrigatório) .................. 9
Ou aproveita para ficar à vontade? .......... 5
Ou fica longo tempo sem nada fazer, a sonhar ou, simplesmente, a distrair-se? (Leitura por prazer, rádio, etc.) ........................ 1

12 — E'-lhe necessário penoso esfôrço para passar da idéia ao ato, da decisão à execução? ......... 1
Ou executa imediatamente e sem dificuldades o que haja decidido? ....................... 9

22 — Desencoraja-se fàcilmente diante das dificuldades ou diante de tarefas que se apresentam demasiado fatigantes? ....................... 1
Ou se sente, pelo contrário, estimulado pelas di-

ficuldades e excitado pela idéia do esfôrço a despender? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9

32 — Gosta de sonhar, seja com o passado, que não mais existe, seja com o futuro que poderia vir a existir, seja com algo puramente imaginário? . . 1
Ou prefere agir, ou, pelo menos, fazer projetos precisos, que **preparem realmente** o futuro? . . . . 9

42 — Faz logo o que tem a fazer, e sem que lhe custe muito? (Escrever uma carta, regularizar um negócio, etc.) . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou é levado a diferir, a adiar? . . . . . . . . . . . . 1

52 — Toma decisões imediatas, mesmo nos casos difíceis? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou é indeciso e hesita muito tempo? . . . . . . . . . 1

62 — É agitado e inquieto? (Gesticular, mexer-se continuamente na cadeira, ir e vir pelo recinto, **fora de qualquer emoção viva**) . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou permanece geralmente imóvel quando alguma emoção não o agita? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

72 — Nunca hesita em empreender ùma transformação útil, quando sabe que ela lhe vai exigir grande esfôrço? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou recua diante da tarefa a empreender e prefere se contentar com o "status quo"? . . . . . . . . . . . 1

82 — Após haver dado ordens para o trabalho, desinteressa-se pela execução, com a sensação de se haver libertado de uma preocupação? . . . . . . . . 1
Ou supervisiona a execução de perto, assegurando-se de que tudo seja bem feito nas condições e nos prazos desejados? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9

92 — Prefere olhar a fazer? (Sente prazer em olhar longa e freqüentemente um jôgo que não pratica?) . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1
Ou prefere fazer a olhar, e o simples espetáculo logo se torna tedioso ou o incita à ação? . . . . . 9

## 3. SECUNDARIEDADE

3 — E' freqüentes vêzes guiado, em suas ações, pela idéia de um futuro afastado (economizar para a velhice, acumular materiais para algum trabalho de longo fôlego) ou pelas conseqüências longínquas que seus atos possam ter? . . . . . . . . . . . . . 9
Ou se interessa sobretudo pelos resultados imediatos? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

13 — Toma em consideração "tudo o que pode acontecer" e se prepara cuidadosamente? (Equipamento minucioso, estudo dos itinerários, previsão de possíveis acidentes, etc.) .................... 9
Ou se entrega à inspiração do momento? .... 1

23 — Tem princípios estritos aos quais procura conformar-se? ............................ 9
Ou prefere adaptar-se às circunstâncias com maleabilidade? ............................ 1

33 — E' constante em seus desejos? Termina sempre o que começa? .......................... 9
Ou abandona quase sempre a tarefa antes do fim (começando tudo, nada terminando)? .... 1

43 — E' constante nas simpatias (cultiva as amizades de infância, freqüenta regularmente as mesmas pessoas, os mesmos grupos)? ............. 9
Ou muda constantemente de amigos (deixando, por exemplo, sem motivos graves, de ver as pessoas que antes freqüentava)? .............. 1

53 — Após um acesso de cólera (ou, se nunca se encoleriza, após haver recebido uma injúria), reconcilia-se imediatamente (inteiramente como antes, sem pensar mais no assunto)? ............. 1
Ou fica algum tempo de mau humor? ...... 5
Ou é difícil de reconciliar-se (rancor persistente)? .................................. 9

63 — Possui hábitos muito rígidos, aos quais se apega muito? Prende-se à regularidade de determinados fatos? ............................ 9
Ou nutre horror a tudo o que seja habitual ou previsto de antemão, sendo, portanto, a surprêsa o elemento essencial do prazer? ........... 1

73 — Ama a ordem, a simetria, a regularidade? .... 9
Ou a ordem lhe parece enfadonha e sente necessidade de encontrar fantasia em tôda parte? .. 1

83 — Prevê de antemão o uso que deve fazer do seu tempo e das suas fôrças? Gosta de fazer planos, horários ou programas? .................... 9
Ou se entrega à ação sem regra precisa, fixada de antemão? ............................ 1

93 — Quando tenha esposado uma opinião, agarra-se a ela com obstinação? ...................... 9
Ou se convence fàcilmente e se deixa seduzir pela novidade das idéias? ..................... 1

## 4. AMPLITUDE DO CAMPO-DE-CONSCIÊNCIA

4 — E' dominado inteiramente pelo que faz, a ponto de tornar-se insensível a tudo o que ocorra à sua volta? . . . . . 1
Ou lhe é fácil fazer o que tem a fazer, continuando a seguir o que se passa à sua volta? . . 9

14 — Atribui grande importância à precisão? Gosta de idéias claras, de tarefas bem definidas? . . . . . 1
Ou lhe agrada o que é vago, indeterminado, matizado? . . . . . 9

24 — Rejeita viva e instintivamente tudo o que venha desviá-lo da ocupação à qual se dedica? Irrita-se contra qualquer divertimento? . . . . . 1
Ou aceita tais perturbações sem irritar-se, não reagindo senão fracamente? . . . . . 9

34 — Tem necessidade de analisar para compreender? E' descendo aos pormenores que a demonstração, a máquina ou o processo que lhe interessam se lhe tornam inteligíveis? . . . . . 1
Ou lhe basta o conhecimento do conjunto? . . 9

44 — E' pontual, chegando às vêzes até adiantado, para não faltar a um encontro? . . . . . 1
Ou chega freqüentemente atrasado? . . . . . 9

54 — E' meticuloso (no trabalho, no vestir, na comprovação de um fato que lhe interessa, etc.)? . . . . 1
Ou é negligente, pouco cuidadoso? . . . . . 9

64 — Percebe o tempo como algo de fluido, de contínuo, fluindo sem interrupção e arrastando tudo consigo? . . . . . 9
Ou o tempo lhe parece, antes, uma série de instantes relativamente fixos, separados uns dos outros, sucedendo-se diante de uma conscência imóvel? . . . . . 1

74 — Sente necessidade de levar até a perfeição aquilo que empreende? . . . . . 1
Ou é menos exigente, contentando-se com aquilo que, "grosso modo", corresponda mais ou menos ao que deseja? . . . . . 9

84 — E' decidido, isto é, é positivo em suas afirmativas e em seus projetos? . . . . . 1
Ou lhe repugna fixar-se, procurando compensar uma idéia com uma outra, recusando-se a fixar-se em qualquer delas? . . . . . 9

94 — E' sujeito às repetições, aos gestos várias vêzes repetidos, às idéias fixadas em manias? ...... 1
Ou, ao contrário, suas idéias são fluentes, nunca inteiramente idênticas às do passado, e como que impregnadas na corrente da consciência e da vida? .................................. 9

## 5. POLARIDADE

5 — E' combativo? Procura a competição, a luta?.. 9
Ou teme os combates e as disputas? Prefere ceder de antemão (pelo menos, na aparência) do que fazer nascer a ocasião de um conflito? .. 1
15 — Sente prazer em mandar, mesmo quando lhe é preciso constranger os outros à obediência, forçando-os? ............................ 9
Ou lhe repugna impor aos outros a sua vontade, preferindo manobras ardilosas ou a sedução?.. 1
25 — E' amável, atencioso, procura atrair, seduzir aquêles que se lhe aproximam? .............. 1
Ou os trata com simplicidade, a saber, com certa rudeza? ................................ 9
35 — Adota espontâneamente os hábitos das pessoas entre as quais tem de viver? ............... 1
Ou conserva, em todos os ambientes, seu modo-de-ser habitual? .......................... 9
45 — Pratica ou gostaria de praticar exercícios ou esportes violentos? ......................... 9
Ou teria aversão em praticá-los? ........... 1
55 — Sente necessidade de ter a afeição de todos aquêles com quem tem relações, mesmo daqueles de quem nada espera? ........................ 1
Ou é indiferente aos sentimentos alheios e não procura afeição senão daqueles a quem ama?.. 9
65 — Sabe "impor-se"? Toma, **por iniciativa própria**, o comando de grupos, a direção de tarefas, a organização de reuniões sociais? ............. 9
Ou não consente em guiar os outros (caso lhe aconteça) a não ser que lhe venham pedir ou, pelo menos, quando aceitam espontâneamente o seu comando? .......................... 1
75 — Gosta de arriscar-se? Acha especial prazer em enfrentar o perigo? ...................... 9
Ou receia as aventuras incertas? (Isto não significa que lhe falte coragem em face de perigos que não haja procurado) ................. 1

85 — Gosta que o consolem, que o lamentem? ...... 1
Ou detesta que o consolem e se sente aborrecido quando se apiedam a seu respeito? ........ 9

95 — Sente grande necessidade de independência e lhe é difícil submeter-se a um comando externo?.. 9
Ou aceita sem esfôrço que o guiem, que o dirijam, e adapta-se fàcilmente à maneira de ver e de trabalhar dos chefes, dos mestres, dos patrões? 1

## 6. AVIDEZ

6 — E' ambicioso? (Desejo ardente de melhorar de situação, de aumentar a fortuna, os conhecimentos, o poder, etc.) ........................ 9
Ou é moderadamente sensível a tais conquistas e acha que nada disso vale o esfôrço que se deva fazer para sua obtenção? ................... 1

16 — Empresta de boa vontade livros, ferramentas, instrumentos, etc.? . . .................... 1
Ou não gosta de emprestar o que lhe pertence? 9

26 — Tem o sentimento do valor do tempo? Faz às pressas o que tem a fazer para poder passar ràpidamente a outra coisa? .................. 9
Ou é pouco sensível ao valor próprio do tempo e atribui pouca importância às noções de rapidez e de rendimento (o máximo de coisas feitas no mínimo de tempo)? ....................... 1

36 — E' ciumento nas afeições, nas amizades? ...... 9
Ou é pouco afetado pelo ciúme? ............ 1

46 — E' veemente em fazer valer seus direitos, em reivindicar o que lhe é devido? ............... 9
Ou detesta reclamar e abandona fàcilmente o que poderia reivindicar? .................. 1

56 — Interessa-se por suas performances (êxitos obtidos nos esportes, nos negócios, na caça, nas relações sociais, etc.)? Segue de perto os progressos, quer referentes às atividades passadas, quer a outras? . . ............................ 9
Ou tais preocupações lhe são estranhas? ...... 1

66 — Gosta de ser o primeiro em tudo, de preceder a todos? . . ............................. 9
Ou é levado a anular-se diante dos outros? .... 5
Ou é inteiramente indiferente às precedências? 1

76 — E', por natureza, desconfiado, cheio de suspeitas? . . ............................. 9
Ou espontâneamente confiante? ............. 1

86 — Interessa-se pelo valor dos objetos? Guarda muito tempo a lembrança do preço dos objetos que comprou? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou o valor material pouco lhe interessa e os preços são ràpidamente esquecidos? . . . . . . . . . . . . 1

96 — Sente vontade de tirar partido de tôdas as ocasiões que se apresentem, mesmo quando não deseja particularmente o que lhe oferecem e sòmente para "aproveitar a oportunidade"? . . . . 9
Ou deixa passarem com indiferença as ocasiões de obter coisas que antes não lhe interessavam? 1

## 7. INTERÊSSES SENSORIAIS

7 — Presta atenção à qualidade de suas sensações? Interessa-se vivamente pelas formas, as côres e os sons considerados em si mesmos? . . . . . . . . . 9
Ou as formas sensíveis, no seu sentir, são apenas "dados" sôbre a natureza dos objetos (por exemplo, interessa-se pelo sentido das palavras sem prestar grande atenção ao timbre das vozes; e pela utilidade de determinado objeto mais do que por sua côr, etc.)? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

17 — Atribui muita importância ao que come? Come lentamente, saboreando? E' um bom "gourmet"? 9
Ou come sem prestar muita atenção, só para alimentar-se? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

27 — Interessa-se no preparo das iguarias, em receitas culinárias? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou é indiferente a tais coisas (não vendo, por exemplo, nas receitas, caso sua função o obrigue a ocupar-se com elas, senão meios de dar prazer aos outros ou de levar a bom têrmo, de modo seguro e rápido, o preparo dos diversos pratos)? 1

37 — Sente muito interêsse nas sensações táteis? O contato com a sêda, as peles, o veludo, é fonte de emoções vivas (agradáveis ou desagradáveis, pouco importa)? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9
Ou nutre escasso interêsse por tal espécie de sensações . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

47 — Gosta de olhar-se ao espelho para estudar suas expressões? Policia seus gestos, o tom de sua voz? 9
Ou isto só lhe interessa dentro dos limites normais? . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1

57 — Ama o luxo pelo luxo (isto é, independentemente das satisfações de vaidade que êle pode proporcionar)? .......... 9
Ou pouco se deixa impressionar pelo luxo? .... 1

67 — Gosta de acariciar as criancinhas ou os animais? 9
Ou isto lhe é indiferente (independentemente dos sentimentos ternos que possa sentir)? ........ 1

77 — Sente profundas necessidades estéticas? O valor da arte, a seu ver, é tão grande quanto o da moral? .......... 9
Ou a arte, em sua vida, ocupa sòmente lugar secundário, e não a considera senão como agradável meio de entretenimento? ................ 1

87 — E' sensível à moldura dentro da qual se desenrola a sua vida (tapeçaria, mobiliário, decoração)? Ser-lhe-ia, por exemplo, insuportável viver num quarto que achasse feio? .................. 9
Ou tais coisas têm menos importância, a seu ver, do que o sentido prático, cômodo, higiênico, etc., das instalações? .......................... 1

97 — Observa comumente as roupas de seus amigos (côr, forma, qualidade do tecido, etc.)? ...... 9
Ou quase não dá atenção a isso? ............. 1

## 8. TERNURA

8 — Emociona-se fàcilmente em face da sorte dos outros? .......... 9
Ou permanece calmo, mesmo quando procura efetivamente ajudá-los? .................. 1

18 — Considera os sentimentos das pessoas mais importantes do que os atos dessas pessoas? .... 9
Ou pensa, ao contrário, que o que conta realmente são os atos, os resultados? ........... 1

28 — Gosta dos animais como de sêres que tenham personalidade, preocupando-se com o que sentem? .......... 9
Ou, sem causar-lhes mal, os considera como gado, isto é, quase como coisas? ............ 1

38 — Os outros lhe interessam essencialmente, em função daquilo que deseja fazer? Considera-os como instrumentos a serem utilizados ou obstáculos a afastar? ........................ 1
Ou, ao contrário, acomoda-se ao modo-de-ver dos outros, esquecendo o seu próprio, sentindo por simpatia o que êles sentem, procurando servi-los mais do que servir-se dêles? .......... 9

48 — Apega-se a seus colaboradores, criados, colegas de trabalho, a ponto de manter relações com êles, mesmo quando tais relações lhe são claramente desfavoráveis (não despedir um criado negligente, um empregado medíocre)? ......... 9
Ou não hesita em consumar as separações que se façam úteis (substituir um colaborador, mudar de local, etc.)? ....................... 1

58 — Gosta muito de crianças? Sente prazer em sua companhia? Gosta de participar de seus jogos? 9
As crianças o irritam? ..................... 1
Ou lhe são, apenas, indiferentes? Ou, ainda, as ama de maneira teórica e, se se pode dizer, "de longe"? . . ........................... 5

68 — Prefere ser amado a ser obedecido? .......... 9
Ou existem, em sua opinião, coisas muito mais importantes que o amor e cuja realização exige que se coloque o amor em segundo plano? .... 1

78 — Quando sente afeto por alguém, é levado a expressar tal sentimento por meio de palavras ternas, de atos de cortesia? .................. 9
Ou sòmente por atos de benevolência positiva (prestar serviços, informar, ajudar, etc.)? .... 1

88 — Sente necessidade de rever freqüentemente os amigos? . . ............................ 9
Ou fica muito tempo sem vê-los (sem que isso, aliás, signifique necessàriamente um enfraquecimento da amizade)? ..................... 1

98 — E'-lhe penoso trabalhar num ambiente indiferente ou hostil? . ......................... 9
Ou tal coisa não o afeta sensìvelmente? ...... 1

## 9. PAIXÃO INTELECTUAL

9 — Procura, com certa freqüência, resolver problemas sem nenhuma utilidade prática? ........ 9
Ou só se interessa pelos resultados positivos, e se afasta de tudo aquilo que a nada conduz? . . 1

19 — Prefere as distrações de caráter intelectual (estudos, discussões de idéias, jogos de reflexão, tais como o xadrez, etc.)? ................ 9
Ou escolhe entretenimentos de outra ordem: físicos (esportes, excursões), sociais (visitas, reuniões), ou sentimentais (leituras romanescas, música)? . . ............................. 1

29 — Acredita existam mistérios que se devam respeitar e que, em certos assuntos, a razão deva ceder lugar e renunciar a prosseguir na pesquisa? .. 1
Ou julga que êsse respeito em face do mistério é, pelo contrário, falta de honestidade intelectual e, de certa forma, um "pecado contra o espírito"? . . ............................ 9
39 — Sente-se mais interessado pelos fatos concretos? 1
Ou pelas idéias e teorias? .................. 9
49 — Dentre os romances, prefere aquêles nos quais "se passa" alguma coisa e em que todos os acontecimentos são narrados pormenorizadamente?. 1
Ou prefere aquêles que permitam captar o jôgo dos mecanismos psicológicos ou o valor de uma idéia (filosófica, moral, social, etc.)? ........ 9
59 — A vida social apresenta-se a seus olhos como algo muito importante? Acha que todos têm o dever de compartilhar dela? ...................... 1
Ou nutre desconfiança em relação à sociabilidade e tende a "libertar-se" dela para poder pensar com tôda a liberdade, além das tradições, e sem ceder às solicitações da época e do meio? .... 9
69 — Diante de problemas complexos, sobrevém-lhe um sentimento de humildade? Ou, ao contrário, sente por vêzes impulsos de orgulho diante do progresso da ciência ou diante de suas próprias descobertas? . . ........................... 1
Ou tais sentimentos (humildade, orgulho) lhe parecem fora de propósito, já que em tais ocasiões se trata simplesmente de compreender? .. 9
79 — Gosta das pessoas simples, dos poemas fáceis de entender, das histórias sem complicações? .... 1
Ou logo se aborrece com as coisas muito simples e prefere as obras e as pessoas que dão, à inteligência, ocasião de exercitar-se intensamente? 9
89 — Sente necessidade de analisar os sentimentos dos amigos e de procurar compreender as obras-de-arte que admira? ......................... 9
Ou lhe basta abandonar-se ao prazer que lhe dão a presença dos amigos e a contemplação das obras artísticas? . . ............................ 1
99 — Em presença de um aparelho ou de qualquer máquina que não conhece, sente-se de preferência interessado pelas aplicações que possam ter? .. 1
Ou pela engenhosidade dos mecanismos? ...... 5
Ou pelos princípios que nêles se aplicam? .... 9

# OBRAS CITADAS


I — René LE SENNE. *Traité de Caractérologie,* Presses Universitaires de France (Collection Logos), 3.e édt.

II — Emil LUDWIG. *Genius and Character,* trad. anglaise, New York, 1927.

III — Aldous HUXLEY. *Le plus sot animal,* Paris, 1946, La Jeune Parque (trad. franç.)

IV — René LE SENNE, *Mensonge et Caractère.*

V — Paul MAUCORPS. *Psychologie Militaire,* Paris, P.U.F., 1948.

VI — Paul VALÉRY. *Variété* (in-16, N.R.F., 1.e éd.)

VII — A. LALANDE. *Vocabulaire de la Philosophie,* 4.e éd., Paris, P.U.F., 1938.

VIII — Maurice DE GUÉRIN. *Journal, lettres et poèmes,* publiés par G.S. Trébutien, 15. éd., 1876.

IX — Maurice CHAPELAIN. *Anthologie du Journal Intime,* Paris, 1947.

X — VAUVENARGUES. *Maximes.*

XI — *Le Romantisme Allemand,* numéro spécial des *Cahiers du Sud,* 1949.

XII — VOLTAIRE. *Oeuvres complètes,* éd. Firmin-Didot, 13 vol. in-4.º.

XIII — *Oeuvres complètes* d'Alfred DE VIGNY, Bibl. de la Pléiade.

XIV — Otto GROSS. *Die zerebrale Sekundärfunktion,* Leipzig, 1902.

XV — LA FONTAINE, *Oeuvres,* Bibl. de la Pléiade: T. I.; *Fables et Contes*; T. II: *Oeuvres diverses.*

XVI — CHAMPFORT. *Maximes et anedoctes,* publiés par Jean Mistler, édt. du Rocher, Monaco, 1944.

XVII — Jean-Frédérice AMIEL. *Fragments d'un Journal intime,* éd. par B. Bouvier, 2 vol., Stock, 1927.

XVIII — HUME. *Treatise on human nature.*

XIX — Ernest DELAHAYE. *Verlaine.*

XX — Henri HEINE. *Oeuvres,* 4 vol., édt,. Bibliopolis.

XXI — *Oeuvres de* BAUDELAIRE, Bibl. de la Pléiade, 2 vol.

XXII — E. LAUVRIÈRE. *Edgar*

XXIII — Benjamin CONSTANT. *Journal intime,* suivi du *Cahier Rouge* et de *Adolphe,* publiés par J. Mistler, éd. du Rocher, Monaco, 1945.

XXIV — Louis Séché. *Alfred de Vigny*, 2 vol.
XXV — Jean Wahl. *Études Kierkegaardiennes.*
XXVI — Wladimir Karénine. *George Sand, Sa vie et ses oeuvres*, 4 vol.
XXXVII — Victor Hugo. *Les Orientales.*
XXVIII — Charles Péguy. *Oeuvres poétiques complètes*, Bibl. de la Pléiade.
XXIX — Saint-Éxupéry. *Terre des Hommes.*
XXX — Vallery-Radot. *Vie de Pasteur.*
XXXI — Racine. *Théâtre*, Bibl. de la Pléiade.
XXXII — Heymans. *Ueber einige psychische Korrelationen* (*Zeitsch. für angewandte Psychologie*, 1908, p. 313-381.)
XXXIII — Verlaine. *Oeuvres complètes*, Messein édt., 5 vol.
XXXIV — G. Séailles. *Léonard de Vinci, l'artiste et le savant.*
XXXV — Maurice Blondel. *L'Action*, 1.e édit. Paris, Alcan, 1893.
XXXVI — Simone de Beauvoir. *La lesbienne. Les Temps modernes*, juin, 1949.
XXXVII — Jacques Chevalier. *Bergson.*
XXXVIII — H. de Montherlant. *Les lépreuses.*
XXXIX — Vauvenargues, *Introduction à la Connaissance de l'Esprit Humain*, Paris, 1920, Société littér. de France.
XL — Pierre Champion. *Louis XI*, 2 vol.
XLI — Pascal. *Pensées et opuscules*, édt. Brunschvicg, in-16, Hachette.
XLII — Goethe. *Faust*, trad. Gérard de Nerval, Arnoux et Biemel, Albin Michel, 1917.
XLIII — H. Taine. *Napoléon.*
XLIV — H. Piéron. *Aux sources de la Connaissance. La sensation, guide de vie*, Gallimard, 1945.
XLV — Aristote. *La métaphysique*, trad. Tricot, 2 vol.
XLVI — Charles du Bos. *Le dialogue avec André Gide.*
XLVII — Baudelaire. *Lettres* (1841-1866). *Mercure de France*, 1906.
XLVIII — André Gide. *L'Immoraliste.*
XLIX — André Gide, *Les nourritures terrestres*, N.R.F., 2.e édit.
L — Régis Jolivet. *Kierkegaard.*
LI — René Hubert. *La croissance mentale. Essai de psychogénétique*, 2 vols., P.U.F., Paris.
LII — J.-J. Rousseau. *Confessions*, Bibl. de la Pléiade.
LIII — Henri Jacoubet. *Stendhal.*
LIV — Louis Madelin. *Les hommes de la révolution.*
LV — Bernard Bouvier. *La jeunesse de H.-F. Amiel.*
LVI — J.-P. Sartre. *Les chemins de la liberté.*
LVII — La Bruyère. *Oeuvres complètes.* éd. de la Pléiade.
LVIII — Stendhal. *De l'Amour*, introd. et notes par H. Martineau, Hazan édt., 1948.

LIX — Norman P. TORREY. *The spirit of Voltaire*, Columbia Univers. Press, 1938.
LX — *Essais* de Michel DE MONTAIGNE, Firmin-Didot, 2 vol. in-16.
LXI — P. AMANN, *Goethe*.
LXII — André SUARÈS. *Goethe*.
LXIII — André GIDE. *Journal*, Bibl. de la Pléiade.
LXVI — Paul VALÉRY. *Propos me concernant*, apud JOUFFREY. *Présence de Valéry*.
LXV — Charles BAUDOUIN. *L'âme et l'action*.
LXVI — Charles BAUDOUIN. *La mobilisation de l'énergie*.
LXVII — Ch. DUGAS. *Les grands timides*.
LXVIII — MAINE DE BIRAN. *Journal intime* publié par A. de La Valette-Montbrun.
LXIX — Émile LUDWIG, *Napoléon*, trad. franç.
LXX — *Pages choisies des Grandes Ecrivains*, STENDHAL, A. Colin.
LXXI — J.-J. BROUSSON. *Anatole France en pantoufles*.
LXXII — *Oeuvres complètes* de MOLIÈRE, 3 vol., Garnier Frères.
LXXIII — BÉDIER et HAZARD. *Histoire de la littérature française illustrée*, 2 vol. in-4.
LXXIV — Charles DU BOS. *La Comtesse de Noailles et le climat du génie*.
LXXV — Anna DE NOAILLES. *Le Livre de ma vie*.
LXXVI — Jacques RIVIÈRE et Alain FOURNIER. *Correspondance*, Paris, N.R.F.
LXXVII — Jean COCTEAU. *La difficulté d'être*.
LXXVIII — CHATEAUBRIAND. *René*.
LXXIX — GEORGE SAND. *Elle et Lui*.
LXXX — *Écrits des Grands Artistes*, présentés par Pierre DU COLOMBIER, 2 vol. in-8, 1946, édt. La Colombe.
LXXXI — MONTESQUIEU. *Cahiers*, textes recueillis par B. GRASSET, 1941.
LXXXII — Ch. OULMONT. *Voltaire en robe de chambre*.
LXXXIII — H. LOISEAU. *Goethe*.
LXXXIV — SAINTE-BEUVE. *Portraits littéraires*, Paris, 1864, 3 vol.
LXXXV — BERKELEY. *Cahier de notes*, in *Oeuvres choisies de Berkeley*, trad. par André LEROY, t. I, Aubier édt.
LXXXVI — Georges BLIN. *Baudelaire*.
LXXXVII — AMIEL. *Fragments d'un journal intime*, publiés par Ed. SCHERER, Genève, Georg. édt. 1885.
LXXXVIII — Louis CASTE. *Mirabeau*.
LXXXIX — Henri BERGSON. *Matière et Mémoire*, P.U.F., Paris.
XC — Henri MASSIS. *Le drame de Marcel Proust*.
XCI — STENDHAL. *Vie de Henri Brulard*.
XCII — Alain FOURNIER. *Le Grand Meaulnes*, Paris, Émile-Paul, 1913.
XCIII — H. WALTZ. *Frédéric Nietzsche d'après sa correspondance*.
XCIV — *Mémorial* de Foch.

XCV — *Oeuvres et Lettres* de DESCARTES, Bibl. de la Pléiade.
XCVI — PICAVET. *Notes du Traducteur* in *Kant, Critique de la Raison pratique*, trad. franç., Paris, 1921, Alcan édt.
XCVII — Carl VAN DOREN. *Benjamin Franklin*, trad. franç. Les Éditions transatlantiques.
XCVIII — *Correspondance* entre Louis GILLET et Romain ROLLAND.
XCIX — Alfred DE MUSSET. *Poésies complètes*, Bibl. de la Pléiade.
C — A. LÉVY. *Napoléon intime*.
CI — Auguste BAILLY. *La Fontaine*.
CII — BAUDELAIRE. *Écrits intimes*, avec une introd. de J.-P. Sartre, Incidences, 1946.
CIII — Georges POULET. *Études sur le temps humain*, Edinburg, University Press, 1949.
CIV — INGRES. *Écrits sur l'Art*.
CV — STENDHAL. *Souvenirs d'égotisme*.
CVI — Paul VALÉRY. *Suite*.
CVII — Dr. Pierre LACOMBE. *L'énigme de Clemenceau*, in *Revue française de Psychanalyse*, t. XIII, n.º 2, 1948.
CVIII — *Oeuvres* de DESCARTES, publiés par ADAM et TANNERY, 12 vol. in-4, Lépold Cerf.
CIX — John CHARPENTIER. *La vie meurtrie d'Alfred de Musset*.
CX — Paul VALÉRY. *Monsieur Teste*.
CXI — Gabriel SÉAILLES. *Eugêne Carrière*.
CXII — Marcel BRION. *Goethe*.
CXIII — John STUART MILL. *Mes mémoires, Histoire de ma vie et de mes idées*, trad. franç. Germer-Baillière, 1874.
CXIV — Germain BAZIN. *Corot*.
CXV — Jean-Paul SARTRE. *Situations*, II.
CXVI — *Revue de Métaphysique et de Morale*, numéro consacré à des *Essais metaphysiques*, juillet-octobre, 1947.
CXVII — Edmée DE LA ROCHEFOUCAULD. *Images de Paul Valéry*.
CXVIII — Charles NORDMANN. *Notre maitre le Temps*.
CXIX — Gaston BACHELARD. *L'Intuition de l'instant*.
CXX — Jean BARUZI. *Leibniz et l'organisation religieuse de la terre*.
CXXI — Fr. NIETZSCHE. *Ecce Homo*, trad. franç. de H. Albert, Mercure de France.
CXXII — Fr. NIETZSCHE. *La volonté de puissance*, trad. franç. 2 vol., Mercure de France.
CXXIII — Pierre JOLLY. *Turgot*.
CXXIV — Emmanuel MOUNIER. *Traité du Caractère*.
CXXV — Auguste BAILLY. *Mazarin*.
CXXVI — Henri GUILLEMIN. *Lamartine, l'homme et l'oeuvre*.
CXXVII — Gina LOMBROSO. *L'âme de la femme*.
CXXVIII — Eugène DELACROIX. *Journal*, 3 vol. in-8.
CXXIX — Fr. NIETZSCHE. *Humain, trop humain*, trad. franç., Mercure de France, 2 vol.

CXXX — André MAUROIS. *A la Recherche de Marcel Proust.*
CXXXI — Arthur WEIGALL. *Cléopâtre.*
CXXXII — *Oeuvres* de P. CORNEILLE, Hachette, 1862.
CXXXIII — Victor DELBOS. *La philosophie pratique de Kant.*
CXXXIV — Jean MÉLIA. *Ce que pensait Stendhal.*
CXXXV — Edmond JALOUX. *Vie de Goethe.*
CXXXVI — Louis DIMIER. *La vie raisonnable de Descartes.*
CXXXVII — Jean DE CELLES. *Malherbe.*
CXXXVIII — André GIDE. *Thésée,* petit in-16.
CXXXIX — COROT. *Pensées et écrits du peintre,* Geneve, 1946, Pierre Cailler, édt.
CXL — André GIDE. *Cahiers d'André Walter.*
CXLI — Georges DUHAMEL. *Les plaisirs et le jeux,* Paris, 1922, Ferencz & Fils.
CXLII — P. CALMETTE. *La grande passion d'Anatole France.*
CXLIII — André MAUROIS. *Lyautey.*
CXLIV — PALHORIÈS. *Vies de doctrines des grands philosophes à travers les ages.*
CXLV — Paul VALÉRY. *Propos me concernant.*
CXLVI — Alfred DE MUSSET. *Oeuvres en prose,* Bibl. de la Pléiade.
CXLVII — Camille MAUCLAIR. *Léonard de Vinci.*
CXLVIII — Lucien DAUDET. *Autour de soixante lettres de Marcel Proust.*
CXLIX — Léon PIERRE-QUINT. *Marcel Proust, sa vie, son oeuvre.*
CL — *Encyclopédie française.*

# ÍNDICE DOS PERSONAGENS ESTUDADOS

R



S



T



V



W



X

## Coleção "FAMÍLIA"

1 — ANDRÉ BERGE — *Como Educar Pais e Filhos?* — trad. de Teresa Araújo Pena — 3.ª ed.
2 — ANDRÉ BERGE — *A Educação Sexual e Afetiva* — trad. de Teresa Araújo Pena.
3 — MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT — *Educar pela Recreação* — 2.ª ed.
4 — ANDRÉ BERGE — *Os Defeitos da Criança* — trad. de Iaci Ewerton Martins — 2.ª ed.
5 — GUSTAVO CORÇÃO — *Claro Escuro* — 2.ª ed.
6 — J. M. DE BUCK — *Pais Desajustados, Filhos Difíceis* — trad. de Maria Luisa Studart de Morais — 2.ª ed.
7 — M. R. GENEVOIX, O. P. — *O Casamento no Plano de Deus* — trad. de Iaci Ewerton Martins — 2.ª ed.
8 — DR. FRANÇOIS GOUST — *Virilidade, Sexo e Amor* — trad. de Iaci Ewerton Martins.
9 — ANDRÉ BERGE — *O Colegial-Problema* — trad. de Teresa Araújo Pena.
10 — MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT — *Educar Para a Responsabilidade.*
11 — ANDRÉ BERGE — *A Liberdade na Educação* — trad. de Helena Ramos da Silva.
12 — J. M. DE BUCK — *Educadores em Crise* — trad. de Maria Amélia P. Migueis.
13 — ANDRÉ BERGE — *Os Defeitos dos Pais* — trad. de Rose Marie Gebara Muraro.
14 — GASTON BERGER — *Tratado Prático de Análise do Caráter* — trad. de Marcílio Teixeira Marinho — 2.ª ed.
15 — H. MÜLLER-ECKHARD — *A Criança, essa Incompreendida.*
16 — MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT — *A Família por Dentro.*